



**Universidade Federal Rural Do Rio De Janeiro
Instituto de Educação/ Instituto Multidisciplinar
PPGEduc – Programa de Pós - Graduação em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas Populares**

TEXTO DE EXAME DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO

**A DIMENSÃO EDUCATIVA DO PENSAMENTO E DA AÇÃO DE
D. ADRIANO HYPÓLITO NAS LUTAS SOCIAIS DA BAIXADA
FLUMINENSE NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR (1964-
1985)**

PETER SANA

SEROPÉDICA

ABRIL DE 2015



**Universidade Federal Rural Do Rio De Janeiro
Instituto de Educação/ Instituto Multidisciplinar
PPGEduc – Programa de Pós - Graduação em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas Populares**

**A DIMENSÃO EDUCATIVA DO PENSAMENTO E DA AÇÃO DE D.
ADRIANO HYPÓLITO NAS LUTAS SOCIAIS DA BAIXADA
FLUMINENSE NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR (1964-1985).**

PETER SANA

Trabalho apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à defesa de Dissertação de Mestrado em Educação.

Orientação: Prof. Dr. Fernando César Ferreira Gouvêa

SEROPÉDICA

ABRIL DE 2015

261.83

S194d Sana, Peter, 1987-

T A dimensão educativa do pensamento e da ação de D. Adriano Hypólito nas lutas sociais da Baixada Fluminense no período da ditadura militar (1964-1985) / Peter Sana. - 2015. 119 f.

Orientador: Fernando César Ferreira Gouvêa.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Bibliografia: f. 112-119.

1. Igreja e problemas sociais - Igreja Católica - Teses. 2. Igreja e Estado - Igreja Católica - Teses. 3. Ditadura - Brasil - Baixada Fluminense (RJ) - Teses. 4. Hypólito, Adriano. I. Gouvêa, Fernando César Ferreira. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. III. Título.



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e
Demandas Populares (PPGEduc)

PETER SANA

**“A DIMENSÃO EDUCATIVA DO PENSAMENTO E DA AÇÃO
DE D. ADRIANO HYPÓLITO NAS LUTAS SOCIAIS DA
BAIXADA FLUMINENSE NO PERÍODO DA DITADURA
MILITAR (1964-1985)”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,
como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em
Educação.

Linha de Pesquisa: Desigualdades sociais e políticas educacionais

Dissertação aprovada em 27/04/2015.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Fernando César Ferreira Gouvêa (Orientador)
UFRRJ



Prof. Dr. Flavio Anicio Andrade
UFRRJ



Prof. Dr. Alvaro de Oliveira Senra
CEFET/RJ

Seropédica (RJ)
Abril/2015

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais Sebastião do Carmo Sana e Nadir Lopes de Faria
Sana que abriram suas asas e me acolheram nos momentos de
dificuldade com palavras doces e cativantes.*

*Aos trabalhadores, militantes e anônimos que perderam suas
vidas ou parte delas lutando pelo povo e para o povo.*

*Aos que mancharam seus corpos com sangue e suor, mas
marcaram nossa história com seu exemplo de luta: esta é a
glória.*

Ao bispo Dom Adriano Mandarino Hypólito (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

"era bispo, mas era estudioso; era bispo e era um missionário; era bispo e um escritor; era bispo e era um músico; era bispo e hoje é um santo."

Padre Agostinho Pretto.

A minha trajetória acadêmica jamais tomaria tais proporções se meus pais não tivessem me amparado nos momentos mais difíceis. O apoio deles foi o combustível para meu sucesso nesta pesquisa acima de todas as coisas.

Minha família em geral esteve comigo em toda esta trajetória, me auxiliando e promovendo momentos felizes que me motivaram imensuravelmente.

Os amigos da academia que estiveram por perto também foram essenciais, e agora fazem parte de um grupo seletivo de pessoas desejáveis e admiradas por mim. Fábio e Manuela Blanc, Willian Alves, Adriano Ibiapina, Vinícius Pereira, Taisa Falcão, Larissa Cabral, Filipe Alves, Vitor Crespo e Leandro Galvão foram pessoas que me apoiaram com suas experiências acadêmicas e proporcionaram uma troca de experiências que fizeram grande diferença na minha trajetória.

Agradeço também a todo o grupo de professores do PPGEduc que, com competência, soube instruir cada mestrando a um caminho de conquistas acadêmicas e pessoais.

Agradeço ao meu orientador Fernando Gouvêa que, com paciência, sabedoria, atenção e carinho, cuidou de nossa experiência juntos de uma maneira humana, entendendo minhas dificuldades e me ajudando a superar minhas deficiências, mas sem perder o profissionalismo admirável de um professor experiente e preparado para exercer seu cargo da melhor forma possível.

A todos aqueles que se sentem parte desta pesquisa, agradeço de todo o coração e espero poder contar com todos sempre.

Obrigado!

"A Baixada me converteu..." (D. Adriano Mandarino Hypólito).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 10
CAPÍTULO 1 - A Igreja Católica no Brasil	p. 18
1.1 História, trajetória e modelos educacionais: caminhos cruzados	p. 18
1.2 O Estado, a Igreja e a educação nos anos 1950 e 1960	p. 37
CAPÍTULO II - A diocese de Nova Iguaçu e a trajetória de D. Adriano Hypólito	p. 48
2.1 Os primeiros passos da Diocese de Nova Iguaçu	p. 48
2.2 A Ditadura Militar e a atuação dos bispos católicos no Brasil: o caso de Dom Adriano Mandarino Hypólito na Baixada Fluminense	p. 56
CAPÍTULO III - A produção intelectual, a atuação política e os reflexos do pensamento e da ação do bispo Dom Adriano Hypólito na diocese e na comunidade de Nova Iguaçu	p. 66
3.1 Crítica, perseguição e reação	p. 66
3.2 A construção de uma memória de luta	p. 88
3.3 Imagens e contextos	p. 102
REFLEXÕES FINAIS	p. 109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 112
APÊNDICES.....	p. 01

RESUMO

No trabalho intitulado como "A dimensão educativa do pensamento e da ação de D. Adriano Hypólito nas lutas sociais da Baixada Fluminense no período da ditadura militar (1964-1985)", investigamos desde a formação do pensamento da Igreja Católica no Brasil, sua participação na educação colonial, imperial e republicana até o momento que corresponde à tomada de decisão por parte da alta hierarquia eclesiástica, em função da conjuntura a qual foi impulsionada a coexistir, em optar pelos mais pobres da sociedade. Durante a primeira metade do século XX a Igreja com seu caráter conservador busca os meios mais influentes para aliar-se e assim tomar para si uma importância na participação ativa da sociedade, quer seja no âmbito dos meios formais de educação como escolas e seminários, até nos meios informais como a mídia impressa, radiofônica e televisiva. A formação política passou a ter uma importância para a Igreja na medida que observando conjuntura da América Latina, percebe-se que as classes menos abastadas da sociedade sofriam com a injustiça e desigualdade social. Foi desta maneira que surgiram alguns setores da Igreja Católica que, fortalecidos pelo Concílio Vaticano e as Conferências de Medellín e Puebla, buscaram formas mais ativas de atuação política na mobilização e politização das massas, unindo fé à luta por justiça social. Neste contexto que surgiu a figura do Bispo Dom Adriano Mandarino Hypólito na Baixada Fluminense, quando no ano de 1966, já observando a estrutura política montada após o golpe de 1964, assumiu a Diocese de Nova Iguaçu e aderiu o movimento denominado Teologia da Libertação e passou a ter uma postura de liderança diante dos movimentos sindicais, sociais, e dos leigos e religiosos que buscavam igualdade social e melhorias nos setores mais importantes da sociedade como a educação, saúde, saneamento básico, reforma agrária e política, etc. A participação do bispo de Nova Iguaçu fez com que os setores conservadores da própria Igreja reagissem contra seu bispado, assim como o governo militar vigente e a elite econômica, buscando terminar com a onda de conscientização política do povo, instrumentalizada por organizações como as Comunidades Eclesiais de Base e Movimento Amigos de Bairro, estes que tiveram a orientação e financiamento pela Igreja proposta pelo bispado de Dom Adriano em consonância com a conjuntura de luta e resistência contra o regime militar e as desigualdades e injustiças sociais provocadas pelo sistema vigente.

PALAVRAS-CHAVE: Dom Adriano Mandarino Hypólito; Igreja Católica; Teologia da Libertação.

ABSTRACT

The work titled as "The educational dimension of the thought and the action D. Adriano Hypólito in the social struggles of the Baixada Fluminense during the military dictatorship (1964-1985)", investigated since the formation of the thought of the Catholic Church in Brazil, it's share the colonial, imperial and republican education to date that corresponds to the decision-making by senior ecclesiastical hierarchy, depending on the situation which was driven to coexist in opting for the poorest in society. During the first half of the twentieth century Church, with its conservative nature, seeks the most influential means to ally and so take him a role in active participation of society, whether in the case of formal education means such as schools and seminars, even in the informal means such as the press, radio and television media. The political education now has an importance for the Church in as observing situation in Latin America, it is noticed that the less affluent classes of society suffered from injustice and social inequality. It was in this way that there were some sectors of the Catholic Church, strengthened by the Vatican Council and the Medellin and Puebla conferences, sought more active forms of political activity in the mobilization and politicization of the masses, uniting faith to fight for social justice. In this context that the figure of the Bishop Adriano Mandarino Hypólito in the Baixada Fluminense, when in 1966, already observing the political structure set up after the 1964 coup, took over the Nova Iguaçu Diocese and joined the movement called Liberation Theology and spent to take a leadership attitude toward the union, social movements, and lay and religious who sought social equality and improvements in the most important sectors of society such as education, health, sanitation, land reform and policy, etc. The participation of Nova Iguaçu bishop made the conservative sectors of the Church reacted against his bishopric, as well as the current military government and the economic elite, seeking to end the wave of political awareness of the people, exploited by organizations such as the Christian Communities Base and Neighborhood Friends Movement, these who had the guidance and funding for the Church proposed by Don Adriano de bishopric in line with the situation of struggle and resistance against the military regime and social inequalities and injustices caused by the current system.

KEYWORDS: Dom Adriano Mandarino Hypólito; Catholic Church; Liberation Theology.

1. Introdução.

Nosso interesse na pesquisa em questão teve seu início ainda no Ensino Médio quando estudei no Colégio Estadual Dom Adriano Hipólito e, num trabalho de conclusão do último ano o professor Cláudio Estevam estimulou os alunos a começarem a traçar uma rota de pesquisa para que pudéssemos descobrir a origem do nome da escola.

Dali por diante, uma paixão pela temática floresceu em meus interesses e não pensei muito para buscar um curso superior que me proporcionasse a continuidade do estudo da atuação do bispo Dom Adriano na cidade de Nova Iguaçu (minha cidade natal). Cursei História e desenvolvi vários trabalhos que visavam a aprimorar meus conhecimentos em torno de tal temática.

A pesquisa tomou rumos instigantes e me impulsionou a aprofundá-la. Desta forma, tentei e consegui o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro com o tema "A dimensão educativa do pensamento e da ação de D. Adriano Hypólito nas lutas sociais da Baixada Fluminense no período da ditadura militar (1964-1985)", este com a qual proponho a defesa de dissertação.

Nesta caminhada, muitas mudanças ocorreram e graus de maturidade jamais alcançados antes me fizeram compreender a importância deste estudo para a região da Baixada Fluminense, quer seja para esclarecimentos sobre o obscuro período governado pelos militares ou mesmo em nível de divulgação de estudos baseados em documentos antes não trabalhados densamente pela historiografia do estado Rio de Janeiro.

O Brasil é um país que vem avançando nas pesquisas no campo educacional. Entretanto, no que diz respeito à participação de intelectuais religiosos, ainda precisamos intensificar os estudos para dimensionar com mais propriedade a trajetória destes sujeitos e as suas realizações no campo educacional. Devemos conhecer e estudar algumas ideias desses indivíduos que tiveram uma participação relevante na construção da história política e cultural do nosso povo.

Compreendemos que a Igreja¹ enquanto uma instituição conservadora, se diferencia dos tipos de cristianismos que surgiram no Brasil. Esta fragilidade se deu devido ao grande espaço territorial brasileiro, além da riqueza cultural que gerou o sincretismo pelo qual fez o cristianismo institucional² e se tornar um molde de difícil aplicação no seio da sociedade brasileira.

Os níveis de pobreza, o movimento messiânico pelo qual alguns líderes cristãos no interior foram levados, a interpretação particularizada dos escritos sagrados, e a conjuntura de pobreza durante a história brasileira, fizeram com que o cristianismo adquirisse características próprias às quais a Igreja como instituição central e reguladora não conseguiu controlar. E esta fragilidade do controle institucional deu margem à formação da Memória deste cristianismo como uma "regra desregrada", isto é, algo que acontece e se conserva sem que a instituição venha aderir como prática. Ao contrário da história construída como padrão institucional e distribuída para o seio da sociedade, poucas vezes foi compreendida e seguida pelas classes populares.³

Segundo Le Goff (1996, p. 423), a Memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Sendo assim, esse processo faz com que o homem passe a se reorganizar a partir do que se tornou uma leitura de tais vestígios, criando identidade com estas Memórias, quer sejam selecionadas artificialmente ou não. Vale lembrar que as “Memórias” – neste trabalho – encerram situações de disputas para a construção de uma determinada “história”

A comunicação desta Memória de geração a geração pode ser comprometedoras na medida que se escolhe o que se deve continuar ou não como um padrão social intrínseco à dinâmica social de um povo. O que se ensina na escola e o que se faz dentro de casa no âmbito familiar educacional passa a ser determinante para a formação desta Memória identitária do sujeito e, por isso, a Memória pode se tornar um grande

¹ Compreendemos como Igreja, com letra maiúscula, a instituição católica que tem sua base principal no Vaticano. Sendo assim, quando nos referirmos às igrejas, com letras minúsculas, fazemos referência às múltiplas filiais que são vinculadas à Igreja.

² Nos referimos ao cristianismo institucional como uma forma pura de prática aos dogmas e doutrinas estabelecidos pelo Vaticano, diferente do cristianismo que se modificou com o choque cultural, cedendo às outras religiões um espaço considerável no Brasil e se abrindo a um sincretismo não visto em outros lugares tão facilmente.

³ Esta conclusão nossa foi tirada a partir da análise dos textos e palestras de Dom Adriano Hypólito e a bibliografia contida no corpo da dissertação na qual comungam Marcos de Castro (1984) e G. Hercules Pinto (1980).

meio para se guardar a cultura de um povo, e sua perda pode gerar, inclusive, uma perda de identidade coletiva deste grupo social.

A identidade de um grupo social é extremamente importante, pois esta Memória sendo controlada por uma pessoa ou grupo de pessoas nos remete à conclusão de que trata-se de dar sentidos à dominação por meio de uma justificativa, e a legitimidade desta dominação pode ser conquistada pelo domínio do esquecimento, que gera a perda da identidade coletiva do homem.

Durante esta pesquisa percebemos que há uma preocupação em manter uma Memória coesa, um padrão cultural que se adapte à educação liberal que se costurou após a Proclamação da República.

História e Memória confrontam-se diretamente com quem vive os fatos, pois uma análise histórica crítica pode ser algo sistemático demais se confrontado com as "verdades" que a configuração percebida pelo sujeito se revela nos fatos (BEZERRA, 2009, p.3).

Como um instrumento para o historiador, a Memória deve ser criticada e analisada de modo minucioso, sem pretensões e com o mínimo de paixão possível, pois há sempre conexões entre a Memória do indivíduo e as suas redes sociais, e pensando individualmente ela é mais uma reconstrução do que uma construção, e isso se deve ao fato de haver uma interpretação exercida pelo sujeito histórico. Por isso, a temporalidade também interfere nas narrativas que, portanto, se modificam com o tempo (Ibid., p.4).

A história das religiões também foi fundada a partir da Memória, quer seja embasada no judaísmo ou mesmo em sua vertente modificada, o cristianismo. A recordação da Memória cria uma tradição que se opõe aos processos corrosivos ocasionados por choques culturais. A coesão é feita a partir da Memória, que se torna uma tradição e conduz um grupo social a um processo de perenidade, o que dificulta a introdução de tradições indesejadas.

No cristianismo a Memória é um instrumento que viabiliza e concretiza o equilíbrio da fé. Mais do que isso: a Memória no cristianismo legitima a prática de determinadas igrejas ou seitas. Neste sentido, a Memória é uma ponte que liga o presente ao livro sagrado. Toda disputa no cristianismo é, no fundo, uma disputa sobre a “verdadeira” interpretação da Bíblia e a legitimação das práticas no presente. Portanto, para o nosso estudo, compreender o processo de construção da Memória

identitária de um grupo social (neste caso a Baixada Fluminense⁴ - RJ), a importância de um intelectual na formação cultural e política de um grupo social e sua repercussão no cenário educacional, que teve como base a Diocese de Nova Iguaçu⁵, torna-se imprescindível o esclarecimento da formação desta tradição de resistência provocada pela opressão gerada pelos militares a partir de 1964, com o Golpe Civil-Militar.

Embora na Diocese de Nova Iguaçu tenhamos um quadro um pouco distinto, não é comum nas escolas católicas a aceitação das ideias ligadas à Teologia da Libertação.⁶ Pelo contrário, a Igreja sempre se manteve como uma religião conservadora e ligada à formação daqueles que deram sequência à hierarquia institucional sem fugir às rédeas dos seus princípios construídos durante séculos.

Houve uma necessidade de romper as barreiras institucionais para que se formasse uma identidade de luta, e assim a história não seria escrita somente pelos vencedores, mas sim pelos vencidos, que é o caso do nosso estudo. Todavia, os encontros com os principais líderes e multiplicadores da Teologia da Libertação proporcionaram um olhar mais crítico e além das instituições de educação normalmente utilizadas pelo viés capitalista na busca por lucro e por uma normatização do pensamento ligado ao fetiche das mercadorias e do tipo de vida que o capitalismo pode gerar.

A imagem de uma sociedade referência perpetua-se fora da escola, isto é, nos bares, nas esquinas, nos eventos familiares, nos meios de se relacionar com os outros, enfim, em lugares que ultrapassam os limites escolares. Para tanto, não só o que se estimula na escola, mas também o que é estimulado no âmbito social é relevante para a

⁴Compreende atualmente aos municípios de Nova Iguaçu, Mesquita, Nilópolis, Caxias, Belford Roxo, Queimados, Japeri, Paracambi, Itaguaí e Seropédica. Essa definição já teve outras versões. Em alguns mapas da Baixada disponíveis em algumas escolas, os municípios de Itaguaí e Seropédica não fazem parte da Baixada; em outros casos alguns municípios sequer tinham se emancipado, como o de Mesquita que teve sua emancipação em 2000.

⁵ Principal município da Baixada Fluminense e abarca uma grande centralidade política e econômica, sendo assim de grande expressão no cenário carioca. E por ter esta centralidade geográfica em relação aos municípios vizinhos como Caxias, Queimados, Mesquita, Paracambi, Japeri e Nilópolis, teve a alocação de indústrias de grande importância além de um comércio diversificado e abrangente que atraiu/gerou uma elite econômica de poder aquisitivo considerável. A Diocese de Nova Iguaçu passou a ser uma referência em atividades como pastorais e mesmo no trabalho de base com militantes leigos e fiéis religiosos católicos, protestantes etc.

⁶ A Teologia da Libertação foi um movimento criado dentro da Igreja Católica no qual buscava aproximar as classes mais pobres estimulando à autoconsciência política (principalmente no caso da situação de pobreza na América Latina) e tem como seus principais intelectuais no Brasil Leonardo Boff, Clodovis Boff, Frei Betto, Dom Adriano Hypólito, dentre outros que discorreremos mais adiante no texto. O principal meio de proliferação de tais ideias libertárias era por intermédio das Comunidades Eclesiais de Base, isto é, núcleos de estudos para leigos e fiéis no qual se estudava clássicos marxistas e se mantinha fortes críticas ao regime vigente.

criação de uma Memória coletiva coesa, assim como a construção do individualismo narcisista e niilista, dependendo da proposta que a sociedade apresenta a si mesma, ou que seus representantes, dominantes reservam para esta formação da tradição.

A imprensa também tem grande valor na formação da opinião pública (LE GOFF, *op.cit.* p.457), portanto, vale lembrar que a manipulação deste poder pode deturpar os processos de formação de identidade quer sejam no ambiente escolar ou fora do mesmo. Assim sendo, para que nós, pesquisadores, possamos compreender essa situação, é necessária uma releitura desses documentos de uma forma minuciosa, de modo que possamos recolher a maior quantidade de informações possível sem cairmos em uma leitura pretensiosa e parcial (BLOCH, 2001).

A Memória, segundo Jean Piaget (*apud* LE GOFF, *ibid.* p. 457-458), não se distingue da inteligência, contudo, quando se nega a Memória de um povo, se nega a identidade e a construção de um processo de conhecimento que querendo ou não lhe é garantido como herança, em parte fruto desta sociedade.

Freud (*apud* LE GOFF, *ibid.* p. 471) compreende a Memória como pouco confiável pela sua fragilidade e descontinuidade. Por ser um atributo humano e imprevisível, ela se torna muito relativa e com facilidades para uma deturpação ou enganação. Dizemos deturpação no sentido de se desvincular de um condicionamento comum construído pelo tempo em sua permanência.

Cabe ao historiador compreender como ela foi construída e quantificada para a construção de um grupo social sem também perder de vista a intencionalidade na propagação e conservação de determinada Memória (BLOCH, *op.cit.*). Há de se considerar que para um grupo social, esta Memória, unida à inteligência, é fruto de uma escolha, que nem sempre é feita pela massa, mas é determinada a ela como uma forma de imposição. A Memória pode ser convertida em práticas para sua sobrevivência, porém nem sempre que ela é imposta tem sua perpetuação garantida.

Na nossa pesquisa, além de reconstituir a Memória, a tradição e ideologia da coletividade passada, usaremos relatos orais e documentos que se tornam monumentos representativos de um pensamento. Estes recursos nos serão úteis para que possamos refazer a trajetória histórica do momento que estamos propondo estudar.

A tradição se funda ao amparo da Memória coletiva, o que delibera uma identidade coletiva para a formação da coesão de tal grupo social, sendo assim conservada pelos sujeitos históricos que interagem no meio desta transformação. Com

isso, vale ressaltar as construções, que são feitas no campo político e ideológico e no âmbito educacional, intervêm na instrumentalização do poder e sua concretização na tradição e, conseqüentemente, na Memória.

Compreendendo o que Chauí teceu em seu trabalho sobre o papel da ideologia (1981), há um controle da Memória para a manutenção da tradição por parte dos poderes políticos para que a produção do conhecimento histórico e a “Memória de controle” não esvaziem os privilégios dos grupos que compõem o poder. E este trabalho é o foco central da conservação de tais esquemas políticos e ideológicos que destacamos no nosso trabalho.

Desde os primeiros anos do Império no Brasil, percebemos que os poderes públicos buscam manter suas influências nos limites para que a ordem não se perca. Esta ordem, para que haja progresso, não está embasada num projeto humano e coletivo, mas sim em garantias de que alguns continuem em situações privilegiadas no bojo da sociedade brasileira (CARVALHO, 1996). Esta formação não parou com o fim do Império, pois para que se pudesse manter uma República coesa era preciso ingressar no imaginário da massa e proliferar um tipo de construção que entraria na Memória, comprometeria a identidade e seria conservada pelo grupo (CARVALHO, 1990).

Mas a Memória coletiva não institucionalizada compõe os grupos sociais que ainda não foram monopolizados pelos poderes interessados na coesão tradicional para a conservação, foram verticalizando os resultados do conhecimento coletivo e dando formas manipuladas impossíveis de corresponderem à Memória construída no seio popular de um grupo social. Trata-se de um trabalho ideológico de dominação para a conservação, que discutiremos mais adiante.

Com esse pensamento buscamos trazer à Memória dos vencidos algo que signifique libertação e não servidão. Deste modo, a identidade de luta que foi construída durante o período dos militares no poder será nosso foco de estudo, no arco de tempo de 1964 a 1985, partindo do princípio da influência do Bispo Dom Adriano Hipólito como um intelectual da Igreja Católica⁷ que se colocou contra os militares e proporcionou uma nova visão em diversos campos, tais como o político, o social, o econômico e o educacional.

No entanto, sabemos que a escolha deste estudo determina o que vai ou não sobreviver do passado histórico. Assim, buscaremos nos monumentos ressuscitar aquilo

⁷ Doravante, a palavra Igreja significará Igreja Católica.

que evoca a Memória do passado, suas perpetuações voluntárias ou involuntariamente das Memórias coletivas. Nesses documentos/monumentos buscaremos a interação entre intencionalidade, objetivos, importâncias e relevância no contexto no qual se produzem os documentos estudados.

Desta forma, o documento, como parte de uma nova perspectiva do monumento educacional do século XX, passa a ter uma gama de interpretações ligadas aos modos de fazer histórico. Circulam como vozes oficiais de instituições que carregam modos de pensamentos que podem se perpetuar na Memória coletiva ou simplesmente num modo de organização de um governo que formará, a partir da educação e das redes de informações impressas, um tipo de identidade, que se transformará em tradição. Contudo, compreendemos que esta será conservada pelos amparos necessários à identidade que se planeja pela ideologia hegemônica vigente, ou simplesmente que se sobressai no devido momento que está posta em prática.

Deste modo, face aos objetivos e ao objeto de estudo a que se propõe, este trabalho terá um caráter qualitativo, ancorado nas fontes bibliográficas, documentais e orais gestadas no âmbito da História Política, da História Cultural e da História Oral.

A História Política considera o intelectual como "ator do político", ator que apresenta "um engajamento na vida da cidade" e dos seus projetos e que também pode ser a testemunha ou a consciência destes movimentos no que refere à assinatura de manifestos e abaixo-assinados, criação de revistas e demais ações que se estendam a outros campos sociais (SIRINELLI, 2003, p. 231).

Por sua vez, a História Cultural valoriza fontes variadas como os impressos (periódicos, boletins, revistas). Parto do pressuposto que foi colocada em jogo uma rede de impressos para o processo de legitimação das ações eclesiásticas e políticas de Dom Adriano Hypólito com o acionamento de três estratégias para a consubstanciação deste projeto: a estratégia de articulação, por serem os impressos veículos de informação de uma proposta que almejou o máximo envolvimento de todos os atores; a estratégia de intervenção, haja vista a possibilidade de pensar os impressos enquanto vozes extra-oficiais da instituição que buscou organizar a sua representação institucional no plano regional e, por fim, a estratégia de legitimação em que os impressos são escrituras que buscaram imprimir e erigir a Memória de um determinado grupo de poder como hegemônica e paradigmática no campo educacional. (GOUVÊA, 2001).

A História Oral se faz presente pela possibilidade de dar voz aos sujeitos que historicamente foram excluídos, aos que sempre tiveram negados este direito. Esta proposta vai ao encontro da Pedagogia Libertadora de Paulo Freire. Segundo Freire (1987, p. 58) "os oprimidos, 'enquanto classe', não superarão sua atuação de explorados a não ser na transformação radical, revolucionária da sociedade de classe em que se encontram explorados". A educação proposta por Freire é, portanto, fruto de uma pedagogia radical. Para o pensador, desvelar a realidade significa retirar o véu da ideologia radical que impregna as práticas sociais cotidianas e o senso comum. E isso se faz a partir do diálogo, um diálogo que problematiza a realidade.

Portanto, no primeiro capítulo abordaremos a história da institucionalização da Igreja no Brasil, a partir das ações da metrópole portuguesa, das autoridades eclesiais para cá enviadas e, evidentemente, as relações entre o Império e a República face aos projetos políticos da Igreja e dos seus líderes. Tal digressão será necessária para o entendimento dos limites e potencialidades da referida instituição no seu trabalho evangelizador e educacional que será aprofundado no capítulo seguinte.

O segundo capítulo será destinado à compreensão dos momentos fundadores da Diocese de Nova Iguaçu, às suas relações com o projeto nacional da Igreja e, sobretudo, às suas ligações com a comunidade regional, antes e depois da chegada de D. Adriano Hypólito.

No terceiro capítulo, faremos uma abordagem mais específica com as fontes documentais e orais (retiradas das entrevistas com personalidades que conviveram com D. Adriano Hypólito e artigos publicados e entrevistas cedidas pelo próprio) de modo que possamos compreender melhor o pensamento e ação do bispo analisando os seus discursos, os discursos daqueles que eram seus próximos, buscaremos também compreender como sua memória germinou no meio dos movimentos sociais tornando sua figura uma referência em liderança e formação identitária de militantes de movimentos sociais na Baixada Fluminense.

CAPÍTULO 1 - A Igreja Católica no Brasil

Neste capítulo iniciaremos uma breve análise sobre a importante atuação católica no âmbito educacional, político e social. Analisaremos os principais modelos educacionais promovidos pela tradição católica no Brasil e buscaremos compreender, a partir do movimento de influência da instituição, como a educação se modelou de acordo com os interesses conservadores da Igreja Católica durante a Colônia, Império e República.

É importante que ressaltemos a necessidade dos católicos em fazer parte da produção intelectual, instrução e orientação das elites e o caminho com que buscou manejar sua atuação de acordo com as necessidades de adaptações políticas. A partir desta argumentação, analisaremos as formas de contribuição dos mesmos desde o momento que Igreja e Estado se confundem em autoridades, até o momento em que a República propõe uma nova forma de atuação do Estado, afastando-se da tradição de vínculo com a Igreja Católica.

1.2 História, trajetória e modelos educacionais: caminhos cruzados.

Em Portugal, a Ordem de Cristo, sucessora da Ordem dos Templários, acumulou muitas riquezas durante o decorrer dos séculos XIII e XIV. Assim, grande parte do reino era dominada por esses guerreiros, que expulsaram os mouros da região e estabeleceram um grande patrimônio, alcançando um status de prestígio no reino luso. Uma ordem de monges-cavaleiros hereges, corruptos e usurários, que tornou-se líder de um país no qual o poder era exercido dentro do poder, isto é, na prática o Reino de Portugal e a Ordem de Cristo eram o mesmo.

“Em 1522, o Papa Adriano VI consolidou a integração Ordem de Cristo-Reino de Portugal. Em outras palavras, a absoluta integração Igreja-Estado em Portugal” (CASTRO, 1984, p. 18). As colônias portuguesas eram conhecidas como extensões do patrimônio português e, conseqüentemente, da Ordem de Cristo. Neste contexto, por fazer parte de um sistema integrado, consistia no direito do rei em “nomear bispos e arcebispos, ou fazer qualquer nomeação por eles no caso de estar vago o cargo de titular” (Ibid., p. 19), e este se caracterizava como sistema de padroado.

O rei era o chefe temporal e o chefe espiritual dos jesuítas que vieram para cá (para só falar, em princípio, dos que vieram em maior número com a finalidade específica de catequizar, no século XVI). Como evangelizar, se esta tarefa passava a ser política, uma vez que os jesuítas eram apenas agentes do rei na evangelização? E a História do Brasil viria a mostrar que evangelizar, para os diversos reis de Portugal, nada tinha a ver com o Evangelho de Cristo.

Neste caso, eram comuns os interesses políticos se confundirem com os interesses religiosos. Tais que a preservação da alma do homem a partir da libertação da condição de não cristão para conhecedor da religião, dava lugar a uma catequização para a consecução dos interesses que vigoram com o projeto de colonização. Trata-se de educar o colonizado e mostrar o que é permitido ou não com a chegada dos estrangeiros em terras ameríndias. Somente no período republicano a Igreja deu passos rumo ao forçado desligamento com poder estatal.

Os desencontros dos membros da Igreja e os interesses da política colonial portuguesa começam a dar ares de incompatibilidade já no século XVI, quando o teólogo e professor de filosofia Gonçalo Leite se juntou ao também renegado Padre Miguel Garcia, por condenar a ação jesuítica nas terras coloniais.

Um dos subprodutos do Padroado é essa inevitável aproximação entre Inquisição e governo: os hereges ou qualquer acusado do mínimo desvio em relação aos cânones inquisitoriais do bom comportamento ameaçavam há um tempo “a fé e o Império”, que eram na verdade uma coisa só (Ibid., p. 23-24).

O trabalho de alguns jesuítas - que teimavam em estabelecer uma proximidade com a realidade indígena - trouxe desvios no que sugerimos ser um equilíbrio do poder Estatal junto ao poder eclesiástico. Contudo, a independência jesuítica em relação aos assuntos indígenas era uma configuração fora de cogitação para o poder da Igreja junto ao Estado, nisso há o desequilíbrio e o descontentamento com os tais trabalhos jesuíticos na colônia portuguesa na América. Consequentemente, a expulsão dos

jesuítas por Pombal (1699 - 1782)⁸ em 1759 vai concretizar o que seria uma volta à tradição do Padroado, visto que a independência jesuítica já havia seguido longe demais com suas críticas ao sistema colonial português.

O sistema de Padroado dava ao rei de Portugal o direito de aprovar os estatutos das irmandades católicas, a construção de templos, os privilégios e cargos dos quais deveriam ser ocupados e quem os ocuparia. Esta interferência vai gerar um enriquecimento da Igreja/Estado, pois o reino português usaria a fé para uma maior arrecadação de impostos disfarçados como dízimos, ofertas e oferendas à obra cristã (Ibid., p. 32). Uma maneira de burlar esta marcação da corte foi a arrecadação de doações fora do dízimo oficial, e isto deu certa independência às irmandades que vão construir templos e valorizar as obras de artes inspiradas no barroco, típico do período colonial.

As irmandades também serviram como valorização do leigo, num período em que as coisas divinas pareciam ser um privilégio dos padres, com raras exceções. No caso dos negros, também eram importantes para lhes dar, no mínimo uma certa identidade coletiva, pois individualmente os escravos ou se rebelavam, e assim se sujeitavam às mais cruéis punições, ou se resignavam “completamente à anulação de toda sua personalidade (...)”(Ibid.,p.32).

A independência da Igreja em relação ao Estado aconteceu de uma forma progressiva, porém não se vê uma mudança revolucionária e radical no quadro de interferência desses poderes.

Segundo Saviani (2011. p.7), o catolicismo entrou nessas terras a partir das ideias pedagógicas dos jesuítas, nunca preocupados com a mudança, mas com a manutenção, e esta concepção tradicionalista vai perdurar até o período Republicano com o plano da colonização, catequese e educação. Mesmo com a expulsão dos

⁸ "A origem e o desenvolvimento histórico da educação pública no Brasil são estritamente ligados as ações reformistas empreendida pelo Marquês de Pombal durante o seu governo de Portugal e possessões no período colonial, notadamente por meio do banimento do trabalho missionário e catequético empreendidos pela Companhia de Jesus. Após quase cinco séculos de história, tal tema permanece ainda no horizonte acadêmico como importante debate e referência de pesquisa. Este trabalho apresenta a discussão sobre o contexto em que se deu a primeira reforma educacional no país, e mais precisamente, discute a relação direta entre a expulsão dos jesuítas e a necessidade da implantação de um novo modelo educacional no Brasil. Tem como objetivo realçar importantes contingências a serem consideradas na análise da gênese da educação pública no país por meio do percurso da história. Evidencia a reforma educacional do Marques de Pombal como uma estratégia que se apresentou necessária, não só pela lacuna deixada pelo sistema jesuítico de ensino, mas também como tentativa de modernização da sociedade em prol do desenvolvimento da economia portuguesa para manutenção e fortalecimento do seu regime absolutista" (Visitado em 21/02/2015, disponível em http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo_pombalino_intro.html)

jesuítas, inspirada nas ideias iluministas que circundavam a Europa, não rompeu a visão tradicionalista. (Ibid., p. 15).

Para os colonizadores portugueses, estes que iniciaram o legado do tradicionalismo cristão nestas terras, sua religião era considerada obra de Deus, enquanto outras religiões eram consideradas obras do demônio, incluindo as dos índios e as dos africanos. Fazia, no entanto, parte da aculturação e da domesticação cultural aos moldes católicos europeus ensinar aos índios seus padrões e sua religião para a dominação.

A partir da publicação do *Ratio Studiorum*, a colônia passou a ter um modelo educacional elaborado a partir da mesma proposta do jesuíta Inácio de Loyola, o qual iniciou o projeto em terras indígenas. Em 1599, passou a vigorar em todos os colégios da Companhia de Jesus (SAVIANI, op.cit., p.55-56).

O Plano contido no Ratio era de caráter universalista e elitista. Universalista porque se tratava de um plano adotado indistintamente por todos os jesuítas, qualquer que fosse o lugar onde estivessem. Elitista porque acabou destinando-se aos filhos dos colonos e excluindo os indígenas, com o que os colégios jesuítas se converteram no instrumento de formação da elite colonial (Ibid., p. 55-56).

Este plano de estudos teve grande importância na educação proposta pelos colégios dos jesuítas, o que fez com que logo se multiplicassem chegando a 728 casas de ensino em 1750 (Ibid., p. 57). O tomismo⁹ dá a base no plano, que dirige sua ideia a partir da filosofia aristotélica¹⁰ cristianizando-a de modo que o homem, como criatura divina, tem que apropriar-se da vida terrena para aperfeiçoar sua vida e se aproximar do propósito divino que os trouxe aqui. Deu-se então, o que Saviani chama de Pedagogia Tradicional (Ibid., p. 58)

Era preciso, para que os jesuítas mantivessem os colégios e seu projeto, de algo mais além de doações, era preciso de bens, que eram considerados divinos por fazerem entrar em vigor o planejamento pedagógico. Desta forma, fazendas, escravos, enfim,

⁹ Filosofia fundada por Tomás de Aquino (monge dominicano que viveu no século XIII) sob a influência de Platão, Aristóteles e Santo Agostinho. Sua base principal é a adaptação da filosofia antiga, principalmente a de Aristóteles, ao cristianismo, e sua preocupação era, principalmente a descoberta do que predominava, a Filosofia ou a Teologia. No entanto, para os fins de cristianizar os antigos, buscou a demonstração filosófica de Deus a partir da razão filosófica. Aqueles que seguiam esta ideia eram chamados de tomistas.

¹⁰ Em sua filosofia, Aristóteles busca a compreensão do homem a partir de regras em nível de temperanças para as possíveis virtudes de cada um. Deste modo, o convívio social seria ajudado pela otimização das virtudes dos homens, sendo as mesmas temperadas sem faltas ou excessos, mas no meio termo para que a sociedade possa funcionar bem e as pessoas possam atingir à felicidade.

riquezas eram necessárias a serem administradas para a continuidade do projeto educacional jesuíta.

Embora pensemos que a educação rompeu com processos bruscamente, a história investigada minuciosamente no mostra que sempre houve um processo elitizante, que compôs um hiato entre as classes pobres e a instrução tal como era desempenhada pelas classes dominantes. As ideias de Antônio Ribeiro Nunes Sanches (1699 - 1783)¹¹, por exemplo, se aproximam das de Mandeville (1670 - 1733)¹² quando separa a arte do letramento, dos estudos em si, de maneira reflexiva e emancipadora, estas que não servem para os pobres, pois tal esforço é retirado da parte que poderia ser utilizada para o trabalho. Assim, a única instrução para os pobres seria a dos sermões dominicais, que formariam a essência de suas atitudes a partir da modelação de sua moral.

Como o século XVIII foi marcado pela burguesia e pela Revolução Industrial na Inglaterra, Portugal precisou se modernizar para competir com essa potência, para isso a educação teve que se ajustar para essa nova classe, a burguesia, que seria o início da possível arrancada rumo ao sucesso da formação do “perfeito negociante” (Ibid.,p. 101-103).

No Brasil, as Reformas pombalinas, estabelecidas a partir de 1759, receberam poucos recursos. Mas esta nova escola seria útil ao Estado, diferente da anterior que visava mais aos interesses eclesiásticos, portanto foi mais qualitativa que quantitativa. Neste contexto, o sacerdote e bispo da Igreja Católica, Azeredo Coutinho (1742 - 1821)¹³, trouxe de volta o pensamento tradicional do Senhor de Engenho, dono de escravos, que buscava restabelecer a antiga ordem de fazer do Brasil uma base de riquezas para Portugal. Coutinho acreditava que o destino capitalista na Europa densa e povoada não cabia nesta região ainda inexplorada. Defendia, no entanto, o tráfico negreiro, o absolutismo e o regime do padroado. Mas ao assumir o Seminário de Olinda, seu ideal pedagógico foi ultrapassado pela tendência do forte iluminismo que já

¹¹ Grande filósofo enciclopedista iluminista português que também influenciou as ideias de Pombal. Tem como sua principal obra no campo pedagógico Cartas sobre a Educação da Mocidade de 1760.

¹² Filósofo holandês que viveu a maior parte de sua vida na Inglaterra e tem como uma de suas ideias mais polêmicas e famosas a questão das virtudes em forma de ações humanas quando diz que não podem ser classificadas como mais ou menos elevadas considerando as práticas alheias. Virtude é o que o homem faz contrária mente ao impulso natural. Um exemplo de vida virtuosa a ser seguida era para ele um mero instrumento de controle social.

¹³ Bispo católico brasileiro nascido em Campos, Estado do Rio de Janeiro, defendeu ideias políticas e econômicas avançadas para seu tempo e a revisão da política colonial portuguesa, nos moldes da futura política adotada por D. João VI no Brasil.

se fazia presente na filosofia. O Seminário acabou formando Republicanos, mesmo o próprio Coutinho considerando absurdo as colônias se voltarem contra as Metrôpoles.

Embora o iluminismo pombalino tivesse sido um marco divisor de águas nas instituições educacionais, sequer abalou as estruturas tradicionais do ensino a partir do catolicismo. Por outro lado, o liberalismo moderado de Silvestre Pinheiro (1769 - 1846)¹⁴ remodelou o pensamento dos monarquistas tradicionais, que começaram a se introduzir em ideias mais modernas, sem grandes rupturas, mas como reformas graduais antirrevolucionárias. “Queria-se adotar o liberalismo, mas desejava-se conciliá-lo com a tradição” (Ibid., p. 118), De modo que não se desfizesse da raiz nas relações econômicas e rompa com alguns privilégios.

Como se vê, a concepção laica de escola, na forma como começava a ser formulada pela burguesia triunfante, tendeu a ser apropriada pela elite que esteve à testa do processo de independência e da organização do Estado brasileiro, ajustando-a, porém, às peculiaridades dessa situação particular. (Ibid., p. 121)

Com Pombal, um novo instrumento passa a ser vinculado à Coroa, a Igreja e, juntamente com a mesma, a educação. Agora, com as novas ideias já se pode pensar em um vínculo além da religião com a educação, e isso seria um conflito com o ensino laico que incrementou as novas pedagogias posteriores a Pombal.

Pombal também encontrou barreiras no seu sistema pedagógico em Portugal. A dificuldade da implementação da Reforma dos estudos menores fez com que a teoria não entrasse em prática devido à incapacidade da Coroa em investir nesta empreitada e, além do mais, a falta de interesses da mesma no âmbito educacional (Primeira fase da Reforma pombalina).

A segunda fase da Reforma pombalina diz respeito à modernização dos estudos maiores (referentes aos estudos universitários) que estaria com um modelo, embora ainda vinculado a uma tradição eclesiástica, mas munida de um novo viés, o iluminista. Porém, os objetivos estavam vinculados aos propósitos de Dom José I, e então aí se via o embate com os interesses do Império e a própria questão da modernização do ensino superior.

¹⁴ Intelectual que pensou as instituições brasileiras, surgidas da confusão criada pela vinda da família real portuguesa ao Brasil, logo no final da primeira década do século XIX.

O Tribunal do Santo Ofício radicalizou o que deveria ser um passo para a reforma, dificultando o avanço da ciência com sua visão ultrapassada tradicionalista. No entanto, a conciliação entre Igreja e Estado era um caminho gradual para o andamento do processo de reforma, porém ainda lento e insuficiente para as necessidades do período.

O advento do Império no Brasil não provocou alterações neste sistema de Padroado, simplesmente mudava-se a estrutura que o regulava, mas continuava com o mesmo propósito: Estado interferindo nos assuntos eclesiásticos seguindo uma via de mão dupla.

Dom Pedro I, ao proclamar a Independência, não se desligou da monarquia portuguesa, tanto que em 1826, com a morte de Dom João VI, é reconhecido como Dom Pedro IV, de Portugal, outorga uma constituição ao país e logo abdica em favor de sua filha Dona Maria da Glória, então com 7 anos. Desse modo, político com incrível jogo de cintura, Dom Pedro I, se assim se pode dizer, desliga mas não desliga o Brasil de Portugal. Cerca de um ano antes de morrer, Dom João VI delegaria a seu filho Pedro o grã-mestrado da Ordem de Cristo no Brasil (Lisboa, 13 de maio de 1825), numa prova evidente de que, quase três anos depois da independência o Brasil ainda continuava familiar e umbilicalmente ligado a Portugal - uma resolução do rei de lá valendo para tornar grã-mestre o imperador daqui. E o Papa Leão XII, a 15 de maio de 1827, confirma o grã-mestrado da Ordem de Cristo para Dom Pedro I. Continuava, portanto, o instituto do Padroado a reger a Igreja católica no Brasil. Absolutamente inalterado, Apenas, o grão-mestre agora era outro (CASTRO, 1984, p. 36).

Esta tradição foi se mantendo e a Igreja ainda não percebia ou não tinha forças para lutar contra uma dominação do Estado em relação à mesma. Foi um longo período que se transformou em Memória, em tradição e em cumplicidade por exaustão. Os colégios cristãos que trabalhavam o ensino religioso se viram desde sempre implicados pelo poder do Estado, ou seja, a autonomia da Igreja foi se tornando cada vez mais um ponto de vista completamente subversivo de acordo com a tradição formada em relação à sua conservação.

Um clero amorfo, uma religião desassistida, quase leiga, uma Igreja sem condições de protestar contra um sistema que a mantinha atrelada ao poder - e era precisamente isso que a desgastava. Na casa grande, a própria família cuidava do lado espiritual dos escravos, mas é claro que cuidando quase que exclusivamente dos agregados da casa grande, que eram em grande maioria mulheres, mucamas para servir as sinhazinhas ou amas para as crianças. Nas cidades, o crescimento das irmandades e

ordens terceiras estendeu-se até a direção religiosa, no que substituíam os párocos, tornando a religião, cada vez mais, uma religião leiga em face da omissão do clero. Apesar de tudo isso, o povo ainda respeitava os sacerdotes em suas funções religiosas, dentro da Igreja. Fora, não. Por mais respeitador que fosse, o povo desconfiava de seu clero, do qual andava inteiramente desligado. Em uma palavra, havia uma ruptura absoluta povo-clero. Havia, em síntese, um grande vazio, a Igreja no Brasil perdera a alma, desde o fim dos colégios dos jesuítas. (Ibid., p. 37)

A religião católica no Brasil acabou se tornando uma institucionalização do Estado, ou seja, é como se fosse uma extensão do mesmo que buscasse garantir os privilégios de uma elite política e econômica apelando para questões que vão além da autoridade Estatal, recorrendo também a um âmbito espiritual. Desta maneira o que restou da Igreja nestas terras tornou-se aliada ao propósito do Império em busca de uma maneira de sobrevivência dentro da realidade do momento histórico. A Igreja não tinha uma base popular, apenas servia como uma instrumentalização do poder espiritual através do poder público.

Compreendemos a forma de atuação da Igreja como distinta do que o cristianismo realizou por meio dos líderes mais populares. Trata-se de uma metamorfose adaptada à realidade de pobreza e opressão nos cantos do Brasil. Até a instituição que se aproximou do Estado foi diferente da que se realizou na sociedade, pois era a Instituição que brigava com o Estado pela hegemonia no ensino. O cristianismo criticou o governo e iniciou o processo de amparo às classes mais pobres de modo que pudesse organizá-las. Desta maneira, o próprio cristianismo se modificou junto à sociedade.

Inicia-se, então, no Período Regencial, uma disputa entre dois grupos representantes da Igreja no Brasil, os regalistas, que buscavam manter a ordem dos Padroados e a manutenção da Igreja feita pelo Estado e os ultramarinistas, que achavam que deveria ser o Papa, que se encontrava no ultramar, a decidir os assuntos destinados às obras cristãs nestas terras. Por estarem os regalistas ligados à maçonaria, a rivalidade ocorria ainda mais intensamente entre os maçons e ultramarinistas.

Com a assunção de Dom Pedro II ao poder, temos mais uma demonstração de que não haveria a separação entre Igreja e Estado, pois em carta a Caxias foi relatado que “só se consumaria se a independência e dignidade do poder civil o exigissem” (Ibid., p. 49). Em outras palavras, o Estado continuou ditando, de acordo com seus interesses, o caminho que trilharia a Igreja no Brasil, de certo que com uma parcela de

consentimento do próprio clero, pois sua independência não estava atrelada a nenhum esforço externo e sim da própria autoridade eclesiástica.

Em 1873 já podemos observar a percepção da Igreja de que o poder temporal tinha que se afastar do poder espiritual, e esta concepção não era só dos ultramarinistas, mas também dos regalistas. As repercussões destas divergências são notórias na Itália, onde a Igreja tinha maior relevância. Entretanto, esta separação aqui no Brasil tem ares de descontentamento também com uma prática muito comum destes descendentes culturais dos portugueses, a maçonaria. Não obstante, Dom Vital (1844 - 1878)¹⁵ foi essencial para o passo inicial de rompimento que durou mais de um século, e mesmo assim gerou sequelas após este longo período.

No interior da própria Igreja que surgiu o movimento de independência em relação ao Estado. Dom Pedro II, contra sua vontade, foi obrigado a ceder e desfazer suas decisões radicais em prender bispos que defenderam a atuação da Igreja liderada pelo Papa e não pelo Imperador. Visando ao possível desgaste que este advento implicaria na sua gestão, foram soltos os bispos em setembro de 1875.

A derrota foi, afinal, a grande vitória dos bispos. A maçonaria nunca mais teria a mesma força política no Brasil: na República seria inexpressiva. A República traria também a separação Igreja-Estado, objetivo último e mais sério dos ultramarinistas. E o fim do Padroado era a libertação da Igreja, pela qual, desse modo, eles doaram sua própria liberdade. Como disse Cândido Brasileiro (1860/73), o Padroado “ao se pode reputar liberdade de Igreja alguma, é antes uma servidão” (Ibid., p. 50).

Quando falamos de tradição, entendemos que muitas questões ligadas à fé católica são questões políticas ligadas à manutenção do poder. O próprio catolicismo de Dom Pedro II era um catolicismo de tradição. “Puramente de tradição e muito superficial (...) e sempre se mostrou surpreendentemente intransigente para alguém historicamente tido como um espírito de grande suavidade” (Ibid., p. 46). E esta tensão vai além do seu reinado. Este problema só teve resolução com o advento da República, em que poderá se discutir com a possibilidade de abertura das discussões dos temas religiosos.

Os anos que marcaram o fim do Império e o início da República foram registrados como uma inclinação ao chamado higienismo. Esta concepção educacional vê o

¹⁵ Nascido na Paraíba, o intelectual católico teve participação nas discussões entre a instituição católica e a maçonaria, gerando um grande conflito entre os seguidores de tal filosofia que faziam parte do meio cristão.

analfabetismo como uma doença social que pode ser curada com a educação, isto é, a disseminação de escolas pelo país. Ainda não era e nem passou a ser depois um símbolo de sucesso para o âmbito educacional, mas ao menos já se tornou uma rotina nas pautas das discussões políticas com o início da República.

Na expressão particular do discurso médico é, sem dúvida, o discurso liberal iluminista que aí se faz presente. Em continuidade com a Reforma Couto Ferraz (de 1853), a Reforma Leôncio de Carvalho (1879) mantém a obrigatoriedade do ensino primário dos 7 aos 14 anos (artigo 2º), a assistência do Estado aos alunos pobres (idem), a organização da escola primária em dois graus com um currículo semelhante levemente enriquecido (artigo 4º) e o serviço de inspeção (artigo 13). (Ibid., p. 46).

A tendência liberal do final do Império trouxe certa liberdade ao ensino, retirando das rédeas do Estado e da Igreja os vínculos ideológicos com a formação educacional, e esta liberdade para formação de instituições particulares trará a estas novas tendências a variedade de ofertas para o ensino na perspectiva de promover a emancipação do homem, de modo que conquiste sua dignidade e sua liberdade. Surge deste pensamento a concepção de infância e de pedagogia, a criança como ativa e pensante, moral e coberta de paixões que devem ser guiadas sem cometer o erro da tirania e da imposição. Tal pedagogia promoveu a descoberta racional sem matar o poder humano da sensibilidade. A partir de 1866, Abílio César Borges (1824 - 1891)¹⁶ estimulou em suas escolas um tipo de incentivo às ciências naturais, dando importância aos elementos científicos no currículo escolar, o que não deixa de ser uma inovação para a época em desvincular a moral religiosa dos procedimentos científicos.

Sobre o método de ensino, percebeu a necessidade de não sobrecarregar as crianças com tantas responsabilidades escolares tão cedo, pois teria pouco sentido no espírito infantil de desenvolvimento gradual. O objetivo da “Lei Nova” não foi a obrigatoriedade do ensino, mas o despertar do aprendizado. Para tanto, essas novas ideias fizeram parte do cenário de passagem do Império para a República, e assim inovando o pensamento da época para o que se chamou de um pensamento moderno. “A concepção pedagógica do Barão de Macahubas pretendia conciliar as ideias modernas com a tradição católica, em consonância com o ecletismo espiritualista”. Mas por outro lado também, “a educação moral, entendida em íntima ligação com a religião,

¹⁶ Conhecido como Barão de Macaúbas, influenciou muito na educação de sua época com suas inovações como o fim do castigo físico, realização de torneios literários, culto ao civismo etc.

ocupava posição central no conjunto das ideias pedagógicas do Barão de Macahubas” (Ibid., p. 156-157)

Com o fim da escravidão, houve necessidade de uma reestruturação da educação para a inserção deste novo trabalhador livre de forma a contribuir gradual e seguramente à passagem instrutiva do escravo para a alfabetização e qualificação de mão de obra sem render prejuízos aos antigos proprietários de terras e dominadores da economia brasileira. Entre 1868 até a Proclamação da República, a busca era fazer da educação um transformador que daria utilidades, em nível de trabalho, aos que estavam inseridos agora por intermédio da Lei do Ventre Livre. O objetivo era dar instruções suficientes para que esta pessoa não permanecesse ociosa, mas tenha projeções sociais que dinamizam o mercado de trabalho.

Embora tenhamos alguns ajustes educacionais nos primeiros períodos da República, percebemos que a tradição de alguns séculos fechou a possibilidade de uma mudança rápida e progressista que pudesse logo resolver os principais problemas nas estruturas da pedagogia brasileira. Era uma história profundamente marcada pelo tradicionalismo cristão ligado à vida de privilégios cedidos pelo Estado não só para Igreja, mas também para a elite política e econômica.

Outra questão ligada ao novo pensamento republicano estava na discussão do voto do analfabeto, pois acreditava-se que isto incitaria nas pessoas a vontade e busca por instrução, e com isso um maior investimento nas escolas por conta da nova demanda. Mesmo com o advento da República, o tão sonhado sistema educacional não aconteceu, mas permaneceu, então, como um tipo de educação clandestina, isto é, pois não se realizou na sociedade quer como direito dos cidadãos ou mesmo como dever do Estado, permanecendo como uma “necessidade desnecessária” para uns e como regalia para outros, ou mesmo exercício de erudição e, por outro lado, instrução para a mão de obra. A “necessidade desnecessária” é assim colocada pelo ponto de vista da liderança, pois a educação é necessária para a instrução (embora somente se veja necessária para ‘uns’) e desnecessária se considerar os perigos que a instrução para todos traria para os privilegiados neste regime republicano oligárquico.

Além da mentalidade dos anos iniciais da República que trabalhava contrariamente à formação de um sistema educacional nacional, tivemos a falta de recursos investidos, problema este que ainda perduraria por longas décadas sendo

diminuído gradativamente em sua aplicação, mas sem diminuir o atraso no país em relação a outros países europeus e da própria América Latina.

Na República, a educação foi discutida com um propósito: a formação moral dos valores republicanos, como já foi dito anteriormente, estes que incluem amor à pátria, à unidade nacional, e até o papel feminino de educadora do caráter das novas gerações. O início do século XX marcou o desenvolvimento dos chamados grupos escolares que possibilitaram melhor organização do ensino e, por outro lado, melhor rendimento dos alunos, com mecanismos de seleção e altos padrões de exigência escolar. “No fundo, era uma escola mais eficiente para o objetivo de seleção e formação das elites. A questão da educação das massas populares ainda não se colocava”. Somente a partir de 1920, com a Reforma de Sampaio Dória¹⁷, esta questão virá a ter uma importância central.

Segundo Saviani (2011, p. 178), a hegemonia da Igreja Católica no âmbito educacional não foi sequer abalada, mesmo com o novo ideário iluminista que conflitava com a visão tradicionalista religiosa. Confirma-se tal fato pelos estudos que aplicamos à Baixada Fluminense. Percebemos que ao contrário dos passos que pareciam dar a burguesia liberal republicana, as tradições católicas ainda mantiveram seus programas em ação, e ainda deram sequência ao seu papel de homogeneização da religiosidade das classes populares, excluindo a possibilidade de qualquer outra religião se aproximar da educação moral das pessoas, visto sempre como uma heresia a ser combatida.

O medo da competitividade com a formação moral e religiosa, no final do Império, fez com que a Igreja se afastasse das seitas e religiões que sincretizavam a fé do brasileiro. Temendo a perda de poder, a Igreja determinou que os maçons fossem afastados dos quadros das irmandades, Ordens Terceiras e quaisquer Associações Religiosas. Dada tal tensão entre a Igreja e o Estado, com a República deu-se o fim do

¹⁷ Primeira reforma no âmbito educacional (esta que foi coordenada por Sampaio Dória que era, até então, o Diretor-Geral da Instrução Pública [1920 - 1924]) que buscou criar um sistema organizado aberto para novas propostas, mais tarde chamado de Escola Nova. Segundo Saviani, "a Reforma Sampaio Dória abriu o ciclo de reformas estaduais que marcou a década de 1920. Esse processo alterou a instrução pública em variados aspectos como a ampliação da rede de escolas; o aparelhamento técnico-administrativo; a melhoria das condições de funcionamento; a reformulação curricular; o início da profissionalização do magistério; a reorientação das práticas de ensino; e, mais para o final da década, a penetração do ideário escolanovista" (2011, p.175).

padroado e a separação, em tese, entre Igreja e Estado, porém os valores tradicionais ainda permaneceram por longo tempo na República da Espada.¹⁸

Embora tenha acontecido tal separação, a Igreja buscou sua resistência pressionando para o restabelecimento do ensino religioso nas escolas públicas e a expansão da fé católica por meio de impressos que registrariam as suas principais ideias e intenções; mas por outro lado também na composição de livros didáticos, estes que ajustariam o ensino ao seu método tradicional. Esta prerrogativa também marcou sua intencionalidade em formar o futuro professor aos moldes tradicionais.

Em meados de 1916, sob a orientação de Julio Maria (1878 - 1944),¹⁹a Igreja brasileira pensou em experiências que desvinculam o sistema de Padroado para uma igreja mais espiritual, que também significava romper com outras vertentes incorporadas tais como o espiritismo e a maçonaria. Tratava-se de um ensinamento religioso embasado simplesmente na espiritualidade e na reflexão do interior do homem. Sem pensar na questão social, que ainda não teve em sua amplitude a colaboração de fato da Igreja. Vale lembrar que a Igreja tradicional também não era adepta ao modo de vida burguês, mas sim à formação tradicional da qual sua tradição herda a Memória dos fiéis (CASTRO, 1984, p. 52).

Mas de certa forma, Júlio Maria já inovara em algumas formas do fazer cristão. Já se tratava de um projeto mais ousado e mais próximo das necessidades do povo. O que fora inevitável com a realização do Concílio Vaticano II (1962 - 1965)²⁰. Tal perspectiva começou a ser discutida pelos membros da Igreja que incorporam uma ideologia mais embasada na defesa dos pobres, isto é, uma Igreja engajada nas questões da defesa do cidadão como um amparo social intrínseco ao espiritual.²¹

¹⁸ Nome dado à Primeira República pelos principais historiadores que se especializaram nesta área por conta que era um Estado que girava em torno das mãos dos militares.

¹⁹ O padre Júlio Maria foi perseguido pelos maçons por pregar contra os mesmos; sua principal atuação foi no Macapá, onde desenvolveu sua atuação através do Seminário Apostólico, o Colégio Pio XII, o hospital-asilo São Vicente de Paulo, o Patronato Santa Maria [para acolhimento dos órfãos], Escola Normal Santa Terezinha, a editora e o jornal "O Lutador", que em Manhumirim [e a editora, em Belo Horizonte] continuam vivas e progredindo nas mãos de seus filhos espirituais.

²⁰ Segundo Alvaro de Oliveira Senra, o Concílio Vaticano II, "considerado como um marco nas relações entre a Igreja e a modernidade, resultou na elaboração e publicação de 16 documentos, entre eles a Declaração *Gravissimum Educationis*, que teve o objetivo de estabelecer os princípios fundamentais da educação cristã no contexto atual".

²¹ Esta nova forma de ser cristão já estava sendo discutida por toda América Latina. As Conferências de Medellín e Puebla foram a máxima da atenção Institucional da necessidade de mudar o olhar para as áreas mais carentes da população. Muitos intelectuais seguiram esta proposta, como é o caso de Dom Adriano Hypólito, porém, a Igreja, entre idas e vindas, não abandonou sua forma hierárquica de atuação, apenas modificou, em alguns casos, sua maneira de atuar para que pudesse chegar ao mesmo fim planejado antes do surgimento deste novo olhar.

Igreja e povo eram, para Júlio Maria, as duas únicas forças do mundo, “sob o ponto de vista social”, acrescenta ele. Ao tentar uni-las, Júlio Maria é o verdadeiro precursor da Teologia da Libertação, da Igreja que nasce do povo sob o sopro do Senhor, desligada de regimes político. Assim, é longa a gestação da Igreja de opção preferencial pelos pobres, cuja certidão de nascimento, neste continente pioneiro, pode ser datada de 1968 (Medellín), mas a semente, ao menos no Brasil, está em Júlio Maria. Pois tentar a síntese Igreja-Povo foi o trabalho sem tréguas do sacerdócio de Júlio Maria, foi toda a sua vida sacerdotal (Ibid.,p. 55).

Durante os primeiros anos da República, a elite cafeeira mantinha seu alinhamento aos militares decorrentes da Guarda Nacional criada após a abdicação de Dom Pedro I. Com isso, a troca de interesses entre ambas as partes manteve os privilégios garantidos para esta elite. A consequência desta organização foi o coronelismo, sustentado pela política do café-com-leite, trocando os interesses entre as classes dominantes dos latifundiários, em momentos dando a direção dos cargos aos paulistas e em outros momentos aos mineiros.

Neste contexto, a educação para a Igreja passou a ser um ponto estratégico. Desta forma, foi criada a Associação de Professores Católicos (APCs)²² em 1928 que se aglutinou na Confederação Católica Brasileira de Educação²³, o projeto da Igreja se tornou cada vez mais influente na formação da tradicionalização da fé junto à educação moral. Destes esforços nasceu a resistência católica dos anos 1930 que buscou proteger o seu legado impedindo o avanço de ideias novas e da mudança das estruturas do poder sem que participasse desta reformulação.

A resistência era tão grande à questão social que, apesar da Igreja já ter dados passos rumo à libertação da união Estado-Igreja, mesmo que forçosamente, do sistema de Padroado, ainda se vê, por exemplo, o presidente Washington Luís se pronunciando e dizendo que “a questão social é um caso de polícia” (Ibid.,p. 54). Enquanto isso a Igreja, através do papa Pio XI, se mantém atualizada em matéria de doutrina social ao publicar o *Quadragesimo Anno*, comemorando os 40 anos da *Rerum Novarum*, que

²² A Associação de Professores Católicos é uma associação eclesial de caráter profissional. Nela há a congregação de professores que se assumem como cristãos ativos no meio escolar.

²³ "Desde a década de 1920 os católicos vinham se organizando, através da revista A Ordem (1921) e do Centro Dom Vital (1922), com o propósito de ter uma atuação mais marcante no processo decisório nacional. Sob a liderança do arcebispo dom Sebastião Leme, do padre Leonel Franca e de Alceu Amoroso Lima, articulou-se assim um movimento em prol da educação superior católica. (...) Em 1933 foi criada a Confederação Católica Brasileira de Educação. Em 1934, realizou-se no Rio de Janeiro o I Congresso Católico de Educação." Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/aeravargas1/anos37-45/educacaoculturapropaganda/puc> visitado em 24/02/2015.

esboçou os primeiros passos da Igreja central rumo ao amparo das questões sociais, principalmente no que diz respeito à América Latina.

A Revolução de 1930²⁴ resultou em um “Estado de compromisso”, empenhado em modernizar e industrializar o país, dando mais dinamismo à economia. Por outro lado, a Igreja Católica também buscou se adaptar aos novos rumos que a política tomava, se ajustando aos ditames da nova era.

A luta por manter a Igreja ligada aos polos educacionais de maneira que a mesma participe da integração do indivíduo à tradição religiosa é uma forma de contribuir com o processo ideológico que vai resultar numa aceitação dos privilégios embutidos nesse pacto da Igreja com o Estado e a elite política e econômica. E as oligarquias que compõem a República da Espada compartilharam do sentimento de medo da ala tradicional da Igreja que também teimou em resistir a uma reviravolta nas estruturas da educação religiosa e leiga.

No que concerne à intelectualidade, Jackson de Figueiredo (1891 - 1928)²⁵ juntamente a Alceu Amoroso Lima (1893 - 1983)²⁶ tornaram-se os intelectuais católicos interessados em política, quando no ano de 1928, assumiram uma postura crítica face às questões atinentes ao modo da Igreja se realizar entre o povo. Jackson mais conservador e ligado à estrutura tradicional monarquista, mas Alceu já discutiu questões ligadas à religião de modo a relacioná-la com a vida empírica imanente²⁷. Com a morte de Jackson, a parte reacionária perde sua força e as principais publicações

²⁴ Getúlio Vargas assumiu o poder iniciando um período de transição para o que seria um Golpe de Estado e que o faria permanecer até 1945 no poder. Este Golpe foi dado sob a justificativa de uma melhor administração livre das oligarquias paulistas e mineiras que se revezavam no poder na República do Café-com-leite, fazendo referência aos respectivos estados, ou seja, Minas Gerais como grande produtor de leite e São Paulo como grande produtor de café, e também da "ameaça comunista" devido as manifestações da década de 1920.

²⁵ Formado em direito na Bahia, se destacou pela criação do movimento católico leigo no Brasil e por sua atuação como professor, político, filósofo e jornalista; combateu o liberalismo e o comunismo principalmente na década de 1920 no Brasil.

²⁶ "Magistério universitário, em duas Universidades, as aulas na Escola de Serviço Social, que ajudou a fundar e de que gostava tanto, ali no Humaitá, o Instituto Católico de Estudos Superiores, onde lecionou Sociologia, Literatura Brasileira e Teoria da Ação Católica, de que foi um precursor no Brasil, o Conselho Nacional de Educação, depois Federal, onde teve assento de 1935 a 1969, o Centro Dom Vital, a revista cultura católica **A Ordem**, conferências no Rio e pelo Brasil afora, artigos extra, prefácios, capítulos em livros coletivos, como o sobre a obra de Gilberto Freyre, no volume dos vinte e cinco anos de **Casa-Grande**, programas radiofônicos, mesas-redondas, programas de televisão, a partir de 1953, quando retornou aos Estados Unidos" (VILLAÇA, Antonio Carlos - "Alceu Amoroso Lima", Livraria Agir Editora, 1985 - São Paulo, p. 18).

²⁷ Nos referimos como vida empírica imanente à vida separada do campo transcendente, esta última considerada algo superior à nossa existência (campo empírico imanente) que os religiosos cristãos acreditam ser o objetivo final de nossa existência.

do periódico A Ordem²⁸ passaram a ser desenvolvidas a partir do pensamento de Alceu. Juntamente à revista, o Centro Dom Vital²⁹ passou a ter um novo olhar desempenhado por seu novo representante, muito mais próximo do povo que seus antecessores.

Cabe aqui ressaltar que a crítica de Alceu Amoroso de Lima se fez presente com mais intensidade a partir dos anos 1950, quando sofreu as mudanças no seu modo de pensar que embasou a atuação do Alceu dos anos 1960.

Primeiro, através do distributismo chestertoniano e depois através das ideias do Padre Lebet, em Economia e Humanismo, que farão de Alceu um líder perfeitamente sintonizado com as encíclicas de João XXIII e a mocidade universitária do início dos anos 60. E aí já se pode falar no Alceu de esquerda (Ibid., p. 63).

A busca de algumas vertentes da Igreja brasileira (neste caso que tratamos) tem na figura de Alceu Amoroso Lima uma grande inspiração na iniciativa pelas causas populares. Nele muitos militantes leigos e religiosos vão ver o escape que a Igreja precisava para a busca de uma espiritualização mais contagiante no meio imanente, e que contemplasse as necessidades do povo brasileiro. São momentos de quebra de estrutura. Não se trata ainda de uma revolução no sentido de rompimento de uma estrutura para uma nova tomada de rumo, mas de uma reformulação do modo de fazer Igreja, até pelo fato de não ser ainda integrado pelos poderes católicos. Talvez o propósito tivesse um viés revolucionário, mas a tradição, o poder dos privilegiados ainda falou mais forte quando esta briga se tornou declarada na década de 1960.

A especialidade de um bispo chamado Dom Helder Câmara (1909 - 1999)³⁰, muito interessado no campo educacional, nos chama atenção quando falamos de reorganização da Igreja para orientação de seu povo a partir dos ensinamentos dos intelectuais e da militância dos mesmos em direção à reivindicação de direitos básicos da população pobre sufocados pelos poderes públicos e pela elite política e econômica

²⁸ Revista editada pelo Centro Dom Vital que busca a divulgação de material produzido pelos intelectuais católicos engajados nos debates contra o comunismo e o liberalismo, sobretudo visando novas ideias no campo da educação e ação católica. Este impresso foi um grande instrumento de divulgação do pensamento católico e atingiu um grande público de leitores.

²⁹ Criado em 1922 por Jackson Figueiredo, é uma associação brasileira de católicos leigos que abrange todo território brasileiro e tem sede no Rio de Janeiro e buscam a promoção de debates culturais e religiosos.

³⁰ Foi um dos fundadores da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB), foi bispo católico, arcebispo emérito de Olinda e Recife e se destacou por pregar uma Igreja simples, voltada para os pobres e a não-violência. Foi perseguido e criticado pelos setores conservadores da política militar e da tradição católica por manter-se ligado às ideias progressistas.

que, juntos à estrutura tradicional católica, formam uma barreira em tríade de poder a ser superado.

Em 1936, aos 27 anos de idade e cinco de sacerdócio, recebe, através de Lourenço Filho, convite para deixar seu cargo de diretor do Departamento de Educação do Ceará (que corresponde ao de secretário de Educação, hoje) e ser assistente-técnico de Educação no então Distrito Federal. Orientado por seu arcebispo, aceita o convite e se muda para o Rio. Apresenta-se a Dom Leme, que, aproveitando a especialidade de Dom Hélder, não lhe dá uma paróquia: nomeou-o diretor-técnico do ensino de Religião, com a função de implantar o ensino de Religião nas escolas públicas do Distrito Federal, conquista pessoal de Dom Leme junto a Getúlio (Ibid., p. 64).

Dom Hélder, ex-integralista³¹ ao lado de Severino Sombra, mudou completamente seu modo de ver a evangelização e, ao mudar-se do Ceará para o Rio de Janeiro, trouxe uma desilusão com tal sistema que seria a representação do fascismo no Brasil. Embora Plínio Salgado (1895 - 1975)³² o procurasse em algumas situações para que pudesse exercer sua influência com a doutrina integralista, esta busca se findou com o Estado Novo de Getúlio Vargas. Embora ainda transitória esta fase da Igreja com Dom Leme (1882 - 1942)³³ e, à frente da educação religiosa, Dom Hélder, tivemos a continuidade de uma busca pela popularização do evangelho de modo a atingir as classes mais baixas. Ainda se tratava de uma passagem histórica marcada por tradições,

³¹ Com origem em Portugal, o Integralismo veio para o Brasil na primeira metade do século XX e defendia um tipo de política tradicionalista que mantinha em suas bases os princípios de uma sociedade estruturada a partir da religião e da família. O objetivo de se formar homens íntegros era a principal linha de pensamento desta doutrina direitista. Ademais, defendia também um tipo de hierarquia social que garantia a harmonia da sociedade, carregando em si elementos fascistas ultraconservadores.

³² Principal intelectual do Integralismo, era escritor, jornalista, teólogo e político que esteve na liderança da Ação Integralista Brasileira, criado em 1932, apoiou a ditadura de Vargas e teve grande influência nos movimentos conservadores ultradireitistas simpatizantes dos modelos fascistas europeus.

³³ Com Dom Leme, o Episcopado brasileiro encontra sua mais expressiva liderança ao ponto de fazer convergir para si liberais e ultramontanos. É com Dom Leme que os discursos se transformam em prática. Sua volta ao Rio de Janeiro nos anos de 1920 como arcebispo auxiliar do cardeal Arcoverde é o marco de uma nova inserção da Igreja no país. Portanto, desde já, a Igreja mergulha na realidade secular, mas teologizando-a, cristianizando-a, catolicizando-a. O objetivo de Dom Leme era catolicizar todos os espaços, empreendendo uma forte presença nas massas para ganhar a adesão do Estado, tornando-o cristão. Essa seria a “geopolítica” (BLACKBURN, 1992) do catolicismo brasileiro no século XX. O uso do conceito de geopolítica se faz no sentido de demonstrar a voracidade com que se ocupa os espaços políticos, educacionais, culturais e simbólicos da realidade nacional. Tal espaço depende de muitos fatores para ser definido e apreendido, e não apenas do poder de persuasão de um segmento social sobre o outro. No caso específico da atuação de Dom Leme, ele soube articular ações para recriar um catolicismo presente em todos os poros da sociedade brasileira (BALDIN, Marco Antônio, " Dom Leme e a Recristianização Do Brasil – Ensaio de Interpretação"; in: ANAIS DO II ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>).

frutos da Memória que a Igreja construiu no Brasil, mas com avanços que vão culminaram no Concílio Vaticano II.

O trabalho de Dom Hélder Câmara alcançou sucesso nas bases educacionais e, de certo modo, a Igreja brasileira ainda obteve êxito junto à educação religiosa, na formação de uma tradição modernizada, porém que tinha muito que se desdobrar para manter sua independência em relação ao Estado. Este Estado de poder ainda usufrui da proveitosa vulnerabilidade religiosa para evitar que a população de classe baixa em rebelar-se contra o sistema, não só o político, mas o da Igreja em definitivo.

Mas foi somente em 1946 que Dom Hélder pôde trabalhar mais diretamente junto à Arquidiocese. Embora o trabalho no campo do ensino religioso tivesse grande êxito por sua habilidade em lidar com assuntos educacionais, como secretário-geral da Ação Católica Brasileira e junto ao de conselheiro privado da Nunciatura Apostólica³⁴. Em 1952 a ideia de Dom Hélder vai ter sua efetivação com a criação da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros, a CNBB³⁵. Com a organização em alta, Dom Hélder, ao posto de secretário-geral da CNBB ficou por 12 anos, designado titular da Arquidiocese de Olinda e Recife em 1964.

Seu equívoco, aliás, certamente viria mesmo sem a CNBB, que entretanto fez um trabalho importante no período. Consiste na excessiva intimidade a quem chegaram Igreja e o governo nessa época, sobretudo no tempo de Juscelino. Intimidade que depois ele chamaria de perigosa.” (Ibid., 1984, p. 68).

O sistema de Padroado havia se distanciado da realidade Igreja e Estado, mas este advento só foi possível com uma troca de favores que ocorreu de modo intenso mas harmonioso, de maneira que a tradição se encarregou de fortalecer tais laços de privilégios entre a elite política e a econômica, o Estado e a própria Igreja, com seu espaço garantido no seio educacional, que fez a manutenção da moral, e enquanto

³⁴ "O Núncio Apostólico é o representante diplomático do Estado do Vaticano junto ao governo brasileiro. Além de representar a Igreja diplomaticamente, o Núncio exerce a função de ligar a Igreja Católica do Brasil junto à Santa Sé. Tais afirmações resultam ou não verdadeiras ou exageradas ou deturpadas, enfim, não corretas".
Fonte: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=563 - visitado em 11/03/2015.

³⁵ A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) é a instituição permanente que congrega os Bispos da Igreja católica no País, na qual, a exemplo dos Apóstolos, conjuntamente e nos limites do direito, eles exercem algumas funções pastorais em favor de seus fiéis e procuram dinamizar a própria missão evangelizadora, para melhor promover a vida eclesial, responder mais eficazmente aos desafios contemporâneos, por formas de apostolado adequadas às circunstâncias, e buscar realizar evangelicamente seu serviço na edificação de uma sociedade justa, fraterna e solidária, a caminho do Reino definitivo. Fonte: www.cnbb.org.br

autoridade mediadora em possíveis conflitos políticos, agora com sua proximidade do povo.

Dom Hélder se portava sempre como um canal de comunicação entre Estado e Igreja. Embora não simpatizasse com a ditadura varguista, suas forças eram insuficientes para combater qualquer medida imposta pelo governo. O próprio Getúlio fazia questão de manter a Igreja brasileira próxima como um aliado ao seu sistema, e esta compatibilidade nos compromissos morais vai ser um modo de legitimação do poder temporal pela via espiritual. Seu sucessor, Dom Jaime de Barros Câmara (1894 - 1971)³⁶, vai continuar com a postura de proximidade com o Estado Novo. Com a crescente democratização da Igreja e com a mudança gradual do modo de fazer Igreja, o papel de denúncia às injustiças desequilibrou esta harmonia.

E este clima amistoso vai perdurar durante o governo de Eurico Gaspar Dutra, porém com um aguçamento no período referente à presidência de Juscelino Kubitschek, até pela proximidade pessoal entre o mesmo e Dom Hélder Câmara.

Embora Juscelino não simpatizasse com a ideia de um regime popular com mudanças nas estruturas econômicas do Brasil, pelo contrário, ainda visava à aparência de seu governo desenvolvimentista e os resultados quantitativos em relação à melhora do país, analisou de perto, junto aos bispos da CNBB, alguns dos problemas sofridos por brasileiros esquecidos no nordeste e em vários cantos no interior do Brasil. Esta aproximação de Dom Hélder com Juscelino foi tão forte que fez surgir a SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), que previa uma reorganização da verba destinada aos nordestinos para uma melhora na distribuição dos recursos que financiariam a melhora das condições de emprego e de vida digna aos nordestinos.

Há um movimento popular em ascensão no país e a Igreja pouco a pouco se torna parte importante dele. Não que passasse a fazer política, no sentido de tomar partido deste ou daquele, quer dizer, no sentido de política partidária (...). A Igreja simplesmente descobriu que, para passar a lutar pela justiça, num país miserável, não podia estar ao lado de quem se dispunha a lutar para manter privilégios e miséria (Ibid.,p. 70-71).

³⁶ Atuou nos anos 1920 na Arquidiocese de Florianópolis - Santa Catarina; em 1935 foi nomeado 1º bispo da Diocese de Mossoró - Rio Grande do Norte; em 1941 foi nomeado Arcebispo de Belém do Pará e em 1943 foi designado para a Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. Deu apoio ao estabelecimento de igrejas orientais no Brasil, participou da Primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, no Rio de Janeiro, em 1955. Foi presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), no período de 1958 a 1963.

1.2 – O Estado, a Igreja e a educação nos anos 1950 e 1960

Dentre os estudos que permeiam a incessante busca por documentos e por intelectuais que contribuíram no âmbito educacional e, conseqüentemente, no campo político e social, podemos destacar algumas instituições que nos fornecem uma orientação sobre o que se pretendeu no contexto republicano da primeira metade do século XX quanto ao modelo das instituições brasileiras. Estes modelos institucionais nos darão maior base para a compreensão das mudanças de posturas das mesmas em relação ao Estado, à Igreja e a forma com que as igrejas brasileiras se relacionam socialmente e politicamente.

O Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP)³⁷, já nos mostra a partir de sua organização a incapacidade do Estado em lidar com problemas que interferem nas políticas públicas educacionais. Somente a partir de 1952, sob a direção de Anísio Teixeira, é que o INEP passou por uma completa reestruturação na sua organização de acordo com a proposta de modernização do Estado, ancorada no nacionalismo e desenvolvimentismo (GOUVÊA, 2012, p. 37). Não obstante, há de se convir que na proposta política dos anos 1950 e 1960 observamos um crescimento no consumo, nos itens que entram no país e que funcionam como fruto do progresso, sendo este progresso nem sempre é acompanhado pela distribuição equilibrada de rendas.

Em meio a esta busca por um desenvolvimentismo acelerado que pudesse sanar os problemas do atraso brasileiro em comparação às grandes potências, um problema se tornou evidente: a disparidade entre os centros urbanos e o meio rural, que se encontra em uma situação de completo isolamento. Sob a liderança de Anísio Teixeira foi possível perceber que sua atenção estava voltada para uma demanda que buscasse equiparar o atraso dos pontos isolados com o nível de crescimento das grandes cidades.

³⁷ Instituto criado com objetivo de avaliar o sistema de educação e promover formulações, reformulações e novas políticas para implementação educacional em âmbito nacional. O INEP foi criado em 1937, quando o Ministério da Educação e Saúde Pública era dirigido por Gustavo Capanema, que pretendia criar "um aparelhamento central destinado a inquéritos, estudos, pesquisas e demonstrações, sobre os problemas do ensino, nos seus diferentes aspectos" - como consta em mensagem enviada ao legislativo federal. Nos anos 50, o INEP foi dirigido pelo educador Anísio Teixeira. Depois, foi desmobilizado durante o período militar (1964 a 1985) e voltou a ter importância a partir dos anos 90, passando a ter dois objetivos principais: reorientação das políticas de apoio a pesquisas educacionais, buscando melhorar sua performance no cumprimento das funções de suporte à tomada de decisões em políticas educacionais; e reforço do processo de disseminação de informações educacionais, incorporando novas estratégias e modalidades de produção e difusão de conhecimentos e informações (MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos."INEP [Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais] [verbete]. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002, <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=373>, visitado em 11/3/2015.

Era preciso, acima de tudo, alguma medida que desse autonomia a esses cantos do Brasil de modo que pudessem à sua maneira organizar o sistema educacional aos moldes de suas necessidades, estas diferentes das demandas urbanas das grandes cidades (GOUVÊA, 2012, p. 40).

Seria um indício de um projeto educacional que iria de encontro à política de centralizadora nacional. Enquanto se busca por um lado dar o sentimento de unidade, construir uma identidade e uma Memória que pudessem se tornar uma tradição de unidade nacional, Anísio Teixeira buscava uma descentralização que desconstrói todo movimento dos anos 1950-1960.

Assim, o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE)³⁸ realçou os objetivos de mudança no fazer pedagógico nacional e logo percebemos que o impresso poderia ser um agente imprescindível para a organização dos educadores e a divulgação de ideias que buscavam desfazer o atraso educacional brasileiro. O que se buscava era satisfazer as demandas do povo brasileiro, cada canto com um problema e uma necessidade diferente, e assim a visão de um intelectual passou a fazer parte de vários projetos que ajudaram a modelar a estrutura educacional do país, mesmo sofrendo com a política de pretensões unitárias no âmbito pedagógico-educacional. O impresso passou a ser uma “estratégia de intervenção”, não só da máquina do Estado, mas como busca dos resultados das pesquisas por se tornarem efetivas em práxis (GOUVÊA, MENDONÇA e OLIVEIRA, 2013).

Por quanto a estruturação no âmbito estatal também passa pelas mudanças necessárias para adequação à nova política desenvolvimentista, os intelectuais católicos também se reformularam a partir dos debates que surgiram nos jornais entre 1927 e 1935 (STRANG, 2013). Até então não se tinha um debate mais aprofundado sobre o tema educacional representando um alicerce para o desenvolvimento humano nacional junto à criação de sua identidade própria. Mas a partir da década de 1920 começa-se a discutir a escolarização obrigatória e universal como pressuposto essencial para a formação e emancipação do indivíduo. Políticas a fim de proteger o indivíduo na área social estão na pauta de vários intelectuais, especialmente após a criação da Associação

³⁸ "O Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais foi criado pelo Decreto 38.460 de dezembro de 1955, tendo como localização a cidade do Rio de Janeiro e mais cinco Centros Regionais de Pesquisa Educacional: São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia. Efetivamente, o ano de 1957 representou um período de organização geral da instituição tanto no que concerne aos locais de instalação quanto à contratação de profissionais suficientes para dar as mínimas condições de funcionamento a estes órgãos de pesquisas." (GOUVÊA, 2013, p. 192).

Brasileira de Educação (ABE)³⁹, da implantação de várias reformas estaduais que visavam à orientação de um novo fazer pedagógico aos profissionais da educação.

A partir destes pressupostos, podemos compreender como a participação da Diocese de Nova Iguaçu, amparada em um movimento mais amplo chamado Teologia da Libertação (que trataremos mais tarde), teve sua importância na organização dos movimentos sociais da Baixada Fluminense.

No dia 25 de janeiro de 1959, o papa João XXIII convocou um concílio, que previa uma transformação católica, uma situação que incomoda os tradicionalistas. O anúncio de um novo concílio, qualificado de ecumênico e dedicado à conciliação da Igreja com "todos os homens de boa vontade", suscitou uma grande esperança. O concílio Vaticano II teve início no outono de 1962, encerrando-se em dezembro de 1965, já com o papa Paulo VI, que sucedeu João XXIII, em junho de 1963.

Cerca de 2.500 bispos votaram em Roma toda uma bateria de decisões que renovavam profundamente o perfil da Igreja e a prática dos fiéis. Eles proclamaram o direito da pessoa humana à liberdade religiosa. Em um texto surpreendente, reconheceram os valores contidos em outras religiões e chamaram seus fiéis ao diálogo com elas; de forma especial, com o judaísmo, que tanto sofreu com o anti-semitismo cristão. Os bispos não mais definiam a Igreja como uma estrutura hierárquica, mas como um conjunto de crentes iguais entre si. A primazia do papa fica inalterada, mas os bispos, os clérigos e os leigos são convidados a se engajar mais na vida e na missão da Igreja. A colegialidade é representada pela internacionalização da cúria romana, o governo central.⁴⁰

Durante esse período, questões de ordem social, política, religiosa, cultural e filiações ideológicas fundamentaram concepções pedagógicas (Ibid., p. 42). Os valores religiosos nutriram a ideologia democrática e progressista, inspirada em ideais de participação à cidadania na vida social, política e dentro das manifestações culturais presentes na caracterização de várias regiões. Desde os anos 1920, as igrejas mantinham diversidades ideológicas que impediam a uniformização dos conceitos da

³⁹ "A ABE surgiu na década de 1920, um período da história cheio de grandes e graves apreensões, reunindo personalidades ilustres e cultas, com o propósito de avaliar suas responsabilidades e deveres em relação aos grandes problemas nacionais. O sentimento comum ao grupo era a recusa da apatia, indiferença e inércia diante dos fatos que estavam ocorrendo, contrários aos legítimos direitos da pessoa humana e pondo em perigo o ideal de uma vida democrática, aspiração de nosso povo ao longo de sua evolução histórica." (SILVA, ,2009). Visitado em 18/11/14 no site: http://www.abe1924.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=63&Itemid=27.

⁴⁰ Fonte - <http://diploma.uol.com.br/2007-02,a1507> - site visitado em 28/05/2009 às 23:20hs

educação católica e da política, o que vai de encontro posteriormente às políticas nacionalistas unificadoras.

Os conflitos ideológicos do período republicano são importantes para entendermos como a influência dessas novas ideias, que vinculadas à participação mais ativa do instrumento educacional e das novas políticas públicas implementadas com objetivo de criar seres mais ativos e pensantes mediante à escola, teve participação no modelo político que o Brasil criou com base nesta perspectiva, e como toda esta relação desembocou no Golpe Civil-Militar de 1964, cerceando as liberdades civis e acirrando a disputa hegemônico-ideológica, só que agora para além do campo das ideias, no campo da força física.

O Estado passou a exercer o papel de um divisor de riquezas e defensor de um ideal comum como forma de suprimir os interesses hegemônicos idealizados pelas classes dominantes em sua ideologia dominante. Doravante o Estado seria esta instituição isolada das classes que zelaria pelo interesse em comum das mesmas. Mas na verdade o que ele fez foi destacar a classe mais poderosa defendendo seus interesses que, pelo processo de manipulação ideológica, se manifestou como interesses da sociedade. E este problema foi levado adiante também com o Golpe de 1964. Contudo, ele regula não a possibilidade de uma existência harmônica que se baseia na igualdade social, mas limita essa possibilidade. “Ele é a preservação dos interesses particulares da classe que domina a sociedade” (CHAUI, 1981, p. 70). E é graças à legislação que essa dominação se legitima e se fixa como algo ideal.

Nos anos 1950 e 1960, os intelectuais assinalaram que “a teoria está encarregada de apontar os processos objetivos que conduzem à exploração e à dominação e aqueles que podem conduzir à liberdade” (Ibid., p. 81), o que no nosso caso trata-se do Bispo Dom Adriano M. Hypólito e as suas críticas à legislação pois a mesma não corresponde às necessidades do cidadão da classe menos favorecida. “A lei é direito para o dominante e dever para o dominado” (CHAUI, 1981, p. 90), e neste caso há de se convir que o projeto da Teologia da Libertação foi a base para promover e sustentar esta crítica.

Nos anos 1950 e 1960, a Igreja se dividiu entre duas posturas na luta interna hegemônica, uma tradicional conservadora e a outra libertadora, que buscou nas ideias marxistas da Teologia da Libertação um viés mais revolucionário (SAVIANI, 2005, p.44).

Ora, o MEB (Movimento de Educação de Base) foi um movimento criado e dirigido pela hierarquia da Igreja Católica e o Movimento Paulo Freire, embora autônomo em relação à hierarquia da igreja, se guiava predominantemente pela orientação católica, recrutando a maioria de seus quadros na parcela do movimento estudantil vinculada à Juventude Universitária Católica (JUC) (Ibid., p. 45).

Sob esta luta por uma escola popular, surge também uma espécie de movimento escolanovista popular, que vai receber forte influência do marxismo com a Teologia da Libertação. Esta opção que caracterizou parte de uma luta cristã que hora aproximava a Igreja e hora a distanciava, justamente quando sua conservação entrava em cheque. Com isso, esta opção católica é fruto das conferências de Medellín (Colômbia) em 1968, e Puebla (México) em 1979, como resultado de um processo antidemocrático que crescia na política latino-americana.

O Memorial dos Bispos⁴¹ de 1958 teceu críticas a Anísio Teixeira, buscando seu afastamento da direção do INEP. Era a reação católica contra a defesa da escola pública laica e como exclusividade do Estado. A Igreja temia que a proposta da escola pública, universal e gratuita efetivasse o monopólio do Estado, fazendo com que a mesma ficasse de fora na construção da instrução do brasileiro, fazendo portanto uma coligação com os representantes do ensino privado para criticar Anísio Teixeira e os adeptos da escola unitária. Embora a Igreja quisesse manter sua parcela participativa na educação do país, Anísio não foi derrubado do cargo e recebeu apoio de intelectuais de todo o país.

Nos anos 1960, a atuação da Igreja no âmbito político foi, em parte, influenciada por pensadores marxistas como base para sua abertura aos pobres, ainda pensando no período das inovações, que afastaram muitas tradições ainda mantidas na forma de ser da Igreja, quer seja no campo social, político ou mesmo educacional,.

Este caminho pautou também a atuação do Bispo Dom Adriano Hypólito na Baixada Fluminense, criando uma atmosfera crítica que misturava religiosidade com luta popular. No próximo capítulo, estudaremos a ação dos bispos católicos durante o

⁴¹ Este Memorial redigido pelos bispos gaúchos deu ao Sul a participação na discussão entre o público e o privado no que diz respeito à educação. Tal sermão foi publicado posteriormente na Revista Vozes, nos Periódicos Unitas e Veritas, em diversos jornais do Rio Grande do Sul e do Brasil, e até mesmo nos Anais da Assembléia Legislativa do Estado.

período da ditadura militar, muito especialmente de Dom Adriano Hypólito na diocese de Nova Iguaçu.

A Igreja historicamente disputa um lugar no ensino privado e defende a liberdade para tal campo de atuação. Ademais, não se limita simplesmente ao campo formal, mas se utiliza do poder social para envolver-se na perpetuação de sua tradição no âmago da sociedade. A educação em seu modo informal, principalmente no período de perseguição dos militares, foi importante para o crescimento da democracia (tratando-se no caso de Dom Adriano Hypólito na Baixada Fluminense), esta que se maximizava na medida em que a politização proposta pelo bispo iguaçuano consolidava a formação de quadros militantes críticos ao sistema político vigente de 1964 a 1985 (idem, p. 28).

Neste caso específico da Baixada, percebemos que não havia interesse em combater outras religiões nem cuidar para que os fiéis continuassem aliados ao sistema católico, pelo contrário, o bispo criava um sistema de integração entre as etnias, as religiosidades afro-brasileiras, o espiritismo e o protestantismo que a causa de defesa do trabalhador era uma prioridade independente do credo religioso.

Tratamos de uma quebra do conservadorismo, pois percebemos que desde sua criação, a AEC reconhece sua função (também) de consolidar o ensino católico rejeitando e combatendo o ensino protestante que tanto crescia após o ano de 1945. E por se criar elos com os movimentos de renovação educacional, considerando a recente experiência de aproximação entre Igreja e Estado, fez com que protestantes aderissem à defesa da escola pública (idem, p.29).

A AEC junto à organização da política educacional católica demonstrava o desejo de aproximação da política estatal aos princípios políticos e sociais católicos, incluindo o ensino religioso nas escolas públicas, além da rejeição absoluta ao comunismo ou de ideias liberais; incluía ainda a formação humanista, negação ao projeto da pedagogia naturalista e apoio a Instituições de Ensino Superior no período de Vargas no poder (idem, p.44).

A evidência discutida acima nos leva à conclusão de que os preceitos católicos eram elitistas e excludentes, e que não admitia um desvio a não ser que pudesse ser reparado conforme sua tradição, de maneira a elevar a participação da Igreja em assuntos que antes estavam restritos a outras instituições governamentais ou não.

A AEC serviu como uma das alternativas e expansão do ensino católico no país no período pós-varguismo, quando os enfrentamentos com os defensores do ensino público, do protestantismo, do laicismo liberal e do marxismo se tornavam algo mais constante e de força real ameaçadora ao projeto católico de educação (idem, p.45).

Após a década de 1970, a política da AEC se identificou com os setores progressistas que contavam com ampla participação dos educadores leigos voltados com ênfase para a educação popular (idem, p. 46).

As reformas promovidas em 1952 pela Assembleia Nacional da AEC proporcionaram um fator de aproximação com o lado progressista da Igreja, mais tarde reforçado pelo Concílio Vaticano II e aproximação da Instituição Católica com as classes populares (idem, p. 47-48).

De tais Assembleias, podemos destacar com veemência a importância de sua atuação ao estabelecer uma rede com religiosos e leigos no interior da entidade. E em meados de 1980, com o avanço do processo de redemocratização no país a AEC seguiu o caminho de associação da educação com os problemas ligados à injustiça social. Na medida em que a opção pelos pobres e temas ligados à justiça social tomavam os contornos decisivos na jornada da AEC, o número de participantes nas Assembleias/Congressos aumentava e os níveis de atuação no âmbito social também. Este fator participativo também ocorreu devido à descentralização da instituição, que melhor se distribuiu administrativamente pelos estados (idem, p.51-52).

Em 1952, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) apareceu como principal órgão político da Igreja no Brasil, e seus debates giravam em torno das possibilidades de atuação da Igreja dadas às estruturas que configuravam a conjuntura do período (idem, p. 54-55).

Nos anos 1960, esta entidade viria a ser um importante ator político, em momentos de acordo com a ditadura, com alguns membros conservadores, outrora criticando fortemente o sistema vigente. De fato, existiam os que oscilavam em suas posições, chamados de moderados, buscavam não se comprometerem tanto com este conflito político.

Na medida em que os anos 1980 decorriam, a participação popular na AEC aumentava e, também, a inserção de temáticas em torno da redemocratização, justiça social e crítica ao militarismo repressivo nas discussões promovidas nas reuniões da instituição.

AEC e CNBB foram duas instituições que andaram juntas na atuação política católica, e esta parceria vai se prolongar inclusive até a elaboração da Constituição de 1988, da qual tiveram sua parcela de contribuição.

O Concílio Vaticano II foi impactante na influência destas duas instituições, criando rumos que promoviam debates que se aproximavam dos anseios das classes populares.

A proposta do Movimento de Educação de Base (MEB-1961) foi atrativa às novas experiências para a educação popular, e sua vinculação à CNBB, trabalhando com meios não-escolares para a contribuição nos processos de emancipação humana (idem, p. 56).

A missão católica está intrinsecamente ligada à educação, esta que se funde ao projeto de fortificação da fé e garantia dos princípios cristãos na continuidade e conservação da tradição. A Igreja no seu projeto de incorporação à realidade natural de cada ser social articula sua missão própria espiritual às condições políticas de acordo com a abertura proposta pelo meio social, assim ela estende sua área de atuação e a eficácia do seu programa de assistência religiosa mesclada à social (idem, p.77).

Diante da percepção de sua importância em relação à sociedade, reivindicando seu espaço, uma parcela da Igreja reservou para si o papel da condução moral e, como uma metamorfose, para seguir os anseios sociais, se adaptou ao papel de condutor político com ênfase na melhoria das condições sociais das classes populares.

A Igreja em primeira instância, com sua natureza conservadora e anticomunista, majoritariamente decidiu apoiar o golpe de 1964, mas depois teve suas atuações reprimidas pela mesma configuração política que defendeu antes de 1964 (idem, p.86).

Foi incontestável o fortalecimento do setor progressista nos anos 1960, principalmente após a realização da II Conferência Geral do Episcopado Latino - Americano, em Medellín, na Colômbia, em agosto e setembro de 1968, quando foram discutida a atuação dentro das necessidades latinas de interferência da mesma na vida política e social do povo. As concepções formuladas no Concílio Vaticano II foram reforçadas e, neste contexto, o governo passou a rejeitar a participação da Igreja em espaços tradicionalmente utilizados pela mesma antes da mudança de postura.

Dos textos produzidos na Conferência de Medellín, percebeu-se que o sistema econômico e político implantado na América Latina não dava conta de suprimir as injustiças sociais. Diante deste dilema, o pensamento católico foi incorporado à ação

política e a partir de então a Igreja passou a representar a voz do povo e sua autoridade passou a agir em busca da diminuição das desigualdades sociais (idem, p. 98).

"O conceito de 'educação libertadora', que pode ser traduzido como educação que prioriza a prática política, articulada com a preocupação em construir 'estruturas intermediárias' está na raiz da difusão das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), que constituíram uma das principais forças de sustentação de inúmeros movimentos sociais nascidos e desenvolvidos ao longo das décadas de 1970 e 1980, sobretudo nas periferias urbanas" (idem, p. 99)..

As CEB's são uma extensão da forma de educar a Igreja progressista. Nelas o religioso e o leigo encontram a orientação cristã contextualizada ao novo modo de ser de uma parcela da Igreja voltada à responsabilidade social e apoio às causas das massas populares.

O esgotamento do acelerado processo de modernização iniciado após o golpe de 1964 deu ao regime bons saldos econômicos, atribuídos também à política de contenção de salários da classe trabalhadora, pois pela intervenção repressora às classes populares se viam com pouco poder de reação. Fato que teve uma reviravolta quando no início dos anos 1970 a economia passava a dar sinais de esgotamento, dando cada vez mais margem às críticas e ao surgimento de setores da sociedade que combatiam a forma de atuação dos militares. Os exemplos são os setores ligados à Igreja.

A mudança na estrutura da Igreja pode ser atribuída à tentativa de expandir sua influência em setores mais diversificados da sociedade. Esta é uma prática comum em instituições que têm interesses na sociedade, e para conservar suas influências, são obrigadas a cumprir com mudanças consideráveis na sua forma de atuação (MAINWARING, 1989, p.17).

Se preservar a sua influência social é uma prática constante da Igreja, podemos ter um outro olhar que problematiza as mudanças ocorridas na Igreja brasileira após os anos 1960: o progressismo não seria uma ideia conservadora no sentido de ser um recurso para a conservação da influência da entidade diante da maior diversidade possível de setores sociais?

Para tanto, a Igreja funciona de acordo com as diferentes formas de interpretação da própria função eclesial. A ação progressista poderia ser uma mera defesa de sua influência.

Ademais, alguns setores da Igreja, como no caso dos progressistas, podem não considerar o objetivo último da Igreja os mesmo considerados acima. Esta visão permite-nos a ampliação do horizonte de atuação cristã que culmina no fenômeno da Teologia da Libertação a partir da década de 1960.

Com o Concílio Vaticano II a Igreja escolheu a quem iria favorecer a partir de então. Sua construção ideológica passou a funcionar em detrimento das massas, menos porque não havia oposição em seu interior, mais pelo momento histórico para a manutenção de sua influência (idem, p.19). Esta nova postura aproximou a Igreja das classes populares e afastou das elites. E essa nova perspectiva, para muitos tradicionais foi motivo para um rompimento, pois consideravam tal postura uma atuação política e não religiosa.

A criação da atmosfera que unia a política e a religião foi necessária para os fins do novo projeto eclesial. Para esta nova determinação as CEBs também tiveram sua parcela de contribuição.

A mudança de postura trazia conflitos entre Igreja e elite, Igreja e Estado, e para muitos acostumados pela tradicional união entre estas instituições, a nova postura era incabível e inaceitável (idem, p.20). Este novo modelo entrava em conflito também porque tratava-se da "criação de um sentido comunitário em torno da fé" (ibidem), e este sentido se ampliou e criou novos laços de identidade entre o leigo e a instituição católica.

A identidade da Igreja mudou no período estudado, não porque novas ideias foram adicionadas ao modo de ser da mesma, mas porque a conjuntura política e social da América Latina sugere uma nova forma de compreensão da realidade e, conseqüentemente, da sua forma de atuar no meio social.

A igreja não é só uma instituição que sofre mudanças, ela também influencia no câmbio cultural, político e ideológico. "Ela afeta a formação da consciência das várias classes sociais, mobiliza algumas forças políticas ou as critica" (idem, p.26-27).

Os movimentos leigos de cunho popular não teriam se desenvolvido se a Igreja não desse suporte de cima da hierarquia, entretanto, não podemos reduzir apenas a uma mudança na forma de atuação da Igreja no que diz respeito à instituição e ao seu alto comando hierárquico. A mudança de postura e opção dos pobres só foi possível a partir do surgimento, de modo orgânico, de movimentos leigos contextualizados com as demandas de reflexões acerca das desigualdades e injustiças sociais (idem, p.29).

Um dos fatores ligados à particularidade da Igreja brasileira se dá na autonomia que o Vaticano propôs, gerando independência das igrejas. O Brasil já não era tão ligado ao Vaticano em sua maneira de atuar nas igrejas, e já caminhava para tal autonomia, esta que foi reafirmada com tal determinação de Roma. Mas com João Paulo II, esta autonomia retrocedeu, e isto se deu porque o mesmo viu a situação da América Latina, com tanta autonomia, oferecer risco e fugir do alcance da autoridade papal (idem, p. 32).

A Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) acabou sendo a maior voz dos progressistas dentro da instituição, que compensavam seu menor número equilibrando a disputa com cargos importantes na CNBB, fato este que fortalecia as ações populares em função das causas sociais.

O espaço dado ao movimento de leigos dentro da Igreja possibilitou ainda maior autonomia às igrejas em diversos cantos do país após os anos 1960. E esta preocupação com a participação mais ativa dos leigos tornou-se pauta na fala da CNBB sempre que se direcionava à nova forma de atuação da Igreja após o crescimento do movimento progressista (idem, p.70).

Entre 1974 e 1978, o governo do então presidente Geisel caracterizou-se por ter uma dicotomia entre a política de liberalização e a realidade dura que ainda focava os esforços na segurança e manutenção interna do regime militar (ALVES, 1984, p.200).

Esta intensificação das medidas que protegiam o Estado se deu à medida que o crescimento dos direitos humanos afrontavam a maneira com que os militares levavam adiante seu sistema político. E foi neste ambiente repressivo que a sociedade encontrou amparo na Igreja e obteve resposta da mesma na medida em que os religiosos buscavam dar conta do suporte às massas, quer seja no âmbito espiritual ou no campo das políticas sociais. No caso da Baixada Fluminense, tivemos grandes mudanças que proporcionaram um crescimento significativo na participação do povo nas ruas, nos protestos e na discussão dos problemas sociais que afligiam tal região.

Faremos, então, uma passagem histórica nos períodos que dizem respeito à fundação da Diocese de Nova Iguaçu e como foi a passagem para o bispado de D. Adriano Hypólito. Suas ideologias conflitantes e as disputas ideológicas que colaboraram para um cenário de confrontos e disparidades diante da hierarquia católica, mas também geraram uma aproximação da Diocese com o apoio da Confederação Nacional dos Bispo do Brasil (CNBB), às classes populares.

CAPÍTULO II - A diocese de Nova Iguaçu e a trajetória de D. Adriano Hypólito.

2.1 - Os primeiros passos da Diocese de Nova Iguaçu

A partir das origens da chegada da Igreja ao Brasil e a contextualização do papel da Igreja sob o olhar da História da Educação, aspectos estudados no primeiro capítulo, podemos compreender como a participação da Diocese de Nova Iguaçu, amparada em um movimento mais amplo chamado Teologia da Libertação, também pensado a partir do Concílio Vaticano II, teve sua importância na organização dos movimentos sociais da Baixada Fluminense.

No caso da Diocese Iguaçuana, percebemos a influência de um padre chamado João Mush, alemão, que veio em missão para o Brasil em 1910. Ficou em Santa Catarina, na Diocese de Florianópolis, com objetivos de aprimorar seus estudos. Posteriormente, foi para o Rio Grande do Sul, permaneceu no Seminário Provincial de São Leopoldo por um período de dez anos e terminou a sua formação em 1920, vivenciando o percurso cultural de um alemão em terras estrangeiras em busca de um projeto evangelístico que o firmaria como um grande personagem no cenário político ,religioso e pedagógico na Baixada Fluminense (AZEREDO, 1980, p.16).

Em 1928, o Bispo de Piraí, Guilherme Muller, nomeou João Mush vigário de Paracambi e Nilópolis com posse em 11 de novembro, que começou seu trabalho espiritual e material dos quais “tudo estava por fazer”. Como política interna da Igreja, a partir de todo o cenário nacional discutido no nosso texto, tomou a decisão de criar um colégio moderno em Nilópolis que pudesse superar as expectativas de uma região pobre, embora com potencial. Assim, em 28 de julho de 1929 – nasceu o Colégio São José . Segundo Azeredo (1980, p.17-18)., “Em 1930, o número de matrículas atingia 306 e a média de frequência 203 alunos. Já no ano seguinte, isto é, em 1931, as matrículas subiam a 357 e a frequência a 254.” Logo o ensino das primeiras letras em Nilópolis passou a ter como referência o Colégio São José, que tinha o padre João Mush à frente da orientação espiritual, “Além de construir a maior parte da igreja em Nilópolis e fundar o Colégio São José, ele também construiu em Paracambi uma escola e melhorou consideravelmente as capelas de Belém e Austin (Ibid.p. 16),

Em 27 de dezembro de 1929, João Mush foi nomeado vigário da Paróquia de Santo Antônio de Jacutinga. Em junho de 1930 o Padre Mush organizou a primeira festa de Santo Antônio. Na comissão de festeiros já podemos perceber quais eram as pretensões do padre quando a constituiu de figuras de relevo na sociedade iguaçuana, como os senhores Major Honório Pimenta de Sansa Moraes (presidente), Tenente Antônio Pinto Duarte Júnior (secretário), Coronel José Lopes de Castro (tesoureiro), Capitão Joaquim Quaresma de Oliveira, José Vasco Júnior, José Augusto de Matos, Carlos Antônio de Matos (coletor estadual), José Martins de Azevedo, Tertuliano Pereira de Melo, o jornalista Silvino de Azeredo, Deodécio Dias Machado e Alberto de Freitas Soares. Os festejos foram programados, para os dias 13, 14 e 15 de junho. A morte no dia 9 de junho de 1930 de um dos organizadores, o Major Honório Pimenta, fez com que a cidade entrasse em luto por este grande “benfeitor da igreja iguaçuana”, assim como foi descrito, e os festejos foram transferidos para 28 e 29 deste mesmo mês, sendo realizada apenas a missa solene em louvor ao padroeiro no dia 13 de junho (Ibid., p. 21).

E a aproximação não foi só da elite econômica tradicional de Nova Iguaçu, mas também com as autoridades governamentais, experimentando a mesma troca de favores que vigorava em outras regiões, como foi descrito no Distrito Federal por Strang (2013). Em 21 de Junho de 1931, Getúlio Vargas, até então Chefe do Governo Provisório do Brasil, presenciou alguns feitos como calçamentos de ruas e o lançamento da pedra fundamental do Hospital de Iguaçu (hoje, Hospital da Posse), e à luz da celebração da missa campal pôde falar para essas autoridades e receber o prestígio das mesmas.

No interior da Igreja iguaçuana, o Padre Mush iniciou a sua tentativa de se tornar referência também no ensino e se assustou com a suposta inclinação ao espiritismo causada pela projeção de ideias religiosas propostas pelo Ginásio Leopoldo Machado, organizado pelo professor Leopoldo Machado. Essas ideias eram difundidas e tomavam grande expressão na própria paróquia regida por Mush. Com isso ele tentou uma licença para aplicar suas ideias doutrinárias no ginásio, não obtendo êxito por falta de apoio da comunidade, até por se tratar de uma questão de rivalidade envolvendo uma tentativa frustrada que estava mais baseada em uma provocação do que em uma proposta séria e determinada.

Em Nova Iguaçu teve início a tentativa da Igreja em conseguir mais adeptos que a partir da identidade e da tradição religiosa católica pudessem desfazer o prestígio até então conseguido pelo Ginásio Leopoldo e inverter este processo para benefício de um ensino católico que pudesse tocar na moral das pessoas e recriar um indivíduo adequado às tradições católicas.

O professor Leopoldo Machado, que não adotava o ensino do espiritismo em seu estabelecimento, havia vetado a solicitação por meio do professor Vitorino Cardoso de Matos, e como modo típico de se expressar solicitou que ensinasse espiritismo na igreja católica em troca do ensino católico no ginásio. Sabendo que o padre não aceitaria, concordou que um acordo seria impossível. Por outro lado, para reverter tal situação que considerava um perigo para a tradição católica na Baixada Fluminense, o padre fez sua própria escola sob a Igreja Matriz aos cuidados do professor Joaquim Cardoso de Matos, depois auxiliado pelo estudante Euclides, filho do paroquiano Arthur Ferreira de Souza, em dois turnos - manhã e tarde. Com o sucesso do colégio construiu o Ginásio Santo Antônio, depois Colégio Santo Antônio, e logo como Colégio das Irmãs, sob as orientações de irmãs franciscanas.

Todo esse empenho de João Mush em transformar a Baixada em uma referência religiosa do catolicismo estava evidente em suas ações. A criação dos colégios, a aproximação com os nomes da política e sua troca de interesses fazia com que a Igreja fosse um degrau a ser superado em qualquer assunto ligado à dinâmica social que interferisse na massa popular. Inclusive os altos custos de seu projeto na obra da igreja seguiam além das possibilidades reais, o que relevou mais ainda a participação da elite iguaçuana que dispunha de recursos financeiros que possibilitaria tal obra..

Desta forma, torna-se visível, diante de todo este trabalho Institucional, a busca da Igreja em superar as práticas populares já instauradas no coração da sociedade, principalmente nas classes populares. Assim, temos a preocupação com uma educação religiosa que pudesse se comprometer com a base estrutural para uma possível coesão em torno da fé católica, da Memória e da tradição.

Em 11 de novembro de 1934, onde havia um cemitério, foi alicerçado o que depois se tornaria o colégio das Irmãs. “Quando do lançamento da pedra fundamental do Colégio e Escola Normal, comparecem no ato (...) pessoas de destaque na sociedade iguaçuana” (Ibid., p.31), o que demonstra uma aproximação com os poderes públicos e os grandes personagens que compõem a elite política e econômica de Nova Iguaçu, tais

como o prefeito Arruda Negreiros, professores, padres, farmacêuticos e militares que buscavam conciliar a religiosidade com seus interesses particulares.

A escola normal, tanto quanto o curso primário nasceria também em consequência da do Ginásio Leopoldo...Senão, vejamos: Padre João - ele próprio confessou - ouvindo o que se falava nas praças e ruas, isto é, que o Professor Leopoldo Machado iria abrir no seu ginásio um Curso Normal, pensou que esse fato causaria um desastre fatal à religião católica. Assustado, levou ao conhecimento das Irmãs Franciscanas o que se propalava e o que ele pretendia fazer. Mas não teve receptividade. As Irmãs Franciscanas não sentiam o problema como o vigário e não tinham mesmo condições, ressentindo-se sobretudo da falta de professores à altura. Padre João, como sempre, não esmoreceu. Apelou para o Bispo Diocesano, que por sua vez solicitou encarecidamente às Irmãs Franciscanas que apoiassem a ideia do Padre João. E começou, a partir do acordo estabelecido, a luta para se conseguir a necessária permissão das autoridades estaduais, no setor do ensino. Padre João, não demorou muito, saiu vitorioso: a Escola Normal já poderia funcionar a 17 de julho de 1937.(Ibid., p. 32)

Apesar de todo esforço do padre em combater a expansão do espiritismo que, segundo ele, era propagado pelo Ginásio Leopoldo, e muito mais se tratando da formação de normalistas que ensinariam as crianças seus primeiros passos na vida. Este medo fez com que houvesse certo endividamento por parte da Igreja em função da criação do Curso Normal, mas encontrava-se ali o primeiro passo, na visão de Mush, para uma fixação da tradição católica na Memória do cidadão da Baixada Fluminense.

Já com sua consolidação em 1937 com uma igreja forte, um colégio com Curso Normal, as garantias desta Memória monumental estavam mais claras considerando que suas marcas já haviam sido estabelecidas na sociedade iguaçuana. Mas a Igreja iguaçuana ainda não executava um trabalho conscientizador, que só encontraremos nos anos 1960 após a tomada de decisão da Diocese de Nova Iguaçu em seguir em função dos pobres e trabalhar como agente político e implementador de ideias que poderiam se tornar ações contra o regime militar instaurado em 1964.

No final dos anos 1930, conforme já assinalamos, a Igreja procurou se aproximar dos líderes e personagens do setor político e do econômico que pudessem ceder privilégios em troca de legitimações por meio da persuasão religiosa e por meio do trabalho evangelístico posto em prática para as crianças, na parte educacional, revelando a preocupação com a formação deste professor formador de opiniões. Por outro lado, a ajuda aos necessitados se estendia como uma atitude espiritual, ou seja, uma colaboração para a amenização do sofrimento alheio de forma que surtisse algum efeito em imediato, mas que

de qualquer forma não mudaria a condição de oprimido a longo e, muito menos, em curto prazo. Tratava-se de uma questão de caridade, que não se comprometia em mudar a estrutura da sociedade, mas que buscava mostrar ao pobre que uma beatitude edificaria o homem e traria a salvação. Desta maneira, encontrou-se uma justificativa para o evangelismo e a integração deste oprimido ao meio cristão por meio da coerção, do convencimento de que as atitudes de caridade expressariam o melhor do ser humano, mesmo sem considerar a superficialidade que esta ação carrega se tratando de participação social da Igreja. E esta percepção fica mais clara ainda quando nós, contemporâneos, temos a possibilidade de investigar a potencialidade com que a Igreja tratou as causas sociais em âmbito nacional e mesmo no local, tratando-se da Diocese de Nova Iguaçu.

Em 1937, ficou pronta uma das maiores obras da Igreja de Santo Antônio de Nova Iguaçu, foi criada uma “torre de 52 metros ladeada, por dois anjos, ficando o Cruzeiro no topo armado com 230 lâmpadas” (AZEREDO, 1980, p. 45). Com isso também fizeram por ampliar as dependências do Ginásio Santo Antônio de 1934 a 1940, atingindo dois andares com várias salas, capela, dormitório etc.

Em anexo, seguiram-se as obras do Colégio Santo Antônio, entregues aos construtores Campar & Filhos, constituídas de três salas, dois salões, um térreo para cinema e festas, outro superior para dormitório. O colégio ficou pronto em 1949, inaugurando-o no dia 1º de maio o Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara. Naquela oportunidade Padre João soube que se elevava a Monsenhor (...) (Ibid., p. 45).

Com os novos sucessos do padre João Mush, a igreja iguaçuana teve um período de bastante prosperidade. A grande renda dos seus seguidores sustentava as tentativas de reerguer a fé católica nesta região que sofria a disputa com o espiritismo. Com a festa de Santo Antônio de 1951, sobrou-lhe um saldo de 180 contos para investimento na igreja, o que fez com que a Comissão de Festeiros propusesse a construção de uma cúpula na igreja, claro que amparado pela injeção de investimentos destes personagens que compunham a Comissão e também das autoridades locais que tinham grande simpatia pela doutrina católica e a gestão de João Mush. Porém, um problema na construção fez com que enorme quantidade de dinheiro fosse desperdiçada, mas com a ajuda da Comissão de Festeiros e empenho geral dos fiéis que poderiam investir na igreja foi confirmada a construção de uma nova cúpula “dessa vez confiada à firma Erick Berthold & Cia. Ltda., que teve início em janeiro de 1956, ficando pronta em agosto do mesmo ano” (Ibid., p. 47). E outras obras

foram efetivadas com a ajuda de fiéis que detinham poder aquisitivo tais como o calçamento do adro e passeio em frente da igreja.

A troca de favores em benefício da estratégia não só da permanência da tradição e Memória da Igreja na Baixada, mas da reconstrução de uma influência ativa no âmbito sócio-político, e também em função da percepção da elite política e econômica de que a Igreja seria um meio produtivo para a elevação de seu status e também da preservação do mesmo por meio da legitimação do seu poder através do apoio eclesiástico. Este apoio se efetivou em oportunidades que a Igreja cedeu aos tais membros da elite para confiarem no discurso sua persuasão no âmbito político e manipulação da classe pobre usando como proveito a vulnerabilidade da fé depositada na Igreja e em sua autoridade tradicional e histórica. No decorrer do nosso trabalho ficará mais claro como a autoridade católica consegue, por meio da submissão do fiel à fé, controlar as massas de modo que permaneçam sem reações quanto aos poderes que oprimem a sociedade social, cultural e politicamente.

O título honorífico, com votação unânime da câmara de vereadores de Nova Iguaçu, de cidadão iguaçuano nos faz atentar à ligação com os poderes municipais. Mas João Mush não quis receber o título na câmara dos vereadores, evitando críticas em relação a esta aproximação, por isso pediu que o entregassem na igreja.

No decorrer dos anos 1953 a 1956, houve a intensificação pela imprensa em buscar recursos que pudessem realizar as obras na igreja iguaçuana. E nisso percebemos o quanto é intenso o apelo às autoridades e às famílias com status econômico elevado que fazem parte da política da religião:

[..]a restauração de nossa igreja, com obras complementares que venham engrandecê-la, é tarefa que espera toda a atenção dos católicos iguaçuanos, sobretudo daqueles que têm influência e dispõem de recursos, para elevá-la à altura do merecimento não só de Santo Antônio, mas ainda da cidade de que ele é padroeiro. As festas do padroeiro da cidade, sempre as maiores e mais organizadas que temos visto, não raro deixam saldos apreciáveis, que poderiam ser empregados exclusivamente na edificação da igreja. O que falta é coordenação, esforço comum nesse sentido, e isto poderia conseguir-se por intermédio de uma irmandade bem constituída em com plenos poderes, capaz de levar avante, com toda segurança, os propósitos de Monsenhor João Mush, que bem sonhando há tanto tempo com um novo templo para o glorioso padroeiro da cidade, tão grande e tão belo como a fé da família católica de Nova Iguaçu (31-5-1953) (Ibid., p. 56).

Os ideais propagados nos anos do desenvolvimentismo não deixaram de existir nas relações eclesiais, pois o prestígio que João Mush herdou de seus feitos são considerados por Dom Agnelo Rossi (1913 - 1995)⁴² como “um grande serviço no caráter de respeito à família e no cumprimento de seus deveres sociais, no amor à Pátria e na fé inabalável em Deus” (Ibid., p. 58-59). No entanto, suas atitudes eram entendidas como um valor à família e à Pátria e, com isso, a escola gestaria este processo de agente colaborador da família e da Igreja, o que neste caso encontra-se completamente vinculada aos princípios morais cristãos, já que esta escola faz parte da própria igreja de Nova Iguaçu.

O aumento da população da Baixada Fluminense demandou que fosse instalada uma Diocese que se comprometesse com essa região, iniciativa tomada em 1953 por Dom José André Coimbra, bispo de Barra do Piraí. Assim sendo, foi necessária a ampliação da igreja de Santo Antônio para que pudesse receber essa nova responsabilidade. Porém, só em 1960 foi possível a instalação da Diocese, juntamente com a posse do bispo Dom Walmor Battú Wichrowski (1920 - 2001)⁴³. E as autoridades locais juntamente com personagens da política e da economia local foram prestigiadas com sua contribuição à elevação para o status de Diocese. O novo Bispo não teve boas relações com João Mush devido às divergências em relação à atuação da Igreja com os fiéis e em sua administração, o que sacrificou a estada do padre por mais tempo. Sua ida para Patos de Minas ocorreu com a ajuda de uma tradicional família iguaçuana, os Távora, e assim não se teve mais tantas notícias do padre.

A Igreja iguaçuana tinha uma boa relação com a imprensa local, principalmente no que diz respeito ao Correio da Lavoura⁴⁴, que cedeu espaço ao novo encarregado da Catedral de Nova Iguaçu para que prestasse sua homenagem ao trabalho de João Mush propriamente depois da divulgação de um artigo do editorial intitulado “E o nosso sentimento de gratidão?”⁴⁵ que expunha grande insatisfação com o pouco

⁴² Décimo sexto bispo de São Paulo, sendo seu quarto arcebispo e segundo cardeal. Teve grande prestígio nos cargos eclesiástico e apoiou o regime militar, ocultando muitas torturas como as do Frei Betto e os dominicanos que o acompanhavam.

⁴³ Bispo auxiliar da Diocese de Santos e São Paulo em 1958, assumiu a Diocese de Nova Iguaçu em 1960 mas ficou menos de um ano, sendo desviado para a Diocese Cruz Alta, no Rio Grande do Sul.

⁴⁴ Jornal impresso com notícias locais que dava grande voz à religiosidade e as autoridades católicas da Baixada Fluminense fundado em 1917; defendia a prática da lavoura, da higiene e da instrução, que eram definidas como essenciais para o desenvolvimento da cidade de Nova Iguaçu até os anos de 1950. Com a chegada do bispo Dom Adriano Hypólito, o jornal passou a ceder espaço para uma coluna que passou a ter um considerável número de leitores, colaborando com a proliferação das ideias progressistas do bispo.

⁴⁵ Publicado em 28-05-1961 pelo Correio da Lavoura.

reconhecimento com o trabalho do padre Mush (Ibid., p. 72). Enfim, era uma tradição formada por trinta anos em um relacionamento de bastante proximidade entre os poderes locais e os eclesiásticos. O medo do desconhecido trazia a desconfiança de uma nova gestão ainda não comprometida com a situação política e econômica construída, até então. A gestão do padre João Mush teve como um dos pilares a aproximação da classe pobre.

Com toda a repercussão na imprensa local e os comentários na cidade, aumentava o sentimento de veneração ao ex-vigário João Mush, que em sua carta datada de 25 de março de 1961, de Patos de Minas, colocou em destaque o possível abandono religioso na região da Baixada Fluminense. Nesta carta fez referência à deficiente assistência religiosa católica, pois muitas igrejas protestantes, centros de umbanda e candomblé, além do espiritismo, como relatado, já compõem o conjunto de crenças religiosas da Baixada Fluminense.⁴⁶

O abandono por qual se remete Mush em sua carta ignora os sentidos sociais e somente se atenta ao amparo religioso.

A Igreja – no entendimento de Mush – deveria trazer a mensagem de prosperidade para este povo, mas não que tais atitudes conseguissem e pretendessem mudar o quadro de privilégios da sociedade elitista e, sim, que a esperança de crescimento amparada pela assistência religiosa deveria ser agregada à mensagem cristã. Desta maneira, o povo teria a quem recorrer e em quem confiar, e esta representatividade é o que move o poder da autoridade cristã católica, onde a miséria e a opressão formam o trampolim de sucesso das elites políticas e econômicas.

Não vimos, portanto, nenhuma atitude significativa da Igreja em Nova Iguaçu que buscasse mudar a situação social da classe pobre, pelo contrário, a orientação pela fé no cristianismo era objetivada como um processo de legitimação dos poderes da tríade que se fazia presente nesta região da Baixada Fluminense.

Com a volta à cidade de Nova Iguaçu em março de 1965, João Mush foi recebido por políticos e membros da elite iguaçuana. Esta amizade selou o que chamamos de amizade construída a partir da proximidade conveniente. Já debilitado

⁴⁶ O protestantismo começou a crescer com mais intensidade a partir dos anos 60 com o movimento neopentecostalista. Várias Igrejas surgiram nesta época, embora existam algumas igrejas anteriores a este período, não tinham tanta expressão, mas eram presentes. Também há registros de centros de Umbanda e Candomblé nestas datas posteriores aos anos 50 com mais intensidade, embora houvesse alguns centros anteriores a este período.

fisicamente, fez com que fosse bem acompanhado com os melhores médicos da cidade e o melhor tratamento para que fossem amenizados seus problemas de saúde.

Com a morte do padre João Mush em 6 de dezembro de 1965 não lhe faltaram homenagens, como a inauguração do túmulo do padre em 13 de dezembro de 1967, dirigida pelo Dr. Altair Pimenta de Moraes. E no dia 10 de fevereiro de 1968 inaugurou o Viaduto Padre João Mush, “com a presença honrosa de autoridades estaduais, municipais e civis, militares e eclesiásticas, além do povo católico com seu entusiasmo e aplauso” (AZEREDO, 1980, p. 103).

Com a ida de Dom Walmor Battpu Wichrowski em 1961 para Santa Maria - RS, logo chegou o novo Bispo Dom Adriano Mandarino Hipólito, que tomou posse em 6 de novembro de 1966 na Diocese de Nova Iguaçu, recebendo a gestão do Administrador Apostólico Dom Honorato Piazero .

2.2 A Ditadura Militar e a atuação dos bispos católicos no Brasil: o caso de Dom Adriano Mandarino Hypólito na Baixada Fluminense.

Se compreendemos o período do Golpe civil-militar de 1964 como uma passagem para um regime autoritário e opressor, temos por base um padrão, principalmente no que diz respeito ao tipo de política que era mantido no Brasil até meados dos anos 1960.

As décadas de 1950 e 1960 assistiram a conflitos ideológicos que dividiram progressistas e conservadores. Embora a Igreja seja uma instituição conservadora, se inseriu no meio dos progressistas para uma re-projeção a partir da promoção humana daqueles que se encontram na condição de oprimidos, e esta re-projeção aproximou o cristão do campo de atuação de outras linhas bem distintas dos objetivos da Instituição. São movimentos de leigos cristãos, comunistas, marxistas, liberais, todos com objetivos traçados e com propósitos bem definidos.

Em função do seu papel enquanto autoridade, uma parcela da Igreja se colocava em posição privilegiada no que diz respeito à organização dos movimentos sociais. Com o golpe, os setores católicos que atuavam nas organizações populares foram confundidos com o comunismo. Este advento não ocorreu em função dos objetivos institucionais católicos, mas sim por conta do envolvimento das múltiplas facetas que cristãos atribuíram ao evangelho, transformando-o e adaptando-o ao ideal de luta dos

comunistas e outros setores que divergiam com os ideais dos militares então no poder (RAMOS, 2005, p. 119 - 120).

Todo o cenário de pobreza, mais a perseguição dos militares àqueles que divergiam de suas ideias gerou muita resistência das partes que lutavam por melhores condições de vida, incluindo o movimento eclesialístico de aproximação dos mais pobres, que mesmo com objetivos institucionais bem definidos, se confundia com as causas e as lutas populares (Ibid., p. 121).

Os desdobramentos da participação da Igreja na luta contra a repressão militar e o estado de pobreza da população foram inevitáveis. Como consequência tivemos uma parcela da Igreja como autoridade representativa do povo nas causas políticas e na busca por um esclarecimento que emancipasse o sujeito e trouxesse uma posição mais autônoma para as classes populares lutarem por seus direitos. Tratava-se também de deixar de aceitar a situação desumana da pobreza.

Na Baixada Fluminense, mais especificamente na Diocese de Nova Iguaçu, o franciscano sergipano Dom Adriano Hypólito iniciou seus trabalhos como Bispo no ano de 1966 e em sua administração podemos dizer que houve mudanças no modo de agir da Igreja em relação às desigualdades sociais, e vai ser exatamente este o incômodo para as elites e, posteriormente, para o autoritarismo do governo militar.

Todo este cenário de luta da Igreja em Nova Iguaçu, que vamos enfatizar doravante, foi fruto de um reposicionamento da ala mais progressista, esta que vai de encontro a todos os valores pregados até então que se relacionavam com a conservação dos princípios hierárquicos e dogmáticos da fé católica.

A partir do segundo milênio, a Igreja havia se organizado segundo um forte esquema hierárquico e uma compreensão jurídica dos relacionamentos entre os cristãos, apresentando inegáveis aspectos mecânicos e coisificados. 'A Igreja seria uma grande organização regulamentada por uma hierarquia que detém o poder e cuja clientela apenas teria que observar as regras e seguir as práticas. Não seria isto uma caricatura? Nem tanto', confessa o eclesiólogo Yves Congar (CONGAR apud BOFF, 2008, p. 18).

O Bispo Dom Adriano Hypólito teve como uma de suas características no plano

de atuação política a criação das Comunidades Eclesiais de Base (CEB)⁴⁷, "elas constituem um novo modo de ser Igreja. Nesse sentido, representam uma resposta específica a uma conjuntura histórica vigente" (DEMO, CALSING, 1977 p. 18-19). "Teologicamente significam uma nova experiência eclesiológica, um renascer da própria Igreja e por isso uma ação do Espírito Santo no horizonte das urgências de nosso tempo". (PAULO VI, 1974, p. 945).

A falta de interesse da cúpula da Igreja em relação às comunidades, juntamente com a demanda que crescia mediante o aumento da população pobre no Brasil, unindo-se à falta de ministros ligados à Instituição resultou no ganho da confiança de leigos que passaram a exercer papéis que antes somente os religiosos eleitos pela Igreja poderiam atuar. Como disse Leonardo Boff, "não se trata da expansão do sistema eclesiástico vigente, assentado sobre o eixo sacramental e clerical, mas da emergência de uma outra forma de ser Igreja, assentada sobre o eixo da Palavra, da Caridade e do leigo (2008, p. 19).

Leonardo Boff (2008, p. 25) fala sobre o depoimento de uma velhinha que descrevia as igrejas protestantes iluminadas e com uma vibração intensa no seu interior no período do Natal, e comparou às igrejas católicas que não tinham um padre para ministrar a missa e se encontrava fechada "em trevas".

A vida cristã nas CEBs se caracteriza pela ausência de estruturas alienantes, pelas relações diretas, reciprocidade, profunda fraternidade, auxílio mútuo, comunhão de idais evangélicos e igualdade entre os membros. Está ausente aquilo que caracteriza as sociedades: regulamentos rígidos, hierarquias, relacionamentos prescritos num quadro de distinções de funções e atribuições. (Ibid., p. 27).

Após os encontros do episcopado latino-americano nas cidades de Medellin, Puebla e Santo Domingo, dois modelos de Igreja surgem no seio do credo católico: uma está orientado à Igreja, à grande Instituição universal que busca seu lugar na sociedade internacional a partir da preservação de sua tradição, e esse lado da Igreja tem seu centro sociológico e cultural nos setores que gozam do poder social e dialogam exclusivamente com os poderes da sociedade; o outro modelo está ligado às redes de

⁴⁷ As CEBs são uma forma com que a Igreja buscou atender as demandas populares trabalhando a base política de religiosos e católicos de uma maneira integrada a partir de estudos de clássicos marxistas, análises de conjuntura política e social e motivação à autoconscientização como um processo de amadurecimento político das classes populares.

comunidades populares de maioria pobre, marginalizada em relação aos poderes e aos meios de comunicação, vivendo as mais profundas relações de horizontalidade e fraternidade, como nos diz Leonardo Boff (Ibid., p. 32-33) diz que "a involução dos últimos anos tem mostrado que nem a Igreja-grande-Instituição existe para si e em si mesma - mas como apoio às comunidades de base, conferindo-lhes universalidade e permitindo-lhes uma ligação com o passado -, nem a rede de comunidades pode prescindir da Igreja-grande-Instituição."

Esse argumento é destacado porque os intelectuais que organizaram esse novo olhar da Igreja também entenderam a grande Instituição como necessária, mas com um papel de apoio às comunidades, quer seja na hora da criação, manutenção ou mesmo da divulgação dos resultados obtidos nas mesmas. Mas esta postura desestabilizou a ligação que a Igreja mantinha com os setores influentes da sociedade e do Estado, pois buscaram certa "pureza evangélica e de qualidade profética de sua atuação" (Ibid., p. 33).

A Teologia da Libertação deu os seus primeiros passos mediante a necessidade de uma Igreja atuante nas causas consideradas nobres dentro de uma sociedade, isto é, a causa dos fracos, oprimidos, dos que urgem de tratamento especial, enfim, as classes populares. Para tanto, existem dois tipos de Igreja, a que se alia aos grandes nomes da economia e política de um Estado, chamada por estes teólogos de Teologia do Cativo, e a que se alia aos pobres para promover a libertação, ou seja, a Teologia da Libertação.

Dom Adriano Hypólito foi um bispo expressou seu receio com o poder público e com a elite econômica e intelectual. Conhecido como "o bispo do povo", o mesmo promoviam através das CEB's discussões intelectualizadas que promovia a educação política mesmo para os que pouco sabiam ler ou escrever.

Segundo Leonardo Boff (1980, p. 13), para haver libertação política é preciso de um novo estado de consciência, de um novo olhar ou desvelar a realidade implícita pelos poderes que comandam o Estado e a economia de um país. A desigualdade é a grande arma que estes militantes, como Dom Adriano Hypólito usaram para levantar lentamente o estado de consciência enquanto oprimido. Segundo Boff, "trata-se de uma implementação de valores inclusive da reciprocidade da consciência social" (Ibid., p.16). Ter em mente que os países pobres só estão nesta condição como subproduto do avanço de outros países que exploram todas as possibilidades da pobreza. A estrutura

do subdesenvolvimento se explica pela dependência dos países pobres em relação aos países ricos. A consciência da dominação leva a falar em libertação. A libertação condena toda forma de subdesenvolvimento e dominação, mas isso não se obtém sem conflito, este que começa com a revelação da face do dominador quanto à sua ideologia.

O desenvolvimento não é uma harmonia composta por fases sucessivas, mas sim de uma ruptura com a dominação para que haja uma convivência humana mais fraterna. E a consciência do estado de dominado e explorado incita a consciência crítica e a conquista da liberdade, pois como disse Boff (Ibid., p. 18), "a consciência uma vez fascinada pelo fulgor de uma verdade jamais dorme". Negar a abertura do homem quanto à sua ideologia e à sua independência é escravizá-lo, é cerceá-lo da vida como maior campo de exploração e expansão da diversidade. E esta expansão era um canal de foco dos teólogos da libertação. Humanização como processo de abertura e evolução humana faz superar os limites da inteligência acumulada e romper com a domesticação sofrida pela repressão dos militares. A consciência da ignorância a partir dos processos históricos cria no homem um sentido de libertação e de criação de uma humanização consciente e na negação da dependência. Assim, "A Teologia da Libertação não nasceu voluntaristicamente. Constitui-se como um momento de um processo maior e de uma tomada de consciência característica dos povos latino-americanos" (Ibid., p. 27).

É a partir da "fé-práxis", isto é, de uma teologia que é reflexão crítica no horizonte da fé sobre a práxis humana que se tem a orientação dos caminhos da Teologia da Libertação no Brasil. Mas a função teológica não se limita à base teórica e práxis comunitária, mas sim nas aventuras da vida adiante não percebida pelo estado de cativo.

Nos teóricos que pregavam esta libertação há a noção de que a forma qualificada de presença evangelizadora no mundo reside em seu empenho pela defesa dos direitos humanos violados (pensando nos crimes cometidos pelos militares durante a ditadura, esses que inclusive o bispo Dom Adriano Hypólito foi vítima). Para os mesmos, cabe à Igreja manter viva a esperança sem a qual um povo esmagado não vive, procurar os sequestrados pelas forças opressoras, consolar os órfãos, defender os desprotegidos contra a prepotência do aparelho militar. Ademais, outra tarefa é inserir-se no povo e compor um lugar onde pode-se exercer a livre crítica.

A crítica é feita ao Estado que privilegia um grupo e restringe os direitos das classes populares, e neste sentido a liberdade para o autor está sendo atribuída aos direitos e franquias que são legalmente outorgados que só atingem à elite econômica. Deste modo, as limitações que outros indivíduos enfrentam enquanto condições básicas de existência prejudicam o pleno exercício da liberdade.

A observação da vida coletiva nas democracias burguesas nos mostra que a maior parte das relações entre os indivíduos, relações essas segundo as quais se pautam os atos deles, se estabelecem por acordo de vontades 'livremente' consentidas, isto é, sem intervenção ou coerção exterior do Estado, da lei. (...) Essa igualdade dos indivíduos na liberdade de se acordarem entre si é, contudo, uma igualdade jurídica, isto é, uma liberdade de direito, e não de fato (...) a liberdade de cada um variará muito, pois será função de desigualdade real existente à margem da esfera jurídica (PRADO JR. 1999, p. 11-13).

Neste contexto de desigualdade do sistema capitalista Prado Jr. propôs um tipo de sistema que seria, segundo ele, essencial para a manutenção da igualdade social e para que possa haver liberdade de fato, e não somente jurídica.

O que fundamentalmente determina e consagra, em regime burguês, a desigualdade entre os indivíduos, é a riqueza, o nível econômico, o que quer dizer a propriedade privada de cada um. (...)o funcionamento do regime burguês, a democracia liberal, fundado como se acha na livre determinação e consentimento dos indivíduos, resulta afinal da concorrência e choque dessas vontades individuais, cada qual procurando estender no máximo a sua 'liberdade' e raio de ação. (...) se propõe, na democracia burguesa liberal a questão da liberdade individual fundada na livre determinação dos indivíduos agindo cada qual em função de seus interesses particulares (Ibid., p. 14-16).

O que ele coloca como ponto positivo no mundo socialista é a preocupação com o coletivo, com a cooperação mútua e a valorização ao máximo das causas sociais tendo em vista sempre a melhor maneira de atingir a todos com seus direitos e cobrar os deveres de maneira igualitária, sem determinação a partir da condição econômica como na democracia liberal.

Realmente, é o interesse coletivo, que o indivíduo reconhece e aceita como próprio, e somente esse interesse que lhe limitará à liberdade e fixará o seu raio de ação (Ibid., p. 21-22).

Não tão distante da proposta socialista, a Teologia da Libertação entendia o oprimido como um sujeito que pode se libertar com os instrumentos necessários em suas mãos.

Nesse rumo, as CEB's trouxeram a ideia de que o religioso não pode ser mais ingênuo politicamente, e deverá habituar-se a uma crítica das ideologias vigentes, descobrindo-lhes os interesses que visam a defender a elite e detectando a visão do homem que supõem. Daí a necessidade da vida religiosa estar atenta aos acontecimentos da vida do país e do continente, e sabê-las interpretar numa visão contemplativa da vida, como realização de salvação ou negação e fechamento para os propósitos divinos.

Segundo essa ala da Igreja que resiste seu conservadorismo, o Estado representa, defende e promove os interesses da classe dominante, não raro, contradizendo os anseios populares e nacionais. Esta visão só será vigente e conscientemente num modelo de Igreja que se deu conta de sua presença crítica dentro das forças políticas de uma nação (idem, ibidem, p. 206). Desta forma, "No caso do sequestro de Don Adriano Hypólito, considerando os danos políticos causados ao governo, concluiu-se que se podia atribuir sua autoria também 'a extremistas de esquerda, interessados na subversão genérica'" (GASPARI, 2004, p. 277). A atuação do bispo de Nova Iguaçu foi repudiada por parte do governo e da elite econômica dominante que considerava conspiratória a aproximação da Igreja em relação às classes populares.

A atuação costumeira do bispo permite que venham qualificá-lo como um consciente ativista da esquerda clerical, permanentemente engajado em atividades típicas dos seguidores da 'teologia da libertação', e essas atitudes caracterizam-se por uma contumaz propaganda contestatória e uma doutrinação ideológica de fundo nitidamente marxista" (Ibid., p. 277).

"O SNI dizia a mesma coisa: 'Dom Adriano Hypólito, que usa em seu brasão a foice e uma cruz [...] obteve extraordinária projeção no país e fora dele, graças à cobertura da imprensa e às manifestações de apoio de elementos interessados em mobilizar o povo brasileiro, avesso ao terrorismo, em favor das causas esquerdistas que defendeu'" (Apreciação Sumária nº 38/Gab/76 — Campo Interno, do SNI, carimbada "secreto", de 4 de outubro de 1976. AEG/CPDOC).

Mas para que a religião seja correspondida como um caminho junto à teia de construções sociais e políticas que aparecem guiando o pensamento revolucionário, é preciso que haja autoridade por parte do líder religioso e que essa autoridade seja o símbolo máximo de apoio e respeito à causa. No nosso caso, temos todos estes princípios na atuação e no pensamento de Dom Adriano Hypólito.

O governo militar se chocou com os interesses religiosos e sociais de Dom Adriano Hypólito e os que aderiram à Teologia da Libertação quando o uso da autoridade não mais foi suficiente para manter as classes populares em seu devido lugar. Quando se criticou o que era proposto pelo capitalismo, as estruturas do poder necessitaram fazer o uso da força, assim como a partir de então o Golpe Militar de 1964 aterrorizou aqueles que ainda acreditavam no diálogo e na transformação social.

Como todo líder religioso católico desta época, tinha certa liberdade em ações, mas ainda sim respeitava a autoridade de seus superiores na hierarquia católica. Mesmo assim, Dom Adriano Hypólito diversas vezes em suas apresentações nas missas orientava seu povo a abrir os olhos para os erros do governo. Dom Adriano se manifestou diferenciado também em outros aspectos que ainda foi conservado pelos bispos citados acima. Ele se aproximava de causas de outras religiosidades, bandeiras defendidas contra o preconceito racial e sexual.

O fato de alguns bispos conseguirem liberdade na crítica do sistema gerenciado pelos militares vinha de uma antiga relação história entre a Igreja e o Estado, e esta promovia certas possibilidades de liderança a partir da função social da Igreja e proveito da autoridade eclesiástica diante de uma sociedade tradicionalmente católica. Mas, ainda sim, ao retirarem os privilégios dos conservadores, estes bispos eram perseguidos e tratados como traidores.

Não obstante, Bezerra (2009) sinaliza que a Memória construída nesta época ainda distorce alguns fatos. Estes que evidenciam que a sociedade brasileira não aderiu o propósito oposicionista de tais bispos progressistas. Tal fato nos impulsiona a fazer uma leitura mais minuciosa no que diz respeito às fontes que nos estão disponíveis no momento, principalmente a Memória oral (Ibid., p.10).

A dificuldade de realização de pesquisas tem como um de seus motivos o silêncio que o período da ditadura trouxe consigo promovendo atentados contra aqueles que porventura contrariassem tal forma de autoridade exercida pela violência.

Na edição do jornal O Globo da Terça-feira 18-03-2014 (caderno País, p.8), uma reportagem foi feita a partir da lembrança dos 50 anos do golpe militar. E o foco principal da matéria foi a perseguição contra os bispos que expunham suas opiniões contrárias à dos militares. Como foi o caso de Bruno Constanzo, que recebeu uma carta em 1964 com ordens para rezar missa em comemoração ao aniversário do golpe, rejeitando assim tal pedido por discordar do sistema vigente. Em tal reportagem, a figura do bispo Dom Adriano Hypólito é citada como uma das que mais atuou contra a ditadura na Baixada Fluminense. Seu sequestro em setembro de 1976, seguido de tortura e abandono com o corpo todo pintado de vermelho é um dos fatos citados pelo jornal pela repercussão que gerou no Rio de Janeiro, no Brasil e no mundo.

Depois do exército impedir uma conferência pelos direitos humanos no Centro de Formação de Líderes da Igreja Católica, uma passeata foi organizada contra o regime em Nova Iguaçu sob a orientação e liderança de Dom Adriano Hypólito. Neste contexto foi criada a Comissão de Justiça e Paz, instituída no ano seguinte como uma forma de atuar diretamente nas causas populares evitando assim injustiças contra as classes populares, ou empobrecidas, como os teólogos da libertação gostavam de chamar.

Em entrevista ao jornal O Globo, no mesmo artigo, o diretor do Acervo Dom Adriano Hypólito Antônio Lacerda negou que o bispo fosse comunista, mas enfatizou a força com que lutava contra as injustiças sociais e os direitos humanos, além de dar abrigo a perseguidos políticos como o ministro-chefe da Casa Civil, Gilberto Carvalho.

Seu principal instrumento de luta no âmbito intelectual pelo qual se poderia divulgar suas produções foi o jornal "A Folha", muito utilizado nas missas e popular entre os fiéis por conta da divulgação feita do mesmo pelo bispo.

Há várias cartas neste Acervo Dom Adriano Hypólito que evidenciam a ligação do bispo com Waldyr Calheiros, que no período liderava a diocese de Volta Redonda, cidade de grande movimento operário pela siderúrgica alocada na cidade. O conteúdo fala de questões variadas como tortura de religiosos e leigos, pedidos de ajuda, inclusive notícias de padres e bispos que respondiam inquérito feito pela polícia.

A produção textual de Dom Adriano Hypólito nos remete a fazer uma análise minuciosa para entendermos melhor como era feita sua argumentação política contra o regime e como sua autoridade frente à população da Baixada Fluminense o tornou um

líder político e orientador social assim como defensor da justiça. Desta forma, temos um intelectual movido a pensamentos e ações.

CAPÍTULO III - A produção intelectual, a atuação política e os reflexos do pensamento e da ação do bispo Dom Adriano Hypólito na diocese e na comunidade de Nova Iguaçu.

3.1 - Crítica, perseguição e reação.

O bispo Dom Adriano Mandarino Hypólito está longe de ser visto como uma figura de prestígio pela tradição católica no Brasil. Porém, teve uma presença expressiva nas discussões a respeito de direitos humanos, resistência católica contra o regime militar, exposição de ideias que se aproximavam da Teologia da Libertação e do marxismo (comunismo), e também como símbolo de resistência, se tornando um ponto específico na Memória do militante social da Baixada Fluminense.

Recordamos, então, que a Memória sofre influência da temporalidade, e sofre com a reconstrução a partir do sujeito que porta consigo a história em seu passado. Visto que nos propomos fazer uma análise da Memória oral de sujeitos históricos ligados ao bispo Dom Adriano no período de sua gestão na diocese de Nova Iguaçu, traçaremos um panorama geral dessas Memórias de modo que elas contribuam para a reconstrução das lacunas que prejudicam os estudos focados na resistência da Igreja da Baixada Fluminense e na reação dos militares às ameaças à autoridade do governo imposto pelos mesmos.

Em entrevista para a revista "Municípios do Brasil - A Revista dos Municípios", na edição comemorativa do 155º ano da cidade de Nova Iguaçu, o bispo Dom Adriano Hypólito revelou as dificuldades enfrentadas em sua gestão, desde os embargos do Vaticano até a repressão promovida pelos militares nos anos de chumbo.

A revista fez questão de enfatizar o respeito que autoridades do país e até mesmo o modo como grupos partidários que o criticam o veem como referência nos assuntos ligados ao universo social, político e relativo aos direitos humanos do cidadão.

O bispo criticou os problemas sociais abertamente como consequências da inflação e da indefinição da política, além da marginalização da pobreza em função do elitismo com que a Baixada se encontra durante todo o período do regime militar. Ressaltou a falta de formação profissional e critica a falta de propostas do governo na área da educação.

Dentre outros problemas estruturais urbanos ele comentou sobre o crescimento "caótico" da população iguaçuana por imigração. Estes imigrantes tem origem, geralmente, no nordeste brasileiro.

Suas declarações nesta entrevista são um tanto quanto ousadas quando destacou a "incompetência política e a corrupção" quando afirmou que "proporções escandalosas em nossa região mais do que em outros estados", referindo-se à Nova Iguaçu, incluindo também uma crítica ao índice altíssimo de criminalidade na Baixada Fluminense como uma questão de descaso político das autoridades responsáveis.

Para Dom Adriano, a falta de participação da comunidade se dá ao poder da elite econômica que impele as classes populares quando não a valoriza e nem se liga à classe, limitando a participação dos pobres nos projetos sociais.

Esta tão sonhada participação popular, segundo o bispo, foi alcançada em um grau mínimo quando feito um convênio entre o Ministério da Previdência Social e a Cáritas Diocesana de Nova Iguaçu.

Um bispo que defendia a participação popular a qualquer custo na Baixada Fluminense, dismantando o conservadorismo da tradição de relação entre a Igreja, elite econômica e Estado, não poderia ser visto como algo além de uma ameaça ao regime militar, que se mostrou uma alternativa à falta de domínio no campo ideológico, recorrendo à força como uma saída para a conservação da autoridade e tradição aos moldes elitistas.

Para a nossa pesquisa, uma ressalva de suma importância que o bispo faz nesta entrevista quando define o papel da Igreja como conscientizadora de pessoas que deverão assumir seu papel na comunidade. A partir desta declaração, torna-se mais palpável a noção de que as CEB's, a participação do bispo em passeatas junto às associações de moradores, movimentos sociais etc, são os instrumentos usados por Dom Adriano para atingir a massa popular com sua instrução política em um tempo que a democracia estava ameaçada e urgia por mudanças nas estruturas sociais. Esta interferência religiosa/laica foi essencial para o rumo da Baixada no que tange às experiências de ativistas políticos, pois a autoridade tradicional do bispo se confundia com uma figura de liderança política, e conduziu o povo a um processo de conscientização a partir de estudos de clássicos como o Manifesto Comunista de Marx, até obras de Paulo Freire e de Leonardo e Clodovis Boff.

Segundo o bispo, "em muitos países, a Igreja tem de lutar por um lugar nessas atividades, ou porque o Estado absorve tudo ou porque a ideologia dominante combate as atividades sociais da Igreja (...)A tradição, raramente perturbada, é a que a Igreja assumia muitas iniciativas sociais. Em geral não há pressão do povo, mas pressão do amor"("Municípios do Brasil - A Revista dos Municípios", na edição comemorativa do 155º ano da cidade de Nova Iguaçu - entrevista com D. Adriano Hypólito).

Por emitir claramente sua desconfiança no poder público, buscava fazer com que a pressão causada por suas missas, aparições públicas e artigos publicados estimulasse os políticos a agir pela sua causa, mesmo que encurralados pelos reflexos de sua opinião nas classes populares.

Conforme a atuação do bispo iguaçuano, o cerco dos militares se instaurava ao seu redor corroendo suas estruturas e minando suas forças, que embora fossem significantes, não recorria à violência para manutenção da sua autoridade enquanto bispo e enquanto militante de movimento social.

O Senhor Deno dos Santos sinalizou no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro no dia 23/09/1976 que houve um discurso dito como "brilhante" pelo mesmo, proferido pelo Senador Teotônio Vilela, denunciando na República um poder

invisível que usa o sequestro como meio de intimidação, que usa a tortura como meio de dirigir o ímpeto oposicionista do povo brasileiro (...) que usa o Decreto, Lei 477, ou a suspensão de alunos como meio de impedir que o estudante, em sua faculdade, levante reivindicações específicas e discuta problemas de interesse nacional. Agora parece que esse poder invisível, não satisfeito com a soma de poderes excepcionais que tem em suas mãos, passou a usar a bomba como recurso *in extremis* para a sua manutenção.

Após o sequestro do bispo Dom Adriano, representantes do Brasil inteiro, comovidos com tal situação, se manifestaram publicamente, segundo o Jornal "O Pontual" de 03/10/1976. No mesmo jornal o bispo que manteve grande proximidade de Dom Adriano Hypólito, Dom Waldyr Calheiros ressaltou:

Quando Dom Adriano fala em nome dos pobres, passa a ser considerado 'perigoso' porque estremece aqueles que estão lá em cima, que são os que querem que a Igreja cuide apenas do lado espiritual e esqueça que a 'Vida Eterna' pregada no Evangelho de Cristo começa aqui. Dom Adriano recebeu um dom e não vão calar-lhe a boca. Deus quer que ele interprete o seu Evangelho para o povo!.

Após o sequestro, segundo o jornal "O Fluminense" de 29/09/1976, Dom Adriano revelou que "eles" quiseram apenas desmoralizar a figura do bispo, e em seguida negou ter pretensões políticas e revelando que o cerne do seu trabalho é pastoral.

Em entrevista para o "Diário de Notícias" de 30/11/1977 o bispo de Nova Iguaçu reforçou que "a luta da Igreja é a conquista de uma estrutura social mais justa", confirmando a ideia que o aproxima do marxismo e da Teologia da Libertação, por mais que suas afirmações negassem a todo preço aproximações deste tipo. O que houve foi que de fato sua atuação se ajustou a uma conjuntura de resistência, e sua presença foi conectada à liderança na luta pelos direitos humanos e orientação política dos fiéis e leigos na Baixada Fluminense.

Segundo o bispo, "a Igreja dá o impulso, mas não assume a política nem aspira ao poder porque não é da sua competência" (idem). Na mesma entrevista o bispo ressalta que a democracia dos anos de chumbo está fragilizada pelos acontecimentos e pela inclinação que a ideologia militar converteu o universo de esperanças do brasileiro que aclamava por condições mais justas de vida.

O bispo salienta que a situação da democracia é de emergência e que o PSD e o PTB - partidos que se revezavam no poder antes do Golpe Civil-Militar de 1964 e que posteriormente foram extintos, giravam em torno somente das personalidades fortes e não observavam as carências do povo a não ser em épocas de eleição (idem).. Em sua fala é comum perceber a distância com que a Igreja sob seu comando lidava em relação ao Estado, e este proporciona atritos no que diz respeito ao incômodo causado pela sua aproximação com as classes populares (idem).

O exemplo de liderança desta parcela da Igreja faz com que exerça uma função política de extrema raridade na história do Brasil. Ela acaba rompendo com muitos preceitos tradicionalistas conservadores e muda seu jeito de ser igreja para uma forma mais próxima das necessidades materialistas das classes populares.

A Igreja vem procurando analisar todos os problemas que vêm envolvendo a América Latina. Vem lutando pela liberdade de Imprensa, que é a válvula de escape da denúncia para o conhecimento da opinião pública (jornal "O Dia" 26/11/1976).

Dom Adriano já manifestava suas ideias pela mídia, se fazendo valer pela posição de liderança e autoridade que usufruía na diocese de Nova Iguaçu. Suas

produções voltadas para o protesto contra a situação que os militares impuseram ao povo e toda a situação de pobreza a qual se sentia tão incomodado traziam à tona a possibilidade de uma reação através da conscientização da população sobre os crimes cometidos pela ditadura.

Diante de suas publicações no Jornal Correio da Lavoura, no Boletim da Diocese nos anos de seu bispado, nas entrevistas aos principais jornais, tínhamos o destaque de sua figura de autoridade, e o feedback era rápido em relação a opinião pública internacional. O embaixador da Argentina, comentando a atuação de Dom Adriano Hypólito, frisou que o papel da Igreja é pregar uma mensagem de salvação e caridade junto com o exemplo, aludindo assim, segundo os observadores, aos sacerdotes socialistas, comprometidos em alguma causa popular (jornal "Gazeta de Notícias" de 28-09-1976).

Suas críticas à atuação da polícia tiveram início em 1974, quando afirmava que o "Esquadrão da Morte" era formado basicamente por policiais e alcaguetes desligados do modo de ser da Igreja em sua gestão (jornal "O Globo" de 23/09/1976).

Gostaríamos de ressaltar o fato de como a Igreja de Dom Adriano se manifestava pelas mídias e como suas ideias e ações eram promovidas mediante suas entrevistas a grandes jornais, revistas e periódicos dos quais tinham grande público no período do regime militar.

É inegável a importância da mídia, mesmo que censurada, para a proliferação de ideias progressistas relativas à atuação da Igreja iguaçuana. As severas críticas ao governo, à forma de lidar autoritária dos militares e as ameaças à democracia sempre eram o foco da discussão, sendo sempre mediada com uma proposta que fosse justa aos olhos do seu modo de ver a Igreja, ou seja, se tratando daquela que apoia a causa popular e a justiça social.

Tratamos um recorte histórico que nos permite perceber a ruptura da igreja com uma época que a Associação de Educação Católica do Brasil (AEC) disputava espaço em nível de influência contra o protestantismo e ideologias seculares, lutando também contra o Estado em defesa da "liberdade de ensino" para as instituições educacionais vinculadas à Igreja (SENRA, 2011, p.21). Não obstante cabe ressaltar novamente, segundo Senra que "a extensão da influência social da Igreja atinge grandes parcelas da sociedade brasileira, em diferentes formas e níveis de intensidade" (p.24). E esta função da Igreja, estendida ao panorama da Teologia da Libertação sob a orientação e gestão

do bispado de Dom Adriano Hypólito reforçou a legitimidade de sua atuação enquanto um líder político inclusive portador de autoridade religiosa, algo que contribui incessantemente para a perpetuação de sua memória enquanto militante e defensor dos direitos humanos.

O bispo iguaçuano frisava sempre que a atividade da Igreja era visada pelos militares pela importância social que passou a ter (entrevista ao "Jornal do Brasil" em 03/08/1986), e esta importância não passou a vigorar somente em seu bispado, mas vem de antemão carregando consigo décadas de atuação com essa predisposição no Brasil. Sua identificação com a sorte das classes populares era profunda e sua atuação criava teias com as demais religiosidades.

Conforme sua fala, o Movimento Amigos de Bairro (MAB) trouxe uma voz que estava calada no seio da classe desprivilegiada de Nova Iguaçu. Para tanto, sua concepção de evangelização se confunde com o de politização, como ressaltou o próprio:

Uma atividade que decorre necessariamente da evangelização, e é muito mal entendida, é a participação dos organismos pastorais nas grandes causas do povo: emprego e desemprego, salários, greves, reivindicações, transportes, ocupação de terras para trabalho, problemas dos conjuntos habitacionais, etc, - tudo que se pode resumir em marginalização do povo no processo social (idem).

O Movimento Sem Terra é uma causa com a qual Dom Adriano tinha um carinho imenso e uma preocupação incomum. Na citação acima, percebemos o trabalho de evangelização atrelado à busca por melhores condições de vida da classe trabalhadora e sua identificação com o movimento que criava um vínculo indissociável de sua atuação enquanto bispo.

A organização do movimento de ocupação de terras não estava diretamente ligada às ordens e liderança do bispo, mas foi tomado, como o mesmo ressalta em entrevista, "uma postura cristã e humana" (idem), na qual consiste a mediação do conflito para que não haja prejuízos significativos contando com o abuso do poder e autoridade dos militares ao grupo de ocupação. E sempre que o trabalho de conciliação era realizado pelo bispo, as retaliações eram imediatas com acusações das quais o bispo era associado ao movimento marxista, subversivo e comunista.

Como um defensor da Reforma Agrária, comprou uma briga também com os grandes proprietários. Segundo o bispo só se tratava de expandir a mente a um

pensamento solidário. E esta exigência era construída na formação de liderança das quais seu financiamento e sua cooperação intelectual eram imprescindíveis. As terras da Diocese de Nova Iguaçu foram ocupadas sob seu consentimento em Vila de Cava de tamanho desconhecido, mas que poderia chegar a 400 alqueires.

As críticas de Dom Adriano permeiam todo o meio político e social e como o mesmo ressalta a função da Igreja sob sua gestão é minimizar o efeito causado pelo substrato mental e espiritual das classes dominantes:

Os senhores feudais, apesar da aparência moderna, estão presentes na Câmara dos Deputados e no Senado, estão presentes em postos-chaves do governo federal, dos governos estaduais e dos municípios. Farão de tudo para anular ou pelo menos descaracterizar ao máximo o plano oficial de reforma agrária. **Cabe à Igreja, enfrentando todo tipo de oposição interna e externa, alimentar no povo a esperança de uma reforma agrária justa e pacífica. Não se justifica a impunidade dos que recorrem à violência para impedir a reforma agrária**⁴⁸ (idem).

O compromisso que Dom Adriano entende como função da Igreja eleva a mesma a um grau intenso de participação na resistência dos grupos contrários ao sistema vigente dos militares. Este papel, então, corrói as estruturas conservadoras da Igreja, fazendo com que a gestão do bispo não esteja de acordo com as alas mais tradicionais, que pensam neste advento como um desvio de função para uma causa incondizente com a Igreja tradicionalista. Por outro lado, ao propor reforma agrária, são os latifundiários e fazendeiros que sentem sua hegemonia ameaçada por um poder que antes agia como um aliado. E reagem com críticas à gestão do bispo e à forma de ser da Igreja a partir de sua posse.

"Alimentar no povo a esperança" (idem) trata-se de cooperar com a liberdade de cada oprimido em sair de tal condição e buscar meios de combater o regime militar, quer seja no campo intelectual, no jurídico, no de ações sociais voltadas à visibilidade dos erros do sistema ou até mesmo com publicações que coloquem em cheque as "verdades" consolidadas pela autoridade militar.

Se por um lado o bispo jamais dissesse diretamente o que pretendia ao consolidar sua liderança diante das classes populares, por outro ele não media esforços em ressaltar a importância que a Igreja tinha em falar aos que não tinham ideias subversivas, e ensiná-los a reivindicar seus direitos dando ouvidos às queixas e

⁴⁸ O grifo é nosso.

tomando a frente nas discussões mediadoras dos conflitos diretos entre Sem Terra e latifundiário, sindicato e empresa, trabalhador e patrão e até estudantes e reitores na busca por participação nas decisões que afetam cada grupo.

Quando questionado pelo "Jornal do Brasil" (idem) sobre a influência de Leonardo Boff, da Teologia da Libertação, juntamente com o Concílio Vaticano II, Dom Adriano demonstra segurança na afirmação de que esta mudança de olhar da Igreja promoveu uma aproximação com o povo que foi essencial para práticas sociais mais sólidas da Igreja que antes estavam somente no papel.

Segundo o bispo, nem mesmo a punição de Boff com a lei do silêncio foi suficiente para frear a sua influência no meio católico e o andamento dos projetos pelos quais Boff sempre orientou em seus manuais de como fazer Teologia da Libertação.

A ideologia de segurança nacional promovida pelo regime militar se estendeu como barreira aos projetos, inclusive, de cunho interno e espiritual dos quais não havia nenhuma ligação com o social promovido pela Diocese de Nova Iguaçu. Irmãs Clarissas da Ilha da Madeira⁴⁹ tiveram suas vindas encurtadas ou negadas através da "lei dos estrangeiros" que visava a proteger a nação de inimigos que pleiteavam uma revolta ou mesmo uma revolução (idem).

Apesar de não combater a atuação das Igrejas pentecostais, Dom Adriano lamenta a despreocupação dos protestantes em lutas para resolução de problemas sociais, mas ressalta que a Igreja não consegue chegar em todas as áreas, cedendo espaço para a proliferação do pentecostalismo e religiões como Umbanda e Candomblé. Não obstante, as CEB's são também uma maneira de atuar nos cantos onde o grosso da atuação da Igreja não consegue atingir, e mesmo que leigos na direção das CEB's cedam aos partidos o espaço que seria para estudo religioso e discussão de temas sociais, passam também a desenvolver assuntos visando à eleição de pessoas que se apropriam deste meio.

Em entrevista à revista "Manchete" em 19/03/1978 o bispo destaca a marginalização do povo em diversos campos além do educacional, são eles o social,

⁴⁹ As irmãs tiveram o convite do bispo D. Adriano para virem à Nova Iguaçu para a criação do mosteiro Santa Clara, pois no Brasil não haviam religiosos suficiente que pudessem dispor. Eram irmãs da Congregação das Clarissas de Portugal, e trabalhavam exclusivamente para fins espirituais embora reconhecessem as demandas de assistência social da América Latina. A dificuldade da vinda das irmãs se deu pelo fato do bispo estar envolvido nas lutas sociais e, por isso, a desconfiança por parte das autoridades colaborou para que fosse questionada a presença das mesmas sob o perigo de estarem colaborando com as obras do bispo na Baixada Fluminense em resistência à pobreza e à injustiça social.

cultural, político, econômico, trabalhista, saúde, e até na religião. O problema que foi incumbido à sua atuação está ligado também em lidar com a marginalização e contornar tais problemas dando voz aos mesmos com conscientização e instrumentos que possibilitem a reação. Trata-se da educação para além dos meios formais, pois muitos destes marginalizados desconhecem o campo político de luta, principalmente com o sistema militar vigente cerceando qualquer frente de luta popular.

A solução deveria ser, em primeiro lugar, o esforço de conscientização para integrar as massas no processo social. Se não conseguirmos isto, todos os outros esforços, inclusive na educação, serão outras tantas frustrações. Repare que menciono expressamente a educação. Porque a educação deveria ser um dos principais meios de conscientização para a integração, para a participação (idem).

Com isso conclui que a educação se tornou um instrumento de alienação nas mãos de uma elite dominante e de uma espécie de governo que prioriza somente a elite. Deste modo, há uma acomodação do sistema por aparentar estar estabelecido e equilibrado em função daqueles que detêm os meios de produção.

A questão ressaltada nesta entrevista pelo bispo é que o propósito da elite dominante é minar a educação de forma que os sujeitos fiquem à mercê da elite como uma ditadora dos princípios morais, éticos e econômicos. À sua maneira, a elite vai consolidando seu poder sem desejar oposição ou contestação (idem).

A crítica se estende às universidades, que estão limitadas ao estudo, isto é, um comportamento estéril em poder de criação de um indivíduo dotado de sensibilidade social e política disposto a lutar por melhores condições de vida para os menos privilegiados pelo sistema. Critica também o ensino profissionalizante, que cria máquinas de trabalho e se esquece do fator humano, político e social que os jovens têm que aprender. O cuidado para a não conscientização de classe é então um protocolo seguido com veemência para assegurar os privilégios da classe dominante.

E porque não há integração, não há participação, e não havendo participação teremos sempre de um lado o infantilismo das grandes massas, numa dependência total, e do outro lado o paternalismo dos grupos do poder, dominando e explorando as grandes massas (idem).

A crítica aos grupos no poder, isto é, à elite econômica, trouxe diversas divergências no que diz respeito à perseguição da atuação do bispo durante sua gestão

na Diocese de Nova Iguaçu. A defesa das massas, constatação recorrente em suas falas, trouxe à sua sombra a perseguição de grupos que eram contrários à sua forma administrativa, grupos estes radicais que o marcaram com um sequestro e tortura em 1976, pretendendo diminuir a atuação e interferência do bispo na Baixada Fluminense.

Quando perguntado pelo jornal "O Globo" em 13/11/1994 sobre sua posição a respeito da situação de pobreza em meio ao seu poder de atuação (considerando sua autoridade católica e em forma de liderança política no meio iguaçuano), o bispo não mediu esforços em dizer que "o anúncio de Cristo como Salvador está condicionado à situação social do povo. Se alguém passa fome, não posso simplesmente dizer: vá à missa. Tenho que olhar a fome dele e agir." Diante de todas as divergências institucionais e políticas com a Igreja, além dos problemas causados pela sua atuação política, o bispo continuou até os anos 1990 (tendo sua morte em 1996) atuando de forma expressiva no campo dos direitos humanos exigindo saúde, educação, trabalho e salário decente pra população que carece destes serviços de acordo com sua apuração.

O trabalho de conscientização pretendido por D. Adriano foi percebido por aqueles que o apoiaram dentro da Igreja, e sua atuação se tornou expressiva e exemplar inclusive nos dias atuais, quando a memória da atuação política do bispo tem recebido uma grande atenção nos estudos para a elaboração de monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado.⁵⁰

Esta memória foi construída com o tempo e reconstruída a cada momento que a seus feitos e suas palavras eram reproduzidos, e hoje quando se estuda as lideranças políticas e as formações identitárias dos movimentos sociais sempre é lembrado o bispo como a figura mais importante da Baixada Fluminense em matéria de resistência, politização e amparo aos movimentos sociais e militantes que sofriam com a repressão militar.

A cada entrevista feita com algum agente político que viveu e conviveu com D. Adriano percebemos não só o respeito à autoridade religiosa mas também a admiração

⁵⁰ Como exemplos, temos a nossa monografia defendida em 2009, na Universidade Iguaçu intitulada "Liberdade dos Homens e Liberdade de Deus: D. Adriano Mandarino Hypólito e a Ordem Dos Militares em Nova Iguaçu"; como exemplo de trabalho de mestrado citamos a dissertação defendida em 1993 por Percival Tavares da Silva na Universidade Federal Fluminense com o título "Origem e trajetória do Movimento Amigos de Bairro em Nova Iguaçu (MAB) - 1974/1992 (Relação vanguarda-base-massa: práxis política e educativa)"; e a tese de doutoramento do mesmo autor apresentado à Universidade de São Paulo em 2010 com o título "Bolsas de estudo no Ensino Fundamenta privado, entre a universalidade de direito à educação e o clientelismo na educação: o caso de Nova Iguaçu/RJ".

pela sua instrução, colaboração e atuação diretamente nos debates políticos que criava a identidade de luta dentro do próprio tempo de repressão.

O ponto de convergência de sua atuação com o marxismo, explicitado por ele mesmo em entrevista ao jornal "Tribuna da Imprensa" de 19/11/1979, está na crença de melhores condições sociais e num "paraíso", isto é, um lugar onde não haja diferenças sociais e todos os homens possam encontrar a felicidade. Ressalta ainda que Marx só poderia ser o mesmo no contexto cristão, salvo sua crítica à religião. E sua principal crítica ao marxismo nesta entrevista é que o mesmo deixasse de ser "Religião" e parasse de pretender o absoluto para que não mais os assuntos sociais fossem tratados com pretensões de totalidade.

E sobre as divergências internas na Igreja, ainda na mesma entrevista, D. Adriano Hypólito fala que a unidade dentro da instituição se refere ao essencial da fé, fato que é confundido com a questão social, quando a Igreja rejeita o pluralismo. O bispo revela a impossibilidade do questionamento dentro da Igreja (tido como heresia) quando defende a possibilidade de divergência, algo que tornaria a instituição vulnerável às ambiguidades interpretativas, e isto não era um fator tão bem quisto pelo setor conservador.

Esta liberdade pregada pelo bispo iguaçuano transborda em sua fala quando destaca que seu trabalho na frente da Diocese de Nova Iguaçu é muito daquilo que ele é em si, ou seja, da personalidade dele. E destaca ainda que "na sua essência, a unidade da Igreja é fruto da liberdade e da coerência" (idem).

Sua atuação na pastoral está vinculada, segundo a entrevista ao "Tribuna da Imprensa", às necessidades locais tais como a "imigração desordenada, urbanização, industrialização caóticas, costumes políticos viciados, abandono tradicional dos poderes públicos, ausência quase total de infraestrutura social". E o problema da fé ele vincula às necessidades da vivência e percepção do religioso no que diz respeito à mudança, quer seja no âmbito religioso, político ou social.

Quando defende (na mesma entrevista) uma Comunidade Eclesial de Base massificada, o bispo defende a autonomia destes núcleos de modo que o acaso e as características regionais, junto às necessidades desta ou daquela CEB venham contribuir para uma formação personalizada de tal núcleo, "onde fossem possíveis as relações primárias, a participação, a criatividade".

Todo o potencial espiritual da Igreja, sua estrutura, seus instrumentos são postos a serviço da conscientização cristã, porque todos os elementos importantes desta conscientização estão marcados de cristianismo e de Igreja. Mas de per si a conscientização diz respeito a todos os aspectos da vida social e a todas as pessoas, sem discriminação religiosa. Creio que este esforço de conscientização é fundamental para o povo. Conscientização que inclui consciência da própria dignidade de pessoa humana, conhecimento aprofundado da realidade social, visão crítica dos acontecimentos (fenômenos, causas, consequências), participação, solidariedade. O povo deve assumir conscientemente seus direitos e deveres. Deve participar no processo social. Acho que nenhuma instituição atualmente tem mais chance de fazer este trabalho de conscientização do que a Igreja, já que porque a Igreja é a instituição mais ligada com as bases. Para a Igreja trata-se de um trabalho educativo de primeira ordem. Mas sempre com a preocupação de não manipular, de não dominar, de não forçar, mas de servir, de cooperar para a autonomia e a liberdade. Claro que a conscientização leva à contestação, à pressão, à participação eficiente. Daí as áreas de atrito com os grupos do poder. em Nova Iguaçu e em qualquer parte onde a Igreja assumiu o seu papel de educadora e formadora (idem).

O primeiro item que D. Adriano expõe é o papel conscientizador da Igreja que vimos destacando no corpo do trabalho. Este advento foi possível devido às posturas particulares que as igrejas passaram a adquirir conforme o passar do tempo durante a ditadura e os problemas acarretados pela repressão característica do período. O bispo fala sobre o papel cristão em lidar com tais problemas sociais e a busca por uma melhor condição de vida longe das diferenças sociais que criam um abismo entre pobres e ricos.

Um fator importantíssimo em sua administração, também destacado na fala acima, é a aproximação, ou a simples não rejeição de outras religiões, sem discriminações ou privilégios de católicos em função de sua aproximação religiosa. D. Adriano ganhou terreno ocupando lugares que outras religiões não ocupavam: o campo sócio-político, integrando ao meio militante outros credos e fortificando sua ação conscientizadora aos moldes cristãos.

A proposta de conscientização do bispo, pelo que podemos perceber em sua fala, diz respeito a uma apurada análise da realidade política e social na qual os indivíduos submetidos à ação conscientizadora terão que conseguir fazer na medida em que avança o processo educativo. Nada melhor que o próprio sujeito que passa pela dificuldade financeira perceber sua condição social e reverter sua energia focada na sobrevivência em vigor de luta contra o possível opressor. A formação de militantes conscientes de sua condição social e da necessidade de luta é mais uma das missões

sociais da Igreja de D. Adriano. E esta missão vai incomodar aqueles dos quais se aproveitam da incapacidade das classes populares se rebelarem contra qualquer tipo de opressão por conta de sua ignorância política ou mesmo aceitação do quadro vigente por não ter nenhum tipo de motivação que traga a esperança de melhoras para sua classe. Neste caso, o bispo vai servir, inclusive, como um agente motivador para a luta, já que sua autoridade eclesiástica estava mesclada à de líder revolucionário.

O foco é que o povo assumisse seu papel na sociedade sem precisar recorrer à elite para desenvolver seu senso crítico, sua motivação para o trabalho, e sua orientação profissional. A participação política estaria incluída neste processo como uma reformulação do modo como é levado o legislativo, isto é, de como se promove o amparo por lei daqueles que mais necessitam de atenção: o povo.

Assim, a Igreja é o veículo para a promoção desta conscientização, para a liderança das classes populares rumo a um ideal de luta resguardado pela sua liderança e possibilidades motivacionais das quais se necessitava para uma mudança de rumo na forma de fazer política na Baixada Fluminense. A liberdade para divergências era um caminho aberto para todos aqueles que participavam do processo, e isso tentava extinguir a possibilidade de manipulação ou mesmo de autoritarismo por parte da Igreja. Era um caminho que teoricamente deveria dar legitimidade e voz às classes populares num contexto conturbado de conflitos políticos consequentes às perseguições instauradas pelos militares.

Mas havia um ponto de divergência entre os movimentos sociais do período e a Igreja de D. Adriano: a luta armada. O bispo era contra a violência, salvo em casos extremos. E no processo de democratização, mesmo com tantas divergências, ainda na mesma entrevista, defendeu a legalização do Partido Comunista Brasileiro alegando fazer parte de um país democrático a oposição e divergência, mesmo que de forma tão extremista.

Na noite do dia 8 de novembro os muros da Diocese de Nova Iguaçu e a de Santo Antônio da Prata foram pichados com as acusações de que o bispo era comunista, portanto vermelho, e respondendo às acusações o bispo argumenta ao jornal "Tribuna da Imprensa" (idem) que este era o sinal de que a Igreja iguaçuana havia assumido o papel social que incomodava às elites e ao governo, pois dois vereadores e um jornal (não esclarecidos os nomes pelo bispo) haviam feito as mesmas acusações e criticado muito a atuação da Igreja na militância social. O bispo chega a associar as pichações ao

sequestro em setembro de 1976, e a outros ataques no passado não esclarecidos na entrevista.

Sobre o grupo que o sequestrou em 1976, sabe-se que se autodenominavam "Ação Anticomunista Brasileira", e os mesmos, segundo o bispo, não ameaçam, mas simplesmente entram em ação quando acham necessário travar algum tipo de avanço de oposições quer seja nos movimentos sociais, ou mesmo em situações que julgam ameaçadoras.

Quando questionada sua opinião sobre o processo de redemocratização do país, o bispo revela certo otimismo atribuindo tal marco à atuação do povo, graças ao trabalho iniciado pela Igreja, isto é, de conscientização que pôde promover certa pressão às elites tornando tal fato algo irreversível e indispensável.

O "desgaste dos grupos dominantes, pressão das bases, imposição externa etc" (idem), são alguns dos motivos expostos pelo bispo tentando dar sentido à sua visão a respeito do processo de redemocratização. Considera, então, que um retrocesso seria algo quase impossível, embora enfatize que a suavização do regime militar ainda sim não permitiria a ampla participação política das classes populares, e este motivo seria o combustível para sua contínua jornada rumo ao constante trabalho de conscientização do povo.

Dentre os problemas que afetaram a administração dos militares, o bispo critica a forma violenta com que tratou a oposição, e salientou que este problema "criou um clima a-ético, injurídico que vai marcar a vida nacional durante decênios", e explica que o problema de violência crescente na Baixada Fluminense estava intrinsecamente ligado à situação de pobreza assim como à produção ideológica violenta do período instaurado desde 1964. "Teremos de reconstruir com muito sacrifício a ordem jurídica que a Revolução violentou. Pior do que a violência é também a impunidade dos criminosos e a descrença na justiça e nas autoridades" (idem), salientou o bispo.

Ainda sobre o tema de criminalidade, em entrevista à revista "Veja" em 03/03/1977, D. Adriano destacou o número de padres e leigos assassinados por grupos organizados de extermínio em Nova Iguaçu e nas cidades do entorno. Embora não seja perito em sociologia nem em qualquer área criminalista ressalta que o problema de insegurança social está submetido à fragilidade das instituições "sempre oscilando entre procura de formas democráticas de governo e tendências ditatoriais". Para tanto, haveria anos de dificuldades em restabelecer um tipo de governo que fosse determinado

com a causa social e que tivesse força suficiente para se manter inabalável mesmo com os desafios constantes causados pelo desgaste político promovido por interesses particulares de parcelas minoritárias da população. "Talvez a velha tradição brasileira do improvisado, do quebra-galho, do jeitinho, este jeitinho que resolve ou tenta resolver todos os problemas e dificuldades, inclusive o recurso generalizado ao tráfico do poder político e econômico, ao suborno, à corrupção", destacou o bispo à "Veja".

É claro o modo com que o governo militar se preocupou e retirou qualquer tipo de voz do povo de maneira que garantisse pela força a estada dos militares no poder de modo que pudesse beneficiar as tais parcelas minoritárias da população. Os relatos de tortura da época, as experiências dos que viveram diante do conturbado período do regime militar, e os documentos da época comprovam a preocupação com a oposição, ou até simplesmente com a liberdade de expressão. Deste modo, algum tipo de instituição que se preocupasse com a base política dessas classes populares que ficam à margem da população seria uma ameaça real ao poder dos militares, estando todavia causando um desequilíbrio visto como negativo pelo governo por oferecer de alguma forma uma voz consciente para reivindicar aquilo que não é oferecido enquanto direitos básicos para o conforto da população.

Embora haja críticas do bispo em relação ao corpo governamental, ele comenta que o papel do policial pode ser diferenciado, e assim trazer uma maior comodidade para a população em níveis de segurança e parceria que diminuiriam o nível de criminalidade na Baixada Fluminense. Para isso, é preciso, segundo o mesmo, um treinamento específico que eduque o policial para tal função social, uma boa remuneração, bom equipamento e garantias de estabilidade. Estes aspectos trariam mais segurança não só para os trabalhadores civis, mas também aos militares.

O bispo vai além nesta entrevista à revista "Veja" quando fala que há possibilidades da sua autoridade enquanto membro da Igreja de também afetar a Polícia de maneira que possam contribuir para o processo democrático no período da ditadura militar. Não só a Polícia Militar, mas também a Civil, que alega ter pessoas fiéis que fazem parte da Igreja e, portanto, também se aliam ao pensamento cristão fomentado por suas ideias progressistas.

Não encontramos dados suficientes que dessem uma ligação mais profunda a essa associação entre a instituição da Polícia com a Igreja no momento em que os policiais estavam em exercício de seu ofício. O que a fala do bispo mais nos parece é

que há um desejo profundo de sua política atingir tais órgãos de maneira que venham aderir ao seu tipo de relação com a justiça social.

O símbolo de unidade criado pela atuação de D. Adriano criou uma atmosfera de luta integrada entre Igreja iguaçuana (sob seu comando), leigos, movimentos sociais, etc, que o viam como uma liderança firme para comandar, auxiliar e promover a politização que geraria quadros de luta contra a repressão militar. Não obstante, como relata Serafim (2013, p. 11) a oposição mesmo dentro da Diocese marcava o ano de 1982 como problemático no que diz respeito às ações contrárias à política e administração progressista proposta pelo bispo. O padre Valdir Ros caminhou em uma direção contrária à do bispo, aderindo a posições reacionárias. Este conflito chegou ao nível tão severo que passou a ter agressões verbais e físicas daqueles que apoiavam cada frente em oposição na Igreja iguaçuana, isto é, conservadores e progressistas e até desobediência por parte do padre Ros em relação ao cumprimento da hierarquia a qual estava submetido.

Segundo Adriana da Silva Serafim (idem, p. 13), o conflito entre os dois religiosos se deu às divergências entre os projetos teológicos-políticos determinados por cada atuação dos mesmos e, no caso do padre Ros, sua atuação perpassava do domínio transcendental, onde se compreende o trato da alma para uma vida em outro lugar; no caso de D. Adriano, a atuação da Igreja não poderia ignorar a situação política, social e econômica na qual este religioso está inserido, fazendo parte, portanto, de suas preocupações enquanto um cristão.

Como retrata Roberto Romano (1973), é a fé na salvação que move os religiosos às suas ações junto ao corpo eclesial, e se pensarmos neste corpo eclesial submetido a uma atuação mais incisiva nas lutas populares, além deste advento místico, encontraremos a motivação materialista das necessidades imediatas, e quando os problemas sociais forem percebidos pelos agentes orientados pelo projeto como no caso de D. Adriano, a força da fé se junta à necessidade de luta e de conquista de melhores condições de vida, tornando o sujeito uma síntese motivacional para o projeto de luta contra as injustiças sociais.

A escolha pelos seguidores no apoio de D. Adriano junto ao seu trabalho na Diocese de Nova Iguaçu pode ser contemplada no evento da "Missa da Unidade" celebrada em 1982, no bairro periférico de Nova Iguaçu, Riachão, quando faixas com dizeres como "o bispo representa a nossa unidade" evidenciam que mesmo nos

conflitos internos da Diocese iguaçuana, a população mais pobre tem sua esperança na fé e na autoridade religiosa e política do mesmo. Nem mesmo aqueles que seguiam o padre em desacordo às ideias de D. Adriano com sua aversão e palavras de ordem contra o bispo conseguiram abafar a multidão que caminhou pelo bairro do Riachão com o líder da Diocese (SERAFIM, 2013, p. 32 - 34).

O Movimento Amigos de Bairro (MAB), financiado pelo bispo D. Adriano, foi uma base importante na aproximação das lutas sindicais e mesmo dos leigos que ainda não estão juntos na causa por conta de sua fé na religião, mas pela esperança de liderança pela autoridade política e social que o bispo adquiriu a partir de sua atuação e de sua palavra pública.

A coluna central que sustenta toda a atuação do bispo iguaçuano tem sua orientação no estímulo à autoconsciência do sujeito enquanto um explorado e membro de uma classe subalterna, mas é a partir desta condição de sujeito consciente que as alternativas para solução de tais problemas sociais vão ser criadas pelos próprios sujeitos históricos, isto é, "os católicos e militantes que formaram o MAB também são gente simples do povo tentando impor as suas próprias soluções aos problemas de seu tempo" (idem, p. 3).

A mesma autora ainda faz uma indagação:

Até então, a única tentativa de organizar a população numa base permanente foi o MIC – Movimento de Integração Comunitária, criado pela Diocese em 1968. Esse movimento visava organizar os católicos para a obtenção de melhores serviços urbanos, mas em 1970 o Estado o dissolveu. Nesse mesmo ano, começam as reuniões da Comissão Bipartite, comissão formada por representantes do alto comando do Exército, intelectuais e bispos católicos com o objetivo de evitar conflitos mais latentes entre as duas mais organizadas instituições brasileiras durante o governo Médici. Será que há alguma relação entre esses fatos? Será que D. Adriano era um bispo que preocupava a “harmonia” da relação Igreja e Estado militarizado? (idem, p.10).

Concluimos com outra indagação: será que não só a tríade Estado, Igreja (conservadora) e elite econômica, mas como todas as instituições vinculadas a estas entidades não foram abaladas pela nova postura de D. Adriano frente à diocese iguaçuana? E aqueles que participavam dos benefícios que estas entidades promoviam, será que também se sentiam incomodados com os novos rumos progressistas do bispo?

A questão nos remete a pensar que dadas as circunstâncias que permeavam o bojo social da Baixada Fluminense, uma quebra nas estruturas seria, como diz Serafim, uma "Revolta no interior da Revolução" (idem, p. 3). Portanto, concebemos esta hipótese como uma quebra de tradição no sentido conservador para uma nova proposta e um novo modo de se fazer cristianismo junto à margem da sociedade. O projeto inovador é previsto como uma prática pedagógica que estimula o cidadão simples a pensar nos problemas sociais e participar do replanejamento do país de modo que também seja privilegiado enquanto cidadão brasileiro portador de direitos e deveres como qualquer outro. A diminuição das diferenças sociais sempre foi pauta na fala do bispo iguaçuano, e da mesma forma foi discutido pelos leigos e religiosos que, pela orientação da Diocese, buscavam alternativas para a melhoria significativa da qualidade de vida do povo da Baixada Fluminense.

Enquanto por um lado os militares associavam tais projetos a uma ameaça comunista, um golpe ou mesmo a subversão e desobediência civil, a parcela progressista da Igreja pensava nesta atuação como o paraíso na terra em fase de construção.

A atuação do MAB provocou as autoridades locais causando um clima de rivalidade e não cooperação por parte das mesmas no que diz respeito às reivindicações apresentadas por estes grupos que se organizavam nos bairros para estudos politizados e análises sobre os problemas que atingiam as respectivas regiões periféricas (idem, p.12). Tal movimento tornava público promessas não cumpridas, escândalos financeiros, dentre outros problemas que afligiam a sociedade iguaçuana nos anos 1970 e 1980. Mais motivos para questionamentos dos militares e das autoridades locais acerca da legitimidade do movimento diante de um cenário de "ameaça comunista" e ideias subversivas que eram concebidas como ameaça à soberania do Estado (idem, p. 13).

O bispo D. Adriano tinha a habilidade de converter cristianismo em mensagem de luta mesmo em momentos que os conservadores se afastavam significativamente de uma análise mais social a respeito do agir cristão.

Creio que um dos mais tocantes aspectos da nossa fé está na consciência clara de nosso valor, de nosso chamamento, de nossa responsabilidade dentro do processo de libertação do homem. Quando assimilarmos esta

verdade, o cristianismo será pra nós o sentido de nossa existência (HYPÓLITO - Boletim Diocesano nº 89 de 1º de Maio de 1976).

Na fala acima, o bispo confirma nossos argumentos discutidos até agora a respeito dos objetivos de sua ação no que diz respeito à política e à postura diante dos problemas sociais, principalmente no caso da Baixada Fluminense.

A "consciência clara de nosso valor" tem um sentido de percepção por parte dos indivíduos que são agentes políticos e fazem parte de sociedade mas não usufruem de toda riqueza com a qual também tem vínculo. Este estado de consciência é o fim último com o qual a atuação pedagógica do bispo junto às CEB's pretende atingir. E a tomada de consciência pelas classes populares é um ideal traçado pela sua ação que proporcionaria ao povo da Baixada Fluminense uma voz mais ativa e mais participativa dentro do meio político.

O uso do veículo religioso para propagação das ideias progressistas, junto à autoridade construída em um ambiente de luta, permite a D. Adriano acionar a luta por melhores condições sociais. Em momentos sua autoridade é religiosa mas também é política. Sua atuação se mistura a esse meio no discurso pelo qual afirma que o caminho do cristianismo é a luta também por melhores condições sociais, assim sendo, sua atuação ultrapassa as fronteiras do mundo místico da interiorização religiosa e parte para o campo da atuação política.

Quando o bispo se refere à "nossa responsabilidade dentro do processo de libertação do homem" ele assume para si e para sua igreja a frente de combate contra as injustiças sociais, o que descontenta a ala conservadora da Igreja, acostumada a lidar somente com problemas espirituais, independente da condição humana e social com a qual seu seguidor se encontra.

Percebemos a crítica, acompanhando as publicações que vão seguir o ano de 1976, isto é, ano que o bispo foi sequestrado por opositores à sua atuação política.

Há quem tente, sob os mais diversos pretextos, reduzir a paz que a Igreja anuncia a uma impossível paz de mortos e cadáveres, uma paz que se acomoda e conforma, uma paz que aplaude os poderosos do dia, uma paz enfim que se alia a todas as injustiças sociais para não sair da seu conforto e da sua instalação. - Nossa paz também nada possui de comum com a paz dos grandes tratados militares, quando os vencedores impõem condições aos vencidos e asseguram, por todos os meios, os despojos da vitória. A paz do grande imperialismo histórico era uma paz de dominação que esmagava e dominava os fracos. Diante de nossos olhos

cristãos nenhuma sedução deveria exercer a paz Romana e as outras pazes que se fundam no poder e na força. - Nossa paz também nada possui em comum com a aceitação das gritantes injustiças que aí campeiam, num inegável perjúrio contra o evangelho de Jesus Cristo. (HYPÓLITO - Boletim diocesano nº 85 de 1º de Janeiro de 1976).

A paz por ele pregada não tem nenhuma ligação com espiritualidade, ou paz de espírito, ou seja, com qualquer preceito que se refira a possíveis harmonizações das práticas religiosas com o conforto pela experiência da identificação com os textos sagrados, mas esta paz vai de encontro ao discurso político militar, pois condena a atuação dos mesmos e os acusa de aliança com as elites para provimento de privilégios e oportunidades dos mesmos.

Temos, então, uma crítica incisiva contra as torturas, sequestros e mortes em função da "paz" tão criticada pelo bispo iguaçuano. A paz proposta por sua Diocese está em diálogo com a proposta marxista de igualdade social, para que sejam diminuídos os privilégios de alguns em detrimento do sofrimento de outros muitos.

Quanto aos que acusam a Diocese de hipócrita e subversiva o bispo responde de maneira objetiva:

Por que pressupõem que a Igreja vive apenas para a vida eterna, entendida essa vida eterna como o que vem depois da morte, sem qualquer ligação com a realidade da vida presente. Por que pressupõem que o papel da Igreja é consolar os aflitos, sem cuidar das causas que afligem o homem, como se para o evangelho houvesse consolo que não seja ao mesmo tempo convite à conversão e à mudança de mentalidade. Por que supõem que a Igreja existe para sustentar a ordem estabelecida, como se a ordem estabelecida não fosse muitas vezes a negação frontal do plano de Deus. - Mas também dentro da Igreja, numa visível profanação do evangelho, existem pessoas que gostariam de alienar a Igreja em face do mundo, que gostariam, num curioso passe de mágica, de antecipar para esse mundo de pecado a realidade do paraíso terrestre ou do Reino de Deus consumado, que querem ser boazinhas sem qualquer interesse pelos problemas comunitários, pelas injustiças sociais (Idem).

Sua postura é revolucionária na medida em que passa a tratar a atividade de base como orientação e capacitação do cidadão à participação política e à luta contra as injustiças em busca da fraternidade que levaria a vida mundana a um paraíso na terra. No caso do bispo iguaçuano, a fé tem que estar diante das propostas reais e realizações no mundo terreno, aqui onde sua teologia se mescla às causas sociais, numa heterogenia de propostas que vão marcar a sua atuação política/religiosa.

Mediante a participação ativa do bispo iguaçuano frente à Diocese de Nova Iguaçu, torna-se imprescindível que notemos que além da organização política feita nas bases, também era de sua preocupação os rumos que o Instituto de Educação Santo Antônio (IESA), vinculado à Igreja de Nova Iguaçu, tomava em sua organização. O documento a seguir revela esta efetiva participação do Bispo (Boletim Diocesano de nº 92, p.3, lançado no dia 1º de agosto de 1976):

13-06: *Festa de S. Antônio*, padroeiro da diocese e da catedral. Concelebram com o bispo diocesano cerca de trinta padres da diocese. Ao meio-dia almoço de confraternização no Centro de Formação de Líderes. À tarde procissão de S. Antônio e, em continuação dos dias anteriores, festa popular.

17-06: *Festa do Corpo de Deus*. À tarde procissão pelas ruas principais da cidade. Boa participação do povo.

20-06: O bispo diocesano celebra a Eucaristia nos *conjuntos* confiados ao Instituto de Educação S. Antônio às 8 h. Às 16 h celebra a S. Missa em *Heliópolis*, e apresenta às comunidades da paróquia os seus auxiliares da eucaristia.

21-06: Começa o segundo período do *curso de formação*, sob a orientação de Fr. Antônio Moser OFM/Petrópolis e P. Paiva. No Centro de Formação.

22-06: Encontro da *equipe de educação* da Cáritas Diocesana com o bispo.

27-06: O bispo diocesano celebra a festa do padroeiro S. João Batista na paróquias de *Piam*, às 7,30, e do *Bairro São João*, às 17 h. Com boa participação do povo.

29-06: Reunião da *equipe de educação* da Cáritas Diocesana com o bispo, tratando dos cursos supletivos e da escolinha do bairro de S. Vicente.

O documento acima nos esclarece que diversas formas organizativas foram se somando à luta no campo social. E a elaboração de projetos dentro da proposta da Igreja para era pauta nas reuniões para planejamento neste campo. O bispo D. Adriano buscou através de sua influência e autoridade enquanto líder, calçar e embasar a orientação educacional com os preceitos humanitários e ligados à nova forma de ser da Igreja, orientada pela opção dos pobres e da orientação política, reformulando um tipo de educação além da escola.

Percebemos, então, a preocupação do bispo com o trabalho social visando o amparo educacional e as extensões da educação como vimos no documento acima no planejamento da equipe de Educação da Cáritas Diocesana, se preocupando com o curso de supletivo e da escolinha de São Vicente, e dando rumos de acordo com sua proposta política e pedagógica.

O bispo demonstra em sua oratória uma preocupação bem intensa com a questão política e educacional. Contudo, sua participação na organização política e educacional, tratando das escolas vinculadas à Igreja como no caso do IESA, Escolinha do bairro São Vicente, em Nova Iguaçu e também com as reuniões nas Comunidades Eclesiais de Base, nos Movimentos Amigos de Bairro, que se tornaram manifestações claras de seu interesse pela orientação político-pedagógica do povo da Baixada Fluminense.

Diante da atuação do bispo que defendeu a Igreja como um instrumento que deve "educar o povo para participar da vida comunitária em sua plenitude, não apenas nos atos religiosos e nas cerimônias litúrgicas" (Ibidem), a construção social deste período permitiu um novo olhar da Igreja e a formação do pensamento revolucionário que vai fazer do bispo Dom Adriano Hypólito um símbolo para os movimentos sociais pós anos 1960 na Baixada Fluminense.

Halbwachs (1990) contribui para a compreensão da singularidade e especificidade do caso da Baixada Fluminense e da atuação do bispo D. Adriano. Esta memória de cada sujeito que viveu contemporaneamente com o bispo é construída por si próprio mas também está em conexão com os indivíduos pelos quais se tem como referência. Portanto, a memória do bispo enquanto uma referência passou por cada um de acordo com sua experiência de luta sob a liderança do bispo assim como também esteve submetida à construção coletiva daqueles que juntos contribuíram nas lutas sociais do período de gestão do mesmo em Nova Iguaçu.

Isto se dá ao fato de que a memória pode se manter como algo em um sentido mais abstrato, dependendo de uma chama mais forte para acender e trazer sempre à tona a vida nesta rememoração, aí então é necessário o coletivo para esta fagulha se tornar uma chama ardente na memória e não se apagar. A vitalidade do grupo se dá à vitalidade de atuação dos indivíduos em particular, e assim se agita a imagem permanente da memória do sujeito junto ao coletivo, mantendo assim uma lembrança.

A partir destas análises, buscaremos encontrar nos indivíduos que estiveram inseridos em tais lutas sociais a memória do bispo D. Adriano, e compreender como foi construída sua imagem de liderança e luta em períodos tão agitados pela perseguição dos militares a todos aqueles que criticaram sua forma de atuação política e social.

3.2 - A construção de uma memória de luta.

O afeto gerado por cada membro atuante das CEB's, a vivência ao lado do bispo, e a construção de uma identidade de luta são aspectos determinantes na existência de uma memória coletiva que salientou, diante da importância de cada área atuante na luta contra a injustiça social, a referência do bispo como maior protagonista e líder nas lutas sociais da Baixada Fluminense no período do regime militar.

O carinho com os sujeitos atuantes se ligam às lembranças da atuação remontam à memória em cada instante que elas são contadas trazendo um tom dramático e significativo no discurso dos mesmos. Da mesma forma, o esquecimento traz o desapego à memória passada. Deste modo, percebemos a intensidade com que cada sujeito entrevistado por nós se prontificou com muita energia e prazer em falar de períodos que são concebidos como de dificuldades pela perseguição dos militares, mas também pelo conforto de ter tido ao lado a liderança do bispo iguaçuano.

As narrativas aqui investigadas são atribuições de significados de cada versão de mundo particular dos sujeitos ativos. São narradas emoções, interpretações, singularidades, sentimentos etc. Cada um com sua forma de perceber o mundo, mas também em conexão com o fator coletivo.

São produções de conhecimento de adultos que estão passando por um processo de formação, mas ao mesmo tempo são a formação para um sujeito que toma a consciência de si extraindo o papel de ator e investigador de sua própria história (SOUZA, 2006, p.27).

Ao passo que cada momento que essas narrativas são transmitidas por tais atores históricos, uma nova memória é construída e o mesmo passa a teorizar sua própria experiência. Portanto, percebemos que a memória, o esquecimento, o fato de ressaltar algum significado ou mesmo minimizar outra fala tem aqui algum significado em construção mediado pelo sujeito histórico.

Como ressalta Halbwachs:

se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (1990, p.25).

O confronto de vários pontos de vista que habitam cada sujeito gera um emaranhado de significados dados a essas memórias. Embora as lembranças sofram diferenças entre si, elas não se confundem em significados, podendo então ser confrontadas entre si, construindo e reconstruindo uma memória.

Concordamos que as memórias individuais não podem ser construídas sem a interferência do coletivo. A realização desta individualidade se remete a um espaço, que nos dá a noção de permanência e do tempo que propõe a mudança dentro da distância da lembrança analisada. Contudo, a memória individual é um ponto de convergência entre indivíduos que compactuam de uma memória coletiva, isto é, um registrador das influências sociais.

Dos sujeitos entrevistados⁵¹, podemos constatar que o ato da entrevista foi uma resignificação de uma trajetória e reconstrução de uma lembrança que foi compactuada com uma construção social de um período histórico importante para cada um que fez parte deste processo de lutas da Baixada Fluminense.

O que consideramos importante não é a verdade nas narrativas de cada sujeito entrevistado, mas sim o embasamento da hipótese de que cada um pôde reviver o momento histórico no momento da entrevista, assim recriando e fortalecendo a interpretação histórica. Assim, teremos o diálogo entre as fontes orais e os documentos disponíveis no corpo deste trabalho de forma que possamos enriquecer nossa análise.

Dando sequência ao que se pretende como foco principal nesta parte do nosso trabalho, daremos a voz primeiramente a Arthur Messias⁵², que entrou para o grupo jovem na paróquia São José Operário em 1976, criada em 26 de março de 1970, com endereço na rua Pref. João Luiz do Nascimento, 220 - Centro - Mesquita - RJ, e teve contato com o bispo aos 15 anos numa visita feita durante sua crisma.

⁵¹ Estas entrevistas começaram a ser feitas no ano de 2003 como trabalho de conclusão do Ensino Médio da disciplina de História em parceria com o Centro de Memória Oral da Baixada Fluminense (CEMOBAFLU), sob a coordenação do professor Cláudio Estevam. Estas entrevistas fazem parte de um acervo pessoal nosso mas encontra-se disponível para pesquisadores interessados.

⁵² Ex prefeito da cidade de Mesquita pelo Partido dos Trabalhadores (PT), militou junto aos grupos que acompanharam o bispo D. Adriano nas décadas de 1970 e 1980.

Dentre as histórias relatadas por Arthur Messias, revela uma grande empatia em ouvir a fala do bispo nas reuniões pastorais quando havia uma pré-disponibilidade do bispo em ir às Igrejas que fazem parte de sua gestão na Diocese de Nova Iguaçu.

Quando questionado sobre o sequestro do bispo em setembro de 1976, Messias revela o quanto aquele ano tinha sido "efervescente" em nível de atuação política e protestos contra o regime militar. Ainda sobre o ano de 1976, o entrevistado comenta que as associações de moradores, erguidas pelo bispo como uma entidade que daria voz aos moradores de bairros, principalmente os mais pobres e afastados do centro de Nova Iguaçu, além da forma de gestão da Diocese, que se mantinha aberta à população como nunca fora antes.

Como ressalta:

a diocese de Nova Iguaçu vinha de forma muito aberta, muito clara, através das palavras de Dom Adriano assumindo a defesa daqueles que eram perseguidos na época da ditadura militar, e acho que sem dúvida nenhuma isso acabou fazendo com que Dom Adriano fosse revisto como um bispo vermelho... diziam, na época, bispo subversivo, bispo comunista, enfim, foi a partir de gestos concretos que eu, a partir da minha paróquia, acompanhava o que era a solidariedade, o apoio, o senso humanitário com que Dom Adriano protegia algumas lideranças populares (Arthur Messias).

Deste modo, analisando o discurso proferido por Messias, compreendemos o quanto esta memória está submetida ao cenário de luta vivido no período em questão. É de seu reconhecimento a autoridade com que o bispo lidava com as lideranças dos movimentos sociais.

Ainda na mesma entrevista Messias revela que a Vila Militar recebia a visita dos integrantes da Câmara Municipal de Nova Iguaçu, e embora não haja provas a respeito dos culpados das bombas que explodiram o altar da Diocese de Nova Iguaçu ou mesmo do sequestro do bispo D. Adriano, o entrevistado atribui tais feitos aos militares, que através de informações dadas pelos vereadores, passaram a fiscalizar de perto os feitos populares de auxílio aos movimentos sociais desempenhados pela Diocese iguaçuana.

A importância do bispo para Arthur Messias foi tamanha que o seu sequestro foi recebido com um choque emocional, causando dor e pesar não só ao mesmo, mas a todos aqueles que o circulava na atuação pastoral. O acontecimento pode ter contribuído, inclusive, para o nascimento de um sentimento mais revoltoso por parte dos admiradores e seguidores do trabalho do bispo. Como relata Messias,

aquilo gerou um sentimento de uma incompreensão, depois uma revolta grande por aquilo ter acontecido com uma figura como Dom Adriano. Eu acredito que tenha fortalecido as convicções de Dom Adriano em relação ao seu papel na Baixada Fluminense. Ele nunca escondeu de ninguém que a baixada o converteu, e nessa fase, inclusive, ele dizia: 'A baixada me converteu'. Então Dom Adriano passou a ter uma relação muito estreita, muito íntima com a realidade da baixada. Inclusive, isso se materializava, isso se demonstrava em vários aspectos, 'né'? Se você pegar a contribuição que Dom Adriano dava para o jornal 'A Folha', que também pode ser visto como um dos motivos da perseguição da Igreja de Nova Iguaçu foi a linha editorial desse jornal, 'né'? **O jornal que seria para acompanhar a missa , tinha lá o ensaio, mas ao mesmo tempo trazia na sua capa e na sua contra-capa algumas mensagens sociais e evangélicas (bíblicas) na linha da realidade do povo**⁵³, então Dom Adriano tinha uma coluna muito lida... Eu lia sempre... Eu e todo mundo, eu acho. Zefa Mariada Conceição, esse nome tudo junto, que poderia ser qualquer pessoa do povo, e ele sempre colocava ali uma história de alguém que ele ouviu, ou de uma realidade também, por exemplo na casa dele no Parque Flora, Dom Adriano durante muito tempo e muitos anos distribuía muito sopão , ninguém sabia disso, mas era uma coisa que ele fazia do espírito humanitário dele, né? E também do seu lado de cuidar bem dos pobres, enfim, nesse sopão que era organizado pela sua comunidade e tal, Dom Adriano sempre reservava um tempo para ouvir as pessoas, conversar com as pessoas e não só no momento da distribuição, em outros momentos também, mas esses momentos ele também ouvia e conversava, e muitas das histórias que ele ouvia, ele depois transformava naquela pequena crônica, naquele pequeno artigo do jornal "A Folha". Então a gente podia saber um pouco das condições de vida do povo da Baixada, lendo a coluna de Dom Adriano. O jornal "A Folha" falava também de questões nacionais, de questões sociais, trazia artigo de teólogos importantes e adotado não apenas na diocese de Nova Iguaçu, mas em muitas outras dioceses no Brasil, eu tive a oportunidade de fazer uma missa lá em Espírito Santo, na diocese de São Mateus, e lá se adotava "A Folha" de Nova Iguaçu. Então aí um pouco da importância ou a identificação que várias dioceses do Brasil tinham com a linha editorial da "Folha"... Dom Adriano sempre andou com apenas com um motorista, dirigindo o fusquinha dele que ele teve praticamente durante toda a vida de bispo. Um fusca e depois ele passou para outro carro, não sei se um gol, mas sempre foi o fusca e arranjava sempre alguém próximo dele, um sobrinho... Então, acho que não mudou, mudou no sentido de que ele confirmou a sua compreensão de que o povo da baixada precisava de se libertar de todo tipo de pressão e de fome, desemprego nas condições de vida, e certamente a opressão que provocava era uma delas 'né'? Mas depois do episódio do seqüestro, nós tivemos em 1979 se eu não me engano, a bomba na catedral, isso foi uma coisa muito difícil , porque, ali se pegou próximo do natal , uma festa muito importante para a igreja, eu estava em Nova Iguaçu Quando a bomba explodiu, e fui até a catedral, sem entender também... Depois de algumas horas que eu soube, enfim, mas acho que Dom Adriano não mudou no sentido de ficar mais temeroso, de ficar preocupado, ao contrário, ele aceitou mais ainda a sua

⁵³ O grifo é nosso.

convicção de que e estava um tanto certo. Agora uma coisa importante é que ele fazia isso com a compreensão evangélica, humanizada, era o respeito ao outro como irmão, aliás era uma coisa que ele sempre se dirigia a todos nós da comunidade, nas suas celebrações, nas ruas conversas, se dirigindo a nós como irmãos, nunca tinha uma relação hierárquica de dizer: eu sou bispo e você é meu paroquiano, meu congregado. Não! Ele sempre tratava todo mundo como irmão, era a referência que ele fazia, como fez em São Francisco, o sol, o passarinho, a planta, era um pouco a forma que São Francisco se dirigia a natureza e as pessoas também. Mas Dom Adriano, não fazia o artigo no sentido político, um discurso político teórico... Não! Ele fazia um discurso analista. Então todo o engajamento dele, nas lutas sociais, todo o apoio que ele deu aos movimentos sociais das Baixada no MAB, a formação do sindicato das domésticas, a criação da Comissão de Justiça e Paz, uma outra razão para que a Igreja de Nova Iguaçu tenha sido perseguida, porque ali na Comissão de Justiça e Paz, vários advogados, várias pessoas saíram em defesa dos presos políticos, de pessoas que ficaram presas e eram mortas, com bandidos mesmos, enfim, então essa atuação de Dom Adriano era muito ligada em relação a pessoa humana, não era uma relação política, não era uma relação de partido, ele nunca declarou, que eu saiba, o voto dele a ninguém, ele não gostava disso, ele não tinha uma simpatia por partido, ele não declarava isso, todo mundo achava que ele tinha simpatia pelo PT, mas eu nunca ouvi Dom Adriano falando isso. Ele era crítico ao PT, várias vezes conversando, ele fez críticas ao PT, fez crítica à postura.. Então eu acho importante dizer isso, talvez tenha sido alguém que sabia qual era o seu lugar. O lugar de um pastor que quer libertar esse povo, proteger a partir de uma convicção de que todos são filhos de Deus. Que todos nós temos direitos a uma vida digna, de que todos necessitam viver sem injustiças, era isso que motivava ele, não uma convicção política e teórica, não é nada disso não."

Nesta longa fala de Arthur Messias constatamos o quanto a concepção de libertação se manteve intrínseca à figura do bispo. A imagem de comoção do bispo pela situação de descaso e injustiça social em relação à Baixada Fluminense é projetada na narrativa de Messias, que logo expressa também sua revolta com o caso sofrido pelo bispo iguaçuano. Ainda pelo fato de também ser sergipano como D. Adriano, Arthur Messias o tem com um carinho especial de alguém que o alimentou ideologicamente e fomentou o desejo de justiça dentre outros que, assim como nosso entrevistado, também fizeram parte desta história.

A tal "relação estreita com a Baixada Fluminense" descrita pelo entrevistado pode ser notada pela proximidade com que a atuação do bispo esteve do próprio Messias. Não obstante, não só a presença física auxiliando nos projetos e na formação de

quadros militantes, mas também no veículo impresso "A FOLHA"⁵⁴, quando na linha editorial o bispo fazia suas críticas ao governo, à situação de pobreza e também à injustiça social presente na Baixada Fluminense. O alcance do jornal levava adiante a mensagem do bispo, além de outros indivíduos que compactuavam das ideias com seus artigos e mensagens de apoio às classes populares.

Nos atentamos à parte grifada da citação, pois há ali as evidências de que a autoridade religiosa se misturava à autoridade política. A frase "mensagens sociais e evangélicas na linha da realidade do povo" se mostra como um híbrido caminho de interação entre mensagem bíblica e crítica social, não desassociando uma da outra, mas fazendo parte de um mesmo discurso que caminhou junto à atuação do bispo pela Diocese de Nova Iguaçu.

A admiração pela atenção que o bispo dava aos anônimos, a sinceridade com que ouvia e reproduzia as histórias de vida nos contos que tinha sempre como personagem principal a "ZefaMariadaConceição" (escrito junto) que, transformada em crônica, comoveu não só nosso entrevistado, mas também aqueles que faziam parte daquela realidade social, é evidente na fala de Messias.

Nosso entrevistado ainda busca nos explicar na parte final do seu discurso que por mais que o bispo tivesse uma boa formação, que fosse extremamente culto, seus discursos não eram inacessíveis ao povo. Não havia discursos analíticos como os de acadêmicos e nem mesmo discursos como os dos políticos, mas uma análise que era recebida pelas classes populares, fiéis e simpatizantes da Teologia da Libertação como estimulante, libertadora e uma verdadeira exposição de como a Igreja iguaçuana se preocupava com as questões sociais.

Sobre a repercussão do sequestro, do ponto de vista cristão, Arthur Messias revela que houve uma comoção internacional, o que nos dá uma noção da amplitude da atuação do bispo nos trabalhos de base na sociedade iguaçuana. A prestação de solidariedade pós-sequestro envolveu muitos religiosos e leigos simpatizantes, além daqueles que eram atingidos direto pela atuação do bispo em proteção dos direitos do

⁵⁴ A Folha surgiu em 11 de junho de 1972, e inicialmente pretendia ser um instrumento de comunicação interna da Diocese de Nova Iguaçu. Mas com o tempo e a conjuntura política se tornou um periódico crítico político e social que era difundido por todo o Brasil e com grande número de leitores religiosos e leigos. Passou a ser um dos maiores instrumentos de crítica da Diocese de Nova Iguaçu, contando também com outros religiosos de outras regiões do país, contra o regime militar e a situação de pobreza e injustiça social vivida pelo povo brasileiro e, mais especificamente, da Baixada Fluminense ("A FOLHA", 14 de Novembro de 1993 - ano 20, nº 1143).

cidadão. O trecho da entrevista em que Messias revela que D. Adriano "nunca se fez mártir, nunca se fez de vítima, ele procurava seguir a vida dele na condição de bispo, de pastor aqui da igreja particular aqui de Nova Iguaçu". Pela repercussão mundial do sequestro de D. Adriano, acreditava-se que a Igreja estaria mais protegida, e então o refúgio teria uma força ainda maior, reforçando a luta pelas classes populares. Por este motivo, segundo Messias, a Igreja passou a ser perseguida com maior intensidade depois desse período, pois não se absteve na atuação política.

O nosso segundo entrevistado é o padre Marcos Barbosa, da Diocese de Nova Iguaçu, nascido em Mesquita, que ajudou muito no trabalho de D. Adriano frente aos problemas sociais da Baixada Fluminense. Seu primeiro contato com o bispo foi quando entrou para o seminário em 1978, embora já tivesse tido outras participações desde pequeno junto às celebrações religiosas tradicionais. Diante da escolha de Marcos Barbosa ao caminho eclesial, revela que o bispo teve muita influência, orientando e motivando o mesmo à vida sacerdotal.

Em relação à ligação das orientações do bispo com a Teologia da Libertação, o padre Marcos Barbosa respondeu da seguinte maneira:

A Teologia da Libertação, isto é, refletir, pensar a revelação de Deus a partir daquilo que é mesmo a história da salvação. A partir da opção pelos pobres, partir da libertação e nesse contexto nosso, do latino-americano e, no Brasil, é de fato esse olhar que o pensamento teológico necessita. A partir mesmo da nossa realidade sobretudo o método de lutar e agir, o que penso que é uma Teologia como diz o próprio Papa, necessária também, mesmo naquela época em que pelos anos 1980, 89, parece 89, que houve uma reação também; sobre tudo de Roma da Cúria Romana, da Teologia da Libertação. Gosto sempre de lembrar que alguns bispos e cardeais aqui do Brasil disseram que a Teologia da Libertação necessitaria que continuasse. E ela continua, é claro a partir de revisões. De acordo com a própria história, circunstancias culturais, também a Teologia da Libertação precisa de uma revisão, mas ela continua, ela está aí porque é teologia fundada na bíblia. E na tradição da Igreja, na ação de Deus mesmo e desejo de Deus. Agora que eu acho essa teologia fez e faz muito bem nós todos, sem radicalismos.

A maneira com que preceitos evangélicos são aplicados à prática católica nos remete a pensar que a razão do surgimento de tal teologia foi orgânica, e brotou não diretamente da alta hierarquia eclesial, mas de visões particulares da situação da América Latina e que foram crescendo e se tornando inevitáveis à percepção.

Essa identidade produzida pelos que cercavam o bispo, isto é, a ideia de luta pelos oprimidos e incapazes de agirem por si mesmo, dava à Igreja iguaçuana sua parcela de participação na história do Brasil no que tange à prática da Teologia da Libertação.

A ação política estava explícita na formação dos religiosos e leigos, como revela Barbosa, "a própria Diocese sempre teve uma preocupação muito grande em ligar fé e a vida, a fé e o compromisso social, a fé que se desdobra em ação. Então ele incentivava muito isso nos próprios planos, na pastoral, e a própria Diocese estava envolvida (...)"

Os desdobramentos criam a memória de um líder preocupado com as causas sociais, e envolvido com a religiosidade de uma forma que o pensamento e a ação social estavam vinculados ao evangelho, permitindo a criação de um universo que ligava a esperança de melhora (fé), à vida de devoção às causas populares.

Não foi possível perceber erros na atuação de D. Adriano, de acordo com o padre entrevistado. Sua visão a respeito do bispo é apaixonada. Primeiramente pela questão religiosa e, conseqüentemente, pela postura de liderança que o bispo adquiriu com sua atuação política.

Quando questionado pela preferência política, Barbosa nos conta que achava que a preferência do bispo era pelos moderados, mas diante da ditadura ele emitia posições bem radicais que o aproximava do comunismo. Mesmo assim, o padre destacou que o bispo não era radical a ponto de ter tal proximidade com os marxistas.

Embora tenha tentado suavizar a atuação do bispo argumentando que a postura da Igreja era mais voltada para a espiritualidade do que para fins políticos, Barbosa relata que em tempos de injustiça, a Igreja lutava pelo lado dos mais fracos e injustiçados, e isso a colocava em cheque diante do regime vigente. Não obstante, tudo que foi feito pela Igreja teve cunho evangelizador, por mais que tenha a questão política envolvida.

O advogado Paulo Amaral é o terceiro entrevistado. De origem humilde, teve como foco o exercício de sua profissão em benefício da classe trabalhadora. Foi vice-presidente da Comissão de Justiça e Paz, fundada por D. Adriano (presidente) para dar amparo jurídico àqueles que eram perseguidos pelo regime militar e/ou não tinham condições de custear um advogado.

Ao ressuscitar a imagem e memória do bispo iguaçuano, os elogios não faltam, até pela representatividade do mesmo diante de um militante das causas populares. Assim, Paulo Amaral nos conta:

o maior patrimônio da minha vida foi ter me aproximado dessa figura humana que era belíssima, e um coração magnânimo. Uma solidariedade incrível e eu tive, aliás, poucos tiveram a oportunidade que eu tive de conviver, de privar da amizade, de toda a intimidade de Dom Adriano Hipólito.

O advogado revela com admiração que a atuação do bispo não tinha fronteiras, isto é, não se limitava somente à Igreja, ela seguia além em direção àqueles que precisavam de orientação, proteção e inspiração para a luta contra os problemas sociais.

Dentre os relatos contados, está o da proteção dos sem terra, posseiros e trabalhadores rurais que sofriam com a atuação da elite e também da opressão dos militares ao afirmar que "nós, a diocese, a comissão de Justiça e Paz, chegamos a defender nada menos que 600 a 700 famílias de posseiros que estavam injustamente sendo expulsos de sua terra".

Em um caso de fechamento de uma metalúrgica em Paracambi, comentou sobre uma grande quantidade de trabalhadores que estavam passando fome, além do despejo de treze mil famílias. A identificação com a figura do bispo é tão clara que não viam outra saída a não ser contar com D. Adriano para a solução de tais problemas, como relata Amaral.

Por ter tido o mesmo trajeto de perseguição que o bispo teve, Amaral fala de sua tortura, de como foi difícil superar aquele momento, e após toda a dificuldade, ver seu líder passando pelo mesmo problema e reagindo de forma bem diferente, "sem rancor e sem medo de represálias".

Os ideais de justiça passam pela fala de Paulo Amaral como se estivesse vivendo aquele momento. Suas memórias são trazidas à tona a cada momento que evocamos a palavra luta, e aquilo que ele ouvira na juventude sob a orientação de D. Adriano é que busca passar numa entrevista para um grupo de jovens, inclusive preceitos marxistas que supõem um grande conhecimento no teórico.

Está claro para nós o quanto a figura do bispo era carismática e atraía a atenção daqueles que provinham de anseios populares e de necessidade de justiça imediata diante da situação de calamidade da Baixada Fluminense tão destacada entre os entrevistados e

o próprio bispo. O entrevistado classifica os bispos que agiam de forma conservadora ou, como ele relatou, "reacionária", como bispos anti-povo. Ainda questiona a inatividade política dos mesmos diante de um Brasil tão "desigual e injusto".

Desta análise, concluímos que a imagem cristã, para Paulo Amaral, ao menos no contexto de lutas sociais que perduraram durante o regime militar, estava atrelada à defesa dos pobres, às ações populares de compaixão e de luta.

Além de leigos e militantes de movimentos sociais, os próprios padres que acompanhavam o bispo em sua administração, salvas algumas exceções como a do padre Ros e seus seguidores, eram completamente apaixonados pela causa do bispo. Suas atenções eram plenas diante da fala do bispo e suas trajetórias tinham a fala do bispo expressa, enfim, a construção da imagem de liderança do bispo não foi construída apenas naqueles dias de luta, mas diante desse momento de recordação que os agentes também reconstroem suas histórias e inserem a presença de seu representante máximo: Dom Adriano Hypólito.

Esta nossa análise propõe compreender como estas reconstruções estão sendo revividas e recontadas de tal maneira que as inquietações inclusive com o resultado da pesquisa são importantes na medida em que percebem que a memória do bispo está sendo reconstruída e mais uma vez cada entrevistado tem a chance de participar de alguma forma deste processo.

Nossos próximos entrevistados são dois professores de história que atuam em instituições públicas do Estado do Rio de Janeiro e Municípios de Mesquita, Nilópolis e Nova Iguaçu. São eles Alseni Pereira da Silva e Mário Medeiros Farias. Questionados sobre a figura do bispo D. Adriano, um deles inicia uma fala que se encaixa no padrão identificado até aqui: respeito e admiração extrema pela atuação política do bispo e a compreensão da forma com que o cristianismo está atrelado a esta causa.

Alseni Pereira da Silva foi catequista no período da gestão do bispo, e fala com bastante orgulho de ter participado deste processo de luta ao lado de uma ideologia que afirmou estar engajada na proposta da Teologia da Libertação. E ainda relata que não foram somente os perseguidos pelo regime militar, ou mesmo aqueles que estavam nas frentes de luta contra os militares, mas aqueles despolitizados que assistiam de longe o cenário de violência sem ter voz e nem condições de vida que poderemos considerar próximas da dignidade.

(...) para as pessoas mais pobres era considerado um santo, e pra gente era considerado um herói porque o movimento organizado, seja de Partido, Associação ou Sindicato, viam em Dom Adriano uma referência onde eles poderiam sempre estar buscando uma palavra de alento, uma palavra de ajuda caso sofressem alguma perseguição por parte do regime, então Dom Adriano era assim, era santo para as pessoas pobres e era herói pra quem era engajado em algum movimento sendo católico ou não, sendo de qualquer denominação política ou até religiosa mesmo.

Considerando a fala acima, existia uma grande admiração que colocava a causa final dos motivos das lutas sociais no centro dos anseios religiosos. Eram fé e ação trançadas ao meio com o qual as alianças tão fortes entre elite econômica, Estado (políticos) e os militares se viam ameaçadas por um povo crente na liderança de um bispo, construído pela atuação mediante sua autoridade apostólica e, com o tempo, autoridade política conquistada a partir da sua postura contra as injustiças sociais.

O professor Mário Medeiros Farias já considera a atuação do bispo "muito mais política que religiosa", pois "Dom Adriano sempre acreditou nisso... Acreditou que era possível fazer uma sociedade mais justa; ele deu parte da vida dele por acreditar numa sociedade mais justa, mais digna". Mas percebe que diante da proposta da Teologia da Libertação, junto ao trabalho nas CEB's, a força com que o cristianismo se encaixou no cenário de luta, fez com que muita gente que só pensava no lado espiritual, passasse a pensar a questão política, sendo educados e polidos pela visão crítica a qual emanava da figura do bispo iguaçuano.

Para os entrevistados, a experiência da Teologia da Libertação se manifestou como uma oposição à Teologia Tradicional, trazendo o pensamento progressista à tona em um período que necessitava de uma alternativa à conjuntura política. Como Alseni da Silva explica, "uma teologia de corpo e alma" que via uma nova perspectiva para o evangelho.

Uma religiosa que também fez parte desta conjuntura nos cedeu suas informações e com ela pudemos garimpar mais algumas hipóteses acerca da história do bispo na Baixada Fluminense. Irmã Maria da Conceição de Imaculada chegou ao Brasil em 1983, vindo de Lisboa - Portugal, quando Dom Adriano a convidou para ver o local onde ele queria construir o mosteiro Santa Clara, em Nova Iguaçu - Bairro Botafogo.

Numa de suas visitas à Alemanha, o bispo D. Adriano passou por Lisboa para colocar em prática seu planejamento do mosteiro. E diante de todo envolvimento com a construção do mosteiro, Irmã Maria nos deixou claro a admiração pelo bispo iguaçuano.

Em suas próprias palavras, comentando sobre um pedido de uma pessoa carente, questionando o bispo sobre a seriedade do pedido, ela nos respondeu a fala dele que dizia: "olhe para o rosto dele e veja como é uma pessoa que a miséria está estampada na sua face". E suas observações complementam dizendo que "ninguém podia dizer nada do pobre, que o pobre estava enganando, que estava faltando com a verdade só para conseguir dinheiro", pois a experiência do bispo com a pobreza da Baixada Fluminense, segundo a Irmã Maria, estava além da compreensão daqueles que não sofriam dos mesmos problemas de injustiças sociais que as massas populares.

As observações da entrevistada revelam o desapego à riqueza, o senso comunitário e a fraternidade. São imagens interpretadas e revividas em um momento, explanadas a nós como se a essência daquela memória tivesse construído parte da identidade religiosa da mesma.

Eu acho que Dom Adriano foi uma grande confiança no pai do céu... Quando teve o sequestro nos disse assim a uma das comunidades em uma palestra que na altura que colocaram no corpo dele um liquido que ele não sabia que era vermelho, porque estava com os olhos vendados, ele disse que pensou que talvez fosse gasolina e que iam atear fogo, ele disse que sentiu uma alegria, uma serenidade tão grande, e disse: agora um santo para os braços do pai... Quer dizer, ele naquele momento não se importava em morrer. Para ele, uma pessoa no momento daqueles proferir estas palavras é que tinha tido uma vida realmente tão completa nas mãos do pai. Sobretudo, confiava no pai. (...) Quando ele viajava para a Alemanha, uma vez em dois bimestres, pedia a sobrinha que olhasse pelos irmãos para que não passassem necessidades, pois olhe, Jesus, o Senhor aceitou tanta generosidade de benfeitorias que estavam aqui para nos ajudar e que agente não conhecia, a gente dizia que Dom Adriano está junto de Jesus a fazer a sua obra, a obra dele não terminou com a sua morte ele continua lá no céu e tenho certeza que ele vela sempre pelo nosso mosteiro, e pelas nossas irmã necessitadas...

Fernando Leal Webering, nascido em Salvador - Bahia, trazido pelo bispo para Nova Iguaçu em 1969, aos 17 anos, nos revela como foi sua experiência e como concebe a figura do bispo diante de suas lembranças.

O entrevistado nos conta que ao chegar na Diocese de Nova Iguaçu, pouco tempo depois do bispo ter assumido a gestão, percebeu o quanto esta região era pobre e o quanto a Diocese necessitava de atenção para superar as dificuldades financeiras. Esse era um dos motivos dos financiamentos buscados pelo bispo na Alemanha, onde tinha muitos amigos que fizeram junto a ele o seminário em João Pessoa, quando ainda tinha 14 anos.

Comentando sobre a situação da Baixada Fluminense, Werbering afirma:

quando ele foi nomeado pra cá, ele soube através de Dom Carmine Rocco, que ligou e comentou com Dom Adriano que ele ia ser bispo da Baixada mais problemática da região, que devido a violência, devido sobretudo ao ‘esquadrão da morte’, que já existia na região naquela ocasião, aquela matança toda que havia aqui, havia o “Mão Branca” e outros problemas também... A Baixada Fluminense era tida assim como cidade dormitório. Nova Iguaçu, Nilópolis, sempre foram consideradas “cidades dormitório”. A população dos trabalhadores vinha para o Rio trabalhar. E também tinham aqui muitas indústrias que favoreciam Nova Iguaçu, também com o crescimento da população....

Os problemas sociais existentes na Baixada Fluminense já eram de ciência do bispo, assim como de vários companheiros que o apoiavam nos trabalhos pastorais e nos seus projetos de base nas comunidades carentes. E talvez esse seja um agravante que pesa na hora de falar sobre o bispo. São quesitos que contribuem para a admiração e exaltação da memória de luta do bispo iguaçuano.

De acordo com o entrevistado, assim como nas entrevistas anteriores, o sequestro do bispo serviu como alavanca para que todas as suas obras tivessem um reconhecimento ainda maior. Principalmente porque sua atuação não diminuiu, mas foi reforçada pelo calor daqueles que já o tinham como herói defensor dos oprimidos da Baixada Fluminense.

Diante da postura do bispo ao lado dos pobres, das lutas sociais, segundo Webering, cartas anônimas eram enviadas ao bispo com ameaças intimidadoras, que eram rasgadas pelo mesmo, quando percebida, antes mesmo de fazer a leitura. O entrevistado conta sobre uma situação vivenciada ao lado do bispo.

(...) [sobre um] sujeito que ficou na passarela, nas vésperas do seqüestro mesmo, falando uma porção de coisas ali. E não ligamos não. Não demos atenção, nem fizemos nenhuma ligação ao fato de que os militares teriam a ousadia de fazer o sequestro e pegar o Dom Adriano que, inclusive, foi o único bispo que foi sequestrado e se tornou assim, podemos dizer, mártir da violência aqui no Brasil.

Um símbolo formado a partir de uma atuação política e religiosa polêmica, contra os princípios conservadores da Igreja, contra o conservadorismo militar, em favor das lutas populares que buscam melhores condições de vida. Essa é a imagem modelada

pelos sujeitos aqui evocados e, a partir da memória oral, podemos identificar contribuições significativas que remontam ao período estudado.

Webering também foi sequestrado junto ao bispo, e vivenciou a tortura, as ofensas e a crueldade. O entrevistado comenta sobre o símbolo de D. Adriano, a foice e o martelo, que coincidentemente também representa o comunismo. A proximidade com o marxismo é o foco que os militares buscaram para incrementar as acusações, que mesmo depois do sequestro não cessaram. Em 1981, segundo Webering, ainda continuavam as pichações nos muros das igrejas e até falsificações de artigos de D. Adriano. Nessas falsificações havia estímulos à revolução marxista, ideias subversivas radicais e uma exposição incomum na fala do bispo.

Dom Adriano nunca se isolou de ninguém porque Dom Adriano nunca permitiu ser figurinha de presépio de palanque de políticos, ele detestava esse negócio. Outros bispos por ai eram muito politiqueiros. O Dom Eugênio Sales era politiqueiro. Inclusive ele interferiu na sucessão de Dom Adriano. Dom Eugênio não permitia que Dom Adriano fosse fazer palestras na diocese do Rio. Na PUC ele vetava a participação de Dom Adriano em palestras. Dom Adriano defendia os pobres. Massacrados pelo salário mínimo. Ele ajudava muita gente com cimento, tijolo para fazer suas casas, todos recebiam dignidade para morar.

Outro entrevistado foi o padre Agostinho Pretto, nascido no Rio Grande do Sul, ordenado padre em 1953 em Porto Alegre - RS, chegou em Nova Iguaçu em 1973 à procura do bispo D. Adriano Hypólito mediante sua fama em trabalhar tão intensamente na área social em amparo aos necessitados.

O padre Agostinho já fazia trabalhos sociais pela América Latina em países como Argentina, Peru, Colômbia, México, e Chile, e já tinha ideia dos problemas que enfrentaria diante da situação de pobreza da Baixada Fluminense. Devido à sua atuação foi preso e por este motivo procurou o bispo por saber que ele o protegeria contra a atuação dos militares na repressão de sua atuação política e social. Quando perguntado por nós sobre a situação crítica que se encontrava a política nos dias antes do sequestro do bispo e sobre como ele compreende os motivos do sequestro, o padre responde da seguinte forma:

O sequestro de Dom Adriano era uma consequência lógica porque os homens mandados, executantes de uma situação expressiva, esses militares que nem eles quase sabiam muito o que estavam fazendo, obedeciam ordens que vinham 'de cima' e das ordens que vinham dos

altos escalões; o sequestro de Dom Adriano era uma consequência lógica, do comportamento profético desse Bispo. Qual era o comportamento desse Bispo ? Ele denunciava a situação, denunciava e fazia ver a quem quisesse ouvir que não é por aí, não é arbitrariamente que se conduz um país e uma nação e denunciava aqueles que oprimiam. Ele denunciava as prisões, ele denunciava as torturas, era um homem que não tinha medo, ele fazia por Dom Hélder e a tantos outros que levantaram a sua voz, a Dom Aluísio, cardeal hoje ainda lá presente e atuante no santuário de Nossa Senhora Aparecida. Eram só figuras que a história não pode esquecer; a história não se pode omitir, porque somos grandes profetas da época, que serão venerados hoje, amanhã e sempre.

Nesta nossa última entrevista, temos um dado que complementou nossos esforços e nossa hipótese traçada até então. O esquecimento, a lembrança, a memória, a história, enfim, a reconstrução da imagem que foi conduzida até os dias atuais daquele período entre 1966 (ano da posse do bispo na Diocese de Nova Iguaçu) e 1985 (ano da abertura à democracia) é a de um líder religioso e político.

O modo que os religiosos, leigos, militantes e simpatizantes das ações do bispo D. Adriano reconstruem a imagem do bispo carregam toda a emoção e sentimento de revolta dos dias passados. Carregam também a esperança de dias melhores e uma certeza em relação ao juízo de valores com o qual atribuíam significado às falas do bispo contra a ditadura militar.

Suas histórias remontadas a partir de suas memórias criam identidades que são compartilhadas pelo meio social. Atualmente, a quantidade de pesquisas que estão voltadas para o levantamento de dados que correspondem à crítica ao período militar com todo seu teor de repressão tem agitado aqueles que lidaram com a figura do bispo.

Assim, no tempo presente, a história que sempre foi contada pelos que venceram começam a dar lugar às vozes que foram vencidas. Todos estes atores que participaram do período de perseguição pelos militares buscam o reconhecimento de seus heróis, ou mesmo daqueles que tiveram poder e autoridade para lutar de frente e apoiar aqueles que não tinham voz ou que não compreendiam o campo de atuação política e precisaram ser ensinados a praticar sua cidadania.

Os esforços em mostrar a importância do bispo de Nova Iguaçu, "defensor dos pobres", é unanimidade nos entrevistados e também naqueles que escrevem sobre a atuação do bispo na Baixada Fluminense.

3.3 - Imagens e contextos.

Com o intuito de concluir nosso trabalho, fizemos a opção de trazer fotografias que capturassem momentos do bispo D. Adriano. Para tal empreitada, utilizaremos a ideia de Marcos Napolitano (2010) que ressalta a importância de uma análise mais apurada para que não venhamos cair em armadilhas pré-estabelecidas na utilização de fotos. O autor dispõe de dois elementos significativos para serem levados como procedimentos da análise das fotografias, isto é, não tratar a imagem como um registro ou testemunho direto da história; levá-la ao máximo subjetivo que nos permitiria a crítica dos pressupostos já produzidos ou mesmo incitados pela imagem (idem, p.235).

Entendemos, como propõe o autor, as fotos como "mecanismos de representação da realidade, a partir dos seus códigos internos" (ibidem, p. 236), que também são um código do fotógrafo a partir do seu ponto de vista ao qual busca representar em forma de imagem. Desta maneira, percebemos que o plano com o qual é produzido o imaginário da fotografia, também interfere no discurso produzido pela análise da mesma.

Dentre as fotografias analisadas, podemos perceber que o panorama com o qual está inserido a figura do bispo, se comparado com a análise dos entrevistados no item anterior do nosso trabalho, poderemos cair na armadilha de associar o bispo ao martírio da mesma forma que os apaixonados pela figura citada ocorrem. Porém, mesmo antes deste rumo se desdobrar no enobrecimento da imagem de D. Adriano, a concepção de "pai dos pobres" já estava sendo atribuída ao mesmo de acordo com a configuração e o planejamento da fotografia.

Na figura 1 podemos notar o bispo ao centro de um grupo de jovens da Paróquia São José Operário. Esta imagem perpetua uma ideia de colaboração de setores ligados às bases, estabelecendo certo controle com os rumos do pensamento que dará origem aos novos rumos da Igreja.



Fonte: Arquivo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu.

Na figura 2 o bispo aparece bem próximo de trabalhadores numa obra, e a alegria com que os trabalhadores recebem a figura do bispo nos remete a pensar a representatividade do mesmo diante de tal trabalho. Mesmo que numa ação simbólica que consiste na imagem em movimentar instrumentos de trabalho, há uma ligação que reforça o carisma e o cuidado que o bispo tem em se aproximar daqueles que segundo suas ideias mais carecem de atenção.



Fonte: Arquivo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu.

Na figura 3 podemos identificar a importância dada ao momento de aparição do bispo diante do povo em sua posse. Pessoas na janela buscam fitar o momento, e crianças e admiradores, dentre leigos e religiosos o circulam para desfrutar do momento de contato com o bispo ainda sem atuar de forma expressiva em favor das classes populares.



Fonte: Arquivo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu.

Na figura 4 nos chamou a atenção a simplicidade da comemoração de seu aniversário. Os homens que aparecem ao seu lado dispõem de vestimentas simples e compartilham do momento com o bispo.



Fonte: Arquivo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu.

Conforme a figura 5 percebemos o entusiasmo da figura do bispo já consagrada. A proximidade do mesmo é recebida com alegria.



Fonte: Arquivo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu.

A figura 6 é a mais representativa no sentido da demonstração do carisma diante das classes populares. O bispo aparece em um lugar simples, com um sorriso no rosto,

diante de crianças e adultos que provavelmente não dispõem de condições financeiras boas para uma vida confortável.



Fonte: Arquivo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu.

A figura 7 trata-se de aparição em um cenário de pobreza típico da Baixada Fluminense. Um barraco no fundo da foto, pessoas simples e casas ainda no tijolo revelam a situação a qual ele sempre se referiu e sempre agiu em função da melhora.

Nessas caminhadas o bispo ouvia as queixas da população, evangelizava e educava no corpo a corpo, de modo que cativasse o morador a tomar o estado de consciência de cidadão e lutar pelos seus direitos.



Fonte: Arquivo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu.

As imagens escolhidas buscam tornar mais claro o universo pelo qual o bispo estava inserido e a dimensão com a qual sua pedagogia e sua ação andavam de acordo com a proposta progressista pré-disposta pelo novo olhar de parcela da Igreja em direção às classes menos avantajadas. A memória construída por cada discurso nos ajudou a compreender o quanto era carismático e idolatrado; as imagens nos permitiram uma materialização deste universo.

IV - REFLEXÕES FINAIS.

O nosso esforço, até aqui, em reunir alguns documentos e depoimentos faz parte de um trabalho que tem se intensificado por aqueles que se interessam pelos estudos ligados ao período do regime militar e a atuação da Igreja na área dos programas sociais de amparo às classes populares.

O bispo Dom Adriano Mandarino Hypólito passou a ter grande representatividade na Baixada Fluminense e no Rio de Janeiro, após o interesse de pesquisadores em tal área, e neste quesito nos encaixamos e buscamos ampliar e contribuir ainda mais para o alargamento da compreensão sobre a atuação do bispo no tocante à instrução, educação, crítica às desigualdades sociais e os reflexos da sua presença na Diocese de Nova Iguaçu.

Cabe-nos ressaltar a dimensão que a Igreja tomou a partir dos anos de 1960 no que diz respeito à atuação política no âmago da sociedade. Na nossa pesquisa destacamos que esta importância modificou e intensificou algumas lutas populares dando voz às classes marginalizadas. A partir deste momento, a Igreja passou a desempenhar um papel de liderança e amparo ao assumir a "opção pelos pobres".

E se tratando de educação, a Igreja é pioneira no Brasil, e por esse motivo influenciou muito na formação do povo brasileiro até a República, quando o Estado passou a ter certa independência em relação à atuação da Igreja neste campo. Contudo, não significa dizer que a Igreja não mais atuou na área de formação, mas com tal evento passou a ter o laicato como um desafiante à sua hegemonia no campo da educação.

Após a República, a instituição conservadora vai buscar seus meios de enquadramento às novas estruturas dos modelos mais modernos de atuação no âmbito educacional. Os novos modelos de escolas, de certa forma, contribuíram para mudança na forma de agir da Igreja, por mais que seu objetivo sempre tivesse sido conservar sua participação na sociedade e seus privilégios enquanto uma grande agente social influenciadora.

Com o Concílio Vaticano II, parte da Igreja percebe o quanto esteve afastada das classes menos abastadas da sociedade, e busca escolher um novo lado diante da complexa dinâmica social. Esta opção pelo lado mais pobre da sociedade levou a Igreja a uma posição que incomodou as estruturas dominantes que a elite econômica mantinha

com o aparato do Estado, assim como ao antigo sistema conservador que elitizava o acesso ao catolicismo.

A Igreja sempre teve em seu enredo a caridade e o olhar para o pobre, mas foi a primeira vez na história que ela assumiu a caminhada ao lado do povo de forma inclusiva. Esta mudança de postura criou, inclusive, um conflito interno entre os progressistas e os conservadores, que colaborou para que nem mesmo dentro da hierarquia dos católicos houvesse um caminho seguro sem objeções.

A CNBB foi um dos órgãos que contribuiu para a propagação das novas ideias progressistas denominada Teologia da Libertação. Mesmo com poucos adeptos no campo de atuação nas comunidades, o lado progressista contava com um número expressivo nos principais cargos do órgão, e também dispôs de agentes históricos que, através de sua atuação intensa e de grande representatividade no interior das comunidades, contribuíram para a tomada de força em favor das ideias progressistas iniciadas no final dos anos de 1950.

A Baixada Fluminense sempre foi um berço de pobreza e de desigualdades sociais. Esta realidade atraiu os olhares desta Igreja dos pobres e do bispo D. Adriano Hypólito, que foi o principal motor para as mudanças expressivas nas formas de participação política do cidadão fluminense sob a liderança eclesial.

Quando assume o bispado da Diocese de Nova Iguaçu em 1966, o bispo toma consciência do estado em que a região se encontra. E na ocasião do golpe dos militares em 1964, já percebia de perto a repressão contra aqueles que de alguma maneira ameaçavam a ordem dos golpistas.

Reunimos, então, diversas entrevistas que nos permitiram ter uma maior amplitude da atuação ou mesmo do impacto desta atuação nas vidas de algumas pessoas que tiveram dificuldades mediante a repressão dos militares.

O papel de instrução e educação do povo da Baixada Fluminense feito pelo bispo D. Adriano promoveu um abalo nas estruturas dominantes combinadas entre Igreja conservadora, Estado e elite econômica que, pela mudança de estratégia da Igreja em escolher os pobres como principal foco de atuação, desmantelou um projeto de garantias para os mesmos de que a "ordem" estaria estabelecida sem riscos de perdas de privilégios.

Quando uma parcela da Igreja, enquanto instituição conservadora, passa a agir de forma progressista, a harmonia entre a tríade de poder passa a ser ameaçada e as

ideologias propostas pelos meios de comunicação e propaganda não conseguem dar conta do crescente número de pessoas conscientes do seu papel de cidadão, que por sua vez passaram a questionar o sistema político vigente, e a incomodar as estruturas de dominação. Com isso, um golpe militar foi a saída encontrada pela elite para reagir contra o crescente processo de democratização experienciado pelo país.

Mas esta medida fortaleceu a Igreja no que tange à atuação em direção à conscientização das classes menos providas de recursos financeiros e intelectuais. A instituição assumiu o amparo do povo e passou a exercer, mesmo que em sua hierarquia existisse a ala conservadora em maior quantidade, com grande ênfase, um papel político ativo que mudou o cenário dos anos de 1960, 1970 e 1980.

No caso da Baixada Fluminense, tivemos um bispo que foi grande referência e exemplo desta atuação da Igreja. A autoridade do bispo D. Adriano Hypólito foi fundamental para assumir a liderança dos grupos ligados aos movimentos sociais, sindicais ou mesmo aqueles que sofriam forte repressão dos militares por terem atitudes que desprezavam o sistema político vigente nos anos estudados.

Ainda restam muitas possibilidades de estudos referentes à trajetória dos intelectuais católicos no Brasil.. Mas acreditamos que este projeto seja um passo além no desvelar dos problemas enfrentados pelas classes populares da Baixada Fluminense e ainda acreditamos que muitos documentos podem ser explorados em uma pesquisa futura para uma abertura maior em direção à produção de conhecimento sobre a atuação do bispo Dom Adriano Mandarino Hypólito.

Encerramos em parte algumas reflexões. mas de pronto já nos preparamos para a continuidade e ampliação desta pesquisa e fortalecimento do esclarecimento rumo a uma maior valorização da identidade da Baixada Fluminense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARQUIVOS

Arquivo Histórico da Cúria diocesana de Nova Iguaçu – Documento enviado pela VCC à diocese de Nova Iguaçu - 1976.

Arquivo Histórico da Cúria diocesana de Nova Iguaçu – Livro sobre o Sequestro de D. Adriano Hypólito parte I.

Arquivo Histórico da Cúria diocesana de Nova Iguaçu – Livro sobre o Sequestro de D. Adriano Hypólito parte II.

Arquivo Histórico da Cúria diocesana de Nova Iguaçu – Livro sobre o Sequestro de D. Adriano Hypólito parte III.

2. PERIÓDICOS (jornais e revistas)

Jornal "O Dia" - 23/09/1976

Jornal "O Dia" - 24/09/1976

Jornal "O Dia" - 29/09/1976

Jornal "O Dia" - 21/10/1976

Jornal "O Dia" - 16/11/1976

Jornal "O Dia" - 26/11/1976

Jornal "Gazeta de Notícias" - 28/09/1976

Jornal "Gazeta de Notícias" - 29/09/1976

Jornal "Gazeta de Notícias" - 23/09/1976

Jornal "O Globo" - 23/09/1976

Jornal "O Globo" - 24/09/1976

Jornal "O Pontual" - 03/10/1976

Jornal "O Pontual" - 06/10/1976

Jornal "O Fluminense" - 24/09/1976

Jornal "O Fluminense" - 28/09/1976

Jornal "O Fluminense" - 29/09/1976

Jornal "Diário de Notícias" - 30/11/1977

Jornal "Tribuna da Imprensa" - 19/11/1979

Revista "VEJA" - 03/03/1977

3. DOCUMENTOS ECLESIASTICOS

Boletim Diocesano de nº 92, lançado no dia 1º de agosto de 1976.

Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium.

Constituição Dogmática Dei Verbum.

Constituição Dogmática Lumen Gentium.

Constituição Pastoral Gaudium Et Spes.

Declaração Dignitatis Humanae Sobre A Liberdade Religiosa.

Declaração Gravissimum Educatinis Sobre A Educação Cristã.

Declaração Nostra Aetate Sobre A Igreja E As Religioes Nao-Cristãs.

Decreto Ad Gentes Sobre A Atividade Missionaria Da Igreja.

Decreto Apostolicum Actuositatem Sobre O Apostolado Dos Leigos.

Decreto Christus Dominus Sobre O Múnus Pastoral Dos Bispos Na Igreja.

Decreto Inter Mirifica Sobre Os Meios De Comunicação Social.

Decreto Optatum Totius Sobre A Formação Sacerdotal.

Decreto Orientalium Ecclesiarum Sobre As Igrejas Orientais Católicas.

Decreto Perfectae Caritatis Sobre A Conveniente Renovação Da Vida Religiosa.

Decreto Presbyterorum Ordinis Sobre O Ministerio E A Vida Dos Sacerdotes.

Decreto Unitatis Redintegratio Sobre O Eumenismo.

DIOCESE DE NOVA IGUAÇU – **“O povo de Deus Assume a Caminhada”**,
Editora Vozes, Elaborado pelo IDAC – 1983.

HYPÓLITO - Boletim Diocesano nº 89 de 1º de maio de 1976.

REVISTA DA DIOCESE DE NOVA IGUAÇU em comemoração de "50 Anos de Missão".

RATZINGER, Joseph Card. Libertatis Nuntius (Congregação para a Doutrina da Fé) - **"Instruções sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação"**. 6 de Agosto de 1984.

4. DOCUMENTOS DO ESTADO

Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro - 23/09/1976

5. ENTREVISTAS

AMARAL, Paulo. Entrevista cedida em Novembro de 2003.

FARIAS, Mário Medeiros e SILVA, Alseni Pereira, Entrevista cedida em Novembro de 2003.

GUIMARÃES, Padre Marcos Barbosa, Entrevista cedida em Novembro de 2003.

HYPÓLITO, Adriano Mandarino, Entrevista, In: REVISTA Municípios do Brasil. Edição especial sobre Nova Iguaçu. Rio de Janeiro: EDINAL, 1988.

IMACULADA, Irmã Maria da Conceição. Entrevista cedida em Novembro de 2003.

LE GOFF, Jacques. Entrevista ao jornal **O Globo**. Caderno Prosa, p.1-3, publicada em 05 de abril de 2014.

MESSIAS, Arthur, Entrevista cedida em Novembro de 2003.

PRETTO, Padre Agostinho. Entrevista cedida em Novembro de 2003.

RODRIGUES, Azuleica Sampaio. Entrevista cedida em Novembro de 2003

VILA, Ana Lúcia Englesias, Entrevista cedida em Novembro de 2003.

WBERING, Fernando. Entrevista cedida em Novembro de 2003.

6. LIVROS, CAPÍTULOS DE LIVROS, TESES, DISSERTAÇÕES E MONOGRAFIAS

ALVES, Maria Helena Moreira. "**Estado e Oposição no Brasil (1964 - 1984)**". Vozes - Petrópolis - 1984.

ARAÚJO, Tarcício Patricio de e LIMA, Roberto Alves. "**Políticas Públicas de Emprego Como Ferramentas Para a Redução da Pobreza e Desigualdade No Brasil**". In: CIMADAMORE, Alberto, DEAN, Hartley e SIQUEIRA, Jorge (Orgs) "**A Pobreza do Estado: Reconsiderando o Papel do Estado na Luta Contra a Pobreza Global**". Clacso Livros - 2006 - Buenos Aires.

ARENDT, Hannah. "**Entre o Passado e o Futuro**", São Paulo: Perspectiva, 1992.

ARISTÓTELES. "**A Política**", Coleção os pensadores - Editora Nova Cultural, 1991. São Paulo.

ARISTÓTELES. "**Ética a Nicômaco**", Coleção os pensadores - Editora Nova Cultural, 1991. São Paulo.

AZEREDO, L.M. "**Padre João: Apóstolo de Bem em Nova Iguaçu**", Edição da Diocese de Nova Iguaçu, 1980.

BAFFA, Ayrton – "**Nos Porões do SNI**". Rio de Janeiro, 1989 – Editora Objetiva.

BAIXADA Fácil - <http://www.baixadafacil.com.br/cidades/> visitado em 25/05/2009 às 22:40 horas.

BEZERRA, Paulo César Gomes, "**A constituição de uma autoridade na narração do passado. Entre a história e a Memória: a atuação dos bispos católico na ditadura militar brasileira.**" - AMPUH - XXV Simpósio Nacional de História, Fortaleza, 2009.

BLOCH, Marc Léopold Benjamin, "**Apologia da História, ou o Ofício do Historiador**"; tradução: André Telles, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

BOFF, Leonardo. "**Eclesiógênese: A Reinvenção da Igreja**" – Record – Rio de Janeiro, 2008.

BOFF, Leonardo. "**Tempo de Transcendência: O homem como um projeto infinito**", Petrópolis: Vozes, 2000.

BOFF, Leonardo. "**Teologia do Cativo e da Libertação**", 2ª edição, Petrópolis: Vozes, 1980.

BORON, Atilio A. "**Filosofia Política Marxista**". Cortez Editora, 2006 - São Paulo.

BRANCO, Carlos Castelo. "**Os Militares no Poder, Rio de Janeiro**": Nova Fronteira, 1977.

CALDART, Roseli Salette. "**Pedagogia do Movimento Sem Terra**". Expressão Popular, 2004 – São Paulo.

CARVALHO, Iracema Baroni de. "**Laranjas Brasileiras**", Nova Iguaçu – Publicado Pela Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer da Cidade de Nova Iguaçu – 1999.

CARVALHO, José Murilo de. "**A Construção da Ordem e Teatro de Sombras**." Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996.

_____. "**A formação das almas: O imaginário da República no Brasil**." São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Marcos de. "**64: Conflito Igreja x Estado**". Editora Vozes - 1984, Petrópolis.

CAUVILLA, Waldir. "**Alceu Amoroso Lima (1893 - 1983): um Educador católico**". In: RAMOS, Lilian M. P. C. (Org): "Igreja, Estado e Educação no Brasil." - Papel Virtual Editora - RJ - 2005.

CHÂTELET, François (Org). "**História da Filosofia**" Vol 02, "**A Filosofia Medieval**". Tradução de Maria José de Almeida. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1983.

CHAUI, Marilena. "**O Que é Ideologia**". 7ª edição - Editora Brasiliense. 1981 - São Paulo.

CURY, Carlos R. J. "**Igreja Católica, Estado Brasileiro e Educação Escolar nos anos 30**". In: RAMOS, Lilian M. P. C. (Org): "Igreja, Estado e Educação no Brasil." - Papel Virtual Editora - RJ - 2005.

DELGADO, Lucília de A. N. e PASSOS, Mauro. "**Entre a Fé e a Lei: o movimento educativo-religioso na Primeira República do Brasil (1889 - 1930)**". In: RAMOS, Lilian M. P. C. (Org): "Igreja, Estado e Educação no Brasil." - Papel Virtual Editora - RJ - 2005.

DEMO, Pedro e CALSING, Eliseu F.. "**Comunidades: Igreja na Base**" - Série Estudos da Cnbb 3 - 3ª Edição, 1977 - Ed. Paulinas.

FOUCAULT, Michel. "**Vigiar e Punir**", O nascimento da Prisão, 29ª edição, Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCIA, M. Cristina – "**A Religião Segundo o Marxismo e a Teologia da Libertação**." – EDICON. São Paulo, 2008.

GASPARI, Élio – "**A Ditadura Encurralada**", São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

_____. "**A Ditadura Escancarada**", São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

GILSON, Étienne, BOEHNER, Philotheus. "**História da Filosofia Cristã**". Tradução de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes - 2009.

GOUVÊA, Fernando. A Capes em tempos de Anísio Teixeira: entre impressos e impressões (1951 - 1964). Fortaleza: **Anais do XXV. Simpósio Nacional de História**. Editora Littere, 2009.

_____. "**Entre Dois Brasis: currículos e práticas escolares no ideário do Centro de Pesquisas Educacionais (1955 a 1964)**". In: OTRANTO, Célia R. FAZOLO, Eliane, GOUVÊA, Fernando (Orgs): "Muito Além do Jardim - Educação e Formação Nos Mundos Rurais". Editora Edur - UFRRJ, Seropédica - 2012.

_____. MENDONÇA, Ana Waleska P. C. OLIVEIRA, Maria Teresa C.: **“A CAPES de Anísio Teixeira (1951-1964): trajetórias de uma pesquisa.”**. In: MENDONÇA, Ana Waleska P. C.. VASCONCELOS, Maria Celi C.: **“Histórias de Pesquisa na Educação - Pesquisas na História da Educação II”** - Quartet Editora - RJ - 2013.

_____. **"O Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais: criação, intervenção e legitimação nos planos regional, nacional e internacional (1955-1964)"** . Revista Ciências Humanas e Sociais em Revista. UFRRJ. Seropédica, v. 35, n. 2, jul. dez., p. 191-213, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **"A memória Coletiva"** - São Paulo: Vértice/Editora dos Tribunais, 1990.

IASI, Mauro Luis. **"Ensaio sobre consciência e emancipação."** Expressão Popular - SP - 2007.

JAEGER, Werner. **"Cristianismo primitivo e Paideia grega"** Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Ed 70, 2002.

JUNIOR, Caio Prado. **"O que é liberdade - Capitalismo x Socialismo"**. Editora Brasiliense - 1999, São Paulo.

LE GOFF, Jacques. **“História e Memória.”** 4ªed. Campinas: Unicamp, 1996.

LÖWY, Michael. **"Marxismo e Teologia da Libertação"**. Cortez Editora/Editora Autores Associados. São Paulo - 1991.

MAINWARING, Scott. **"Igreja Católica e Política no Brasil: 1916 - 1985."**. Editora Brasiliense, São Paulo - 2004.

MAQUIAVEL. **"O Príncipe"**. Martin Claret, 2ª edição - 2000.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **“Manifesto do Partido Comunista.”** Edição de 2012 – Expressão – São Paulo.

MENDONÇA, Ana Waleska Polo C. e Vasconcelos, Maria Celi Chaves. **"A Gênese do Conceito de Educação Pública"**. In: RAMOS, Lilian M. P. C. (Org): **"Igreja, Estado e Educação no Brasil."** - Papel Virtual Editora - RJ - 2005.

MÉSZÁROS, István . **"A Educação para além do capital"** - Boitempo - São Paulo - 2008.

NAPOLITANO, Marcos. **"A História depois do papel"**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. SP, Ed Contexto, 2010.

OLIVEIRA, Francisco de, **“Das Invenções à Indeterminação”**. In: OLIVEIRA, Francisco de, RIZEK, Cibele Saliba. **“A Era da Indeterminação”** - Boitempo - São Paulo - 2007.

PEREIRA, Waldick. **“Cana Café e Laranja; História Econômica de Nova Iguaçu – Rio de Janeiro”**, FGV/SEEC – RJ – 1977.

PLATÃO - **“A República”** - Martin Claret, 2ª edição - 2000.

PRADO JUNIOR, Caio, **“O Que é Liberdade: Capitalismo x Socialismo”**. Coleção Primeiros Passos, número 6, São Paulo: Brasiliense. 1999.

RAMOS, Lilian M. P. de Carvalho. **“A Relação Igreja Católica e Educação Popular no Brasil entre 1960 e 1990.”** In: RAMOS, Lilian M. P. C. (Org): "Igreja, Estado e Educação no Brasil." - Papel Virtual Editora - RJ - 2005.

ROMANO, Roberto. **“Brasil: Igreja contra Estado”**. SP, Kairós, 1979.

SANTOS, Milton. **“Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal.”** 6ª edição. Ed. Record, 2001 – RJ & SP.

SAVIANI, Dermeval. **“História das Ideias Pedagógicas no Brasil”** - Autores Associados - 3ª edição, 2011 - Campinas - SP.

_____. **“A Trajetória da Pedagogia católica no Brasil: da Hegemonia à Renovação pela Mediação da Resistência Ativa”**. In: RAMOS, Lilian M. P. C. (Org): "Igreja, Estado e Educação no Brasil." - Papel Virtual Editora - RJ - 2005.

SERAFIM, Adriana da Silva. **“D. Adriano: um bispo diocesano e um Movimento de Amigos (1966-1982).”** In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011

_____. **“A missa da unidade entre faixas e crucifixos: hierarquia e política na diocese de nova iguaçu (1982).”** Dissertação de mestrado em História defendida em Fevereiro de 2013 - UFRRJ.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org). **“Por uma história política.”** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SILVA, José Graziano da, BELIK, Walter e TAKAGI, Maya. **“Os Desafios De Uma Política De Segurança Alimentar No Brasil”**. In: CIMADAMORE, Alberto, DEAN, Hartley e SIQUEIRA, Jorge (Orgs) **“A Pobreza do Estado: Reconsiderando o Papel do Estado na Luta Contra a Pobreza Global”**. Clacso Livros - 2006 - Buenos Aires.

SOUZA, José dos Santos. "**Trabalho, Educação e Sindicalismo no Brasil. Anos 90**". Editora Autores Associados, 2002 - SP, Campinas.

STRANG, Bernadete de Lourdes S.: "**Os Intelectuais Católicos e a Escola Nova (1924-1940)**". In: MENDONÇA, Ana Waleska P. C.. VASCONCELOS, Maria Celi C.: "**Histórias de Pesquisa na Educação** - Pesquisas na História da Educação II" - Quartet Editora - RJ - 2013.

VIANA, M. T. Segadas – "**Nova Iguaçu: absorção de uma célula urbana pelo grande Rio de Janeiro.**" – 1962. Nova Iguaçu, IBGE.

APÊNDICE

APÊNDICE 1 - ALSANI PEREIRA DA SILVA E MÁRIO MEDEIROS FARIAS.

Entrevistador: Poderiam se identificar, por favor?

Alseni: Alseni Pereira da Silva, professor de história. Moro em Mesquita e atuo em Nilópolis, Mesquita e Nova Iguaçu.

Mário: Mário Medeiros Farias, também sou professor de história, moro em Nova Iguaçu e atuo no Estado e na Prefeitura de Nova Iguaçu.

Entrevistador: Quem foi Dom Adriano Hypólito?

Alseni: Dom Adriano foi uma das pessoas mais marcantes da política da Baixada Fluminense, não sendo político interessante, é isso, porque eu aprendi a conhecer Dom Adriano através do trabalho da Igreja Católica. Eu era catequista, de crisma, e Dom Adriano uma vez por ano ia à paróquia. A gente começou moleque, no momento era a chamada teologia da libertação que tinha uma visão assim, um pouco engajada da Igreja Católica de Padres e de Bispos que se sensibilizavam com a Ditadura Militar, provocando muito sofrimento nas pessoas, colhendo a liberdade de expressão, e as pessoas tinham medo de exprimir aquilo que pensavam, tinham medo de se lançar num engajamento político, ou seja, em associação, sindicato ou mesmo num partido Político. E Dom Adriano era uma pessoa que representava justamente uma força para que essas pessoas, quer dizer, ele dava coragem para as pessoas se engajarem nesse movimento, até porque ele como pastor, vamos dizer assim, tinha uma preocupação muito grande com a região da Baixada, com a região sofrida da Baixada, como ele costumava dizer e justamente com essa coisa da perseguição. E Dom Adriano então foi uma pessoa que se engajou assim de corpo e alma no sentido de conduzir os movimentos para a organização e para tentar defender não só as pessoas do Regime Militar, da perseguição, como também as pessoas mais pobres que foram vítimas do Regime Dom Adriano. Por História que a gente conhece ele, assim, milagres no sentido de ajudar as pessoas. Para pessoas mais pobres era considerado um santo e pra gente era considerado um herói porque o movimento organizado seja de Partido Associação ou Sindicato viam em Dom Adriano uma referência onde eles poderiam sempre estar buscando uma palavra de alento, uma palavra de ajuda caso sofressem alguma perseguição por parte do regime, então Dom Adriano era assim, era santo para as pessoas pobres e era herói pra quem era engajado em algum movimento sendo católico ou não, sendo de qualquer denominação política ou até religiosa mesmo.

Entrevistador: Professor Mário, você conhece algum fato dentro dessa descrição que o professor Alseni acabou de falar, um exemplo marcante dessa atuação de Dom Adriano?

Mário: Fato em si, eu não conheço, eu presenciei "né"? Mas a gente sabe pelo que o professor Alseni estava colocando da importância do Bispo Dom Adriano em Nova Iguaçu, "né"? Para os movimentos sociais de Nova Iguaçu, ele foi uma referência que o professor Alseni tava dizendo, uma referência para aquelas pessoas que num período difícil na história do nosso País, na década da ditadura militar, onde as pessoas que pensavam diferente da ditadura, que ousavam enfrentar os generais de linha dura, que pensavam na possibilidade de fazer um país mais digno, mais justo, com menos desigualdade social, essas pessoas eram taxadas como comunistas, como subversivas e eram perseguidas, presas, alguns foram condenados, foram assassinados no período da ditadura militar, e Dom Adriano teve uma participação importantíssima porque ele era uma pessoa que dava apoio a esses perseguidos político da Baixada Fluminense era uma pessoa que estava sempre. Ele fez uma opção clara em defesa dos pobres da Baixada Fluminense, ele atuou em prol da defesa dos movimentos sociais, da associação dos moradores, criou na Diocese em Nova Iguaçu a pastoral da terra. Ele foi uma pessoa que participou ativamente nos mutirões aqui da Baixada Fluminense, então por isso, por essa atuação política de Dom Adriano, muito mais do que atuação religiosa, mais atuação política que ele tinha na Baixada Fluminense, ele foi muito perseguido aqui na Baixada, ele foi seqüestrado, "né"? Acho que alguém aqui já deve ter falado isso do seqüestro de Dom Adriano, a catedral de Nova Iguaçu foi vítima de atentado de bomba em 1979, tudo isso porque as pessoas que não aceitavam essa participação, porque achavam que Dom Adriano Hypólito deveria ter apenas um papel religioso, não deveria ter um papel ativo como ele teve no movimento social então ele foi perseguido duramente, a imagem dele foi para a câmara dos vereadores, e em outros lugares, foi associada como comunista, como baderneiro, tirando o termo comunista como coisa que não prestava, na época, que eles diziam que não prestava, "né"? Por isso Dom Adriano foi perseguido demais, por essas pessoas que não aceitavam, né? Como existe até hoje, essas pessoas que não aceitam que o pobre pode lutar, lutar por uma vida mais digna. Dom Adriano sempre acreditou nisso acreditou que era possível fazer, "né"? Uma sociedade mais justa, ele deu parte da vida dele por acreditar numa sociedade mais justa, mais digna.

Entrevistador: Porque taxaram Dom Adriano como comunista?

Alseni: Você sabe o que foi a ditadura militar no Brasil? A gente, como professor de história, a gente sabe que a ditadura foi implantada como forma de não perder o regime capitalista para os comunistas que naquela época vivia no mundo dividido entre o comunismo e o capitalismo. Então nesse mundo dividido, o mundo da Guerra-Fria, América Latina, Cuba, até porque Cuba, um país comunista dentro da América, representava uma ameaça para o mundo capitalista, de perder a América como uma região de influências do capitalismo então o que aconteceu. Aconteceu que se implantar ditaduras militares em grande parte da América Latina para tentar conter o avanço do comunismo, então era muito comum naquela época qualquer um, seja lá quem for... Era uma contradição dizer que um padre, um pastor, alguém que acredita em Deus, que lê a Bíblia, enfim, dizer que essa pessoa é comunista, ateu, que gosta de comer criancinha, e foi isso que falaram de Dom Adriano, que Dom Adriano era um padre comunista, um padre vermelho, simplesmente porque ele lutava contra a discriminação e a perseguição política, então não tem fundamento a peste de comunismo relacionado a Dom Adriano e até porque assim, não era só ele, qualquer uma pessoa sendo ou não comunista que desafiasse o regime militar de qualquer forma, seja simplesmente na crítica ou na ação política, ou até mesmo na luta armada, ele era taxado de comunista, então isso era uma forma, era uma forma pejorativa que o regime tinha na época de colocar do lado aqueles que são "do bem" (entre aspas) também aqueles que defendiam uma vida mais justa igualitária e aí vale lembrar o seguinte, quando agente fala de Teologia de Libertação, a forma prática da teologia atuar na sociedade foi sobretudo com formações das Comunidades Eclesiais de Base, então perceba que o próprio nome comunidade vem da palavra comum, ou seja, você pega riqueza os bens do produto do trabalho de todos e coloca em comum. Isso não quer dizer que seja comunista no sentido político do regime político propriamente dito, então comunidade é pegar os bens a riqueza e a produção e dividir da melhor forma possível se ser partidário dessa forma de divisão igualitário e ser comunista. Então eu diria que todo mundo que estava lutando contra a ditadura, porque era um regime de concentração, todo mundo era comunista. Então, na verdade, quanto a Dom Adriano, isso era uma forma pejorativa de dizer, de colocar ele no canto do lado do mal, aqueles que fazem parte do mal contra o capitalismo, isso era uma forma deles se defenderem.

Entrevistador: Na sua opinião, qual o sentido da Teologia da Libertação?

Alseni: A Teologia da Libertação ganhou esse nome para se contrapor contra a teologia tradicional. A teologia significa teo - Deus, logia - estudo, estudo de Deus. Normalmente essa Teologia de Libertação, a Igreja Católica e a pregação religiosa, elas viam o Deus no céu e o homem aqui na terra, quer dizer, não que o Deus esteja no céu e não esteja na terra, a Teologia da Libertação vai trazer a pregação de Deus, a vivência de Deus, a palavra de Deus para dentro dos homens, então para assim transformar a vida dos homens aqui na terra. Então ela vai se aplicar ao cotidiano da vida das pessoas. Então, por exemplo, num regime de opressão, como vivia na ditadura, a Teologia da Libertação vai trazer um Deus que se preocupa com a vida do homem, não só com a alma do homem, mais com o corpo do homem, assim, costuma-se dizer, o homem como um todo corpo e alma, se é um homem como todo, corpo e alma, o homem não pode sofrer perseguição aqui na terra, seja qualquer tipo de perseguição. Então essa teologia vai ajudar o homem no seu dia-a-dia a se livrar das amarras, das opressões, da exploração, seja do patrão com o empregado, seja do homem pela mulher, seja do professor pelo seu aluno, então toda a estrutura que oprime alguém, a Teologia da Libertação vai pregar um Deus que ajuda a libertar. Então esse é um sentido muito geral da libertação que prega um Deus como está lá no céu paradinho, mas ele está aqui no meio das pessoas pensando na vida de cada um como uma vida plena e digna.

APÊNDICE 2 - ENTREVISTA COM ARTHUR MESSIAS DA SILVEIRA

Entrevistador: Artur, você pode se identificar, por favor?

Artur: Sou Artur Messias da Silveira, tenho 42 anos, moro na Baixada Fluminense, sou do Rio de Janeiro, filho de pais sergipanos, como Dom Adriano, e sou casado, tenho 2 filhos, enfim, sou jornalista de profissão.

Entrevistador: Como você manteve o primeiro contato com Dom Adriano?.

Artur: Acho que, como muita gente, através da atividade desenvolvida na Igreja, "né"? Eu entrei para o grupo jovem na paróquia São José Operário, em 1976, mais ou menos. Antes disso, eu tinha uma participação na Igreja, mas era mais para acompanhar minha mãe nas missas, nas festas, nas novenas, não tinha uma participação ativa "né"? Fiz a minha primeira comunhão, mas não tinha ligação, não continuei em grupo da Igreja. Quando completei 15 anos, um pouco antes disso, entrei para o grupo jovem, aí veio todo o processo de participação do grupo, nós tínhamos a oportunidade todo o mês de sermos responsáveis por uma missa, a missa jovem. Também fiz a Crisma, e na Crisma tive o contato com Dom Adriano, que veio confessar o sacramento da Crisma, confirmação "né"? Enfim, mas foi justamente como cristão atuando na paróquia São José Operário, em Mesquita, que pude ver as visitas pastorais de Dom Adriano e, curioso, que sempre após as missas que Dom Adriano celebrava, nessas visitas, a Igreja preparava um pequeno café para ele. Pão, bolo e uma série de coisas. Reunia as pessoas no salão da paróquia para ter uma conversa rápida com o bispo e eu participava, mesmo quando não tinha uma participação do grupo, assim, de coordenação, essas coisas, eu sempre gostava de ouvir Dom Adriano, "né"? Então foi assim que tive os meus primeiros contatos com ele.

Entrevistador : Em 1976, esse foi o ano do seqüestro de Dom Adriano?

Artur: É, basicamente, quer dizer 1976...77 foi o ano do seqüestro né? Foi um período em que, na gente, estava numa efervescência grande na Baixada em termos de participação social e protestos. Se iniciava a associação dos moradores, nos bairros já era uma realidade e a Diocese de Nova Iguaçu vinha de forma muito aberta, muito clara através das palavras de Dom Adriano assumindo a defesa daqueles que eram perseguidos na época da ditadura militar, e acho que sem dúvida nenhuma isso acabou fazendo com que Dom Adriano fosse revisto como um bispo vermelho, diziam, na época, bispo subversivo, bispo comunista, enfim foi a partir de gestos concretos que eu,

a partir das minha paróquia, acompanhava o que era a solidariedade, o apoio, o senso humanitário que Dom Adriano protegia, algumas lideranças populares.

Entrevistador: A nível de Brasil e a nível de Rio de Janeiro?

Artur: Isso no quadro geral era uma situação de indefinições e ao mesmo tempo perigosas em vista da organização. Eu acho que esse período foi um dos períodos que a ditadura, bem de longe, começava a querer acabar na década de 80, e controlando as várias instituições. Um fato curioso é que eu fui só saber depois, a Câmara de Municipal Nova Iguaçu, ela durante um tempo fazia reuniões na Vila Militar, os vereadores todos eram chamados para irem a Vila Militar, era como a gerência direta dos militares na vida política, numa instância no poder político na cidade da Nova Iguaçu, e depois nós também ficamos sabendo, todo processo de perseguição de Dom Adriano e a Igreja de Nova Iguaçu foi orquestrado e pensado e executado a mando de oficiais da Vila Militar, "né"? Disseram que ficou, depois, amplamente divulgado a participação do exército no seqüestro e nas bombas que explodiram em algumas igrejas de Nova Iguaçu.

Entrevistador: A ação do seqüestro provocou alguma mudança no comportamento de Dom Adriano ou ele conseguiu mostrar eficiência e continuidade no trabalho dele?

Artur: Olha, eu me lembro que naquela ocasião, para nós, foi uma coisa chocante ter visto um bispo seqüestrado naquela situação, uma situação dolorosa. Me lembro de uma fotografia no jornal, Dom Adriano com o corpo sujo e inchado, manchado de tinta, isso a gente não entendia muito bem como é que se podia chegar tal absurdo, "né"? Para nós, jovens no momento, era uma coisa sem muita compreensão. Aquilo gerou um sentimento de uma incompreensão, depois uma revolta grande por aquilo ter acontecido com uma figura como Dom Adriano. Eu acredito que tenha fortalecido as convicções de Dom Adriano em relação ao seu papel na Baixada Fluminense. Ele nunca escondeu de ninguém que a Baixada o converteu. Nessa fase, inclusive, ele dizia: "A baixada me converteu". Então Dom Adriano passou a ter uma relação muito estreita, muito íntima com a realidade da Baixada. Inclusive, isso se materializava, isso se demonstrava em vários aspectos, "né"? Se você pegar a contribuição que Dom Adriano dava para o jornal "A Folha", que também pode ser visto como um dos motivos da perseguição da Igreja de Nova Iguaçu, foi a linha editorial desse jornal, "né"? O jornal que seria para acompanhar a missa, tinha lá o

ensaio, mas ao mesmo tempo trazia na sua capa e na sua contra-capas algumas mensagens sociais e evangélicas (bíblicas) na linha da realidade do povo, então Dom Adriano tinha uma coluna muito lida, eu lia sempre, eu e todo mundo, eu acho. Zefa Mariada Conceição, esse nome tudo junto, que poderia ser qualquer pessoa do povo, e ele sempre colocava ali uma história de alguém que ele ouviu, ou de uma realidade também, por exemplo, na casa dele no Parque Flora, Dom Adriano durante muito tempo e muitos anos distribuía muito sopão, ninguém sabia disso, mas era uma coisa que ele fazia do espírito humanitário dele, "né"? E também do seu lado de cuidar bem dos pobres, enfim, nesse sopão que era organizado pela sua comunidade e tal, Dom Adriano sempre reservava um tempo para ouvir as pessoas, conversar com as pessoas e não só no momento da distribuição, em outros momentos também, mas esses momentos ele também ouvia e conversava, e muitas das histórias que ele ouvia, ele depois transformava naquela pequena crônica, naquele pequeno artigo do jornal "A Folha". Então agente podia saber um pouco das condições de vida do povo da Baixada lendo a coluna de Dom Adriano. O jornal "A Folha" falava também de questões nacionais, de questões sociais, trazia artigo de teólogos importantes e adotado não apenas na Diocese de Nova Iguaçu, mas em muitas outras Dioceses no Brasil, eu tive a oportunidade de fazer uma missa lá em Espírito Santo, na diocese de São Mateus, e lá se adotava "A Folha" de Nova Iguaçu. Então aí um pouco da importância ou a identificação que várias dioceses do Brasil tinham com a linha editorial da Folha. Agora, Dom Adriano sempre andou com apenas com um motorista, dirigindo o fusquinha dele que ele teve praticamente durante toda a vida de bispo. Um fusca e depois ele passou para outro carro, não sei se um gol, mas sempre foi o fusca e arranjava sempre alguém próximo dele, um sobrinho. Então acho que não mudou, mudou no sentido de que ele confirmou a sua compreensão de que o povo da Baixada precisava de se libertar de todo tipo de pressão e de fome, desemprego nas condições de vida. E certamente a opressão que provocava era uma delas "né"? Mas depois do episódio do seqüestro, nós tivemos em 1979 se eu não me engano, a bomba na catedral, isso foi uma coisa muito difícil, porque ali se pegou próximo do natal, uma festa muito importante para a Igreja, eu estava em Nova Iguaçu quando a bomba explodiu, e fui até a catedral sem entender também depois de algumas horas que eu soube, enfim, mas acho que Dom Adriano não mudou no sentido de ficar mais temeroso de ficar preocupado, ao contrário, ele aceitou mais ainda a sua convicção de que e estava um

tanto certo. Agora uma coisa importante é que ele fazia isso com a compreensão evangélica, humanizada, era o respeito ao outro como irmão. Aliás, uma coisa que ele sempre se dirigia a todos nós da comunidade, nas suas celebrações, nas suas conversas, se dirigindo a nós como irmãos, nunca tinha uma relação hierárquica de dizer: eu sou bispo e você é meu paroquiano, meu congregado. Não! Ele sempre tratava todo mundo como irmão, era a referência que ele fazia, como fez em São Francisco, o sol, o passarinho, a planta, era um pouco a forma que São Francisco se dirigia a natureza e as pessoas também. Mas Dom Adriano, não fazia o artigo no sentido político um discurso político teórico. Não! Ele fazia um discurso analista. Então todo o engajamento dele, nas lutas sociais, todo o apoio que ele deu aos movimentos sociais das Baixada, no MAB, a formação do Sindicato das Domésticas, a criação da Comissão de Justiça e Paz, uma outra razão para que a Igreja de Nova Iguaçu tenha sido perseguida, porque ali na Comissão de Justiça e Paz, vários advogados, várias pessoas saíram em defesa dos presos políticos, de pessoas que ficaram presas e eram mortas, com bandidos mesmos. Enfim, então essa atuação de Dom Adriano era muito ligada em relação à pessoa humana, não era uma relação política, não era uma relação de partido, ele nunca declarou, que eu saiba, o voto dele a ninguém. Ele não gostava disso, ele não tinha uma simpatia por partido, ele não declarava isso, todo mundo achava que ele tinha simpatia pelo PT, mas eu nunca ouvi Dom Adriano falando isso. Ele era crítico ao PT, várias vezes conversando ele fez críticas ao PT, fez crítica à postura. Então, eu acho importante dizer isso, talvez tenha sido alguém que sabia qual era o seu lugar. O lugar de um pastor que quer libertar esse povo, proteger a partir de uma convicção de que todos são filhos de Deus. Que todos nós temos direitos a uma vida digna, de que todos necessitam viver sem injustiças, era isso que motivava ele, não uma convicção política e teórica, não é nada disso não.

Entrevistador: Qual foi a reação do povo da Baixada, em relação a seqüestro?

Artur: Assim, do ponto de vista do povo cristão, foi uma reação de solidariedade. A partir daí, as missas em algumas paróquias da Diocese, principalmente com a presença de Dom Adriano, passam a ser missas muito mais freqüentadas do ponto de vista de volume, na quantidade de pessoas, e várias demonstrações de desagravo. Apoio a Dom Adriano, não só daqui da população cristã e não cristã, não católica digamos assim, mas também do Brasil inteiro e até do mundo, a repercussão foi um negócio muito grande, muito grande mesmo. E, partir daí, muitos bispos

passaram a vir para a Diocese de Nova Iguaçu para celebrar com Dom Adriano, celebrar na catedral, "né"? Aí, nós tivemos aqui o presidente CNBB, muitos bispos vindos do Brasil inteiro, por que? Porque era uma forma de dizer que Dom Adriano não estava sozinho. Não era somente ele e a diocese. Toda a Igreja do Brasil era solidária e estava defendendo as mesmas coisas que ele, "né"? E é bom dizer, não foi só a figura do bispo atingida não, em várias igrejas aqui, em Mesquita, também tivemos varias pichações, "né"? Dizendo: "Fora padre comunista", "fora bispo comunista", "bispo vermelho". Em várias igrejas isso, tentativas... Bombas também que foram colocadas em outras igrejas que não explodiram causando o mesmo efeito que causaram lá na catedral de Nova Iguaçu. Então havia, isso já depois do seqüestro, então você teve aí dois, três anos de muita perseguição a Igreja de Nova Iguaçu, vários atos, vários acontecimentos ocorreram, mas Dom Adriano, nunca deixou, ele nunca se fez de mártir, nunca se fez de vítima. Ele procurava seguir a vida dele na condição de bispo, de pastor aqui da igreja particular aqui de Nova Iguaçu. E é claro que ele não fugia do assunto mais, ele falava disso condenando isso, entendeu, ele não se colocava como vitima de nada não. Ele dizia que isso foi um ataque ao povo da Baixada, um ataque à Igreja, não um ataque a ele, "né"? Um ataque que estava sendo feito porque a Igreja tinha feito a opção de defender e lutar pelos direitos do povo. Eu achava aquilo muito assim, interessante, do comportamento de Dom Adriano. E pelo lado a igreja de Nova Iguaçu, a Diocese ficou conhecida mundialmente. Isso fez com que se criasse uma certa proteção, "né"? Embora aqueles que fizeram isso com Dom Adriano sejam um bando de ignorantes. Fizeram por maldade, fizeram porque eles não pensaram, agem como se tivessem lidando com inimigo, em particular o exército tem uma formação para guerra, o exército não vai para convencer o inimigo e nem prender o inimigo, ele vai para matar o inimigo, essa é a função do exército, matar. E então, quando eles deram o golpe no Brasil, essa mentalidade ficou, "né"? E o arbítrio, a ditadura, a tortura para eles tiram de letra, fazem com a maior facilidade, "né"? É por essa, por isso, eu acho que eles não pouparam nem uma pessoa que não faziam mal a ninguém, como era o caso de Dom Adriano.

Entrevistador: É como era a relação de Dom Adriano com a juventude da Baixada?

Artur: É... Aí eu acho que era muito legal. Eu era dessa época, era jovem e da Igreja. Então, às vezes que tive contato com Dom Adriano de forma mais extensa, foi

nessa condição de jovem da Igreja. Eu acho que ele sempre apoiou, sempre apoiou, mais numa perspectiva de cobrança também, "né"? Ele tinha um pouco disso. Deixa eu contar um episódio aqui: a gente criou uma biblioteca, a biblioteca Oscar Romero, que fica na rua Eupídio, lá do outro lado. Isso foi uma ação do grupo jovem, o grupo jovem um certo momento decidiu ter uma ação mais pública, para fora da Igreja, que alcançasse a comunidade e não ficasse só alcançando o jovem da Igreja, o público da Igreja. Aí conversamos com o padre e propusemos a criação de uma biblioteca. O padre apoiou. O padre Daniel, aí tá, o padre Daniel, se entusiasmou tanto com a idéia que um dia ele convidou Dom Adriano para visitar a biblioteca. Dom Adriano foi visitar, a biblioteca que era ao lado da igreja, aí ele entrou na biblioteca. Eu tava com a camisa com o rosto de D. Oscar Romero. Oscar Romero foi um bispo de El Salvador assassinado quando estava celebrando uma missa, um bispo que tinha um perfil muito semelhante com o de Dom Adriano, que era de denúncia à forma desumana e degradante que vivia o povo salvadorenho. E as perseguições, ele contou uma história curiosa, mas eu não vou contar agora não. Mas o Dom Adriano olhou para a camisa assim, tinha o rosto de Oscar Romero, aí falou assim: você conhece? Aí eu todo bobo: Conheço, conheço sim Dom Adriano, é Oscar Romero. Disse ele: É o nome da biblioteca, "né"? Eu falei, é. Aí ele mais do que depressa perguntou: por que vocês foram tão longe buscar um nome para homenagear, pondo o nome dessa pessoa na biblioteca? Aí eu falei umas coisas lá, outras pessoas também falaram, e eu fiquei com a impressão que Dom Adriano estava nos testando, "né"? Querendo saber se de fato tinha convicção daquilo que fez. Primeiro é curioso, "né"? Estranho, "né"? Você homenagear um bispo de El Salvador (América Central). A biblioteca foi inaugurada em 1985 e Dom Oscar morreu em 1980, "né"? Tinha uns cinco anos já. E enfim, a gente poderia ter escolhido um brasileiro, uma série de outras pessoas até mesmo aqui da Baixada, mas escolhemos Dom Oscar Romero. Eu acho que foi um teste ele fez um teste conosco. E, por outro lado, ele tinha uma confiança assim na gente, e ele se destacou pela confiança no leigo. Dom Adriano teve isso, poucos bispos tiveram proselitismo, por exemplo. Eu, com muito orgulho é... Vou revelar pra vocês aqui. Eu fui um dos primeiros, fui da primeira lista auxiliar da Eucaristia nomeado por Dom Adriano. Então, na minha paróquia, aqui em São José Operário, fui eu e um senhor que tinha quase cinco vezes a minha idade, o senhor Miguel que já faleceu. Então, uma coisa que Dom Adriano acreditava (eu era jovem) e ele me autorizou a dar eucaristia.

Na época não era ministro da eucaristia como hoje se fala, era auxiliar de eucaristia e eu tenho até hoje a carta de Dom Adriano me nomeando auxiliar de eucaristia. Ele confiou em mim, "né"? Toda responsabilidade e importância do momento eucarístico, da eucaristia, ele dedicou um jovem pra fazer isso. Ele tinha esse lado, estava fazendo as coisas, mas ao mesmo tempo apoiava, apostava. Depois dessa visita a biblioteca aconteceu uma coisa curiosa, passando talvez uns dois meses o padre Daniel chegou na biblioteca e falou: Dom Adriano mandou entregar isso aqui para vocês. Deu um envelope pra gente. Sabe o que era? R\$ 500,00 digamos, se fosse hoje, "né"? Eu não lembro a moeda da época, mas se fosse hoje era em torno de R\$ 500,00. Por que? Aí ele falou para o padre: olha... Diga para eles que é para comprarem a máquina de escrever. Apenas comentamos com Dom Adriano quando ele foi lá. Simples comentário! Alguém deve ter falado que uma das dificuldades nossas era que não tínhamos uma máquina de escrever própria da biblioteca, que naquela época a gente preparava os livros fazendo fichas do livro com máquina de escrever, para poder preparar para empréstimo, e ele mandou esse dinheiro, a gente não pediu não, foi iniciativa dele. Então ele tinha esse lado, tinha esse lado de apostar. A pastoral da juventude sempre teve um apoio significativo na época de Dom Adriano. Foi até uma relação de conflito, "né"? Talvez por esse aspecto dele, de bispo que cobrava, mas ao mesmo tempo bispo que confiava, bispo que queria que as coisas acontecessem. Acho que vibrava quando a coisa acontecia de uma forma boa.

Entrevistador: Ele era um homem muito culto?

Artur: Ah, muito culto. Dom Adriano tinha um conhecimento muito grande. Eu lembro uma vez que a Zuleika Sampaio Rodrigues, que era presidente do MAB, funcionária da Diocese, estava ameaçada de morte, por ações dela aqui no movimento social. Era uma senhora, uma senhora é... uma senhora... Algum político de Nova Iguaçu fez publicidade, falou publicamente alguma ameaça à Dona Zuleika. Dom Adriano aproveitou isso e aproveitou outro momento e convocou uma coletiva com a imprensa, É... Eu fui a essa coletiva aí... Eu fiquei percebendo que ele fez toda uma exploração inicial colocando essa lógica dos direitos humanos, da justiça, da paz e ele se reportava a pensadores e teóricos... Fez todo um discurso que a gente poderia chamar de acadêmico. Pelo público que estava, ali muito mais pela curiosidade, um bispo seqüestrado, um bispo que teve a sua catedral invadida, explodida, chamou a imprensa e ele aí faz pregação de meia hora, sobre a teoria que justifica direitos humanos, que

justifica. Além disso, Dom Adriano tinha, antes de ser bispo, ele era bispo auxiliar lá em Salvador, e uma das paixões dele era a música. Dom Adriano tem música que ele fazia tudo, fazia letras, fazia a melodia e cantava. Antigamente era mais comum isso, "né"? Aí você tem publicações de hinos e cantos de Dom Adriano como músico, uma coisa que depois ele não se dedicou mais, mas era uma pessoa extremamente culta, inteligente, erudito, eu diria até mais, alguém com uma capacidade enorme de se aproximar das pessoas e, realmente com um coração de muita bondade, ele não podia não externar isso para você em determinado momento, mas depois você iria ver que ele era um homem de bem, bom. Para a figura de Dom Adriano você dizia que a Diocese de Nova Iguaçu tinha uma linha uma postura, uma forma de conduzir e junto com ele tinha um conjunto grande de sacerdotes, leigos e engajados que confirmavam isso dando um jeito, "né"? A Diocese de Nova Iguaçu era assim, você podia rotular, você podia afirmar alguma coisa sobre a Diocese. Porém, ou melhor, no entanto, os padres tinham uma total autonomia nas suas paróquias, os padres podiam desenvolver ações que o bispo não ficava ali querendo saber uma coisa ou outra. Você tinha uma liberdade para formação na preparação, quer dizer, havia um oferecimento no jeito de ser Igreja, e o bispo personificava isso e agora havia parte que não seguia essa linha. E nem por isso Dom Adriano fazia alguma perseguição, nunca ouvi nenhum comentário, aliás, isso acabou consolidando um setor na Diocese, como um movimento rebelde, um movimento extremamente fundamentalista que foi contestado pelo padre Valdir Rossi e uma irmã alemã na paróquia do Riachão. Foi construído ali um seminário, fizeram um acordo com a Diocese de Campos, no norte do estado do RJ, que eles estavam voltando a rezar missa em latim, fazendo, usando os hábitos seminaristas até os pés, e a Diocese não usava, enfim, com toda uma relação litúrgica com uma relação totalmente diferenciada, daquela da Diocese. E o problema foi crescendo, foi crescendo, mas nem por isso Dom Adriano agiu, digamos assim, de uma forma austera com o padre Valdir Rossi, sempre tentou fazer com que ele se integrasse ao que a Diocese tinha como padrão, como jeito de ser. E a coisa chegou a tal ponto que Dom Adriano teve que substituí-lo, tirá-lo de lá. Ele já estava apresentando sinais de insanidade, o padre, e havia um grupo de... Cegamente, que o acompanhava seriamente, um negócio muito esquisito. E aí o padre Dom Adriano substituiu o padre Valdir, e houve uma rebeldia naquela paróquia, os padres que foram assumir lá não puderam entrar, os seguidores não deixaram. Eles foram lá com outras pessoas da comunidade, trocaram as

fechaduras, trocaram as chaves. A comunidade vinha e trocava de novo, um negócio assim, esquisito, perigoso, inclusive. Até que a Diocese resolveu marcar uma missa lá, e convocou toda diocese para fazer uma grande celebração no Riachão, tinha mais cerca de dez mil pessoas nessa celebração, mais de dez mil pessoas, um negócio fantástico, os jornais registraram isso. O Globo, o Jornal do Brasil, Jornal de Hoje e o Correio da Lavoura. Nessa missa eu vi uma coisa que me deu a ideia precisa do quanto que tínhamos que fazer. Resolver aquele problema que Dom Adriano também concordou. Ele achava que não era por aí, mas ele acabou sendo convencido e as pessoas que o convenceram tinham razão, e lá na missa não tínhamos um altar, nós tínhamos varias madres, bispos que vieram de outras dioceses. A sociedade o apoiou.

Entrevistador: Artur havia essa divisão entre a igreja de S. Jorge e catedral de S. Antônio em nível da própria sociedade iguaçuana?

Artur: Sim, havia... De alguma forma esse episódio que foi marcado lá na igreja do Riachão, essa grande missa, essa grande celebração que teve lá, enquanto nós chegamos lá, se tinha o altar, se tinha o bispo, o seu Dom Adriano, tinha outros bispos aí, padres e uma laje em cima do espaço que estava servindo de altar. Tinha três jovens, jovens mesmo, com o cabelo cortado como se do exército mesmo fosse, ou se estivesse servindo o exército, e estavam com um crucifixo grande nas mãos e empunharam esse crucifixo como um fuzil, como se fosse um pau, uma marreta, eles ficaram o tempo todo assim, com o crucifixo assim, apontando para as pessoas, e pior, durante toda a missa, sem exagero, talvez alguém tenha filmado a missa, eles ficavam xingando, falando, gritando, era um negócio estranho, louco, louco, digno de quem está realmente com algum problema. E essas pessoas eram ligadas ao padre Valdir Rossi, e o que se comentava na época era justamente que a igreja de S. Jorge, por ser uma igreja freqüentada pela chamada elite iguaçuana, ela interessava muito mais a esse tipo de igreja, uma igreja fechada, distante do povo, uma igreja mais de ritual no sentido da comunhão, de promover uma comunhão entre as pessoas que estavam lá, seja uma celebração, seja uma reunião, seja com a atividade que deveria fazer. O que se comentava era que a igreja S. Jorge era vista pelos seguidores do padre Valdir como sendo a catedral deles, e não a igreja de S. Antônio. E pessoas da elite iguaçuana que tinham um certo controle da igreja de S. Jorge, controle da igreja "né"? Elas alimentavam essa disputa, alimentavam essa polêmica, esse cisma "né"? E finalmente o tempo e a ação do tempo foi levando o padre Valdir ao seu devido lugar, ou seja, ele

passou a ser visto realmente como ele deveria de ser visto. Já estava sofrendo de uma insanidade, isso era claro, visível, e as pessoas que o seguia. E alguns continuaram a seguir, ficaram de alguma forma decepcionados por ter perdido aquela referência, e aí pararam de segui-lo. Mas isso é um episódio, agora a igreja de S. Jorge perdeu isso, "né"? Na medida que pra mim foram os padres Oliveira, depois, hoje é o padre Edmilson, e são padres com uma linha totalmente diferente, de uma igreja encarnada, comprometida, solidária, enfim... E mesmo naquele tempo da Igreja passaram a ter uma outra postura, pelo menos uma boa parte.

Entrevistador: De tudo que Dom Adriano fez, o que foi mais marcante pra você?

Artur: Sim. Eu acho que muitas coisas, mas eu gostava de saber que tinha um bispo como ele, porque era humilde, tinha uma relação, um carisma muito grande, tinha essa capacidade de se olhar pra ele e se encantar com gestos, com o jeito. Não era uma pessoa fácil, Dom Adriano não era um bispo muito presente, no sentido de ser alguém que faz muitas visitas. Normalmente ele ia à paróquia no período do crisma, na ocasião da crisma, e ia na visita pastoral e ia na festa do padroeiro. Então, no máximo, assim, o que a gente poderia ter era umas visitas do Dom Adriano por ano, numa paróquia. Mas por outro lado era até um bispo fácil de você achar, ele morava na periferia num bairro, numa das áreas mais pobres de Nova Iguaçu, que é o parque Flora. Tinha uma foto lá na CEPAL. Então tinha uma relação que você podia ir ao encontro dele, podia propor ser recebido por ele se você fosse de um grupo pastoral, etc, mas ele era muito humilde, apesar desse pouco contato que a gente tinha. Não era um bispo muito de falar. Agora o que mais me marca ao lembrar dele é saber o quanto ele foi importante pra vida de tanta gente, sem dúvida nenhuma muito importante. E foi também importante pra vida de pessoas humildes, que conseguiram a partir dele ter dignidade, sem saber e sem fazer estardalhaço, o Dom Adriano conseguiu alimentar um número grande de pessoas, proporcionar que jovens estudassem em universidade, querer cursos e bolsas para estudar, não só ele, mas seus familiares, ele conseguia. O difícil trabalho assistencial que estava sobre a sua responsabilidade, que a gente só descobriu depois da morte dele, é um negócio impressionante. Isso era um jeito franciscano de ser, e é isso que eu acho o mais me marca, é saber que ele foi muito importante. Agora pra ser mais preciso, a Alseni deve lembrar disso, nós fizemos uma semana de convivência Latino-Americano, que seria na cidade de Puebla, no México, e aí, durante uma semana inteira, jovens

daqui de Mesquita nos encontramos aqui na igreja Nossa Senhora das Graças para fazer uma discussão sobre a juventude, o que afligia a nós jovens naquela época, e depois isso virou, no penúltimo dia, nós entregamos a Dom Adriano, que tava indo pra Puebla. Então aquilo marcou muito porque era como se tivesse fazendo uma discussão sobre aquilo, o que seria bom na sua vida? Para melhorar a vida da juventude... Pra melhorar na sua condição de jovem.... E se você entregasse a alguém que tava indo para um lugar, onde aquilo iria ter um eco... Aquelas coisas que você discutiu ali num grupo de jovens, numa paróquia de periferia, nós entregamos a uma pessoa importante e isso para que o bispo levasse para a América toda, e ia ser o nosso porta-voz. Então nesse gesto, nessa abertura que Dom Adriano dava à gente, isso marca. Eu acho que não tem nenhum jovem daquela época que não tenha vivido uma experiência de vida importante com ele e que não tenha tido a possibilidade de continuar acreditando em Jesus, continuar acreditando nas tradições quando pessoa, a partir da vida dele, a partir do que via das coisas dele. Então Dom Adriano era uma pessoa bonachona, de rir muito, ele era as vezes uma pessoa muito séria, muito religiosa, muito fechada, falava as coisas assim, meia que nas indiretas, você não sabia exatamente o que ele ia fazer. Mas inegavelmente era uma pessoa comprometida com o outro, isso marcou as nossas vidas, esse compromisso dele, à medida que ele fez essa opção de dedicar sua vida, a gente aqui e ele, obviamente, que ofereceu a todos nós condição de estar fazendo algo. Então você tem muitos lugares, setores de movimentos sociais que tiveram um dado, importante, uma ajuda significativa a Dom Adriano. Não sei se vocês conversaram sobre isso com o sindicato das domésticas. Ainda não? É importante, Dom Adriano apostou nessa luta, enquanto ninguém apostaria, ele apostou, o MAB, a sede do MAB foi Dom Adriano que conseguiu recurso para comprar, na mesma forma o Sindicato para as Domésticas. Então, sempre o Dom Adriano presente na luta do povo, é isso... Bastante a gente, e muitos outros episódios, que eu vou ficar por aqui.

APÊNDICE 3 - ENTREVISTA COM O PADRE MARCOS BARBOSA.

Entrevistador: O senhor poderia se identificar, por favor?

Padre Marcos Barbosa: Meu nome é Marcos Barbosa Guimarães. Sou padre da Diocese de Nova Iguaçu, nascido em Mesquita, tenho 42 anos, 18 anos de padre. Trabalho no seminário Paulo VI. Já trabalho lá há vários anos e, atualmente, ajudo na catedral de Santo Antônio, aqui. A Minha família toda é de Mesquita, também, e fiz toda a minha formação por aqui.

Entrevistador: Qual foi o seu primeiro contato com Dom Adriano?

Padre Marcos Barbosa: Posso dizer quando entrei para o seminário em 78(1978). Quando eu fui fazer o pedido de entrada no seminário e, a partir desse ano de 78(1978) o contato se tornou mais próximo, apesar de já o ter visto em outras celebrações devido a minha participação, já desde pequeno, na vida da Igreja. Mas diretamente com minha entrada no seminário.

Entrevistador: Ele chegou em influenciar tua escolha, tua vocação. Ele estimulava isso?

Padre Marcos Barbosa: Com certeza, até porquê, quer dizer, comigo renunciou a vida vocacional de rapazes aqui da Baixada, que procuravam servir à Igreja como padres, desejavam isso tudo aqui em Nova Iguaçu. Então não posso dizer depois de quantos anos, mas de bons anos, foi iniciado um novo grupo e fui primeiro desse grupo. Nascido aqui como filho dessa terra que procurava o caminho sacerdotal. Tanto que quando procurei conversar com o Dom Adriano pedindo pra ser padre, que queria trilhar esse caminho, ainda não existia o nosso seminário, "né"? O nosso seminário foi inaugurado em 86, eu entrei no seminário em 79, por isso fui estudar no seminário arquidiocesano do RJ, depois de mim chegaram logo outros, também de Nova Iguaçu, e depois éramos um grupo, mais de sete. Aí mais adiante pelos inícios dos anos 80 a gente foi morar em Petrópolis. Aprendemos com os franciscanos.

Entrevistador: Ele chegou nesse período de 78, 79 até a inauguração do seminário. Ele já havia manifestado a intenção de criar um seminário aqui em Nova Iguaçu?

Padre Marcos Barbosa: Pois é. Isso também é importante, é parte da nossa história mesmo da igreja aqui em Nova Iguaçu, eu acho, com esse reacender, assim, das

vocações. É também pra ele isso, como para a diocese também. Isso fez muito bem e se fez depois de uma previsão de um centro de formação, "né"? Um centro de estudos pra padres e também para leigos, "né"? De vocações que começaram brotar aqui na Diocese de Nova Iguaçu, então o Dom Adriano, nesse sentido, ele tinha uma visão larga e conseguia ver no futuro como um profeta mesmo, "né"? Talvez alguns no início também começavam a duvidar, pra que um seminário, não chegaremos, "né", a ter tantas vocações! Mas hoje, no seminário, embora sejamos 5 dioceses, mas em Nova Iguaçu são 20 rapazes, no total somos 42 no seminário de Nova Iguaçu. Então, nesse olhar assim profético de Dom Adriano, ele viu a importância de ter um seminário, e pra isso também começou a enviar alguns padres para se prepararem fora do Brasil para depois começar a assumir a organização do seminário sendo professores e também, na direção do seminário, quer dizer, os primeiros que foram, o padre Valdir e padre Mário, estudaram em Roma. Quando eles retornaram, em 1987, no ano seguinte em 1988, eu fui junto com padre Edimilson e depois com muitas dificuldades financeiras etc. Mas com esses quatro que ele mandou, foram esses quatro que trabalharam por primeiro na formação do seminário, eu hoje continuo, o padre Edimilson também. Sendo que o padre Edmilson é professor e não mora diretamente no seminário. O padre Valdir hoje não está em Nova Iguaçu está na diocese de Valença. Mas ele também estimula as vocações lá na diocese de Valença. De vez em quando ele está aqui no seminário, também. Então foi aí que, dentro dessa previsão, não só construiu o prédio, mas formou pessoas para assumir essa obra, assumir esse projeto de formação.

Entrevistador: O Bispo Dom Adriano seguia a Teologia da Libertação. O que acha disso?

Padre Marcos Barbosa: Certo. A Teologia da Libertação, isso é, refletir, pensar, a revelação de Deus a partir daquilo que é mesmo a história da salvação, "né"? A partir da opção pelos pobres, partir da libertação e nesse contexto, nosso, do latino-americano e, no Brasil, é de fato esse olhar que o pensamento teológico necessita, "né"? A partir mesmo da nossa realidade sobretudo o método de lutar e agir, o que penso que é uma Teologia como diz o próprio Papa, necessária também, mesmo naquela época em que pelos anos 1980, 89, parece 89; que houve uma reação também; sobretudo de Roma da Cúria Romana, da Teologia da Libertação. Gosto sempre de lembrar que alguns bispos e cardeais aqui do Brasil disseram que a Teologia da Libertação necessitaria que continuasse, "né"? E ela continua, é claro, a partir de revisões, "né"?

De acordo com a própria história circunstâncias culturais, também a Teologia da Libertação precisa de uma revisão, mas ela continua, ela está aí porque é teologia fundada na Bíblia, "né"? E na tradição da Igreja, na ação de Deus mesmo e desejo de Deus. Agora que eu acho essa teologia fez e faz muito bem nós todos, sem radicalismos, "né"?

Entrevistador: O Dom Adriano tinha uma postura muito social. Ele envolvia vocês, seminaristas, nesses projetos?

Padre Marcos Barbosa: Olha, não só ele, mas a própria Diocese sempre teve. A própria Diocese sempre teve uma preocupação muito grande em ligar fé e a vida, "né"? A fé e o compromisso social, a fé que se desdobra em ação. Então ele incentivava muito isso nos próprios planos, na pastoral, e a própria Diocese estava envolvida. Eu me lembro quando entrei no seminário no final de 79 (1979), houve a explosão aqui, da bomba na catedral, então não tinha como não se desligar diante disso também no contexto de ditadura militar, um contexto que começavam as mudanças também no Brasil de uma maior abertura social e política. E a Diocese de Nova Iguaçu, viveu com intensidade. Essa relação da fé e da vida, então nós somos os padres formados, daquela época, pela Igreja e pela própria história. Pela própria história do Brasil, na história mundial naquela época estávamos mergulhados. Nessa realidade, eu me lembro quando estava no seminário, quando nos 80, 79, 80 depois começam as diretas, "né"? Existia todo o movimento de renovação que hoje, assim, os jovens, tenha um pouco mais de dificuldade no próprio contexto que se vive, quer dizer, as mudanças aconteceram, muitas necessitam de acontecer, "né"? As mudanças hoje são mais lentas também, agora aquela época da história do Brasil foi bastante intensa. Não sei se respondi a tua pergunta, a gente era envolvido não só por ele mas, pela própria história da vida da Igreja. A Igreja era bastante atuante e preocupada com essa realidade, porque a própria realidade também brasileira gritava, "né"? Então a igreja não tinha e nem devia se manter calada.

Entrevistador: O Dom Adriano recebia também algumas críticas de personalidades fortes da Igreja, como ele mostrava pra vocês? Vocês sabiam disso? Qual era a postura dele?

Padre Marcos Barbosa: Olha, neste sentido, ele era de uma espiritualidade também, sempre a gente não sentia assim um rancor, na presença, mesmo pra gente compreender, também continuar o caminho saber perdoar, não é? Da parte dele, quer

dizer, nunca, que eu sempre percebi isso, nunca de alimentar rivalidade, dificuldade com outro, ou alguma entidade, ou alguma instituição religiosa, sempre mostrando a Igreja aberta pra todos, "né"? Fundada no Jesus Cristo, no evangelho, saber perdoar a eles. A Igreja tem lugar pra todos e, continuando o seu rumo sem se perverter também, com alguma doação, ou que pudesse desviar a Igreja do seu caminho.

Entrevistador: Nos projetos de Dom Adriano que melhoraram a situação da sociedade de Nova Iguaçu, você acha que se hoje em dia colocasse esse projeto em prática mudaria alguma coisa?

Padre Marcos Barbosa: Os projetos?

Entrevistador: Na sociedade... Ajudava muitos pobres?

Padre Marcos Barbosa: Certo. Acho que essas são as referências sempre pra gente, "né"? Muita coisa continuou. Mesmo que a direção hoje da vida na nossa Diocese, as linhas da nossa Diocese, essas assim continuam nessa direção, como a gente falava de ligar a fé com a vida, a oração com a opção dos mais sofredores. Das obras sociais hoje tem algumas daquele tempo, "né"? De Dom Adriano algumas, assim, sumiram não é? Algumas até porque eram em parceria, também, com o governo estadual e federal. Vocês devem ter ouvido falar nisso, daqueles postos médicos, algum trabalho de educação, mesmo o Movimento de Amigos de Bairros, "né"? Que também era movimento que não nasceu na Igreja, mas foi muito apoiado, também, pela Igreja, mas a própria circunstância histórica, mudanças partidárias, tudo isso foi levando, "né"? Também o desaparecimento de alguns trabalhos sociais e nascimentos de outros. Como a pastoral da criança que a gente tem hoje, mas permanece eu acho quem mais perseverou no trabalho, foi o clube de mães, de mulheres, "né"? E inclusive na quinta-feira lá no seminário, elas celebraram mais um ano de vida, aí é um dos mais antigos projetos sociais que continuou o trabalho. Com mulheres de conscientização de união entre elas, de amizades, de conhecimento dos direitos das mulheres. O trabalho delas na Igreja e na sociedade. Agora, se Dom Adriano hoje também vivesse nessa época, claro que ele teria na cabeça outras forças também nasceriam, "né"? Sobretudo, o movimento das mulheres, pelo movimento negro, pelo movimento de jovens e tem outras cooperativas naquela época estava surgindo, mas hoje é muito mais forte. Naquela época era mais, por exemplo: trabalhador, a pastoral operária, hoje você não conta mais com isso, "né"? Hoje a realidade do trabalho também mudou, então hoje é interessante pensar o que? Estaria mais presente, "né"? O mais importante, eu acho, é dizer que essa

dimensão social, assim da fé, "né"? Essa é uma constante, a gente pode dizer que isso, há uma permanência do nosso trabalho.

Entrevistador: O Dom Adriano sofreu muito? Esse sofrimento dele trazia algum reflexo pra vocês? Esses atentados que aconteceram com ele, esse o seqüestro mesmo trazia reflexo pra vocês, se vocês tinham consciência do que acontecia?

Padre Marcos Barbosa: Tinha consciência do que acontecia, isso também era comunicado, "né"? Na imprensa entre nós também, "né"? Conversava também sobre isso. Claro tinha reflexo e tinha medo por todos. Mesmo tempo crescia coragem, e também diante desse momento de sofrimento crescia coragem, e também entre nós, muitas vezes isso acontece, quando as coisas estão tranqüilas, cada um fica um pouco na sua, também fazem seu trabalho, esse momento de conflito foi um momento pesado e difícil, mas foi um momento onde a gente sentia muita coesão a união, "né"? Também entre a própria Diocese, que esses momentos de desafio são momentos, e também na nossa família. Quando aparecem dificuldades nesse momento todo mundo se junta mais e sente mais solidário, mais irmão também, assim pra enfrentar junto, pra se apoiar junto. Agora junto disso, é claro, todo esse sofrimento levava também o medo, "né"? As inseguranças também.

Entrevistador: O Dom Adriano em algum momento chegou a fraquejar, e devido os atentados ele não queria continuar com o trabalho dele?

Padre Marcos Barbosa: Eu creio que não. Teve também esse aspecto, por exemplo, ele estava perto de se aposentar, "né"? Perto de completar 75 anos, é claro, que ele começou a se preocupar um pouco mais, esse preocupar um pouco mais era, assim, o visual com a vida interna da Igreja, com a organização interna na Igreja "né"? O padre da diocese, os anos que ficou vivo junto com o novo Bispo que chegou, ele, é claro, depois de muitos anos, sentiu também, novas mudanças, e assim como alguém que amou também muito essa Igreja, também sofreu um pouco com isso, apesar de tomar distancia, "né"? É claro, sabia que agora é um novo tempo e mesmo assim, tendo próximo, ele acompanhou em alguns momentos, sofreu também com essa própria realidade. Agora, de fraquejar não, ele sempre, pelo que eu percebi, não desanimou, pelo contrário, mesmo perto da morte dele sentia aquele ânimo, aquela coragem das palavras dele, do jeito dele era com muita, sabe, com muita esperança, também muito, crítico "né"? E com esperança até o final da vida não foi entregar os pontos não.

Entrevistador: O Dom Adriano era tido como comunista para algumas pessoas, ele tinha alguma preferência partidária, por algum partido?

Padre Marcos Barbosa: Olha, ao meu ver, até de outras também, ele era conservador "né"? Em termos partidários esse era interessante, ele queria levar na frente a dimensão mesmo evangélica, "né"? Da nossa fé, o testemunho da fé, até politicamente alguns esperavam que ele fosse até bem, "né"? Quem não conhecia Dom Adriano imaginava que nesse ponto muito moderado, mas moderado politicamente era mais moderado. Da conjuntura da época onde até alguns associavam que ele estaria bem na linha mais revolucionária, por isso chamavam até de comunista, pelo contrário, nas linhas das opções políticas partidárias dele, ele era opção sempre moderada. Agora interno na Igreja não, quer dizer pra trabalho da Igreja, pra ação da Igreja não, isso aí ele afirmava, não só ele, mas outros Bispos também, "né"? No Brasil Como Dom Hélder Câmara, Dom Pedro Casadaglia, Dom Paulo Evaristo, e outros. Mas de nomes de outros, Dom Evaristo e Dom Luciano Mendes de Almeida.

Entrevistador: Ele não criticava o ditador, então?

Padre Marcos Barbosa: Claro. Uma ditadura sim, como falei, ele não era da direita, não apoiava, nas opções das transformações era sempre na posição mais moderada, nas mudanças mais lentas, politicamente. O pessoal pensava que ele era de botar o pessoal na rua, ou pra tomar coisas pra pegar... Mudar qualquer preço por violência ... não que dizer pelas linhas legais e mais moderadas no sentido partidário político. Agora, é claro, contra esse nem o outro. Nem um extremo, nem outro, contra esse extremo da ditadura.

Entrevistador: Dom Adriano pra conseguir fazer os projetos dele, trazia dinheiro da Alemanha. A Igreja estava a par disso? A Igreja ajudava, com relação a esses projetos?

Padre Marcos Barbosa: É. A Igreja não só ajudava como estava a par de quem recebia também, e apresentava projetos também a Dom Adriano, "né"? Ele também foi formado um tempo na Alemanha, tinha muitos amigos lá também. Naquela época a própria Igreja da Alemanha, sem a comparação hoje é claro, tinha muito mais recursos, "né"? Possibilidade para ajudar também a Igreja do Brasil. Fazia isso aqui em outras Dioceses também do Brasil, mas o grupo estava a par, porque o grupo apresentava os projetos que depois ele assinava. Nada era feito por ele apenas. Ele usava respaldo dos projetos que os padres, as comunidades apresentavam, "né"? Depois tinha grandes

projetos onde o conselho presbiterial que dava a ajuda, que dizia como fazer. Desse projeto, tipo seminário, a casa de oração, centro de formação, centro dos direitos humanos, eram projetos diocesanos. Mas na Alemanha também ele conseguia recursos, por exemplo, pra compra de terrenos, "né"? De comunidades, paróquias, pra construção de creches, pra outros trabalhos, isso aí era apresentado pelo próprio povo pelas comunidades junto do padre, "né"? Então havia uma ciência desses projetos, "né"? Dessa ajuda econômica.

Entrevistador: Na época da ditadura, ele deu muito apoio não só padres como pessoas politicamente perseguidas no RJ e nos outros estados, é isso? E ele chegou a perceber algum momento que essa cobertura que ele estava dando, estava sendo acompanhado, vigiado? Ele chegou a comentar alguma passagem assim?

Padre Marcos Barbosa: Como falei, a partir de 79 então eu já havia passado essa fase do seqüestro. Foi na época mais difícil, mais dura mesmo, mais pesada, onde a Igreja tinha que muitas vezes se encontrar. Como a Igreja subterrânea mesmo. Sem poder aparecer sem poder falar, "né"? Devido a pressão da ditadura, agora aqui no Rio inclusive, outro que acolheu muito os lados também, foi um homem, apesar de toda sua linha conservadora pastoral, mas uma grande sensibilidade da abertura também. A questão dos presos políticos, que a realidade era aquela nua e crua, que dizer só não vê quem não quer, todo mundo via, "né"? Nesse ponto a Igreja se colocou ao lado daqueles que eram perseguidos, "né"?

Entrevistador: O Senhor acha que o Bispo que veio após o Dom Adriano deu continuidade ao trabalho dele com maior intensidade ou o senhor acha que teve uma menor intensidade do trabalho feito por Dom Adriano?

Padre Marcos Barbosa: Vai mudando, vai mudando o interior da Igreja, como a gente conversou, vai mudando também na sociedade, "né"? Então, as mudanças são necessárias, eu acho importante que eu posso dizer que aquele veio, aquele, a chave central da vida, hoje da nossa Igreja, essa permanece, "né"? Então compreendo muito por aí, quer dizer, essa relação permanece, é claro pode ser hoje não tão evidente, mas essa é como um rio que vai até no mais profundo assim da vida, do testemunho da nossa Igreja, hoje a igreja de Nova Iguaçu não era reconhecida assim como outras Dioceses. Naquela época, diante de uma outra realidade, também eclesial e cultural, histórica, social também, deram testemunho mas evidente, era mais evidente essa relação.

APÊNDICE 4 - ENTREVISTA COM PAULO AMARAL.

Paulo Amaral: É, em primeiro lugar, a primeira impressão minha é de emoção em ver jovens na idade, da faixa etária de vocês, estarem interessados em temas e assuntos tão importantes. É em verdade que é a cabeça de um professor como é o caso, ajuda à estimular àquele apetite para a leitura, para a pesquisa, para o conhecimento de forma geral. E, é... Eu vejo vocês e eu me lembro da minha juventude, que eu vou falar um pouquinho também aqui pra vocês, têm tudo a ver com vocês. É, eu sou um advogado tá? Têm um poeta que eu quero que vocês leiam um dia que se chama João Cabral de Melo Neto, que ele definia a minha profissão como um dos profissionais liberais que nunca se liberaram. Isso no sentido de acumulação de bens e capitais. Eu não sou um advogado qualquer, eu sou um operário que lutou, certo? De origem bastante humilde que lutou e conseguiu alcançar esta profissão. Então, em função disto, de todas as minhas lutas no passado, eu fiz uma opção profissional que eu levo muito a sério. É, não advogar a não ser para trabalhadores. Eu sempre advoguei para trabalhadores rurais, pra sindicato, certo?

Pessoas que não têm como recorrer à um advogado, pagar um escritório, não agüenta ficar na fila da justiça gratuita. Então, é, preliminarmente eu diria isto, "né"? A minha identidade com cada um de vocês. Com relação ao estímulo da leitura, já existiu no passado um filósofo que dizia o seguinte pra juventude; duas recomendações, dois conselhos: O primeiro: trabalhar e estudar. E o segundo: estudar e trabalhar.

É a chave pro conhecimento, certo? E para a manutenção da cidadania, da dignidade, ta entendendo? Quando Dom Adriano escreve ali a imagem de povo sofrido, é, ali foi um fato isolado pra aquele episódio ali, foi uma história muito rica pra história deste homem. Quando ele era vivo, Dom Paulo Evaristo Arns, vocês já ouviram falar de Dom Paulo? É o cardeal arcebispo de São Paulo. Dom Paulo Evaristo Arns dizia: Dom Adriano foi um homem santo e ele já foi. E pra mim, ele na realidade é um santo, santo Dom Adriano Hypólito por tudo que ele representou pra população pobre da Baixada Fluminense, pelos menos favorecidos, pela sorte, pelos oprimidos, ta entendendo? Por que, vocês são de famílias de classe média, não é? Então, vocês sabem as agulhas que um pai e uma mãe passa para educar e criar os filhos, não é isso?

Então, o nome disso é repressão econômica e, eu também falarei pra vocês daqui a pouquinho. Nos vivemos num período com Dom Adriano é, um período da ditadura militar. Vocês já ouviram falar na ditadura militar, certo? Uma ditadura é um regime de força imposto pelas armas para oprimir o povo, certo? E, nós vivemos este período de 1964 até mil e novecentos, 20 anos, até 1984 que é outro episódio da história. Então, nós vamos falar de Dom Adriano Hipólito. Acho que o maior patrimônio da minha vida foi ter me aproximado dessa figura humana que era belíssima, e um coração magnânimo, certo? É, uma solidariedade incrível e eu tive, alias, poucos tiveram a oportunidade que eu tive de conviver, de privar da amizade, de toda a intimidade de Dom Adriano Hipólito. É, são passagens riquíssimas que, com certeza, virão contribuir para que vocês sigam o caminho é, como é que eu quero dizer pra vocês? Todos nós temos problemas.

A própria parábola, Estevam, a oração. O que significa a oração? Com ação. Não adianta o cara ficar rezando e esperando alguma coisa que vai cair do céu, se ele não lutar, certo. Então?

Uma das coisas que eu aprendi com Dom Adriano, tem até algumas passagens da bíblia que são bastante significativas. Cartas de Thiago: Assim, como o corpo sem espírito está morto, a fé sem ação é morta em si mesmo.

O que significa isto? Que, nós temos, nós vivemos em um período de recessão brutal. A repressão econômica, ela entra dentro do lar da gente e arrebenta agente por dentro. É o desemprego, como é que eu quero dizer pra vocês? Todas as consequências do desemprego. Jovens na faixa etária, saudáveis, cheios de disposição para o trabalho e não vão encontrar trabalho.

Então vem aquela contradição brutal, vem aquela contradição brutal: Vocês pra conseguir um emprego, vão pedir a vocês experiência. Mas, como experiência se vocês nunca trabalharam? Então, isso é, um espectro, digamos assim, é uma ansiedade muito grande pelo lucro e isso é muito prejudicial. Então, como eu estou falando demais, por que nós temos muita coisa pra conversar, eu gostaria que vocês me entrevistassem, fizessem algumas perguntas. Eu fiz essa breve introdução, mais eu acrescentaria ainda. Onde eu alcancei é por inspiração a esse homem, com carinho, que eu estou olhando pra ele, certo.

Todos os problemas sociais da Baixada Fluminense, todos, eles afunilavam para

a diocese de Nova Iguaçu, por que tinha o Bispo Dom Adriano Hipólito e, ele criou a Comissão Diocesana de Justiça e Paz, no período da ditadura militar, da qual eu tive a honra, o orgulho e a felicidade de ser vice-presidente, ele era o presidente e eu era o vice-presidente. Não tem limite para o alcance social da ação de Dom Adriano Hipólito e a igreja dele, eu não tenho dúvidas, que era a Igreja diferente. Era a Igreja que fez a opção pelos pobres, ta entendendo? A Diocese de Nova Iguaçu não tinha convivência com o poder dominante.

A diocese de Nova Iguaçu era voltada cem por cento para os problemas sociais e que são muitos. Há um “rolo compressor”, um povo é jogado dentro de um “britador”. Não há respeito, "né"?

Os nossos direitos são violados a cada momento e, com isso, nós tivemos um trabalho na área rural, ta entendendo?

Que na época eu era também advogado dos sindicatos dos trabalhadores rurais de Nova Iguaçu. Então, os despejos eram muito grandes e nós íamos é, socorrer os nossos companheiros. Uma marca bastante significativa: eu não tenho conhecimento de posseiros que agente defendeu na Diocese, na comissão de Justiça e Paz, eu como advogado, que não tinham sido despejados.

Então nós abrangíamos toda a área rural de Nova Iguaçu. Já defendíamos posseiros lá na serra de Ipiranga. Aquela serra de Madureira que tem um lugar chamado Ipiranga.

Em Caxias, logo que Dom Mauro foi pra lá, Dom Adriano pediu que nós fossemos dar um apoio. E nós, a Diocese, a Comissão de Justiça e Paz, chegou a defender nada menos que seiscentos a setecentas famílias de posseiros que estavam injustamente sendo expulsos de sua terra.

Um problema da metalúrgica Lanari, em Paracambi, bastante significativo, que é o fechamento. Os operários vieram pedir socorro a Dom Adriano e a comissão de Justiça e Paz, depois eu vou falar o nome de cada um, porque são pessoas, assim, que eu não tenho amizade por eles, é amor, que eu defino como amor.

E nós fomos pra Paracambi, a metalúrgica foi fechada e os operários estavam passando fome. E nós pegamos aquela luta pra desenvolver gestões junto as autoridades para, na tentativa, reabrir a Lanari. Nós tivemos um período que foi essa foto aqui, que era chamado despejo. Isso aqui foi tirado num conjunto habitacional, despejos dos conjuntos habitacionais. Vinte e três conjuntos habitacionais onde mais de treze mil

famílias estavam sendo despejadas. E o povo recorreu a quem? Ao Dom Adriano Hipólito.

E o Dom Adriano Hipólito associou a Comissão de Justiça e Paz e nós tivemos a luta de quase mais que quatro anos. A polícia estava na porta para despejar as pessoas e nós iríamos pra lá. Eles estavam muito bem armados, e muito bem familiarizados com a coisa que eu chamaria de razão de força. Todo mundo embalado de arma era o oficial de justiça e o povo oprimido do outro lado. E nós vínhamos assim, com aquela fé inabalável na força da razão. Os argumentos imbatíveis, porque os problemas sociais eram grandes, fomos inúmeras vezes com Dom Adriano para Brasília é, no BNH, evitamos despejos nas ruas e, a vitória foi fatal para o inimigo, porque nós conseguimos um refinanciamento para todos os moradores do conjunto habitacional, nos conjuntos habitacionais. Então, vocês vão analisando na época estava entrando em roda o problema da violência, a violência desvairada, nos chamados, digamos assim grupos de extermínio, que, na realidade, ele deve ser visto por uma outra ótica, por outro sentido. Hoje, nós temos contra isso 70 milhões, 70 milhões, não é brincadeira, Estevam? Setenta milhões de pessoas que estão classificadas como se estivessem abaixo da linha da pobreza.

Ser pobre já é muito difícil, "né"? Nós somos e sabemos disso. Agora imagine aquele que esta abaixo da linha da pobreza, não pode estender a mão e pedir uma esmola, pelo amor de Deus! As filhas já foram vendidas no meio das estradas e os filhos ou estão presos ou mortos. Não há alternativa pra quem perdeu a cidadania, não há alternativa pra quem não tem, não recebem o mínimo de assistência do poder publico que existe para cuidar da questão social do povo.

Então, é uma situação bastante drástica, bastante difícil. Estou dando esta panorâmica simples por que os problemas que tive o orgulho, a honra, a felicidade de me envolver, junto com Dom Adriano Hipólito, junto com Salomão, Sada, Frei Luís Tomas é o Robson Belém de Azevedo que é do Correio da Lavoura, professor Eder Rodrigues é... Bráulio Rodrigues, Bráulio merece ser entrevistado por que o Bráulio é um personagem muito interessante, ele é um autodidata, é um líder nato e é, como eu e muitos jovens na minha época. Eu sou irrequieto. Eu não aceito a opressão. Então resolvi surgir contra a ditadura militar e lutei contra ela. E fui preso, fui torturado, certo? Sofri horrores. E o Bráulio tem uma característica, por que ele foi preso?

Porque ele foi um trabalhador rural, camponês. Trinta e duas vezes, preso. Vocês vão entrevistar ele? Muito Bom! Você ta entendendo? Tem uma outra pessoa que você deve entrevistar que é o Laerte Rezende Bastos. É um pequeno grande homem, que eu chamo, porque ele é baixinho, mas eu jamais conheci alguém com a capacidade de convencimento e aglutinação como o Laerte, ta? Luís Gonzaga de Macedo, que forma a tríade de lideranças, que é um caso que até escravo na Amazônia ele já foi, certo?

Veio pra cá, e também foi preso, torturado e é uma pessoa que só dignifica, a gente conhecer a história dessas pessoas. Então, eu to dando essa panorâmica aqui pra vocês, por que eu cometi, eu to cometendo algumas injustiças porque eu não estou me lembrando de todos os nomes dos meus companheiros da comissão de Justiça e Paz, eu acho que eu to ficando velho! Foi uma convivência tão linda! Então eu to lembrando um advogado de São João de Meriti, Benito Mussoline, apesar do nome era um patriota, Benito Mussoline Alves. Vocês sabem quem foi Mussoline? Sabe? É o fascista italiano que se aliou a Hitler pra dominar a humanidade. Eles estão bons na história, hein! Puxa vida! Então, são essas situações.

O que eu passaria pra vocês? Na minha juventude, na idade de vocês, eu era presidente da Federação dos Estudantes de Itaperuna, lá no interior. E, lá no interior, eu era tesoureiro do sindicato das industrias dos trabalhadores. Dos trabalhadores da indústria de produtos de laticínios, eu era operário na fábrica de leite Glória. Operários em qualificação. Tinha uma eternidade de vidraças. Eu com uns jornais, baldes e uma escada ia limpando, limpando, chegava no fim e ainda tinha que voltar pra limpar tudo. Tinha trabalhos que não me diminuíram em nada, pelo contrário, eu era o especialista de lavar as privadas, "né"? Isso, com certeza, é um motivo de orgulho hoje de eu dizer que já experimentei na vida essas... Já tive experiências na vida.

Então, eu dei essa panorâmica pra vocês saberem quem sou eu, de onde eu vim, como eu me sinto como advogado. E, já disse, não apenas um advogado, mas um trabalhador que conseguiu se formar em advogado, isso era alguma coisa que me dignifica. Que me premia, e eu fico muito feliz. Sou uma pessoa que não é diferente de vocês. Já que tive, com certeza, as mesmas origens.

Você está desempregado? Eu sabia! Já tive desempregado. É uma amargura! Quantos desempregados existem aqui?

Entrevistadores: Todos.

Paulo Amaral: Então, isso aqui é importante, eu tenho que discutir sobre isso! Você tá entendendo! É, a cada momento, cada gesto seu, que você se cala e consente, você está praticando uma atitude covarde contra você mesmo, certo? Nós temos, na condução, que tudo tem uma explicação, meus senhores.

Por que todos vocês estão desempregados? Tem que ter uma razão? Então, nós temos que questionar. O ditado secular do povo diz o seguinte: da discussão nasce a luz. Isso é dialético, "né"? Então nós temos a dialética, é um método para se chegar ao conhecimento e a verdade através de perguntas e respostas. Que é muito ruim você estar desempregado, isso não é fatalidade, não é falta de sorte, não é azar ou sorte. Por que eu digo que não é azar ou sorte? Por que nós não devemos acreditar em azar ou sorte. Fatalidade não existe. Nós temos que acreditar na competência e no trabalho. E o outro ingrediente que eu jogaria pra vocês: lutar. Nós temos direito de ter uma vida digna, nós temos o direito de ter a nossa cidadania preservada. Em função disso é que eu estimulo vocês.

Não aceitem passivamente as situações. O diálogo, a palavra existe exatamente pra isso. Pra gente colocar, até pra você saber o por quê dessa situação.

Então, professor, passemos para a segunda fase que eu estou a disposição de vocês para as perguntas. E, o que eu diria eu acho sabe por que você fez assim? Eu vou falar pra você. Boca que não entra mosquito, boca fechada não entra mosquito, mas também não entra nada. O exercício de cidadania vai começar aqui agora!

Ninguém tem que ter preocupação de perguntar, do que vai dizer, como vai dizer, tem é que colocar as questões que nós vamos responde-los na medida do possível. Você está entendendo?

Entrevistador: Dom Adriano foi muito importante pro senhor, na sua vida, no seu cotidiano? E qual foi a maior importância dele pra Nova Iguaçu?

Paulo Amaral: É, eu diria que Dom Adriano Hipólito, eu o classifiquei há pouco santo Adriano Hypólito, herói de um povo sofrido. A importância dele dentro de um contento

De opressão, de repressão brutal. Dom Adriano teve a importância, não só para Baixada, para o estado, para o Brasil. O Dom Adriano era uma figura de projeção

internacional. Ele conquistou isso com seu amor pelo povo, com sua solidariedade. Você ta entendendo?

Paulo Amaral: Então, pra mim é... Já tive assim... Eu já tive a oportunidade de dizer pra você isso. Que é naquela época, na época de Dom Adriano existia a Teologia da Libertação que não era a Igreja como um todo. Tinha bispos, como tem até hoje, extremamente reacionários, extremamente “anti povo”. Eu não sei o que essas pessoas fazem dentro de uma casa que eles chamam de casa de Deus. Porque lembrando o significado da palavra oração, é ação. É a favor do povo, do povo sofrido, do povo humilhado. Então, respondendo a sua pergunta, Dom Adriano, melhor dizendo, Santo Adriano Hipólito, foi importante na minha vida, na vida da população da Baixada Fluminense e teve uma importância muito grande a nível nacional e também até internacional. Que ele era conhecidíssimo a nível internacional. O nome dele ecoava por todos os países em que ele andava. E ele trouxe do exterior a solidariedade daqueles povos interessados em melhorar o sofrimento do povo na Baixada Fluminense.

Entrevistador: Nós sabemos que nem todos na Igreja o apoiaram. Como é que ele se sentia sobre esse assunto ?

Paulo Amaral: Veja bem. Vou até lembrar. Dom Adriano era uma pessoa maravilhosa. Eu quero até lembrar aqui uma pessoa, que até politicamente não tendo nada a ver comigo, mas era um grande teatrólogo que era o Nelson Rodrigues. Nelson Rodrigues dizia: toda unanimidade é burra! Se nós somos, não somos todos iguais porque nós não fomos fabricados em série, por uma máquina, certo? Nós temos ambições, temperamentos, reações, emoções diferentes uns dos outros. Então Dom Adriano via isso com muita naturalidade. E, eu digo a você que ele foi caluniado por pessoas de dentro da Igreja. Você ta entendendo? Então, ele seguia a sua missão, cumpria a sua missão com muita dignidade.

Isso o torna realmente uma pessoa diferente, mas tão diferente, tão solidário, tão humano a ponto de incomodar os poderosos. O que eu to dizendo aqui é, se houver justiça ela será feita. Esse homem é um santo! Dom Adriano Hipólito. Então, teve muita na Igreja, tinha na época nichos de pessoas que eram de extrema direita. Só pra você ter uma idéia, eu não sei se já foi dito pra eles. Dom Adriano Hipólito foi seqüestrado, e comigo ele reconstituiu o seqüestro e a trajetória. Dom Adriano falava: Paulo, nós passamos aqui... Sentia que rodou assim, que rodou assim e aonde que ele

foi terminar? Na Vila Militar. Então, foi um seqüestro. Eles temiam Dom Adriano e eles queriam calar a voz de Dom Adriano. Vocês nem imaginam que depois do seqüestro bombas eram colocadas nos altares e em igrejas, certo? Padres eram perseguidos e independentemente de uma minoria que não aprovavam Dom Adriano e até que ficavam contra ele, mas a Diocese de Nova Iguaçu na época de Dom Adriano, um time de primeira qualidade de padres, de freis, que é alguma coisa assim, sublime, maravilhosa. Não existem expressões gramaticais para traduzir a emoção da gente pelo trabalho, daquele grupo de padres e freis que serravam fileira ao lado de Dom Adriano Hypólito.

Entrevistador: O Dom Adriano fez um trabalho social muito grande, ajudou os pobres. Assim comparado de uma maneira bem chula, como o presidente Lula ta fazendo ajudando os pobres, mas eu gostaria de saber, o que é isso que faz a diferença? Gostaria de saber se ele tinha a preocupação de mudar a consciência das pessoas. Para que elas despertassem de que elas estavam numa opressão. Por que muita gente hoje em dia não questiona o fato de estar desempregado? Aceita! Se ele mudava a consciência das pessoas, abria os olhos das pessoas menos favorecidas...

Paulo Amaral: A essência do trabalho de dom Adriano Hipólito era a catequese. Dom Adriano Hypólito era no sentido de esclarecer, certo? Aos pobres, oprimidos e desprezados, em função dos direitos que eles tinham. Tanto ele chocava os inimigos que foi seqüestrado da forma que foi. Como foi encontrado? Também disseram pra vocês. Todo pintado de vermelho e despido também. Tudo isso. Então, na realidade, não só o trabalho de Dom Adriano Hipólito, mas o trabalho de todos aqueles que estavam com ele. Eu lembro sempre da nossa Comissão de Justiça e Paz, porque eu sei a importância desse grupo de pessoas para a volta do processo democrático pra liberdade do povo. Eu gosto sempre de citar, sempre que eu posso. A Sada é a minha musa. Adoro a Sada. O Salomão, o Robson Merém de Azevedo. Uma entrevista com o Robson, ele é o diretor do Correio da Lavoura que é um jornal mais antigo da cidade, que, nos momentos mais duros da ditadura, ele abria as portas do jornal dele para que nós escrevêssemos.

Se houver a oportunidade, de tal mãos, pegarei aqui um recorte de jornal que é da época a gente usava pra dizer aquilo, ta entendido? Então, o trabalho de Dom Adriano era, essencialmente, um trabalho de conscientização. Não era aquele trabalho de oportunismo. Fazia a caridade pela caridade, nada disso! Aliás, eu acho que nunca

fizemos caridade pra ninguém. O nome certo é solidariedade. Ta entendendo? Porque, se você for imaginar, a caridade, digamos assim, como é que eu quero dizer, aquele negócio de dá o peixe pra matar a fome, mas não ensina a fazer a rede pra pescar, hein? Isso aí é a alavanca de sustentação do capitalismo selvagem.

Quando você fala, quando eu falo pra vocês: lutem, lutem e não tenham medo da palavra! Não ter medo de encarar um livro. Pegarem lá na primeira página e ir lendo outra. Eu já falei aqui do filosofo, "né"? Estudar e trabalhar, trabalhar e estudar. Então, já aconteceu com algum de vocês? Eu faço essa pergunta, de pegar um livro pra ler e dá um cansaço. Aí a gente desiste. Já aconteceu com vocês? Pois é, mas não é cansaço, é preguiça. A preguiça é irmã gêmea do cansaço. Agente segura situações e arranja argumentos pra cometer heresia e fechar o livro. Então, primeiro: ler é muito difícil, o habito de leitura. Esse cansaço que não é cansaço, tem que ser combatido. Não é isso! Você vai falar: Eu não to cansado nada, eu to com preguiça!

Entrevistador: Eu queria saber se por alguma vez já passou pela cabeça de Dom Adriano Hipólito parar com as obras beneficentes por causa dos atentados?

Paulo Amaral: Boa Pergunta! Dom Adriano Hipólito tinha uma meta que era calcada em cima, já falei pra vocês, de uma coisa que se chama Teologia da Libertação, a opção pra os pobres.

Eu sou testemunha de que durante todo o período, o que eu posso dizer durante toda a vida, Dom Adriano não recuou um milímetro sequer em sua convicção inabalável de lutar pela libertação do povo por melhores condições de vida e trabalho pra esse povo.

Ele era muito simples e pela própria formação humilde, mas ele era impetuoso, ele perseguia suas metas, ele não desistia. Daí, pra mim, seria essa mais uma das virtudes pelo qual, como é que eu quero dizer pra vocês... Quem tem que dizer, se um homem e uma freira ou qualquer pessoa é santo ou não são as autoridades canônicas, certo? Eu to apenas dizendo, para mim, que ele é um santo.

Entrevistador: A gente percebeu que pintaram no seqüestro o Dom Adriano de vermelho. Isso porque consideravam ele um comunista. Por que taxavam Dom Adriano como comunista?

Paulo Amaral: Isso é uma boa pergunta! Que é uma grande contradição da classe dominante e do capitalismo selvagem. Você ta entendendo? Por que Dom Adriano foi pichado de vermelho? Eu tenho aqui um artigo que tinha um artigo de um

colunista do jornal “A Última Hora”, que não é do tempo de vocês, e que ele dizia o seguinte: eu fiz uma viagem ao exterior uma não, fiz diversas. Mas uma eu fui a Moscou. E ele publicou: “Um lugar, tenente, do Bispo comunista Dom Adriano Hipólito... Viaja para Moscou para aprender táticas de guerrilha e subverter a ordem”. Que mentira! Que calúnia! Que difamação! Não é isso? A pessoa que se dedica a olhar para os menos favorecidos, a ser solidário. Nada de caridade! A ser solidário com os menos favorecidos e eles taxam como comunista, por que é uma contradição. Por que, como são minorias, somos a maioria, e a maioria esmagadora de oprimidos, você ta entendendo? E uma minoria de privilegiados.

E eles taxam as pessoas que lutam por essa minoria de comunistas, eles estão se colocando como fascistas, lembram do Mussoline que era o mesmo nazismo de Hitler, contra glorificando até a palavra comunismo, por quê? Porque eles estão dizendo: Quem ta com o povo é isso, quem não é por mim está contra nós. Alguém mais? Deixa, só complementar a tua pergunta. É o seguinte: uma coisa que vocês vão pensar sempre. Se a minoria dos privilegiados que tudo tem, abrirem mão de um mínimo dos seus privilégios em favor da maioria dos que nada tem, nós não teremos tanta dor, tanto desalento, tato desemprego.

Ta entendendo? Por falar em desemprego, citou o Lula? Eu votei no Lula e to dando um voto de confiança. Mas eu já tenho algumas “farpazinhas” que... Eu sou assim, eu não vou silenciar, eu vou questionar. “Fome zero” pra mim ta errado. Pra mim tem que ser “desemprego zero”. “Fome Zero” dá idéia de assistencialismo, tá entendendo? Então, tem que ter uma justa distribuição de renda para que você possa ter dignidade. Alguém aqui já sonhou em chegar no terceiro grau, no curso superior, já? Então, eu direi pra vocês, todos irão chegar se vocês seguirem a risca os ensinamentos do filósofo, ta?

Que o nome dele era Dimítrio: estudar e trabalhar, trabalhar e estudar.

E continuem sonhando. Ai de mim se não fosse um sonhador! O sonho é o caminho das grandes realizações da nossa vida. Sonhei, porque sonhar é viver! Tem até uma música que fala assim, "né"? Sonhar é muito gostoso. Agora, não embarquem eternamente nessa de ilusões. Não percam a noção da realidade que o cerca.

Entrevistador: É... Você lembra de alguma situação engraçada ou alguma mania que Dom Adriano tinha?

Paulo Amaral: É uma pergunta interessante! É, eu me lembro que ele era

muito alegre, mas eu não observei nada engraçado, "né"? Eu te digo o que você quis dizer, você ta entendendo?

Por que ele era uma pessoa assim, muito compenetrado. Você imagina o que é ser Bispo da Diocese de Nova Iguaçu. Quando Dom Adriano era Bispo da Diocese de Nova Iguaçu, vocês sabem o que é a Diocese de Nova Iguaçu? São João de Meriti, Duque de Caxias e Paracambi. Isso aqui era imenso, não tinha limites de problemas. Você não tem nem noção dos problemas que existiam aqui. E o Dom Adriano tinha uma capacidade de absorver problemas muito grandes, ta entendendo? Que em nenhum momento nós tivemos, que eu me lembre não, não tivemos. Sempre que nos reuníamos era pra discutir um problema da maior gravidade, sempre um maior que o outro, e isso não nos permitia aqueles momentos de descontração total, você ta entendendo?

Então, nós estávamos sempre dentro daquela linha. Nós, eu posso dizer, que ele era um cara em paz consigo mesmo e era um homem que apesar de todos os problemas, um homem alegre.

Entrevistador: Você pode classificar a Baixada antes de Dom Adriano e depois de Dom Adriano? E quais foram os projetos mais importantes da Baixada?

Paulo Amaral: Olha, existem, não só em relação a igreja, isso aí é nítido só quem não quer ver, só quem quer fingir que é cego que não sabe que o que foi a Baixada antes de Dom Adriano e depois de Dom Adriano. Eu diria que de minha parte não me compete fazer criticas à Igreja, até por que eu não sou do clero, não estou lá, mas eu vivi aqueles momentos. É mais assim, mais uma homenagem, mas por admiração, mais por amor a Dom Adriano Hipólito, você ta entendendo? Mas os programas sociais da Igreja na Baixada Fluminense e não só da Igreja, foram, eu não vou cometer nenhuma injustiça aqui, foram sumariamente liquidados após Dom Adriano. Eu não vejo a presença da Igreja no meio do povo, no meio dos conflitos sociais, no meio dos despejos dos trabalhadores, eu não vejo! Na época de Dom Adriano eu sentia isso na própria carne! Que eu já fui acordado inúmeras vezes no meio da noite, você ta entendendo? Para sair e pra ir ao campo, para evitar o despejo de um conjunto habitacional, ta entendendo?

Então, são essas situações que diferem o período de Dom Adriano, certo? Dos outros períodos, principalmente, após Dom Adriano que é a omissão, eu acredito que domina o cenário da Igreja. Eu acho que é aquela história: fé sem ação não dá pra acreditar.

Não dá, a Igreja ele tem que ser igual como era na época de Dom Adriano, ela estava presente em todos os atos de violência e nós temos uma luta interna da Comissão de Justiça e Paz pela volta dos presos políticos que estavam encarcerados aqui. Então a Igreja, ela ajudava, o povo respirava e sentia na pele a Igreja de Dom Adriano Hipólito. E eu vivia esse momento e não tem como estabelecer um limite de gratidão de tudo o que Dom Adriano representou para o povo da Baixada Fluminense.

Entrevistador: É... Dom Adriano ele era muito discreto. Ele tinha essa discreticidade por medo ou pra não sofrer realmente uma perseguição maior?

Paulo Amaral: Não. Eu te garanto que ele era um homem destemido. Ele não tinha essa preocupação e ele se doava as causas populares. Ele se doava na luta para defender os oprimidos.

Entrevistador: Em relação aos políticos de Nova Iguaçu, o Arthur Messias deu uma entrevista pra gente, ele disse que alguns desses políticos que hoje estão na frente da administração de Nova Iguaçu se reuniam na própria Vila Militar...

Paulo Amaral: Eu prefiro começar falando dos políticos que estiveram com Dom Adriano, ao lado do povo, e que nunca se reuniram na Vila Militar, que foram perseguidos também, é que merecem terem os nomes citados. Alguns nem são políticos mais, eu acredito que não! Que tem, digamos assim o doutor Francisco de Assis Martins Amaral, que a gente chama de Chico Amaral. Temos o mesmo sobrenome, mas somos apenas irmãos de fé. É, na minha avaliação é o maior jurista que eu já conheci em toda minha vida. E, tive a felicidade naquele período eu já estava recém-formado em direito, certo? E um operário, quando se forma em direito é um pouquinho diferente. Por que, quando a pessoa tem pedigree, como se diz, ele está nascendo meio de bibliotecas, cursos, vídeos, viagens ao exterior e um operário tem que comer, cuidar da família. E, depois ainda tem um tempinho pra estudar. Então, a nossa meta, como diz o ditado, a maioria sobe por elevador e o trabalhador tem que subir por uma corda cheio de espinhos, machuca a mão, cai. A nossa vida é um recomeço sem fim! Só não pode se desanimar. Então, eu diria assim, é o mínimo que eu poderia dizer sobre o Francisco Amaral: Chico Amaral, e eu sempre que tenho a oportunidade, eu digo que foi um professor que eu tive 24 horas por dia.

Realmente ele era uma sumidade e ele é uma pessoa destemida e também pra mim ele é um patriota. Diria outro nome, e que deveria ficar gravado aí que é o Jorge Gama de Barros, doutor Jorge Gama de Barros. Que teve uma participação intensa

junto com Dom Adriano, principalmente na luta dos conjuntos, estava sempre atrás de nós, nos nossos embates jurídicos. É... No campo, nas fabricas e em todos os lugares. E, esse cidadão chamado Jorge Gama de Barros de um coração monumental dentro do peito, que na época era franzino. E, uma solidariedade incomum. Eu até costumo dizer que ele tinha o dom de descobrir os problemas da gente e tentar solucioná-los. Por que uma passagem muito importante aqui. Eu largava tudo, tudo, descuidava de tudo para a luta. E eu defendi os direitos humanos da humanidade a minha vida toda e é uma coisa que eu passo como observação pra vocês.

Porque eu violei os direitos humanos da minha família. Porque, quando eu estava na luta, não tinha ninguém atrás pra olhar por eles. Então, muitas e muitas vezes, eu estava saindo de manhã, eu morava num apartamento e não tinha nada em casa. E a mulher falava: “Vai pra luta que a gente resolve”. Então, a gente comia, não sei se vocês ainda gostam desses pratos, a massa de tomate refogada com cebola e aquele arroz branco. Se ninguém comeu, comam que é uma delícia! Isso quebrava um galho terrível pra gente, certo? Ou às vezes, o feijão com farinha. Isso são situações que não me diminuem em nada! E eu só me sinto assim, com vontade de lutar, tá entendendo? Então são essas pessoas, por exemplo, que tiveram na luta. Eu, por exemplo, eu fui preso, saí da prisão e fiquei com psicose de perseguição. O que é psicose de perseguição? Eu via a policia e o torturador em todos os lugares! Então, com toda certeza, eu não podia trabalhar direito. E aí, os operários mataram a Fome do doutor, literalmente falando. O que qualquer pessoa teria vergonha de dizer, eu já falei para os meus filhos, pro meu neto e eu vou falar pra eles sempre, que eu posso: eu me lembro dessas pessoas. São pessoas solidárias, eram operários mesmo! E não só operários, o Jorge Gama, o Francisco Amaral, são pessoas que socorreram naquele momento, que eu era obstinado. Eu largava tudo mesmo e ia. Então o que você vai entrevistar: O Gonzaga; o Laerte, o Bráulio Rodrigues, Manuel de Souza Teixeira, José Pinto. Eram pessoas muito ligadas a mim.

E eu não precisava pedir nada a essas pessoas, eles chegavam e tinha até o Gonzaga que falava: ô Paulo, como é que ele falava ? Falava linguagem de trabalhador: Eu vou dar uma “estiazinha“ pra vocês comprarem um franguinho no fim de semana, “né”? E aquilo dava realmente pra passar o fim de semana. Então, essa trajetória era uma coisa assim que me dignifica, nesse período todo... É... A gente construiu um nome profissional, um nome político, certo? E isso nos impele, nos impulsiona para

que continuemos nessa nossa caminhada. E vocês ainda vão cansar de ouvirem falar em mim! Porque aos 63 anos, eu tenho um sonho, eu tenho, eu quero viver mais uns trinta anos lutando, lutando com muita garra e com muita disposição e isso vocês serão testemunhas. Aliás, mais do que testemunhas, porque estaremos juntos nesta luta.

Entrevistador: Destaque uma qualidade e um defeito de Dom Adriano.

Paulo Amaral: Qualidade, eu teria que fazer um compêndio para falar das qualidades de Dom Adriano, que, quando eu falo é do elevado espírito de justiça e humanidade, quando eu falo que Dom Adriano é imbuído de uma solidariedade incomum, ele é um campeão de solidariedade, quando eu digo que ele é um homem corajoso, quando eu digo que ele é um homem de mais, obstinado, quando eu digo que ele ama a si próprio e ama o povo. Isso aí, (...) um universo de virtude, que, cada coisa dessa que eu disse, cada aspecto, ele engloba um universo de possibilidades de virtudes de Dom Adriano, certo? E defeito, eu acho que o único defeito que ele teve era de ter sido uma pessoa que lutou, que lutou tão pouco junto com ele que fui eu. Por mais, eu não tenho mais nada dizer deste homem, somente maravilhas.

Entrevistador: Você pode fazer uma diferença da época que Dom Adriano, como andavam as igrejas? Depois da morte de Dom Adriano, as pessoas se tornaram mais desleixadas?

Paulo Amaral: Isso aí é muito importante o que você colocou. E nós vamos lutar! Olha só a minha confiança em vocês. Nós vamos lutar. E, a nossa matéria prima nessa luta, eu vou dizer pra vocês, que se chama liberdade.

A liberdade é um leque de perspectiva que envolve a todas as condições de vida, de educação, de habitação para o povo. E nós temos para defender, para divulgar a nossa matéria prima que é a liberdade, a nossa, o nosso “gogó” e a nossa “canela” para andar. Então, o que ocorre, nós vamos falar o dia inteiro. Começamos de manhã, no ônibus, quando agente vê às vezes um trocador, muito humilde que pode até no momento seguinte ser espancado pelo leão que é o capanga da empresa, que é um cara sem escrúpulos, covarde a ladrão e maltratando um colega dele, um trabalhador, não é isso? Então, você se depara com isso. Você vai discutir com ele, vai discutindo, vai discutindo, no fim do dia você estar com a garganta até doendo, mas feliz da vida. Puxa, missão cumprida. Quando aquelas pessoas que você acha que beneficiou chegaram em casa, eles ligam a televisão ou um rádio de pilha e lá vem uma mensagem cientificamente elaborada e tudo o que você disse vai embora. Então, no dia seguinte,

nós estamos prontos para começar tudo de novo. Então é a televisão, essa máquina de fazer doido, é a nossa terceira mãe. Ela entra dentro de casa e não pede licença, você ouve o que ela quer.

Ela nos induz a um consumo desvairado, certo? Já aconteceu com alguém aqui, por exemplo? Comigo já. Eu entro no supermercado pra comprar um “dentifricio” e já vou logo lá na prateleira compro um nome, mas eu nem sei as propriedades daquilo, eu nem sei se é bom nem sei se é nada, por quê? Porque foi jogado na minha mente que aquele produto é melhor. E isso acontece. Então, chama-se mistificação da massa pela propaganda. E, isso é terrível! Esse é um dos motivos que vai nos impelir para essa luta que não é uma luta pra qualquer um. É luta pra quem quer mesmo lutar! E nós não devemos ser egoístas. Quando vocês passarem a ler, cada um, um livro por mês. Alguém lê um livro por mês aqui? Quando passarem a ler um livro por mês e se sentirem motivados para lerem um livro por semana, quando vocês tiverem condições de ler um jornal diariamente, porque esses jornais aí têm alguns jornais bons. Mas esses jornais trazem as coisas piores do mundo! Mas você vai tirar dali o que é informação, certo? Então, tem que ser bem informados e tem que ser culto. Quem não é maior em termos econômicos, tem que ser o melhor em termos de cultura e de conhecimento. E aí nós estaremos caminhando para uma coisa que eu chamo "a redenção desse povo maravilhoso".

Entrevistador: E os bispos que vieram depois de Dom Adriano continuaram o trabalho dele? O Sr. acha que eles deram continuação ao trabalho que Dom Adriano começou?

Paulo Amaral: Como eu vivi muito intensamente todo o período de Dom Adriano, quase que minuto a minuto, eu posso dizer tranquilamente que não, certo? Na época de Dom Adriano, a Igreja estava presente no meio do povo, nos movimentos populares, estava presente na solidariedade às famílias que os filhos eram massacrados, tava presente nas fábricas, nas escolas, e hoje eu desconheço a presença da Igreja em qualquer lugar. E como Dom Adriano vai ser difícil existir outro, mas nós vamos ter esperança que um segundo se aproxime de Dom Adriano volte aqui para a Baixada Fluminense. Eu só sei dizer que do anterior ao atual, algumas atitudes dele que eu abominei. Até porque classifiquei como fascistas.

APÊNDICE 5 - ENREVISTA COM IRMÃ MARIA CONCEIÇÃO DE IMACULADA.

Entrevistador: A senhora poderia se identificar, por favor?

Irmã Maria: Irmã Maria da Conceição de Imaculada. Estou no Brasil desde 83, quando Dom Adriano nos convidou para ver o local onde ele queria construir o mosteiro.

Entrevistador: Qual o motivo daquela escultura?

Irmã Maria: Um senhor pediu para Dom Adriano fazer uma escultura dele, e fez a moldura do rosto dele. Depois deu de presente. Dom Adriano, então, teve isso bem guardado até morrer, não queria que aparecesse em parte alguma. Depois ela veio para cá.

Entrevistador: Como foi o seu primeiro contato com Dom Adriano?

Irmã Maria: Foi uma história assim bem comprida.

Entrevistador: Como foi o primeiro momento da criação do mosteiro Santa Clara?

Irmã Maria: Dom Adriano todo ano costumava fazer uma visita a Europa para angariar dinheiro, lá na Alemanha, sobretudo para as obras que ele tinha na Diocese. Então ele passou por Lisboa precisamente no dia de Santa Clara, 11 de Agosto de 82 e almoçou na casa de nossos franciscanos que eram o superior e o assistente da nossa Congregação das nossas Clarissa de Portugal. Acontece que lá ele manifestou o desejo de ter uma fundação de vida contemplativa em sua diocese e por isso dizia que já há 16 anos lutava para que o nosso Senhor concedesse esta graça e não tinha conseguido porque nos diversos mosteiros aqui no Brasil, não tinham religiosos suficientes que pudessem dispor, então nossos assistentes logo lhe prometeram que conseguiriam isto, e fez o pedido. Nós aceitamos, e logo no ano seguinte em fevereiro de 1983, a convite de Dom Adriano, viemos ver o local. Neste próprio local onde nós estamos, e ele aproveitou para fazer a benção da pedra fundamental. E ai foi início da obra, mandou o projeto para Alemanha e a diocese de Colônia assumiu o projeto na sua totalidade através do senhor Eber. Foi um grande bem feitor da nossa Diocese e também de toda América Latina, e nós que estávamos vindo pelo lançamento da primeira pedra,

avistamos tudo isso em ser o mosteiro e só que devido ao regime também que nós vivíamos.

Da parte do governo houve dificuldades em obter o visto permanente e durou cerca de três anos, só pudemos vir em abril de 1987, então viemos em abril de 1987. Seis Religiosas já com visto para fazer a fundação aqui em nossa Baixada. Moramos três anos em uma casa provisória, ficava anexa a casa de Dom Adriano, e que antes era da Dona Lúcia, e que atualmente pertencia aos padres do Espírito Santo que tinham a Dona Lúcia, tinha feito a doação para eles então puseram a nossa disposição, para nós passarmos estes três anos enquanto se construíam as obras aqui no mosteiro. A gente chegou aqui em abril, e em 16 de agosto começaram aqui as obras do nosso mosteiro, e nesses três anos que passamos na casa provisória, Dom Adriano foi nosso capelão. Ele construiu, abriu uma porta no meio que dava para o jardim dele, para que ele pudesse vim celebrar a missa, lá mesmo de sua casa para que não fosse preciso sair da clausura. Ele que tomou conta da nossa manutenção e tudo isso durante esses três anos, sempre ajudou e depois em 13 de maio de 1989, é que viemos para o mosteiro. Na inauguração do mosteiro estavam presente Dom Adriano e os padres, todos da Diocese. Nesse dia no local estavam 46 padres e Paróquias que chegaram mais tarde, estava nossa assistente de Portugal a providencial das Franciscanas. Todos estiveram presentes, e assim, começou nossa obra, e aí estamos até hoje, e sempre. Dom Adriano, um presente que ele nos dava durante a construção, nos dias de natal, páscoa, São Francisco, dia de Santo Antônio e Santa Clara, todas às três horas da tarde trazia a comunidade aqui ao mosteiro para ver o andamento da obra. E tem fotografias dessas que esta aqui, só para ser lembrada também, e que D. Adriano quando sempre já não como capelão, mas providenciou um capelão. Todos os dias graças a Deus para distribuir a eucaristia, e ele sempre procurou ajudar-nos em tudo que fosse necessário.

Entrevistador: Ele teria chegado a falar alguma coisa em relação à juventude da época, como um meio de tentar atrair mais membros, no caso para a nossa Diocese? Da juventude para o mosteiro dentro da igreja, ele tinha essa preocupação?

Irmã Maria: Ele tinha um grande desejo, uma preocupação dele era, depois que fosse bispo emérito, trabalhar nas vocações, porque idealmente sempre tinha um grande desejo de trabalhar na Igreja para que os jovens pudessem conhecer mais Jesus. Pois não se pode amar aquilo que não conhece, não é? Então dando conhecimento, ele proporcionava também o amor a Jesus. E daí, a sua dedicação sua entrega total, a causa

do Reino, não é? E ele trabalhando, tinha um grande amor quando se falava, sempre falava nas vocações no valor das vocações e grande devoção a Eucaristia que não só neste apóstolo. A diocese de Nova Iguaçu que assumiu também este projeto para construir uma casa, para que toda a diocese viesse aqui rezar e o desejo dele é que durante todas as noites tivesse sempre uma pessoa da diocese aqui na capela do mosteiro, e isto logo de início em 90-91, aconteceu a inauguração, a apreensão perpétua e nós tínhamos aqui só paraguaios da Diocese em vigília, e o desejo de Dom Adriano era que fosse todo mês.

Um mês depois, algumas desistiram por motivos justos e hoje estão menos, mas ainda esta noite nós tivemos aqui uma vigília de adoração, foi de santa Rita, foi uma vigília bem fervorosa. Às 5 horas teve um encerramento com a missa e eles voltaram para suas casas. Esta casa não é só a sacristia, mas também aqui temos palestras de fim de semana e retiro para jovens, velhos, movimentos de casais, tudo isso representa e não só da nossa diocese mas também vêm grupos de Caxias, São João de Meriti, até do Rio, vem vindo aqui passar um fim de semana lindo, e claro quando há adoração noturna. Naqueles dias a casa não pode ser ocupada por outras pessoas. Dom Adriano construiu a casa, e foi necessário construir dormitórios, e lá estão. Deixou os dormitórios, 17 quartos bem direitinhos, e copas estão aí se quiserem ver! Hoje não dá porque está ocupado de jovens do retiro, isso foi possível porque era anexa ao mosteiro e todos podiam vir para fazer adoração em nossa capela e onde a gente pede que realmente o santíssimo esteja. Hoje como é sábado, não está porque as irmãs estão limpando, do contrário todo dia passa o santíssimo.

Entrevistador: Ele chegou a expressar alguma coisa a respeito de não criar este trabalho, do novo mosteiro além do seminário Paulo VI que já ocupava muito tempo?

Irmã Maria: Jesus também viveu 30 anos, em Nazaré, e ninguém sabia quem ele era, e estes 30 anos foram de apreensão do mundo, mais também a nossa vida oculta faz parte do ministério da Igreja. Estes 30 anos foram de apreensão do mundo, mas também a nossa vida oculta faz parte do ministério da Igreja. Então Dom Adriano tinha uma certeza porque era um homem de fé, um homem da unção, isso nós podemos certificar muito bem nos três anos que a gente conviveu lado a lado. A nossa casa contínua a de Dom Adriano, então ele esperava que através da nossa vida de oração, através destas orações que as pessoas vinham aqui fazer o que era uma força espiritual muito grande para sua Diocese, sobretudo para os nossos irmãos para que o senhor

pudesse ressuscitar mais vocações e também pela dificuldade, pela perseverança daqueles que se amam e aí nós temos isso como missão: um mosteiro. Também não podemos esquecer da nossa vocação, a Diocese através da nossa oração e da ajuda da nossa comunidade, da pastoral, da nossa diocese e do nosso seminário pelas vocações.

Entrevistador: Em outra entrevista que eu fiz, uma funcionária da Diocese disse que Dom Adriano era um pai, isto é mesmo verdade?

Irmã Maria: Isso nós podemos dizer, que ele era um pai, um irmão, uma mãe, um amigo, tudo que nós pudéssemos esperar. Dom Adriano tinha um coração que ele não podia desistir, fosse qual fosse o sofrimento humano para ele, mas também qualquer necessidade... Eu lembro que quando eu vivi os três anos lá junto de Dom Adriano, todo dia tinha uma fila de pessoas pedindo e recebendo seu apoio.

A gente dizia que não esperassem porque Dom Adriano iria chegar tarde, mas eles ali continuavam, então teve uma senhora batendo à nossa porta, e eu fui até lá atender e ela entregou-me um pequeno papel de saco de cimento, todo amassado, bem sujo, escrito a lápis, que dizia assim: “fulano, só lhe peço um favor, entregue este papel a Dom Adriano, que tem a minha situação resolvida”.

E no outro dia, quando Dom Adriano veio celebrar eu lhe disse: “bom, Dom Adriano, na verdade as pessoas vêm no senhor um pai com toda confiança e pediram para eu lhe entregar este papel que tem uma situação resolvida”. Dom Adriano olhou e falou: “me dá este papel, ela precisa e pronto”. E eu sei que o senhor vai escutar depoimentos que ninguém podia dizer nada do pobre, que o pobre estava enganando, que estava faltando com a verdade só para conseguir dinheiro. Dom Adriano dizia: “olhe para o rosto dele e veja como é uma pessoa que a miséria esta estampada na sua face”. Ele se comovia, ele dizia várias vezes por toda semana, nos dava a feira, enquanto estivemos lá na casa provisória diziam que às vezes vinham aqueles meninos que vendiam picolé e aqueles saquinhos de bala e tudo isso, então vinham para Dom Adriano. Teve uma vez que Dom Adriano ficou com tanta peninha deles que perguntou: “Quanto é tudo isso, quero comprar tudo?” Eles ficavam assim muito assustados e depois davam o preço e então Dom Adriano devolvia para vender de novo, quer dizer, Dom Adriano não podia e não havia quem o visse sem pedir ajuda, só depois da morte de Dom Adriano que agente viu pessoas que chegavam aqui: “Oh, irmãzinha tive que tirar os meus filhos do colégio porque era ele quem pagava”. Outros

que ele pagava a casa e todas essas coisas. O senhor vai ouvir falando com a Pilar e o Fernando, vai ouvir testemunhos destes e também, uns que parecem impossível.

Entrevistador: Então o objetivo da gente é justamente este, já que ele era muito reservado, concorda?

Irmã Maria: Ele detestava, pelo amor de Deus! Ele dizia muitas vezes isso, abra as suas mãos para dar. É abrir uma mão para dar e logo abrir os seus dois braços. Dom Adriano dava tudo, ele não ficava com nada. Dom Adriano era uma pessoa doente necessitava de frutas, mas guardo, ele tinha alguma necessidade às vezes, também se propunha a fazer este sacrifício para que esse dinheiro fosse para os pobres. Então um senhor que era o nosso assistente também era doente e só comia frutas, e não tinha frutas no mercado e eu fui falar com a Pilar, que era esta sobrinha de Dom Adriano e disse que me arrumassem umas frutas nem que fossem umas frutas que Dom Adriano não pudesse mais comer, e ela disse: “olha só, já faz algumas semanas que não tem frutas aqui em casa, porque Dom Adriano se propôs a também a fazer este sacrifício”. Então ela foi comprar para que pudesse satisfazer aquele doente em estado grave, daí a gente ver que Dom Adriano era uma pessoa que para os pobres... Eu diria que ele podia ser pai não só de nome, era o pai, era o Bispo, era uma doação para os pobres, todo pobre encontrava nele sempre uma ajuda, sempre aquele carinho e aquela palavra amiga.

Entrevistador: A senhora acha que ele está fazendo muita falta?

Irmã Maria: Olha, graça a Deus o senhor soube eleva-lo ao céu. Eu costumava dizer que ele nos ajudou muito. Sempre quando vinha no mosteiro nos deixava uma ajuda, ele nunca me entregou um envelope assim: “toma aí, segura”. Ele sempre vinha com uma sacolinha de plástico e sempre trazia nela um salame, um pouquinho de salame que tem ali no envelope, permanece na sacola, mas nunca disse: “toma aí uma ajuda”. Nunca! Em tudo o que ele fazia.

Entrevistador: A senhora teria alguma mensagem para os jovens de hoje em relação a este papel de Dom Adriano de obras que ele construiu?

Irmã Maria: Eu acho que Dom Adriano foi uma grande confiança no pai do céu. Quando teve o seqüestro ele nos disse assim, a uma das comunidades em uma palestra que na altura que colocaram no corpo dele um liquido que ele não sabia que era vermelho porque estava com os olhos vendados, ele disse que pensou que talvez fosse gasolina e que iriam atear fogo, ele disse que sentiu uma alegria, uma serenidade

tão grande e disse, "agora um santo para os braços do pai", quer dizer, ele naquele momento não se importava em morrer, para ele, uma pessoa no momento daqueles proferir estas palavras é que tinha tido uma vida realmente tão completa nas mãos do pai. Sobretudo, confiava no pai e a gente via que depois da morte de Dom Adriano ele tinha sempre uma grande preocupação para que a gente não passasse necessidade. Quando ele viajava para a Alemanha uma vez em dois bimestres, pedia a sobrinha que olhasse pelos irmãos para que não passassem necessidades. Pois olhe, Jesus o Senhor aceitou tanta generosidade de benfeitorias que estavam aqui para nos ajudar e que a gente não conhecia, a gente dizia que Dom Adriano está junto de Jesus a fazer a sua obra. A obra dele não terminou com a sua morte, ele continua lá no céu e tenho certeza que ele vela sempre pelo nosso mosteiro, e pelas nossas irmã necessitas, e então que os nossos jovens realmente tenham a plena confiança no pai e também porque se a gente sabe que temos um pai que nos ama, como Dom Adriano dizia tantas vezes, ele tinha um grande amor pela oração do pai nosso, isso porque dizia que nós também temos um pai qualquer. Temos um pai que é Deus, e que somos todos irmãos, então se nós jovens hoje rezamos, já que nunca estamos sós, e esse pai, como disse Jesus, é que conta os cabelos da nossa cabeça, cuida das almas no céu.

Entrevistador: O que Dom Adriano representava e representa para a senhora?

Irmã Maria: Para nós, com certeza, eu posso dizer um pai, sobretudo para o que a gente precisava, um amigo de todas as horas e ele sempre teve o dom, foi uma pessoa iluminada pelo Espírito Santo. A gente, qualquer dificuldade, qualquer problema, não só material, pedimos sempre a Deus que trouxesse aquela resposta. A resposta que era necessária, precisa mesmo vir do Espírito Santo, portanto Dom Adriano para nós foi aquele amigo que esteve lado a lado nas dificuldades que construiu tudo isso para nós com este carinho. Sempre foi uma pessoa que dedicou muito carinho e ela até dizia que todas as obras que tinha feito aqui estavam sempre no seu coração. Era o nosso mosteiro. Ele não dizia a "nossa Diocese" ele dizia "a Diocese". Quando fala, ele dizia que para ele não era o mosteiro das Clarissas. Era o nosso mosteiro, e aqui ele vinha fazer oração junto a Jesus, sempre tinha aquela força e tinha uma certeza que daqui minava força para toda vida. E a gente sentiu e sente isso. Olha, eu me lembro bem na véspera do dia de Santa Clara, no dia 8 de Agosto, na Quinta-feira ele faleceu, e no Sábado véspera de Santa Clara, ele começou a falar, quis passar entre nós todas as dificuldades da sua obra. Hoje estamos aqui assim, usufruindo. Ele disse tudo isso foi

desse carinho do pai. Porque hoje, já muito mais difícil construir uma obra dessa, mas ele disse: "olha, as irmãs vieram parar aqui na hora que o pai determinou, não porque o governo pôs dificuldades. Esses três anos que esperamos, em Portugal, foi um período de construção do seminário, porque precisamente em 1983 iniciaram a obra do seminário e terminaram em 1987, e neste mesmo ano começou a nossa, quer dizer, foi preciso a obra do pai, porque era o pai que estava a dirigir tudo isso. Isso foi o que nos ensinou, confiança plena no pai. Nosso pai que nós temos no céu é Deus, mas ele é nosso pai eterno e algumas pessoas dizem que não é só pai, mas também guia. Dom Adriano nos fez viver bem e ter toda confiança plena no pai.

APÊNDICE 6 - ENTREVISTA COM FERNANDO LEAL WEBERING

Entrevistador: O senhor pode se identificar, por favor?

Fernando Leal: Meu nome é Fernando Leal Webering.

Entrevistador: O senhor nasceu onde?

Fernando Leal: Eu nasci em Salvador.

Entrevistador: Como o senhor veio para Nova Iguaçu?

Fernando Leal: Eu vim a convite do senhor Dom Adriano, na ocasião éramos três irmãos, veio primeiro o irmão mais velho, Vitor, e depois o André, e eu vim em 1969 para cá, com 17 anos.

Entrevistador: Dom Adriano, já era bispo?

Fernando Leal: Era bispo em Salvador, e também era colega de Dom Eugênio Sales, que já era cardeal emérito do RJ. E eles se conheceram lá.

Entrevistador: Um fato conhecido era que Dom Adriano falava alemão muito bem, ele aprendeu isso com você, Fernando?

Fernando Leal: (risos) Não, foi no seminário.

Entrevistador: Lá em Salvador?

Fernando Leal: Foi, mas no seminário onde ele freqüentou, lá em Ipuarana, João Pessoa. Tinha um seminário que a maioria dos professores eram alemães e a cultura também da religião do catolicismo, a maioria dos livros eram em alemão, a teologia, filosofia, e aí Dom Adriano e os alunos também, todos aprenderam a falar alemão. Dom Adriano entrou no seminário com 14 anos, fez o seminário e depois foi para Pesqueira fazer o noviciado dele. Esteve no seminário Paraná, Rio Negrinho, e foi em Rio Negrinho colega de Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal emérito de São Paulo. Depois ele foi nomeado, consagrado a bispo para Salvador, esteve no sínodo do Papa Paulo VI, participou do Concílio Vaticano II, lá em Roma e depois, em 1966, dia 6 de novembro de 1966 ele tomou posse da Diocese daqui de Nova Iguaçu. E agora passando assim 34 anos, ele esteve aqui na Diocese durante 30 anos, faltavam 2 meses para completar, ou melhor, 3 meses para completar 30 anos aqui na Diocese de Nova Iguaçu, como o terceiro bispo em Nova Iguaçu.

Entrevistador: Quando você estava com ele em Salvador, como que ele recebeu, essa nomeação? Lá, em Salvador, ele passou alguma informação na época?

Fernando Leal: Nós ficamos sabendo que ele esteve no seminário durante dezessete anos, era professor lá. Professor de música, geografia, e tinha um cargo também lá no seminário. Inclusive, diz que tem um CD dos alunos dele, se reuniram para fazer um CD pra ele das músicas que ele gravava. Ele ensinava os alunos lá, de forma que quando eu vim pra aqui em 1969, aqui a Diocese era muito pobre. E, inclusive, quando ele foi nomeado pra cá, ele soube através de Dom Carmine Rocco que ligou e comentou com Dom Adriano que ele iria ser bispo da Baixada mais problemática da região que, devido à violência, devido, sobretudo, ao "esquadrão da morte", que já existia na região naquela ocasião, aquela matança toda que havia aqui, havia o "Mão Branca", "né"? E outros problemas também que a Baixada Fluminense era tida assim, como cidade dormitório. Nova Iguaçu, Nilópolis, sempre foram consideradas "cidade dormitório". A população dos trabalhadores vinha para o Rio trabalhar e também tinham aqui muitas indústrias que favoreciam Nova Iguaçu, também com o crescimento da população, do progresso, a Diocese também foi dividida. Antigamente, quando eu cheguei aqui, Nova Iguaçu abrangia São João de Meriti, Paracambi, Mangaratiba, e até Jacareí, lá perto de Angra. Também teve um projeto assim na CNBB para formar a Diocese aqui da Baixada lá em Angra dos Reis. Mas aí os bispos de regional Leste I se reuniram e acharam melhor fazer aqui a nova diocese em Nova Iguaçu. De forma que já houve o Dom Walmor, o Dom Honorato, depois veio o Dom Adriano.

Entrevistador: Então ele não sabia nada sobre a Baixada, só tinha preocupação de ser uma área perigosa, com muita violência, uma área de uma população muito pobre...

Fernando Leal: Carente.

Entrevistador: De trabalhadores do Rio de Janeiro, não é isso? E Dom Adriano? Você tem alguma informação deste primeiro momento do dia da posse dele? Ele chegou a comprovar alguma verdade dessa afirmação, que realmente a Baixada era carente? Ele chegou a passar isso pra você?

Fernando Leal: Ele falava que não sentia tanta dificuldade não, porque ele se apegava tanto a Deus e era um homem assim, de oração, muito religioso e de forma que ele se entregava totalmente nas mãos de Deus, como ele dizia. Inclusive, também anos depois que ele esteve, chegou aqui, na ocasião do seqüestro também, ele percebeu que não era nada de assalto, era do lado assim, da ditadura, política assim, da ditadura. Aí

ele se entregou mais mesmo nas mãos de Deus naquele momento. Inclusive, na ocasião do seqüestro que eu estava junto com ele, estava dirigindo o carro que eu dirigia, também eu sempre ajudava na missa em várias palavras dele... Ia eu e meus irmãos... Também revezamos nos domingos. Cada domingo ia um para a paróquia pra poder... Fazia a pastoral dele, "né"? E tinha domingo assim, que tinha três missas, no máximo quatro, saía para paróquia para uma paróquia determinada assim, cedinho aos domingos, ou ia eu ou os meus irmãos. Éramos três, na ocasião, aí cada fim de semana revezávamos para ir com Dom Adriano. Também quando podíamos, íamos todos os quatro. O Dom Adriano, também na ocasião, dirigia carro quando meu irmão mais velho não dirigia. Ele vinha dirigindo e eu vinha acompanhando ele. Ele levava sempre as malas dos paramentos, eu dava um de sacristão também, que eu ajudava na missa, arrumava os paramentos também. É... Tinham os nomes específicos das pecinhas que, inclusive... Todo o mundo que sabe os nomes daqueles panos, de forma que a gente sabia arrumar todos aqueles paramentos.

Entrevistador: Antes do seqüestro, percebeu alguma forma de ameaça, intimidação, vigilância? Porque ele era um religioso, homem muito ligado aos movimentos populares, ele ajudou muita gente. Ele tinha uma postura muito ao lado dessas pessoas mais pobres, mas antes do seqüestro houve alguma coisa que tivesse percebido que estava sendo pressionado ou ameaçado?

Fernando Leal: Ele recebia cartas anônimas, mas não lia não. Ele rasgava, via que não tinha endereço de quem escrevia, aí ele rasgava e jogava fora, de forma que ele recebia e não lia nada carta anônima. Ele recebia, realmente, nos últimos dias, nas vésperas, digamos assim, do seqüestro, ele recebia sim. Ameaças, é... Tinha um sujeito que ficou na passarela, nas vésperas do seqüestro mesmo, falando uma porção de coisas ali, e não ligamos não, não demos atenção, não fizemos nenhuma ligação ao fato de os militares teriam a ousadia de fazer o seqüestro. Pegar o Dom Adriano. Que inclusive, Dom Adriano foi o único bispo que foi seqüestrado e se tornou assim, podemos dizer, mártir da violência aqui no Brasil. O primeiro bispo, que aconteceu assim, esse martírio, que foi devorado pelos índios foi o Dom Sardinha, parece? Se eu não me engano, "né"? De forma que o segundo foi o Dom Adriano, que foi seqüestrado e espancado. O primeiro foi devorado pelos índios, inclusive.

Entrevistador: O Edmundo Barone disse que os vereadores iguaçuanos faziam muitas críticas a Dom Adriano pela sua ação social. Isso era verdade?

Fernando Leal: Talvez seja, porque tempos depois se soube que aqui em Nova Iguaçu moravam, na ocasião, moravam assim, militares lá do Rio. De forma que realmente tinham uma postura na Igreja de ficar dando uma de pombo correio daqui de Nova Iguaçu e da Vila Militar, mas o Dom Adriano não conhecia esses militares, não.

Entrevistador: Quando que vocês foram seqüestrados?

Fernando Leal: Foi antes de umas cinco horas, porque eles seguiram a gente, o nosso carro... Ali onde antigamente tinha o ferro velho do Fernando e depois mudou, agora tem a fábrica Inega. Começou mais ou menos ali, que eu percebi qualquer coisa. Tinha um fusca lá no encostamento esperando a gente, se já vinha outro carro da cúria ali do lado da catedral, também não tinha percebido, e de forma que começava seguir agente. Antigamente agente pegava a rua Barros Júnior, entrava ali naquele bairro, saía ali na atual fábrica Inega de jeans, "né"? De lá seguimos para a rua Minas Gerais. A trajetória para a casa lá no Parque Flora era essa.

Entrava na rua Minas Gerais, chegava lá no final da rua Minas Gerais tinha uma bifurcação de cinco ruas ali, eu percebi mais tinha um carro, aquele tal de Dodge 1800, "né"? De forma que paramos ali para pegar a estrada do Ambaí, atual Henrique Lucas Méier, "né"? A política também mudou o nome da rua, devido a ninguém saber o que ocasionou a mudança de rua... Quem se sabe... Talvez para ficar com o dinheiro, "né"? Muitas coisas se falam por ali, de forma que chegou ali que eu percebi que os carros persistiam em ultrapassar. Mas aí, naquela ocasião, também a rua era de barro, "né"? Aí eu insisti continuei na minha, andando com o carro, "né"? De forma que ele queria ultrapassar ali, mas aí me passaram, mas eles não sabiam que eu ia dobrar à esquerda, uma ladeirinha que tinha ali no bairro, aí eles passaram por mim, eu dobrei à esquerda. Subi ali aquela ladeira, desci a outra, rua Moçambique, aí foi onde eles voltaram. Já deu o tempo deles subirem a ladeira onde eu já tinha parado, ali naquela descida, que sobe assim, depois tem outra ladeira que desce e é um morrinho, "né"? Para poder pegar essa mesma estrada que era estrada Ambaí, atual Henrique Lucas, de forma que eu parei na porta da minha noiva, na ocasião, aí o cara já tinha parado o carro do lado e falado: “é um assalto”. Era do tipo militar, cabelo cortado assim, bem cortado mesmo, tipo corte militar, aí "entra no carro aí", eu saí do carro, daí os outros dois já estava puxando Dom Adriano do carro. Dom Adriano tropeçou na batina cinza de bispo. E aí começaram ali mesmo a bater no Dom Adriano, "né"? Eu gritei: “não façam isso, ele é o bispo de Nova Iguaçu, não façam isso... Que falta de respeito!”. Um deles começou a debochar:

“ah, ele é o bispo” ficou assim, debochando, um deles que pegaram Dom Adriano ficaram assim, debochando. Aí pegou Dom Adriano e botou em outro carro e aí sentou um militar na frente no banco do carona, me botaram para trás do carro e nisso também a Pilar, minha noiva, estava no banco de trás, ele mandou ela ficar ali. Ela não ficou, ela saiu do carro, depois mandaram ela entrar, ela entrou no carro, no fusca, entrou por uma porta e saiu pela outra e quando saiu pela outra entrou na casa dela e ela ficou ali, e aí me botaram ali no banco de trás. E aí eu era muito cabeludo, tinha o cabelo comprido, "né"? Eles pegaram um esparadrapo grande, aquele hospitalar, empurrou no meu rosto, colou, aí deram umas voltas com o esparadrapo no meu rosto, ou nessa altura quando estava na Dutra indo ali pelo fubá granfino que já tinha mudado lá para a Dutra, o cabelo começou a subir "né"? Aí o esparadrapo começou a dobrar assim, aí deu pra ver a trajetória quase que toda através dos postes... Eu via da janelinha do fusca, eu via o poste e a lâmpada pra cima... Dava até pra ver os fios mesmo assim, deu pra sentir que dobrou ali no fubá granfino, onde tem ali aquele posto de gasolina, e tem agora aquele gospel, "né"? Foi ali pela estrada Antônio Marques Rolo, "né"? Dobrou lá para Mesquita, subiu o viaduto de Mesquita, chegou assim, no viaduto de Mesquita... Tinha um montão de coisa, "né"? Assim, havia pão, embrulhos no bagageiro do fusca, aí o militar que ia ali na frente dirigindo jogou tudo ali pela linha do trem. Jogou um montão de coisa pela janela, aí pegava ali aquele percurso todinho, de Nilópolis, Anchieta, Ricardo de Albuquerque... Eu vi também pelo vidro do carro aqueles pilares que têm embaixo da ponte, "né"? Da avenida Brasil, "né"? Antigamente era avenida das bandeiras ali. Eu reconstituí tudo, aquele percurso todinho chegou na Vila Militar... O sujeito ia me batendo no joelho com o revólver, "né"? Meu joelho ficou todo machucado, e também me dando soco no rosto... Meu nariz ficou assim, parecendo uma laranja de tão inchado que ficou. Eu sangrava muito também, aí chegou na entrada do catonho, entravam no cemitério e aí quando chegam ali, supostamente no Jardim da Saudade, aí pegaram sua batina levantaram o capuz que tinham colocado nele e aí queriam dar cachaça para ele, ele fechou os dentes e não bebeu nada. E falando palavrões para o Dom Adriano e batendo falando que ele era comunista e para ele aprender para ele manear para não ficar falando muito da política de Dom Adriano. Me ouviu falando assim para o sujeito: “ô rapaz, eu não te conheço... O que eu te fiz pra você ficar me batendo?” Falei para o sujeito lá e aí nisso já estava saindo para outro lugar, me deixaram na lixeira da entrada na estrada do catonho e aí um disse assim:

“ah, seu filho da puta, você me deu muito trabalho deu, deu, deu”, me bateu mais ainda, e aí talvez eu tivesse ficado ali na lixeira, talvez desmaiado, eu não sei... Aí de repente me jogaram um tijolo na cabeça, me amarraram, eu sentia aquela maresia, aquele fedor de lixo, eu pensava, acho que esses caras me jogaram no mar eu não sei se jogaram no mar, tudo bem, eu sei nadar, que será que vão fazer? Aí nisso Dom Adriano ouviu eu reclamar e disse: "deixa o rapaz, o rapaz é só o meu sobrinho, esta só dirigindo o carro para mim". Aí eles responderam: “ah, quem acompanha comunista é comunista também”. E aí pegaram Dom Adriano, pintaram ele de vermelho, e pegaram, e botaram ele num carro, provavelmente um corcel duas portas, "né"? Na ocasião eu conhecia muito carro, "né"? Deixaram na rua Jacurá, na praça seca, de forma que ele ficou todo amarrado lá, e pintado de vermelho, com o spray vermelho... Aí passava, por coincidência, um repórter da Manchete, da Bloch editora, "né"? Aí eu esqueci o nome dele... Nos recortes de jornais tem o nome desse repórter, aí o repórter deu uma roupa para Dom Adriano, aí dali foi para o Dops e me levaram para Oliveira Kremer, que é o hospital que tem ali em Jacarepaguá, a patrulhinha da policia militar ligou a sirene e me levou para o hospital, aí eles queriam que eu ficasse lá no hospital em observação, aí eu disse que não, eu não posso ficar aqui em observação, aí assinei um termo de responsabilidade. Fui embora dali e peguei um táxi, mas o táxi levou mais de um ano, uma eternidade, para chegar aqui em Nova Iguaçu. Eu não tinha dinheiro nenhum na mão, eu tava todo ensangüentado e descalço, fiquei até sem sapato ali, calça e camisa só no corpo e falava para o motorista do táxi: "ô, rapaz, lá você vai ser bem pago, lá tem gente". Mas o sujeito era difícil de entender, o carro vinha numa moleza, aí chegou em Nova Iguaçu, o seu Edmundo estava lá na catedral, pagou o taxista, também tinha o núncio apostólico do Brasil, tinha o José Távora que era advogado da Diocese, "né"? Chegando lá já tinha o delegado do Dops... Disse que Dom Adriano já foi encontrado e estava sabendo que o sobrinho tinha ido lá para a CNBB, que era na Glória, que era ali na frente do palácio São Joaquim, onde fica o cardeal e explodiram o carro, mas não estavam sabendo se estava com o sobrinho dentro do carro ou não. Fomos lá para o Dops, de forma que nessa mesma noite aí, o meu irmão que estava na faculdade de engenharia, aí em Nova Iguaçu, acompanhou o meu sogro, o seu Joaquim, "né"? E a Pilar também, a minha noiva, fomos lá para o Dops. Antes de chegar lá no Dops passamos pela Glória e vimos o carro todo esvaçalhado da bomba que botavam no carro, aí chegamos no Dops, o delegado entrevistava com o Dom Adriano, e Dom

Adriano também assim, com uma roupa estranha, aí ele falou que aconteceu. Dom Adriano, o que fizeram com o senhor? "Um seqüestro, meu filho, fomos seqüestrados e agora o delegado está aqui me interrogando como se fosse um preso político", falou assim. E dali do Dops, que já era de madrugada, fomos lá pro Sumaré pra casa de Dom Eugênio Sales, esperando os militares que vieram lá de Brasília fazer depoimentos com Dom Adriano para desvendar o que aconteceu, porque naquela ocasião o presidente Geisel já tinha começado uma abertura política para devolver o Brasil aos civis. Quando começou aquela abertura e aí apareceu o outro tal grupo externa direita, radical, que eram esses militares conservadores que queriam calar a boca de Dom Adriano, e nunca eles provaram que o Dom Adriano era comunista. Dom Adriano dizia que seguia o evangelho e realmente nunca ninguém provou nada contra Dom Adriano, e o que Dom Adriano aprendeu aqui na Diocese foi através de jornais que ele recortava sobre política, sobre o esquadrão da morte, violência, pobreza, miséria, tudo ele recortava no jornal, colava os artigos nas suas respectivas classificações ali, e era tudo arquivado, colava num papel officio, ficava tudo bonitinho ali, arrumado de forma que até hoje eles nunca provaram, e depois em 1981, dezembro, botaram uma bomba aí na sacristia da catedral, picharam a igreja lá de santa Rita, picharam a igreja de comunista e desenharam uma foice e inclusive a foice e o martelo era o símbolo assim, do Dom Adriano ter sido o trabalho, mas não era nada a ver de comunismo, foi uma extrema coincidência, como ele mesmo dizia. Aquela foice e o martelo das armas do trabalhador, "né"? E os comunistas, eles tem o mesmo titulo, "n"é? E os slogans do Dom Adriano tinham a foice e o martelo, "né"? Que era um instrumento rústico, um instrumento de trabalho na ocasião, "né"? O martelo ou uma machadinha, uma coisa assim, de trabalhar na lavoura, "né"? Um instrumento rústico.

Entrevistador: Após o seqüestro ele voltou a sofrer alguma ameaça?

Fernando Leal: Voltou, assim, por escrito... Também pegaram uma Folha que ele tinha tanto trabalho que ele começou em 1970. A Folha diocesana que era impressa lá na editora Vozes por amigos franciscanos lá em Petrópolis, e era um trabalho formidável que ele fazia também.

Aí os militares pegaram essa folha e incrivelmente fizeram uma cópia, uma falsificação só falando sobre política, tipo assim, marxismo... Marxismo e como se fosse um instrumento comunista, realmente, que eles, os militares, criaram e ainda em

arquivo essas fizeram mesmo, acho que umas quatro mil folhas que Dom Adriano arrecadou, foi aí nas paróquias que eles distribuíram uma coisa que era caríssima de se imprimir. Os militares conseguiram fazer a mesma cópia, o mesmo papel, que era um papel assim, bom para impressa, na ocasião, e fizeram esse tal tipo impressa marrom, como se dizia. A impressa marrom aí fez aquela falsificação toda só pro povo pensar, como se o Dom Adriano tivesse feito aquelas ideias, "né"? De comunismo, idolatrando aquele sistema comunista nessa Folha falsa, e também numa ocasião que o Dom Adriano foi para a reunião em Arrozal, em Volta Redonda, fazer uma palestra lá na Diocese do Dom Valdir Calheiros, aí eu percebi que tinha um helicóptero acompanhando a gente na estrada e falei: "Dom Adriano, acho que tão acompanhando a gente..." Eu percebi porque eles desciam muito, tinham uma região assim, na serra das Araras, e eles desciam muito, estavam assim, circulando pela gente e falei, olha Dom Adriano, como o senhor está importante, ta vendo só? Ele tinha assim um humor que ele era assim, muito bem humorado para fazer piadas assim, desse termo, "né"? Olha lá Dom Adriano, como estamos importantes, estão escoltando com helicóptero aí. Aí pegou aquela ideia e ele nem falou nada, mas tempos depois alguém espalhou esse boato que realmente um helicóptero seguiu Dom Adriano, mas ficou por isso mesmo, um helicóptero daquele antigo, parecia uma bola.

Entrevistador: E sobre o assalto na casa dele?

Fernando Leal: Entravam dois rapazes, tínhamos chegado de Nova Iguaçu, e aí quando cheguei em casa, numa Kombi, tinham deixado lá o funcionário da firma em Nova Iguaçu da obra onde, na ocasião, tinham as construções que Dom Adriano fez por aqui, como fez essa aqui também (prédio da Mitra) e aí encontrei, cheguei na mesa, encontrei a sala com uma manga assim, que Dom Adriano gostava muito de uma fruta depois da refeição, ele tinha acabado de jantar e tinha uma manga dentro do prato, aí entrei e olhei uma correspondência em cima da mesa, aí depois achei que Dom Adriano devia ter ido atender ao telefone e não voltou... Ainda fiquei ali esperando e ele demorando a chegar. Nisso minhas duas filhas já tinham entrado lá no gabinete também, não voltaram, aí quando entrei lá pra dentro da casa mesmo, pra sala, cheguei lá na sala, aí surgiu um rapaz escurinho e disse: "é um assalto". Pronto! Pensei comigo, mataram Dom Adriano! Cheguei no gabinete no quarto de trabalho, o Dom Adriano estava lá com minhas filhas já sentadas assim, num baú que ele tem lá no quarto de trabalho, as meninas já estavam assentadas no baú e estava lá com o assaltante com a

arma inox, já apontada para eles três, e esse sujeito veio me acompanhando. Daqui a pouco veio também minha mulher, Pilar, aí chegou no gabinete o cara já estava com a maquina fotográfica do Dom Adriano em cima da mesa, o cordão com a cruz peitoral e o anel também em cima da mesa, já tinha reservado tudo aquilo ali para levar, pegou o equipamento de som que tínhamos dado de presente ao Dom Adriano e botaram ali também, e tava procurando coisa pra poder carregar. Aí Dom Adriano disse: lá no quarto tem uma mala, aí chegou lá no quarto o sujeito queria abrir a gaveta da mesa do bispo que tinha lá no quarto de dormir de Dom Adriano, e disse isso é coisa do padre, não se meche com coisa do padre não e aí já me lembrei dessa psicologia, o pessoal tem medo de castigo. O outro, um branquinho mais ou menos do seu tipo assim, tava assim, no gabinete do Dom Adriano: “aí se eu soubesse que era casa de padre, eu não vinha não, só vim mesmo porque o negócio ta brabo, policia não agrada, policia mete o pau mesmo, mata, dá porrada, se fosse coisa de padre eu não vinha não”... Aí o outro também pegou, tinha cálice assim, que Dom Adriano consagrava em casa, tinha na mesa. Nessa escrivania aí o sujeito ficou examinando pra ver se era ouro... Era só banhado a ouro, porque o bispo faz a consagração do cálice para os padres, "né"? E aí ele se conformou e disse: "isso não é ouro não, rapaz... Isso aí é coisa de padre... Não meche nessas coisas não...", eu disse para o sujeito. "Fica do meu lado, atrás de mim, não quero, eu meto bala", disse o sujeito. Eu disse: "não, rapaz... Se tenha calma, respeite a vida da gente, não faça nada com ninguém". "Só vim aqui pra roubar, só pra roubar", disse ele... E aí pegou a mala grande, botou toca disco, as coisas lá do Dom Adriano, que ele gostava de ouvir musica (Dom Adriano), gostava de ouvir música clássica, na ocasião... Já tinha o toca disco de cd, pegou aquele toca disco de cd, botou tudo dentro da mala e aí ainda me obrigou a prender os cachorros e, na ocasião, estava chovendo, aí quando botei a mala no fusca, eles levaram o fusca também... Praticamente semi novo, dois anos de uso... Um fusca muito novinho, dois anos... Levaram o fusca de Dom Adriano, a máquina de escrever que ele tinha desde 1963, quando foi consagrado bispo, comprou a máquina portátil, "né"? Essa máquina também sumiu, levaram a máquina de datilografar, que Dom Adriano escrevia sempre com a máquina, e de forma que o carro sumiu, e foram os anéis, e ficaram os dedos e não fizeram nenhum mal para a gente.

Entrevistador: E a polícia, conseguiu encontrar?

Fernando Leal: Nada! Não chamamos polícia nenhuma.

Entrevistador: Ele não deu queixa?

Fernando Leal: Não deu queixa.

Entrevistador: Essa residência dele era onde?

Fernando Leal: Foi doação de senhora, Dona Alice Vidal de Oliveira. Era uma senhora que tinha um frigorífico com o marido. Acho que era ali em Madureira. Se não me engano, chamado de Serrano. E aí Dona Alice doou aquela propriedade toda pra Diocese, para a casa do bispo. E ali foi a casa do Dom Walmor, Dom Honorato e Dom Adriano morou ali também. De forma a gente acha que esse assalto foi coisa da favela.

Ele ficou muito popular depois do seqüestro. Vinha gente da Alemanha, da Suíça. Muitos se admiravam do alemão fluente que ele falava. Acho que deviam pensar que ele tinha muito dinheiro. Por isso acho que roubaram a casa.

Entrevistador: Como ele resolveu o problema da segurança?

Fernando Leal: Ele entregou tudo nas mãos de Deus. Ele parecia que tinha um dom de ser protegido. Um carisma muito grande.

Entrevistador: Dom Adriano ajudava muitas pessoas. Após o atentado houve mobilização dessas pessoas para ajudá-lo em alguma coisa?

Fernando Leal: Nova Iguaçu sempre foi uma Diocese hipócrita. Ninguém ajudava financeiramente a Diocese não. Muito pelo contrário, quando chegamos aqui e o clero na reunião, toda primeira terça-feira do mês tinha reunião no clero. Os padres se reuniam lá em Moquetá. Dom Adriano vendeu sua propriedade em Salvador e comprou aí a propriedade de Moquetá, onde tem o Centro de Direitos Humanos, tendo Formação de Líderes, construiu ali com o dinheiro das ajudas dos europeus, principalmente dos alemães que o ajudavam muito, também os suíços. Tinham amigos na Espanha, Portugal, Itália que ajudavam muito aqui, de forma que aqui de vez em quando no início se reunia, eu ia pegar com meu irmão as refeições nas casas, os amigos daqui da alta sociedade de Nova Iguaçu. Também que se isolou da sociedade. Dom Adriano, nunca se isolou de ninguém, porque Dom Adriano nunca permitiu ser figurinha de presépio de palanque de políticos, ele detestava esse negócio.

Outros bispos por aí eram muito politiqueiros. O Dom Eugênio Sales era politiqueiro. Inclusive ele interferiu na sucessão de Dom Adriano. Dom Eugênio não permitia que Dom Adriano fosse fazer palestras na diocese do Rio. Na PUC ele vetava a participação de Dom Adriano em palestras. Dom Adriano defendia os pobres,

massacrados pelo salário mínimo. Ele ajudava muita gente com cimento, tijolo para fazer suas casas, todos recebiam dignidade para morar.

Entrevistador: No início da entrevista, Dom Adriano foi dito que viria a ser bispo de uma região muito carente e abandonada. O povo da Baixada Fluminense mudou a visão de Dom Adriano?

Fernando Leal: Dom Adriano dizia que “o povo da Baixada me converteu, mas me converteu assim no sentido de ser mais irmão, ser sentir mais bispo e irmão dos carentes, dos pobres, das pessoas das favelas, das pessoas que o procuravam para se queixar de alguma coisa e pedir ajuda, principalmente financeira”. Dom Adriano conseguia ajuda da Europa pra poder ajudar essas pessoas que necessitavam de bens materiais, dinheiro, também ajuda a comprar remédios. Chegavam pessoas pra pedir remédios pra Dom Adriano e as receitas ficavam na farmácia e eles faziam pacotinhos de remédios com determinadas receitas. Eu mesmo comprava, e minha mulher também... Outra coisa que eu me lembro, a segurança de Dom Adriano passou a ser dos amigos também. Pessoas acompanhavam Dom Adriano até o portão de casa, a professora Sada e outras pessoas também. Dom Adriano tinha o hábito de dormir cedo. Entre 21:00 e 21:30, já ia dormir nos seus aposentos. Acordava às quatro da manhã. Tinham ocasiões que revezava, mas para ajudá-lo na missa tinha uma capela e a cada semana fazíamos os preparos à noite. Todo dia ele celebrava a missa em casa, em sua capelinha. Uma vez ele recebeu uma grande doação lá da Alemanha. O dinheiro veio num cheque em dólares, e fomos em São Paulo para trocar. Aquele monte de dinheiro veio guardado debaixo do banco do fusca. Dia 21 de setembro fomos para SP, dia 22 de setembro houve o seqüestro, e aí o que seria do dinheiro? Que comprou terrenos pra aqui, pra Diocese, e a propriedade na rua Paraopeba...

Entrevistador: Uma mensagem que fale da importância de Dom Adriano, principalmente, para os jovens:

Fernando Leal: Dom Adriano era uma pessoa assim, um professor sobre a educação atualmente assim, os alunos aí estão deixando, estão devendo muito lamentavelmente e, como eu dizia, eu não sei como será o Brasil daqui a 50 anos para chegar assim, tipo a país desenvolvido como na Europa. Portugal, por exemplo, que era um país pobre e agora com a União Européia se transformou. O país tem um progresso incrível, esse Brasil aqui tá difícil, realmente, os alunos não querem estudar nada, não querem saber de nada, antigamente o aluno como Dom Adriano entrava no seminário

com 14 anos, já tinha primário e ginásio pronto, né? E hoje em dia o que se vê? É o colégio público tendo que aprovar aluno, aluno semi-analfabeto. Aluno que não quer saber de estudar mesmo e chega pra professora e ainda diz desaforo... Não tem respeito como se tinha antigamente ao professor. O professor entrava na sala de aula, toda turma se levantava, tinha uma oração também, e ninguém quer saber de Deus também, só de “cheirar”. É lamentável, fumar maconha e sexo. Mais nada! Meninhas com 12 anos grávidas. Ta difícil, quem sou eu, pra falar de sociologia atual, antropologia... Realmente eu fico tremendo como falar “bonito” assim pra vocês.

APÊNDICE 7 - ENTREVISTA COM O PADRE AGOSTINHO PRETTO

Entrevistador: O senhor poderia se identificar, por favor?

Pe. Agostinho: Eu me chamo Agostinho, sou padre, nasci no Rio Grande do Sul, numa cidade chamada Encantado a uns 120 Km da capital. Meu pai é italiano, ele veio com 8 anos da Itália com o meu avô e as minhas tias. E lá vivi, lá cresci, lá descobri com a graça de Deus, a minha vocação. Estudei para padre, sou de uma família de quinze irmãos. Me ordenei no ano de 1953, trabalhei uns dez anos em Porto Alegre. Ordenado fui pelo Arcebispo Dom Vicente Sherer, certo homem a quem devo muito e sou muito grato a ele.

Em Porto Alegre deixei todos os meus colegas, e eu, a pedido de Dom Hélder, vim para o Rio e dediquei a minha vida, quase 20 anos, só a juventude e ao trabalhador.

Terminando esse meu tempo, descobri que o caminho era trabalhar nessa Baixada Fluminense. Foi quando decidi procurar Dom Adriano Mandarino Hypólito, nessa Diocese de Nova Iguaçu, no ano de 1973. Assim fica completado 30 anos aqui. Vivendo aqui e feliz em estar aqui, e aqui estou, celebrando com os meus colegas, com os meus amigos e com o meu povo. Estou celebrando lá agora o ano jubilar dos meus 50 anos de sacerdócio. Esse é em curtas e grandes linhas o meu certificado.

Entrevistador: O senhor foi procurar Dom Adriano ou o senhor veio convidado por ele?

Pe. Agostinho: É uma grande pergunta que está fazendo, sabe por quê? Eu trabalhando com os trabalhadores, juventude, trabalhador nesse Brasil e na América Latina, trabalhando nesses países todos: Argentina, Peru, Colômbia, México, no Chile acompanhado de todas as situações difíceis nessa época. De muita repressão e aqui no Brasil aconteceu a ditadura militar e como o fato de estar trabalhando com esse departamento social, que são os trabalhadores, que sempre estão, aí, na busca de seu salário e de uma vida digna. E sofrendo através de suas greves e suas reivindicações, eu sempre busquei me inserir dentro disso como ponte e também como coerência do meu engajamento, por essas razões todas passei a ser perseguido pela ditadura. E uma perseguição muito brava, muito séria, inclusive fui preso. Vivia dentro da cadeia, das celas, senti e vivi esse departamento que eu não gostaria que acontecesse nunca mais nesse nosso Brasil. Nesse estado de coisas do Brasil envergonhado, envergonhado pelo

silêncio, envergonhado pela perseguição, pela retenção. Quando eu vi que as coisas estavam se tornando cada vez mais e mais cruéis, e eu também na busca de cuidar da minha vida, de minha sobrevivência, sabendo que aqui em Nova Iguaçu existia um homem chamado Adriano, bispo sergipano, um homem de portas e janelas abertas, que abria portas para as pessoas perseguidas, que dava guarda, que dava apoio a quem estivesse em situações difíceis, eu timidamente busquei este homem, com quem dialoguei e, longamente, informei da situação, aliás, ele estava muito bem informado até dos detalhes, ele me apoiou como um grande pai, me apoiou como um grande irmão, como um grande amigo e nos conhecemos. A partir daí eu nunca mais ardeei o pé dessa Baixada Fluminense e criei raízes aqui e devo muito a ele. Devo a ele todo esse carinho percorrido desses últimos 30 anos.

No Brasil, de meus colegas, é informado disso, está sabendo disso, os bispos que subiram a Arquidiocese de Porto Alegre ainda falam de sua origem, foram sempre informados disso, Dom Adriano sempre acompanhou isso, entrei pela porta da frente dessa Diocese, e espero vivê-la cada vez mais, também como uma homenagem que eu presto a Dom Adriano, essa figura profética, verdadeiramente profética, como uma das vozes que souberam ser voz na situação de emergência de um povo oprimido e perseguido, entre eles outros companheiros meus, meu amigo Dom Telles, Dom Evaristo de São Paulo, Dom Pedro Casáldaglia, Dom José Maria Pires, Dom Hélder e tantos outros, não eram muitos, mas eram bons, souberam dizer à ditadura um basta! Souberam dizer ao Brasil oprimido que todos nós precisamos refazer o direito de ir e vir, o direito da democracia, o direito de ser, o direito de falar, o direito de pensar, o direito de participar, de lutar, dados valores que estavam sendo excluídos no tempo de uma ditadura diabólica e perversa, por isso minha homenagem a esse homem que eu considero um santo e o venero como tal.

Entrevistador: Nesses anos de 1975 e 1976, ano do sequestro de Dom Adriano, tem o assassinato do Vladimir Herzog em São Paulo e do operário Manuel Fiel Filho. Esse sequestro do Dom Adriano Hypólito era uma intimidação da ditadura militar? Como é que ele reagiu a tudo isso ?

Pe. Agostinho: O sequestro de Dom Adriano era uma consequência lógica, porque os homens mandados, executantes de uma situação expressiva, esses militares que nem eles quase sabiam muito o que estavam fazendo, obedeciam ordens que vinham "de cima", e das ordens que vinham dos altos escalões. O sequestro de Dom

Adriano, ele era uma consequência lógica, do comportamento profético desse bispo. Qual era o comportamento desse Bispo? Ele denunciava a situação, denunciava e fazia ver a quem quisesse ouvir, que não é por aí, não é arbitrariamente que se conduz um país e uma nação, e denunciava aqueles que oprimiam. Ele denunciava as prisões, ele denunciava as torturas, era um homem que não tinha medo, ele fazia por Dom Hélder e a tantos outros que levantaram a sua voz, a Dom Aluísio, cardeal hoje ainda lá presente e atuante no santuário de Nossa Senhora Aparecida. Eram só figuras que a história não pode esquecer, a história não se pode omitir, porque somos grandes profetas da época, que serão venerados hoje, amanhã e sempre.

É... O sequestro de D. Adriano. Não foi só covardia, foi uma barbaridade, uma vergonha, é uma página feia da história, da nação, em que se pega um bispo, se prende e o deixa nu, com as pernas e as mãos amarradas, as pernas pintadas de vermelho, explodindo seu carro indefeso, com seu pequeno fusquinha, não tem explicação. Até que ponto pode chegar a perversidade que é a cegueira humana? Lá esteve também seu sobrinho, Fernando, preso junto, que também deixaram ele em um lugar vazio, abandonado. Bendito sejam aqueles que encontraram D. Adriano naquele estado e o retomaram. Essa história se tornou, história do Brasil, e para Nova Iguaçu, foi até uma história que conscientizou esta Baixada Fluminense, de um povo sofrido, de um povo digno, de um povo resistente, de um povo corajoso, que teve que viver nessa situação de intimidação e terror. Pegando um benfeitor dessa Baixada, que era Dom Adriano, colocando-o em uma situação de humilhação. Era mais que uma ameaça. Não o mataram, porque não tiveram coragem, mexer com um homem desse seria realmente sacudir os alicerces de uma nação em estado de emergência.

Entrevistador: Existiram outros setores da Igreja que faziam um trabalho contra as obras de Dom Adriano?

Pe. Agostinho: Olha, meu caro... Nunca acontece um consenso... No total é evidente que havia departamentos, até no interior da Igreja, até no interior dos bispos, que tinham outras atitudes, mas também não sofreu Dom Adriano com a represálias de seus companheiros. Talvez possamos dizer que bispos ficaram no muro olhando, lamentando, talvez não se solidarizando mais ao povo, à manifestação abertas, a essa atitude de Dom Adriano... Foi bonito de ver seu comportamento apostólico, que é o representante delegado do Papa, presente aqui no Brasil. Foi bonito de ver seu Núncio Apostólico, sair de sua casa, andar pelas ruas de toda Baixada Fluminense.

O fato do sequestro tornou-se notícia e passou a ser uma notícia que faz parte da história da Igreja do Brasil, por isso, pessoas contra, não pessoas silenciosas e sim muitas e muitas pessoas solidárias. É só ver os artigos e ler a solidariedade, inúmeros telegramas vindos de todos os cantos do mundo se solidarizando com este herói, e eu considero o herói da Baixada Fluminense, que marcou sua palavra uma direção de dignidade e cidadania.

Entrevistador: Dom Adriano dizia muito que a Baixada Fluminense “o converteu”. Isso tem a ver com toda Teologia da Libertação?

Pe. Agostinho: Você também tocou em um dos pontos que eu colocava e que eu dividia em muitos. Dom Adriano assumiu a Teologia da Libertação, pois suas atitudes eram de libertação dos pobres e meu libertador. Era o meu libertador a partir dos mais pobres, a partir dos oprimidos, a partir dos excluídos, a partir dos abandonados, a partir dos diminuídos socialmente e ele como nordestino mudou rapidamente. Ele veio de lá do grande Sergipe. Sergipano que era Bispo, auxiliar na Bahia, de lá que ele veio assumir a Baixada e o que foi que aconteceu? Aqui ele encontrou o Nordeste, ele encontrou os nordestinos, encontrou os paraibanos, encontrou os pernambucanos, encontrou os cearenses, encontrou os mineiros, encontrou os capixabas, encontrou os potiguares, encontrou o Norte e o Nordeste presente na Baixada em busca de uma vida melhor. Era bonito e era também impressionante quando você em uma Igreja dizia: "quem veio do Nordeste levante a mão"; era realmente uma floresta de mãos levantadas. Hoje é claro que não seria isso, mas naquele tempo, há 30 anos atrás, há 40 anos atrás, no tempo que D. Adriano chegou, foi marcante, e este é o ponto de partida que o levou a proclamar "O povo que me converteu". Quando ele soube que todos tinham a mesma origem, os mesmos problemas, que não tinha rosto, que ele soube ler nas mãos desse povo sofrido. Lutador em busca de uma casa, em busca de sua carteira de identidade, em busca de sua alfabetização, até em busca de um dinheiro mais, para enviar para o Nordeste para a família que lá deixou. Isso mexeu profundamente não só com Dom Adriano, mas mexeu com outros, assim nós conseguimos e tivemos a graça de viver com padres representantes de 13 nacionalidades. Isso também revela a grande alma desse bispo profético e tão democrático, aquele era um padre de 13 diferentes nações. E sem falar dos que vieram dos estados do Brasil para auxiliá-lo nessa grande tarefa de colocar de pé o povo. Passava a ser para todo mundo uma Baixada Fluminense, um lugar que não

tinha nome, ao contrário, passava-se a dizer que era dormitório do grande Rio de Janeiro, e era a população que saía desse dormitório, saíam trabalhadores da construção civil, porteiros, empregada doméstica, o mundo dos que lutam para sobreviver, isso mesmo que D. Adriano realmente atribuiu à sua conversão. Estamos escrevendo um livro, se Deus quiser, o livro terá como título "O povo me converteu".

Entrevistador: A principal obra de D. Adriano foi essa identidade com a população mais pobre da Baixada Fluminense. Ele plantou sementes (seminários, arquivos, sindicatos...). O senhor poderia falar algumas dessas obras ou iniciativas de Dom Adriano no campo de plantar sementes na Igreja, materialmente, aqui na Baixada?

Pe. Agostinho: Indiscutivelmente, o grande trabalho de D. Adriano é a linha que ele deu, a da criação, da realização, a linha profética, a linha da libertação, a linha que aproximou vida e fé, vida e compromisso, Igreja e fé, Igreja participante de Deus, esse é o grande edifício dele. Ele conseguiu na sua humildade, na sua perseverança, na sua persistência, nos seus escritos nas suas entrevistas ele conseguiu tudo isso, essa linha evangélica, condutor da espinhas. A espinha vertebral e de seu edifício foi este, e continua sendo este nos convidando a vir julgar, a partir da palavra de Deus, a partir da ordem, da ordem do meu Senhor dos pobres, Jesus Cristo. Nosso Senhor, na sua paixão e vida, e ressurreição, esse é o grande edifício. Dentro desse edifício, a partir desse edifício ele abriu um grande leque, grande leque, isso mesmo. Ele fez disso um grande leque, ele fez um leque de apoio ao mundo das mães . Ele desdobrou outro caminho que era o MAB, muitos deles amigos de bairros, que nasceram as associações. Ele desdobrou outro caminho e a partir deste nasceu a Comissão da Pastoral Operária. Nasceu outro caminho que é a Comissão da Pastoral da Terra. Ele fundamentou os desafios de sermos realmente inseridos dentro de uma vida de um povo com a vida apostólica. Esse é um grande passo que ele deu e com isso ele construiu o Centro de Formação de Líderes. Criou a Casa de Oração. Hoje ele criou todos os departamentos da cúria na Capitão Chaves, ele criou e animou a casa do nosso patronato, onde hoje acontece todos os encontros e também reuniões encontros dos jovens. Ele criou paróquias conduzidas por irmãs religiosas, ele criou todo um corpo. Passou a descobrir que padre sozinho não faz nada. Ele abriu as portas para que as comunidades entrassem, ele criou os diáconos que estão ali atuando nas Dioceses da região de 15 anos ou mais. Ele criou também as pastorais sociais, que são aquelas que respondem a

exigência do cotidiano, a campanha do quilo, a campanha dos Vicentinos, a casa dos idosos e apoio às meninas abandonadas, enfim, esse é, se você quiser, o grande livro de Dom Adriano, com grande capítulo, o seu capítulo de luta e realizações permanentes que nós temos a responsabilidade de não deixá-los à margem e torná-los cada vez mais aperfeiçoado por muitos anos, e mais do que isso, vividos. E temos agora a grande graça com a presença de Dom Luciano. Essa figura de oração, essa figura de fé, essa figura que não é outra coisa senão prolongamento da alma de Dom Adriano, que era o homem amigo dos padres e esse é realmente o homem que busca fazer do padre um grande colaborador em Jesus Cristo Nosso Senhor.